

ALEJANDRO JODOROWSKY

A JORNADA ESPIRITUAL
DE UM MESTRE



GRYPHUS



A JORNADA ESPIRITUAL DE UM MESTRE

Alejandro Jodorowsky

Tradução de
Gilson B. Soares



Rio de Janeiro

Para Marianne Costa,
maga entre as magas

Sumário



Prólogo

- 1 Aprenda a morrer, intelectual!
- 2 O segredo dos koans
- 3 A mestra surrealista
- 4 Um passo no vazio
- 5 As garras da Tigresa
- 6 O cão de Pavlov
- 7 Da pele à alma
- 8 Como neve em um vaso de prata
- 9 O trabalho sobre a essência
- 10 Mestre a discípulo, discípulo a mestre, discípulo a discípulo, mestre a mestre

Anedotário

Mu, mu, mu, mu

Mu, mu, mu, mu

Mu, mu, mu, mu

Mu, mu, mu, mu

Wumem Huikai (1183-1260)

Falou o boi e disse mu

PROVÉRPIO ESPANHOL QUE SE USA PARA AQUELES QUE
HABITUALMENTE PERMANECEM CALADOS
E QUANDO DIZEM ALGO É UMA TOLICE.

Prólogo



Apesar de ter escrito estas memórias em estilo romaneado, todos os personagens, lugares, acontecimentos, livros e sábios citados são reais.

Por ter sido educado por um pai comerciante, cuja única sabedoria consistia nestas duas frases, “Comprar barato e vender caro” e “Não acreditar em nada”, careci de um mestre que me ensinasse a apreciar a mim mesmo, os outros e a vida. Desde a adolescência, com a sede de um explorador perdido num deserto, busquei um guia que proporcionasse uma meta à minha inútil existência. Leitor voraz, só encontrei na literatura divagações de autores pretensiosos. Uma frase cínica de Marcel Duchamp me fez fugir de tal conjunto de descrições inúteis: “Não existem fins. Construímos tautologicamente e não chegamos a nada”.

Busquei consolo em livros de filosofia oriental onde, como se a um salva-vidas, me aferrei ao conceito de “iluminação”. Buda Sakyamuni havia-se iluminado meditando sob uma árvore. Segundo seus discípulos, o santo viu a verdade autêntica, deixando definitivamente de preocupar-se com o fato de se continuaria ou não existindo depois da morte... Vinte e oito gerações depois, Bodhidharma, na China, meditou em silêncio durante nove anos de cara para a parede, até que encontrou em sua mente esse vazio insondável semelhante a um céu imaculado no qual já não se distingue nem a verdade nem a ilusão. O desejo de libertar-me da angústia de morrer, de não ser nada, de não saber nada, me fez embarcar com fanatismo na busca dessa mítica iluminação: tentando chegar ao silêncio, desliguei-me de minhas ideias, e para isso escrevi em um caderno a lista de minhas convicções e o queimei. E exigindo em minhas relações sentimentais a paz, recusei me entregar a quem quer que fosse, estabelecendo com as mulheres laços sempre precários, protegendo meu individualismo por trás de muros de gelo. Ao encontrar-me com Ejo Takata, meu primeiro mestre autêntico, desejei que ele me conduzisse à iluminação eliminando do meu espírito as ideias loucas

que eu ainda não conseguira desenraizar, mas sentindo-me triunfante no terreno do coração.

– Os sentimentos já não me dominam: mente vazia, coração vazio.

Quando pronunciei esta frase diante do japonês, ele me respondeu com um monte de gargalhadas. Fiquei desconcertado. Ele logo me disse:

– Mente vazia, coração vazio: delírio intelectual. Mente vazia, coração cheio: é assim que deve ser.

Este livro é o testemunho de dois trabalhos: o primeiro com o mestre, que consiste em domar o intelecto. O segundo com as Magas, que consiste em romper as couraças emocionais até tomar consciência de que a vacuidade tão procurada é uma flor que encontra suas raízes no solo do amor.

Embora neste livro eu fale de quatro magas, deixei de retratar outras três: Pachita, María Sabina e Violeta Parra. A curandeira Pachita está ausente porque minha experiência com ela, que mudou minha vida, foi descrita por completo em dois de meus livros: *A dança da realidade* e *Psicomagia*. Há um detalhe porém que, talvez por pudor, não contei: eu assistia a uma de suas operações mágicas em que “lo Hermano” (Pachita em transe) devia abrir, com sua faca de caça, o peito de um doente para trocar seu coração. (Um novo órgão esperava dentro de um frasco. Mas onde o havia conseguido a maga? Mistério. E por que nós, as maravilhadas testemunhas, achávamos totalmente natural que para curar um coração enfermo, mas vivo, era só substituí-lo por um morto? Mistério.)

Em plena operação (sangue, odor pestilento, penumbra, gritos do paciente), ela pegou o dedo anular da minha mão esquerda e, com um só gesto, colocou nele uma argola de ouro. O anel entrava perfeitamente, como se houvesse sido feito sob medida. Pachita, sem se preocupar com minha reação, continuou operando: extraiu uma palpitante massa de carne (que seu filho apressadamente envolveu em papel negro e levou ao banheiro para queimá-la), colocou o coração morto na ferida sanguinolenta e, apoiando as palmas sobre

ela, fechou-a. Quando esfregamos o peito com álcool, vimos que não ficara nenhuma cicatriz, apenas uma pequena equimose triangular.



Pachita, a bruxa santa

Cheguei em casa impressionado e dormi profundamente. Quando acordei, a argola não estava mais no meu dedo. Por mais que a procurasse durante horas, não consegui encontrá-la. O que Pachita quis me dizer? Estava me propondo um casamento espiritual? É possível. Meu contato com ela me permitiu, anos mais tarde, criar a Psicomagia e o Psicoxamanismo. Sabia a curandeira que isto ia acontecer e o desejava e fez tudo para provocá-lo? Mistério.

Ausente também está María Sabina, a sábia dos cogumelos. Quando entrei em contato onírico com ela, que idade teria? Cem anos? Talvez mais...

Nunca a vi pessoalmente, pois para isso teria tido que subir a serra mazateca por uma brecha estreita rodeada de precipícios, até chegar a Huautla, no México, após dez horas de carro.

Na verdade, nunca me propus a procurar a “Abuelita”. Foi ela quem me procurou. Enquanto preparava meu filme *A montanha sagrada*, eu havia criado um espetáculo de marionetes, *Mãos ao alto*, que mostrava as visões produzidas por um alucinógeno chamado Semente da Virgem, *ololiuhqui* na língua náhuatl, ou “coisa redonda”, um LSD natural que os toltecas e astecas consideravam uma divindade e ao qual prestavam culto.

No teatro Casa da Paz, enquanto estava trepado numa escada para fixar um refletor de cena e mascava um punhado dessas sementes, tive uma visão: vi a totalidade do universo, uma compacta mistura de luzes que tinha a forma de um corpo redondo em perpétua expansão e em plena consciência. A impressão foi tal que, soltando um grito, perdi o equilíbrio e caí de pé, torcendo os tornozelos. Após algumas horas eles incharam, causando-me fortes dores. Depois de ingerir vários calmantes, adormeci. Em sonho fui um lobo que coxeava com as duas patas traseiras feridas. Então apareceu María Sabina. Mostrou-me um enorme livro branco, repleto de luz.



Maria Sabína, a sábia dos cogumelos

– Meu pobre animal: esta é a palavra perfeita, a linguagem de Deus. Não se preocupe por não saber ler. Entre nessas páginas, faça parte dele.

Avancei até aquela luz. Ela penetrou todo o meu corpo, menos as patas traseiras. A anciã as acariciou com um amor tão grande que despertei em prantos. Com surpresa, vi que meus tornozelos, completamente desinchados, não me causavam a menor dor. De maneira alguma pensei que era a curandeira mazateca em pessoa quem havia vindo em meu auxílio: atribuí sua imagem a uma construção do meu inconsciente e fiquei feliz por ter sido capaz, através de um sonho terapêutico, de me autocurar. Antes disso, por intermédio de um amigo pintor, Francisco Fierro, parece que eu já havia sido contatado por María Sabina. Francisco, ao regressar de Hualtla, onde fora comer cogumelos com a curandeira, me entregou

um frasco cheio de mel no qual repousavam seis pares de “meninhos santos”.

– É um presente enviado por María Sabina. Ela viu você em sonhos. Parece que você vai realizar uma obra que vai fazer com que os valores de nosso país sejam reconhecidos no mundo. Hoje em dia os *hippies* estão arruinando as antigas tradições. Hualtla foi invadida por turistas, traficantes, doutores, jornalistas, soldados e oficiais de justiça. Os meninos santos perderam sua pureza. Esses doze apóstolos são extraordinários: foram benzidos pela Abuelita. Coma todos eles.

Já narrei em *A dança da realidade* esta experiência com os cogumelos mágicos. Devo confessar que duvidei de meu amigo pintor. Talvez a anciã nunca houvesse sonhado comigo. Provavelmente Francisco, com a melhor das intenções, havia inventado essa história. Custava-me crer que alguém pudesse, através dos sonhos, atuar sobre a realidade. Pelo contrário, meu amigo afirmava que os cogumelos continham toda a sabedoria do antigo México. Comia-os com frequência e não hesitava em dá-los de comer para suas filhas, duas estranhas criaturas de cinco e seis anos, com grandes olhos de adulto. Qual não foi minha surpresa quando, na mesma manhã em que acordei com os tornozelos desinchados, ele me telefonou para dizer:

– Hoje à noite, enquanto dormia, a Abuelita me visitou para dizer que ia curar você. Como foi que você acordou?

Era uma coincidência? Um ato de telepatia? Podia María Sabina entrar em meus sonhos e, a partir dessa dimensão onírica, curar-me? Minha intuição diz que sim, minha razão diz que não. Este é o motivo pelo qual não a incluo neste livro, pois poderia não ser mais do que uma ilusão minha. No entanto, ilusão ou verdade, até o dia da sua morte, María Sabina apareceu em meus sonhos – nos momentos difíceis – e sempre me foi de grande utilidade.

A terceira ausente é a cantora chilena Violeta Parra. Sua fama é tão grande – admiraram-na poetas como Pablo Neruda (“santa de argila pura”), Nicanor Parra (“ave do paraíso terreno”), Pablo de Rokha

(“simplicidade subterrânea”) e tantos outros – que é muito pouco o que posso revelar sobre ela. Eu a conheci em Paris, onde residiu em duas ocasiões. Primeiro em 1954 (por dois anos) e depois em 1961 (por três anos). No primeiro período, ainda sem ser famosa, cantou em um pequeno cabaré do Quartier Latin, o *L’Escale*, para ganhar a vida. Seu salário miserável só dava para pagar um quarto em hotel de uma estrela e nele cozinhar uma modesta refeição ao estilo chileno – picadinho de carne e legumes, milho verde cozido, salada de tomate com cebola –, que muitas vezes dividiu com seus seis principais amigos, um dos quais era eu. Ela conta em seu livro *Décimas. Autobiografia em versos*:

Como manda a lei
em tudo há que se fazer justiça;
eu a cumpro com delícia
e aqui vou nomeando seis
arcanjos, como vês, eles
me abrigam com sua amizade,
me brindam conformidade
nesse mundo distante
e, ao me oferecerem a mão,
faz-se luz na escuridão.
Repito e volto a dizer,
um raminho de coentro
para meu amigo Alejandro,
que me acolheu em Paris
com uma flor de aleli
e um amistoso sorriso,
tua mão foi uma delícia
lá naquela vida ausente;

ontem plantaste sementes,
que hoje florescem e dão frutos.



Violeta Parra cantando no L'Escale de Paris

Ela diz que eu a acolhi em Paris, mas foi o contrário. Fui contagiado por sua tenacidade e energia. Violeta cantava desde as dez da noite até as quatro da manhã, depois se levantava às oito e

corria para gravar os contos chilenos que havia recolhido dos lábios de velhas camponesas – “ao humano e ao divino” – para a biblioteca de etnomusicologia Chant du Monde e para a Fonoteca Nacional do Museu do Homem. Eu protestei:

– Mas, Violeta, o que você ganha com isso? Você tem que perceber que você está tomando um calote em nome da cultura!

– Não sou idiota, sei que estão me explorando. Contudo, eu faço com prazer. A França é um museu. Conservarão para sempre essas canções. Assim, vou ter guardado grande parte do folclore chileno. Não me importa trabalhar de graça para o bem da música do meu país. Além do mais, tenho orgulho disso. As coisas sagradas devem existir fora do poder do dinheiro.

Violeta me deu uma lição inesquecível. Graças ao seu exemplo, sempre li o Tarô e dei conselhos de Psicomagia de graça.

Quando ela regressou a Paris, sete anos depois, já era uma cantora conhecida e respeitada no Chile, não só pela sua arte como também por suas valiosas pesquisas sobre o esquecido folclore. Gravou suas próprias canções (*Gracias a la vida*, entre elas) para o selo Barclay. Atuou no cenário central da festa do diário comunista *L'Humanité*. Apesar de tudo isso, continuou sendo uma mulher com a aparência de uma humilde camponesa e seu corpo miúdo continha uma alma de força sobre-humana. Passeando com ela pelas margens do Sena, chegamos à frente do Palácio do Louvre.

– Que museu imponente! – exclamei. – O peso de tantas obras de arte, de tantas grandes civilizações nos esmaga, pobres chilenos sem tradição, com choças de palha em vez de pirâmides, com humildes potes de barro ao invés de esfinges.

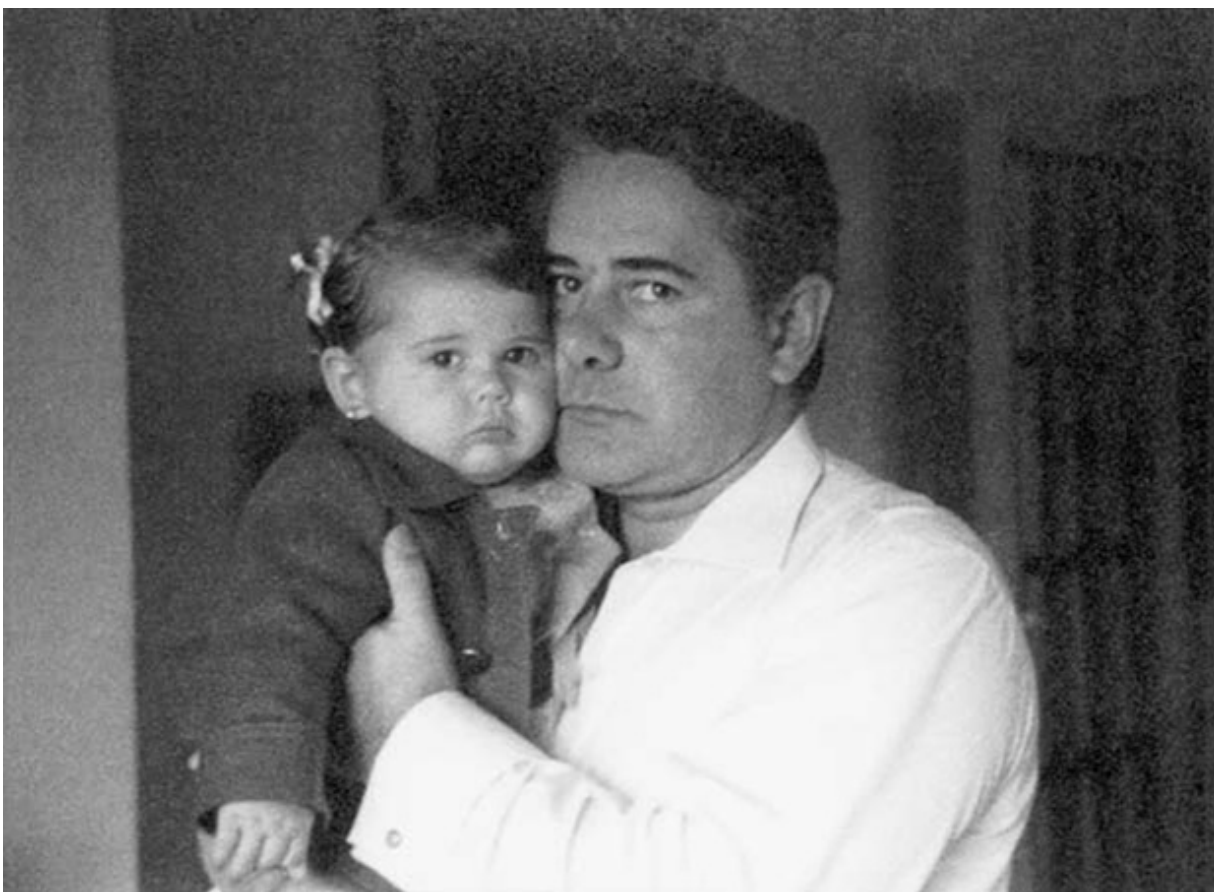
– Cale-se – ela me repreendeu, altiva. – O Louvre é um cemitério e nós estamos vivos. A vida é mais poderosa que a morte. Esse edifício enorme não assusta, mesmo sendo tão pequena. Eu prometo a você que, em breve, você vai ver uma exposição de minhas obras aí dentro...

Não soube se a considerava louca ou acometida de uma ingênua vaidade. Eu a conhecia como cantora, não como artista plástica.

Violeta não tinha muito dinheiro. Comprou arame, pano barato, lã de várias cores, argila, alguns tubos de tinta a óleo. E com esse material precário criou tapetes, cântaros, pequenas esculturas e pintou quadros. Eram suas próprias obras e, ao mesmo tempo, a expressão de um folclore chileno desaparecido na realidade, mas guardado como um tesouro nas profundezas do inconsciente de minha amiga. Em abril de 1964 violeta Parra inaugurou sua grande exposição no Museu de Artes Decorativas, Pavilhão Marsan, no Palácio do Louvre!

Esta mulher incrível me ensinou que, se desejarmos algo com a totalidade do nosso ser, acabamos por consegui-lo. Com paciência e perseverança, torna-se possível aquilo que parecia impossível.

Um exemplo desta enorme paciência-perseverança me foi dado pelo escritor espanhol Francisco González Ledesma, que, sob o pseudônimo de Silver Kane, escreveu mais de mil livrinhos de faroeste, de 80 páginas, para um público popular. Para ganhar a vida, começou a produzir essas histórias em 1951, com 20 anos de idade e à razão de um livro por semana, e terminou em 1981, aos 50 anos. Depois, até o dia de hoje, com seu verdadeiro nome, continuou escrevendo aquilo que gostava: uma literatura policial de grande estilo, obtendo em seu país o prêmio Planeta 1984 e na França o prêmio Mystère 1993 de melhor romance estrangeiro.



Francisco González Ledesma com sua filha,
quando se transformou em Silver Kane

Durante muito tempo, na Espanha, o pagamento de direitos autorais não esteve regulamentado. Os escritores eram considerados quase operários, recebiam um baixo salário e deviam chegar de manhã cedo a um escritório onde permaneciam trabalhando até dez horas seguidas. Quando Francisco, depois de escrever roteiros de histórias em quadrinhos e cuidar da contabilidade de seu editor, voltava para casa, começava a escrever um “Silver Kane” e, bem tarde da noite, dedicava parte de seu tempo ao que realmente gostava: às novelas que podia assinar com seu próprio nome. Além de tudo isso tinha de reunir documentos sobre o oeste americano – por honestidade, se propôs a nunca repetir um tema e basear-se sempre em verdades históricas – e preparar-se para obter seu diploma de advogado, o que conseguiu. Quando perguntei a esse herói como podia realizar tudo aquilo, além de casar-se e formar uma família, ele respondeu:

– Dormindo muito pouco, quase nada.

Era tal a pressão que sofria para escrever seu Silver Kane (se não entregasse as laudas na manhã de sexta-feira, podia perder o trabalho) que, uma noite em que houve um corte de luz, ele subiu ao terraço e terminou de escrever à luz da lua.

Estas aventuras de faroeste – escritas com toda a humildade, sem a esperança de atrair leitores cultos, nem com a possibilidade de expressar nada profundo, sabendo que esses folhetins seriam depreciados pelos críticos e que, embora fossem suficientes para sustentá-lo, nunca o tornariam rico – se aproximam estranhamente da filosofia zen: “Agir sem finalidade”, “Fazer bem o que se está fazendo”, “Não procurar a perfeição mas sim a autenticidade”, “Encontrar o inesgotável no silêncio do ego”, “Abandonar a vontade de poder”, “Praticar dia e noite sem dormir”. Este é o motivo pelo qual abri cada capítulo com uma citação de Silver Kane. Elas têm a mesma linguagem direta dos koans, uma pureza na qual não tem vez o cálculo racional. São trágicas e cômicas ao mesmo tempo. Exalam o perfume da iluminação.

Muitas pessoas não sabem o que são os koans, ou, conhecendo-os, não lhes atribuem uma importância essencial. Um koan é uma pergunta que o mestre zen faz ao discípulo para que medite sobre ela, analise-a e depois dê uma resposta. Este enigma é em essência absurdo, impossível de responder de maneira lógica. E sua finalidade é exatamente essa: fazer com que o nosso ponto de vista individual se abra para o universal, que compreendamos que o intelecto – palavras, palavras, palavras – não serve como resposta... Na realidade não vivemos no mundo, vivemos dentro de um idioma: manejando ideias nos acreditamos astutos; definindo as coisas as consideramos sabidas ou feitas. Mas, se queremos mudar nossa vida, temos que conseguir uma mutação mental, abrir as portas para a intuição e para as energias criativas, considerar nosso inconsciente como um aliado. Há quem leve vinte anos para encontrar a solução de um koan. Há outros que, em vez de buscar uma resposta que englobe todos os aspectos do seu ser, muito mais complexa que as palavras do idioma comum, identificadas com seu intelecto, dão uma

explicação hábil e creem que, graças à sua perícia, já se converteram em mestres zen. Se a resposta do koan nos deixa da mesma forma que antes, é porque não se resolveu nada. Resolver verdadeiramente um koan é passar por um cataclismo mental que põe por terra nossas opiniões, pontos de vista, equilíbrio moral e que, desagregando qualquer autoconceito, nos submerge no vazio. Vazio que nos concebe, permitindo-nos renascer mais livres que antes para ver pela primeira vez o mundo tal como é, e não como nos ensinaram que era.

Em um livro de autoajuda – de que por piedade não quero citar o nome –, o escritor, um “iniciado”, recebe um koan de uma mestra zen: “Como você tiraria um ganso grande de uma garrafa sem quebrá-la e sem machucar o ganso?” Ante o desconcerto do homem, a mestra lhe dá esta hábil resposta: “A forma mais fácil de tirar o ganso sem machucá-lo é situando o pescoço da garrafa em sentido horizontal e colocando fora um pouco de comida. O ganso sairá por seus próprios pés, entre outras coisas porque ninguém disse de que tamanho era a garrafa e, portanto, não faz sentido imaginar ou pressupor que seu pescoço é estreito demais”. Esta resposta só serve para demonstrar ao discípulo quão inteligente ou idiota ele é. Mas a missão dos koans não é a de medir a inteligência ou astúcia do discípulo. A mestra trapaceia, permitindo-se imaginar que a garrafa não tenha pescoço. Se assim fosse, não se poderia falar que o ganso esteja preso: ele entraria e sairia quando bem desejasse. Na tradição zen, o discípulo passa dias, meses, talvez anos tentando resolver o enigma. Um dia, aparece feliz diante de seu mestre:

- Resolvi por fim o koan!
- Como? – indaga o *rôshi* [venerado mestre].
- O ganso saiu! – exclama o discípulo.

Na realidade não se trata de uma garrafa nem de uma ave reais. Trata-se de um princípio vivo encerrado em limites inertes. O discípulo se libertou do intelecto, lógica que o separava da realidade, e entrou na vida global onde seu ser faz parte do todo... Este escritor “iniciado”, acreditando ter compreendido tudo, apresenta a seus

leitores (em termos um tanto canhestros) um dos mais clássicos koans:

“Um monge diz a seu aluno:

– Observe, prezado aluno, qual é o som de uma palma. – Ato contínuo, o mestre ancião bate palmas no ar. Depois, olhando atentamente para o aluno, diz: – Apreciado pupilo, saberia me dizer, fazendo uma demonstração, qual o som de palmas executadas com apenas uma das mãos? – E em seguida propõe uma ingênua solução: – Partimos da base de que é impossível bater palmas sem utilizar ambas as mãos. No entanto, o som de palmas executadas com uma só mão é o mesmo que produzem todos os dedos da mão quando, ao se dobrarem rapidamente e de forma seca, se chocam com uma parte da palma...

Sugiro ao leitor que faça o gesto como se estivesse tocando uma castanhola. Aí poderá observar que é emitido um som, concretamente o de palmas executadas com uma só mão.”

Então, o “iniciado” quer nos dizer que um dos principais koans do ensinamento zen só serve para criar castanholeiros? Por ter oferecido esta ridícula resposta, mereceria que um mestre zen, brandindo uma espada, lhe cortasse as duas mãos e lhe perguntasse: “Qual é o som de quando se bate palmas sem mãos?”.

Para dar uma informação correta do que é a luta para compreender os koans e a mudança benéfica que se obtém ao resolvê-los corretamente, escrevi este livro, que resume meus primeiros cinco anos de meditações guiadas pelo homem mais honesto que conheci na minha vida.

Alejandro Jodorowsky

Aprenda a morrer, intelectual!



“Mas o que diabos, o que abutres e coiotes assados na grelha, significa isto?”

CARA DURA CITY, SILVER KANE

A última vez que vi o mestre Ejo Takata foi em uma modesta casa da vizinhança, nos limites superpovoados da capital mexicana. Um quarto e uma cozinha, mais ainda. Eu havia ido ali em busca de consolo, sofrendo pela morte do meu filho. A dor me impediu de ver as caixas de papelão que enchiam metade do quarto. O monge começou a fritar dois peixes. Eu esperava um sábio discurso sobre a morte: “Não se nasce, não se morre... A vida é uma ilusão... Deus dá, Deus tira, bendito seja Deus... Não pense na sua ausência, dê graças pelos 24 anos durante os quais alegrou a sua vida... A gota divina regressou ao oceano original... Sua consciência se dissolveu na feliz eternidade...”.

Tudo isso eu já havia dito a mim mesmo, mas o consolo que buscava nessas frases não acalmava meu coração. Ejo só pronunciou uma palavra, “Dói”, e com uma reverência serviu os peixes. Comemos em silêncio. Compreendi que a vida continuava e que devia aceitar a dor, não lutar contra ela nem buscar consolo. Quando você come, come; quando dorme, dorme; quando dói, dói. Mas além de tudo isso, está a unidade da vida impessoal. Nossas cinzas hão de misturar-se com as do mundo...

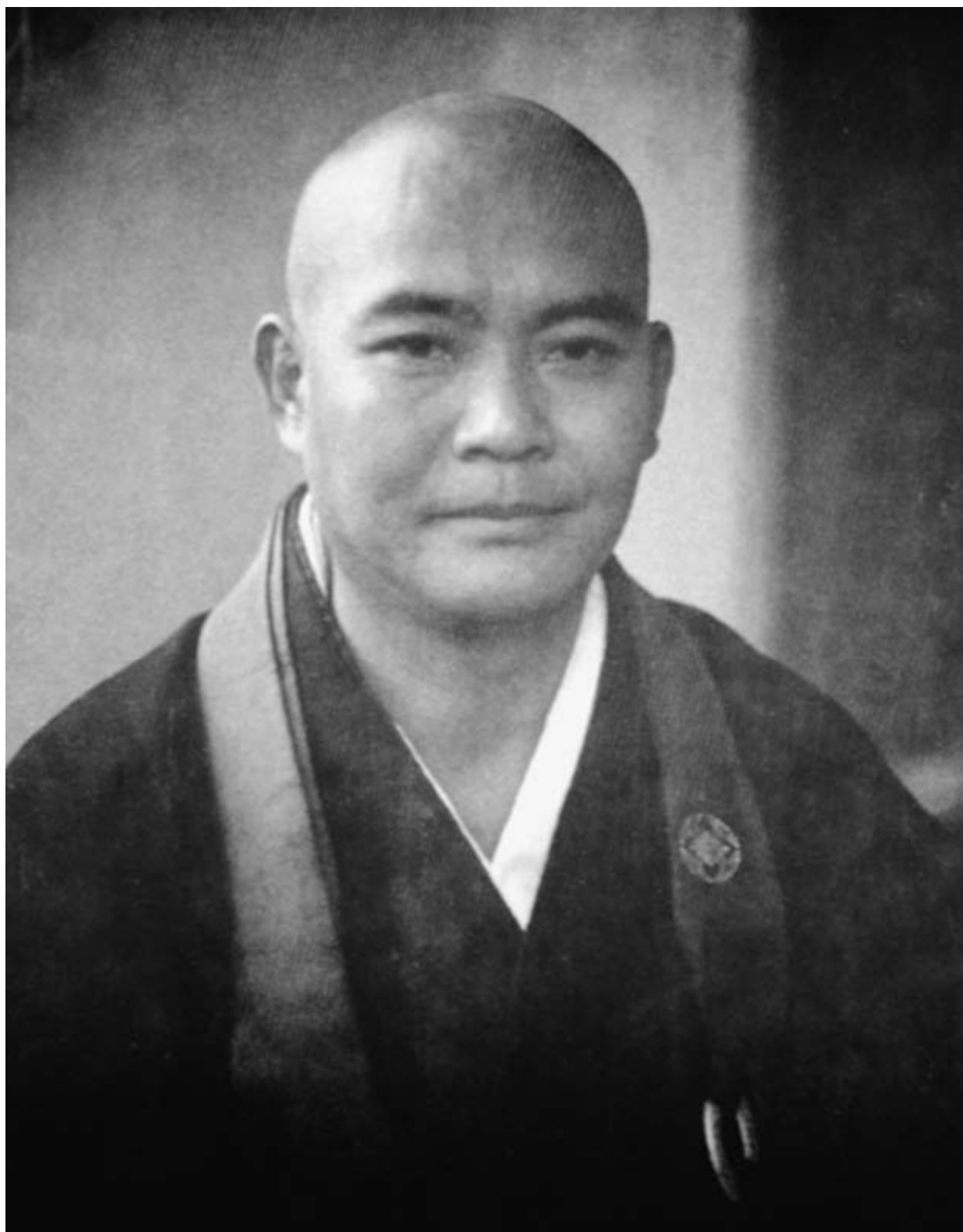
Então, perguntei-lhe:

- O que contêm essas caixas?
- Minhas coisas – respondeu. – Esta casa é emprestada. De um dia para o outro, podem pedir que eu saia. Estou bem aqui. Por que não ficaria bem em outro lugar?
- Mas, Ejo, onde é que você medita neste espaço tão reduzido?

Ele fez um gesto de indiferença e me indicou um canto qualquer. Para meditar não necessitava de um lugar especial. Sua meditação sacralizava o lugar, fosse qual fosse. De qualquer forma, para ele, que havia atravessado o espelhismo dos vocábulos antônimos, a distinção entre sagrado e profano não fazia sentido.

Nos Estados Unidos, na França, no Japão, tive oportunidade de conhecer outros *rôshis*, entre eles o mestre do meu mestre, Mumon Yamada¹, um homem muito pequeno, mas de uma energia leonina, com as mãos tão bem cuidadas quanto as de uma donzela (as unhas de seus dedos mindinhos mediam três centímetros), mas ninguém pôde ocupar em meu coração o lugar que Ejo conquistou.

Pouco sei da história da vida dele. Nasceu em Kobe, Japão, em 1928. Aos nove anos iniciou a prática do zen no mosteiro Horyuji com o mestre Heikisoken, autoridade máxima da escola Rinzai. Mais adiante, em Kamakura, ingressou como discípulo direto de Mumon Yamada no mosteiro Shofukuji, fundado em 1195 por Yosai,² o primeiro monge que importou para o Japão o budismo zen chinês. É muito dura a vida que levam os monges aspirantes à iluminação. Sempre em grupo, despojados da intimidade, comem pouco e mal, trabalham de forma grosseira, meditam sem cessar. Todos os atos da vida cotidiana obedecem a um estrito ritual, desde a maneira de dormir até a de defecar. “O monge deve sentar-se direito, manter as pernas cobertas com as bordas da bata, não olhar nem para um lado nem para o outro, não falar com quem estiver ao lado, não coçar as partes pudendas e evacuar com o menor ruído possível e rápido, porque outros esperam a vez deles.” Os monges Soto zen devem dormir de lado, sobre o flanco direito. Os monges Rinzai zen, de costas. Não é permitida nenhuma outra postura.



Ejo Takata quando chegou ao México

Ejo Takata, depois de viver assim durante trinta anos, em 1967 considerou que os tempos estavam mudando, que era inútil preservar a tradição encerrado em um mosteiro, e decidiu sair de Shofukuji para enfrentar o mundo. Sua decisão o fez embarcar para os Estados Unidos, pois queria saber por que os *hippies* estavam interessados no zen. Foi recebido com todas as honras em um moderno mosteiro da Califórnia. Em poucos dias fugiu dali, apenas com seu hábito de monge e uma nota de vinte dólares. Alcançou uma grande rodovia e gesticulou pedindo carona, pois falava um inglês rudimentar. Foi recolhido por um caminhão que transportava laranjas. Ejo meditou em cima das frutas aromáticas, viajando sem saber para onde. Adormeceu e, quando despertou, viu-se na imensa capital do México.

Por um acaso, que eu me atrevera a chamar de milagre, um discípulo de Erich Fromm – célebre psiquiatra que acabara de publicar em colaboração com Daisetz Teiraro Suzuki o livro *Budismo zen e psicanálise* – viu vagar sem rumo pelas ruas dessa metrópole de mais de vinte milhões de habitantes um autêntico monge japonês. Empolgado, parou seu automóvel, convidou-o a entrar e o levou como um presente ao grupo frommiano.

Guardando zelosamente o segredo da presença dele, eles o instalaram nos arrabaldes da cidade, numa pequena casa transformada em templo. Meses mais tarde, quando Ejo se deu conta de que, antes de meditar, os psiquiatras ingeriam pastilhas que lhes permitiam suportar com um sorriso beato as dolorosas horas de imobilidade, se despediu deles para sempre. Por uma série de circunstâncias, que descrevi em outro livro, *A dança da realidade*, tive a oportunidade de conhecer o mestre. Ao vê-lo sem lugar onde morar, ofereci-lhe minha casa para que a transformasse em *zendô* [lugar para a meditação]. Ali o monge encontraria seus primeiros alunos honestos: atores, pintores, estudantes, caratecas, poetas etc. Todos convencidos de que meditando iam encontrar a iluminação, ou seja, o segredo da vida eterna. Vida que transcendia a efêmera carne.



Mumon Yamada, um buda elegante, mestre de Ejo

Logo compreendemos que a meditação zen não era brincadeira. Ficar imóvel durante horas, tentando esvaziar a mente, suportando dores nas pernas e nas costas, acossados pelo tédio, era um trabalho hercúleo.

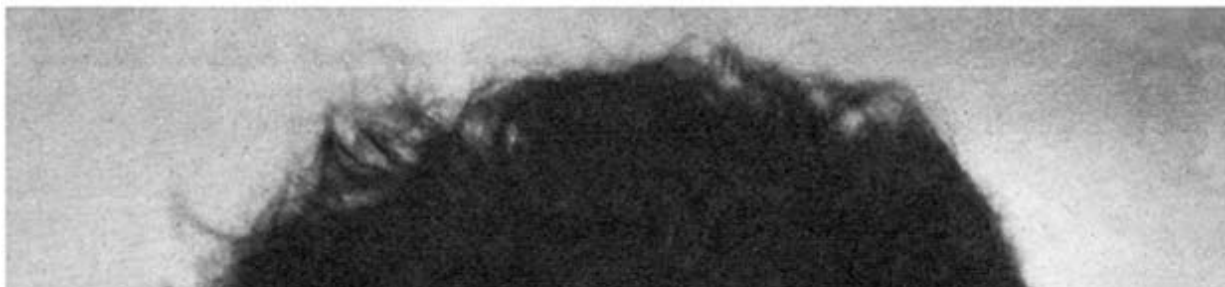
Um dia, quando quase havíamos perdido a esperança de obter a mítica iluminação, ouvimos o matraquear de uma potente moto que, de forma brusca, freou diante da casa. Alguém, com vigorosos passos, se dirigiu até a nossa pequena sala de meditação. Vimos entrar um jovem alto, de ombros largos, braços musculosos, cabelos loiros e compridos, enfiado em um traje de couro vermelho. Deteve-se diante do mestre e o acusou com um forte sotaque norte-americano:

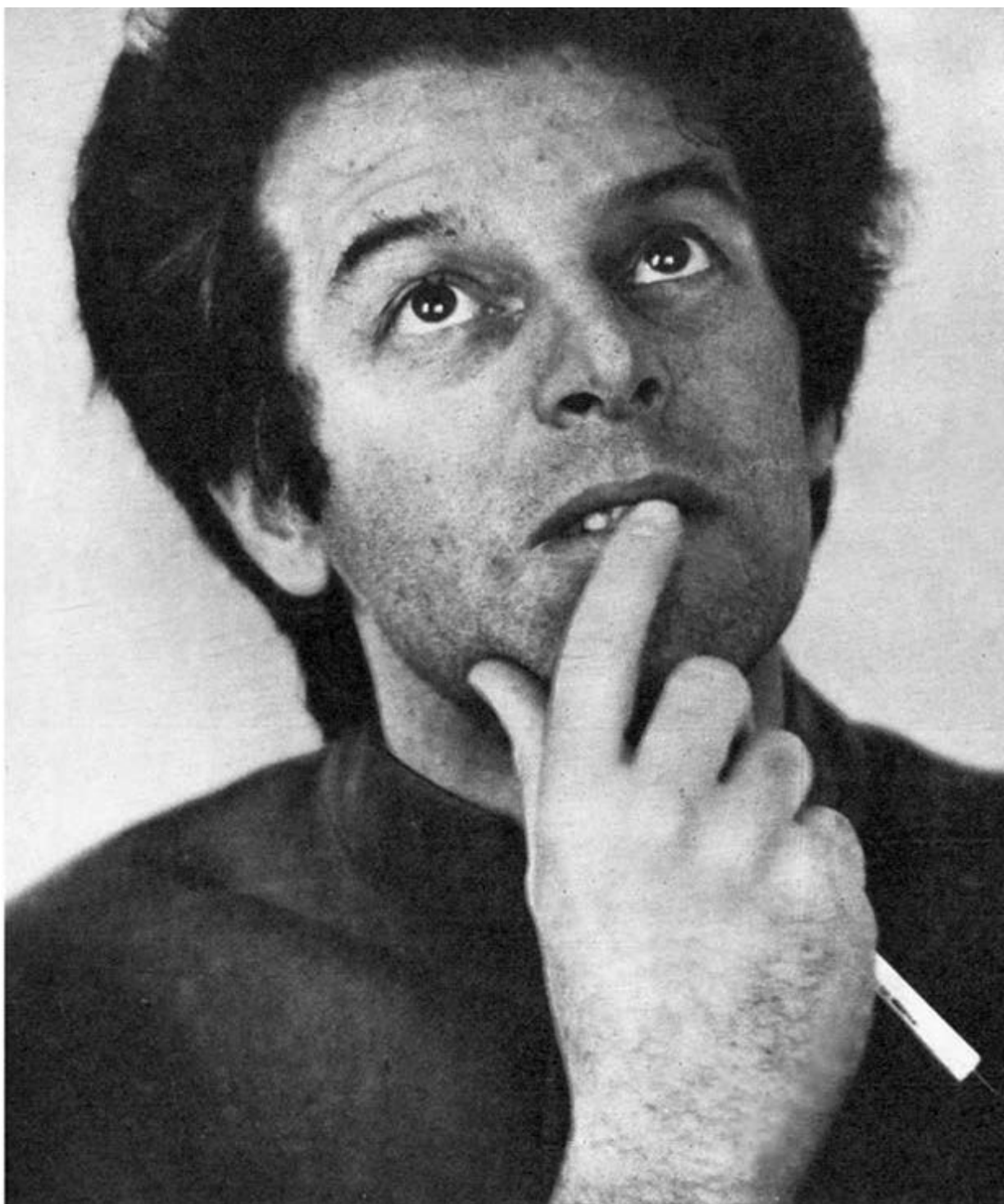
– Você fugiu do nosso mosteiro porque, com seus olhos rasgados, se sentia superior! Acha que a verdade tem um passaporte japonês. Eu, porém, um “desprezível” ocidental, resolvi todos os koans e vim aqui para provar! Eu o desafio! Interrogue-me!

Nós, os discípulos, ficamos gelados. De imediato, nos sentimos num filme de faroeste, onde um pistoleiro desafia o outro para ver quem dispara mais rápido e com mais precisão. Ejo não se intimidou.

– Aceito!

E então assistimos a uma cena que nos deixou boquiabertos. Para mim, tal como para os outros, os koans eram um mistério indecifrável. Cada vez que líamos um em algum livro, não entendíamos absolutamente nada. Sabíamos que os monges no Japão meditavam sobre uma dessas adivinhações por dez ou vinte anos. Perguntas como “Qual é a natureza de Buda?” e sua resposta “O cipreste no jardim!”, nos deixavam desesperados. O zen não buscava explicações filosóficas; pedia compreensão imediata, para além das palavras... Esse cipreste no jardim nos derrotava, demonstrando-nos que, ao não compreendê-lo, não estávamos iluminados.





Alejandro Jodorowsky achando-se iluminado,
quando conheceu Ejo Takata

Quando confessei essas angústias a Ejo, ele me respondeu de
forma abrupta:

– Aprenda a morrer, intelectual!

Por tudo aquilo, foi para nós uma comoção profunda ver aquele orgulhoso, desrespeitoso e agressivo indivíduo responder rápido, sem vacilar um segundo, às perguntas do mestre.

Ejo bateu palmas:

– Este é o som de duas mãos. Qual é o som de uma só mão?

O rapaz se sentou com as pernas cruzadas, ergueu o tronco e, sem dizer uma palavra, esticou à frente o seu braço direito, levantando a mão aberta.

Ejo lhe disse:

– Bem! Se pode ouvir o som de uma só mão, prove.

Sem uma palavra, o rapaz levantou de novo a mão.

Ejo continuou:

– Bem! Costuma-se dizer que aquele que ouve o som de uma só mão se converte em Buda. Como o fará?

Novamente, sem uma palavra, o rapaz levantou a mão mais uma vez.

Mais uma vez, Ejo disse:

– Bem!

Meu coração começou a bater com intensidade. Eu me dei conta de que estava presenciando algo extraordinário. Somente uma vez antes havia sentido algo assim: um toureiro espanhol, El Cordobés, decidiu enfrentar o touro ficando imóvel como uma estátua. O animal investiu uma e outra vez, seus chifres passando a milímetros do toureiro, mas este não se moveu. Formou-se entre homem e animal um vórtice de energia que pareceu situá-los em um tempo e espaço encantados, “o lugar”, onde o erro não podia existir...

Esse invasor respondia, impassível e tranquilo, a cada investida do meu mestre. Havia tal intensidade entre eles que nós, os discípulos, fomos nos dissolvendo na sombra.

Ejo lhe disse:

– Depois que você se converter em cinzas, como o escutará?

O rapaz voltou a levantar a mão.

Ejo disse então:

– Que esta única mão seja cortada pela espada Suimo, a mais afiada de todas. É possível?

O visitante, com expressão confiante, respondeu:

– Sim, é possível. Demonstre que é capaz de fazê-lo.

Ejo insistiu:

– Por que a espada Suimo não pode cortar essa mão?

O rapaz sorriu:

– Porque essa mão se estende por todo o universo.

Ejo levantou, aproximou seu rosto do visitante e gritou-lhe:

– O que é essa única mão?

Ele respondeu, gritando mais forte ainda:

– É o céu, a terra, o homem, a mulher, você, eu, a relva, as árvores, as motos, os frangos assados! Todas as coisas são esta única mão!

Ejo, com grande delicadeza, murmurou:

– Se está ouvindo o som de uma só mão, faça com que eu também o ouça.

O rapaz levantou, deu-lhe uma bofetada e voltou a sentar-se.

Esse golpe soou como um disparo. Quisemos nos lançar sobre o insolente para moê-lo de pancadas. O mestre nos conteve com um sorriso. Perguntou ao rapaz:

– Agora que escutou o som de uma só mão, o que vai fazer?

O visitante respondeu:

– Pilotar minha moto, fumar um baseado, dar uma mijada.

O mestre, com voz oprimida, lhe ordenou:

– Imita esse som sublime de uma só mão!

O visitante, imitando o ruído de um caminhão que passava nesse momento pela rua, respondeu:

– Bruuum, bruum...

O monge soltou um profundo suspiro, depois lhe perguntou:

– Quão longe alcança essa única mão?

O rapaz se inclinou e apoiou a mão no piso.

– O mais longe que chega é até aqui.

Ejo Takata soltou uma gargalhada e, com um gesto claro, ofereceu seu lugar ao visitante. Este, com ar de triunfo, sentou-se no lugar do mestre.

– Você resolveu muito bem o koan composto por Hakuin Ekaku.³

O rapaz o interrompeu, exibindo sua erudição:

– Célebre mestre zen japonês, nascido em 1686 e morto em 1769!

Ejo fez uma reverência e continuou:

– Agora que demonstrou sua perfeita iluminação, peço que explique a meus intrigados discípulos o significado de seus gestos e palavras... Pode fazê-lo?

– Claro que posso! – respondeu com grande orgulho o mestre Peter (exigiu que assim o chamássemos). – Quando esse monge me pede que prove para ele que ouvi o som de uma só mão, elimino qualquer explicação com um gesto que significa “É o que é”. Quando me pergunta se vou ser um Buda, ou seja, iluminar-me, não caio na armadilha da dualidade: “iluminação/não iluminação”. Tolice! Minha mão erguida diz “Unidade, aqui e agora”. Quanto a me converter em cinzas, não caio na armadilha da “existência/inexistência”. Se sou,

sou aqui, isso é tudo! A noção “depois de morrer” só existe quando se está vivo... Quanto à espada Suimo que tudo corta, respondo que não há nada que possa ser cortado. Se você corta o que não é, continua não tendo nada... Por que não se pode cortar essa mão? Porque ao preencher todo o universo elimina-se toda e qualquer distinção. Quando me pede que faça ele ouvir o som de uma só mão, dou uma bofetada nele para indicar que ele não deve subestimar a própria compreensão do koan... Ao me pedir que descreva o “sublime” som de uma só mão, está preparando uma armadilha para mim. A expectativa de uma experiência extraordinária é um obstáculo no caminho da iluminação. Imitando um ruído real, explico para ele que não há nenhuma diferença entre o comum e o extraordinário. À pergunta do que vou fazer quando me iluminar, respondo detalhando minhas atividades cotidianas. Basta de planos para iluminar-se no futuro! Compreendamos que, sem percebermos, sempre estivemos iluminados. “Quão longe essa mão alcança?” é outra pergunta capciosa: a iluminação não se localiza no espaço.

O visitante, satisfeito com as próprias palavras, deu uma palmada no ventre e exclamou com vaidosa autoridade:

– Aqui, só aqui e nada além de aqui!

Vendo tal desfaçatez, ficamos esperando que Ejo expulsasse o americano do seu lugar. Horrorizava-nos ter de aceitar como mestre um tal energúmeno. Mas não, Enjo continuou sentado diante dele em atitude de discípulo. Sorrindo, lhe disse:

– No sistema de Hakuin há dois koans que são mais importantes que todos os outros. Você resolveu o primeiro de forma perfeita, agora quero ver se é capaz de resolver o segundo...

Com o rosto invadido por uma vaidosa expressão, o americano exclamou:

– Claro! É a pergunta sobre a natureza do cão.

– Exatamente. A pergunta sobre a natureza do cão que Joshu respondeu.

Peter interrompeu outra vez, pondo-se a recitar com toda velocidade:

– Joshu, figura central do zen chinês, nasceu no ano 778 e começou muito jovem a estudar com o mestre Nansen.⁴ Quando Nansen morreu, Joshu tinha 57 anos. Permaneceu neste mosteiro honrando a memória de seu mestre durante mais três anos. Depois partiu em busca da verdade. Viajou durante vinte anos. Aos 80 anos, fixou residência em sua aldeia nativa na província de Jo. Ali ensinou até morrer com 119 anos.

– Excelente erudição – exclamou Ejo. Depois nos fitou e exigiu: – Aplaudam!

Juntei-me a meus companheiros, aplaudindo com inveja. O mestre Peter se pôs de pé e nos saudou com várias reverências orgulhosas.

Ejo lhe disse:

– Vejamos. Um monge pergunta ao mestre Joshu: “Tem um cão a natureza de Buda?” Joshu responde “Mu”. O que diz quanto a isso?

Peter foi se aprumando enquanto murmurava:

– Mu em japonês significa: “não, inexistência, vazio”. Também é uma árvore, um latido, enfim... – Já de pé, diante de Takata, gritou tão forte que as janelas estremeceram: – MU!

E teve início um duelo de perguntas e respostas:

– Me dê as provas desse Mu.

– MU!

– Se assim é, de que maneira se iluminará?

– MU!

– Bem, então, depois que o cremarem, como será esse Mu?

– MU!

Os gritos do americano se tornavam cada vez mais intensos. Takata, pelo contrário, perguntava com um tom cada vez mais respeitoso. Pouco a pouco se humilhava perante aquele exaltado que dava sempre as respostas corretas. Temi que o diálogo continuasse assim durante horas. Mas houve uma ligeira mudança. As respostas se tornaram mais longas.

– Em outra ocasião, quando perguntaram a Joshu se um cão tinha a natureza de Buda, ele respondeu “Sim”! O que acha disso?

– Mesmo se Joshu diz que um cão tem a natureza de Buda, eu simplesmente gritarei “Mu!” com todas as minhas forças.

– Muito bem! Agora, diga-me: como é que a sua iluminação trabalha com o Mu?

Peter se levantou e deu alguns passos, dizendo:

– Quando é necessário ir, vou. – Depois voltou ao seu lugar e sentou. – Quando é necessário sentar, eu me sento.

– Muito bem! Agora explique a diferença entre o estado de Mu e o estado de ignorância.

– Peguei minha moto e fui daqui até o Paseo de la Reforma, dali caminhei até o palácio do governo. Depois voltei ao Paseo de la Reforma, peguei minha moto e voltei pelo mesmo caminho até aqui...

Esta resposta nos deixou a todos perplexos. O americano nos olhou com ar de comiseração:

– O japonês quis que eu explicasse para ele a diferença entre iluminação e não iluminação. Em minha descrição de uma viagem começando em um lugar e regressando ao mesmo ponto, rechacei a distinção entre sagrado e mundano.

A engenhosidade de sua resposta nos obrigou, muito a contragosto, a admirá-lo.

– Muito bem – disse Ejo com um sorriso que me pareceu adulator –, como é a origem do Mu?

– Não há céu, não há terra, nem montanhas nem rios, nem árvores nem plantas, nem peras nem maçãs! Não há nada, nem eu nem nenhum outro! Inclusive essas palavras não são nada! Mu!

Esse Mu foi tão forte que os cães da vizinhança se puseram a latir. A partir daquele momento o diálogo adquiriu mais e mais velocidade.

– Então, me dê esse Mu!

– Tome! – Peter colocou nas mãos de Takata um cigarro de maconha.

– Qual é a altura do seu Mu?

– Meço um metro e oitenta e dois.

– Diga seu Mu de maneira tão simples que uma criança possa compreendê-lo e pô-lo em prática.

– Nana... – sussurrou Peter como se estivesse ninando uma criança.

– Qual é a diferença entre Mu e Todo?

– Se você é Todo, eu sou Mu. Se você é Mu, eu sou Todo.

– Mostre-me diferentes Mu.

– Quando como, quando bebo, quando fumo, quando forno, quando durmo, quando danço, quando tenho frio, quando tenho calor, quando cago, quando um pássaro canta, quando um cachorro late: Mu! Mu! Mu! Mu! Mu! Mu!

Os gritos se tornaram trovejantes. Um verdadeiro escândalo. Parecia que o possesso nunca ia parar de repetir a sílaba.

Ejo, levantando-se de um salto, pegou seu bastão e, emitindo o impressionante grito zen *kuatsu!*, começou a golpeá-lo. O mestre Peter, furioso, se lançou contra ele. Ejo utilizou seus conhecimentos de judô, que até agora havia mantido ocultos, e com uma rápida chave o lançou de costas no solo. A seguir pôs um pé sobre a garganta dele, imobilizando-o.

– Vamos ver se sua iluminação supera o fogo!

Enquanto arrastava brutalmente o americano até a rua, agarrou uma lâmpada.

O bairro frequentemente sofria apagões de eletricidade. Quando isso acontecia, usávamos velas e um par de lâmpadas de petróleo. Ejo, ante o acovardado visitante, derramou o petróleo sobre a motocicleta. Pegou um acendedor. O americano quis levantar-se, gritando:

– Nããão!

Com um certo pontapé no peito, Ejo o derrubou outra vez de costas.

– Quietos! Aqui vai outro koan: “Iluminação ou motocicleta?” Se responder “iluminação”, eu a incendeio. Se responder “motocicleta”, eu deixo você ir com ela. Mas antes me entregue esse livro que você decorou...

O mestre Peter pareceu desmoronar. Murmurou “motocicleta” com um tom lastimoso. Levantou-se e, arrastando os pés, foi abrir uma caixa que levava na traseira da moto. Extraiu dela um livro de capa vermelha que entregou àquele que, mais uma vez, considerávamos nosso mestre. Ejo leu o título: *The sound of the one hand: 281 zen koans with answers*⁵, em seguida gritou para o vencido:

– Trapaceiro, aprenda a ser o que você é!

O rosto do visitante enrubesceu. Ele se ajoelhou diante do monge, apoiou as mãos no solo e humildemente implorou:

– Por favor, mestre.

Ejo, com seu bastão plano, lhe deu três golpes na omoplata esquerda e três na direita, seis impactos sobre a jaqueta vermelha que ressoaram como disparos, depois ergueu uma das mãos aberta.

O americano se pôs de pé. Parecia ter compreendido algo essencial. Suspirou:

– Obrigado, *sensei* [mestre].

E se afastou para sempre em sua possante moto.

-
- 1 Mumon Yamada (1900-1988), homem de grande bondade e conhecimento, fez doutorado em filosofia numa universidade budista do Japão e foi discípulo de Kawaguchi Ekai. Em 1953 entrou como mestre no mosteiro Shofukuji.
 - 2 Conhecido também como Eisai (c.1140-1215), ainda jovem viajou várias vezes à China e entrou em contato com os ensinamentos Chan (budismo chinês) e com a escola Rinzai, que lhe serviram para revitalizar na escola Tendai (fundada em 805) do budismo japonês a tendência zen. Este fato suscitou certa hostilidade contra ele por parte dos monges tendai.
 - 3 Também conhecido como Hakuin Zenji (1686-1769), nasceu em uma família de samurais e foi um dos mestres que fez evoluir a escola Rinzai e que sistematizou a técnica do koan nos ensinamentos. Na infância ficou traumatizado ao ouvir um sermão sobre tormentos infernais, o qual provocou muitas dúvidas em sua disciplina e foi duramente tratado por seu mestre. Foi um ser de grande bondade e um grande escritor e literato.
 - 4 Zhaozhou Congshen (778-897), de nome japonês Joshu Jushin, conheceu aos 18 anos seu mestre chinês Nanquan Puyuan (748-835), de nome japonês Nansen Fugan.
 - 5 *O som de uma só mão. 281 koans zen com respostas.*

2

O segredo dos koans



“Se há uma pegada eu a encontrarei, mesmo que seja no fundo de um poço.”

EL GUARDAESPALDAS, SILVER KANE

Quando Ejo Takata visitou minha casa para escolher o espaço onde ia ministrar seus ensinamentos, com muito orgulho lhe mostrei minha biblioteca. Desde menino eu havia vivido rodeado de livros, os quais amava tanto quanto os meus gatos. Tinha uma farta coleção dedicada ao zen, em inglês, italiano, francês e espanhol. O monge concedeu aos livros um simples olhar, abriu seu leque e, agitando-o com rapidez, se abanou. A seguir saiu do quarto sem dizer uma palavra. Fiquei ruborizado. Com esse breve gesto, o mestre me fizera consciente de que minha erudição ocultava uma ausência de verdadeiro saber. As palavras indicavam o caminho da verdade, mas não eram ela. “Quando se caça o peixe, a rede deixa de ser necessária.”

Apesar disso, no dia em que o mestre havia jogado fora o misterioso livro do americano, eu, aproveitando o cair da noite, remexi entre o lixo e o recuperei. Senti-me um ladrão, mas não um traidor. Forrando-o com papel preto, o dissimulei entre meus abundantes volumes, sem me permitir abri-lo.

O tempo passou. Graças à ajuda da embaixada do Japão, Ejo pôde instalar um pequeno zendô perto do bairro universitário. Depois de cinco anos levantando às seis da manhã e atravessando as ruas congestionadas – o que me tomava cerca de uma hora – para ir a duas sessões de meditação de quarenta minutos cada uma, cheguei à conclusão de que meu caminho não era o de ser um monge. Todas as minhas ilusões se voltavam para a criação teatral. Contudo, os ensinamentos de Takata – ser e não parecer, viver sem adornos, as palavras descrevem o mundo, mas não são o mundo, recitar uma doutrina não é experimentá-la – mudaram minha visão do espetáculo.

Para apresentar *Zaratustra*, inspirada na obra de Nietzsche, limpei o palco de sua decoração habitual, incluindo cortinas, cordas e objetos, fiz pintar de branco as paredes nuas. Desafiando a censura, os atores, homens e mulheres, se desnudaram depois de recitar um fragmento do Evangelho segundo Tomás:

“Quando nos serás revelado e quando poderemos ver-te?”, perguntaram os discípulos. E disse Jesus: “Quando vos despojardes de vossas roupagens sem envergonhar-vos e quando tomardes vossos compromissos para colocá-los debaixo de vossos pés, como faria um menino, e pisá-los. Então podereis contemplar o Filho do Ser Vivente e perdereis o temor”.

Ao constatar que a obra era um êxito – de terça a domingo com lotação esgotada – propus a Ejo, sem muitas esperanças, que meditasse diante do público durante o decorrer do espetáculo. Para minha surpresa, o mestre concordou. Chegou pontualmente, sentou-se ao lado do cenário e meditou imóvel durante duas horas. O contraste entre os atores desnudos recitando um texto e o monge silencioso envolto em seu hábito sagrado foi comovedor. *Zaratustra* ficou um ano e meio em cartaz. Depois da última apresentação, Ejo me disse:

– Ao me deixar participar de sua obra, você permitiu que milhares de mexicanos conhecessem a meditação zen. Como posso agradecer a você?

Fiz uma reverência e, com a cabeça inclinada para ocultar minha vergonha, respondi:



Jodorowsky com Takata numa cena
de *Zaratustra* (México, 1976)

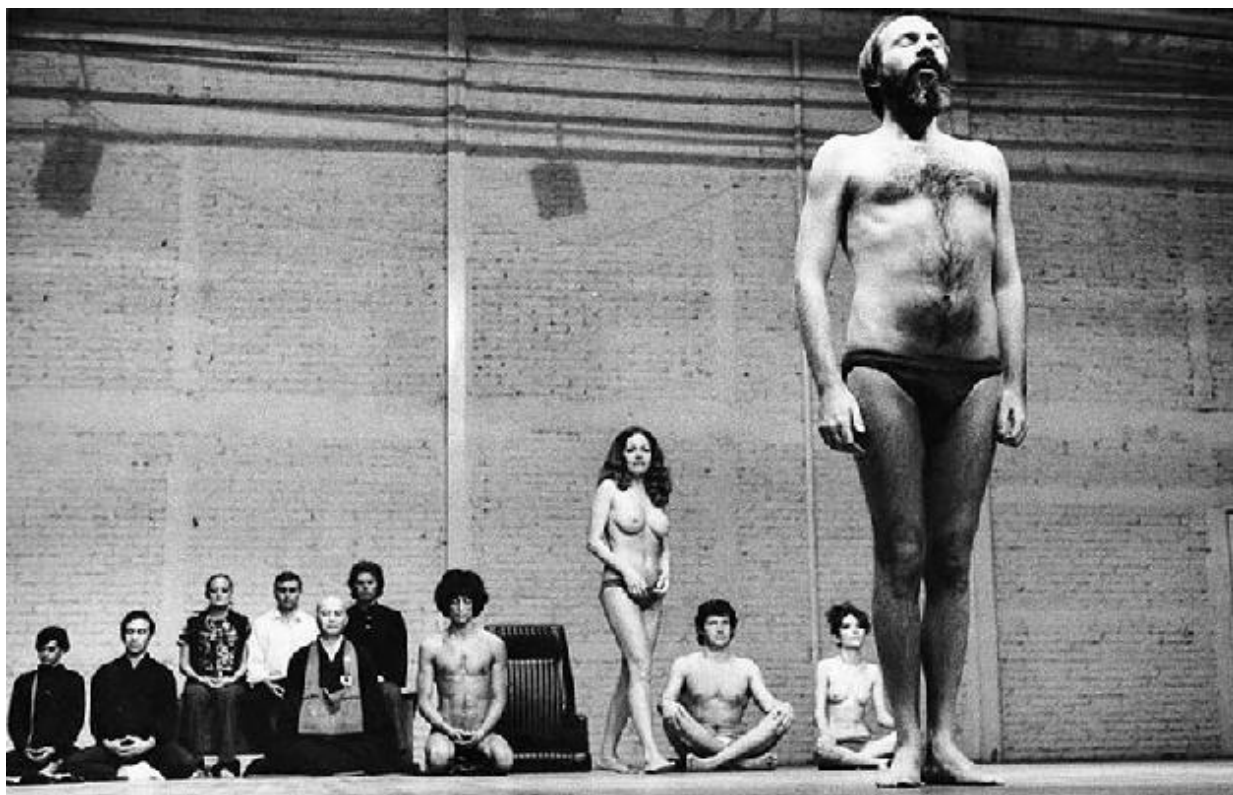
– Guardei escondido o livro que o americano entregou para você. Morro de curiosidade de ler ele. Se fizer isso, consideraria uma traição da minha parte?

Ejo soltou uma gargalhada.

– Vamos ler o livro juntos e fazer comentários! – Em seguida me contou a história do misterioso volume. – Esse texto, o *Gendai*

Sojizen Hyoron, revelado por um misterioso inimigo em 1916, provocou um grande escândalo entre os monges. Na escola Rinzai, os koans e suas respostas haviam sido secretamente transmitidos de mestre a aluno, durante várias gerações, num caderno ao que parece escrito por Hakuin, o criador do sistema. A revelação desses segredos enfureceu muitos mestres da época. Fizeram todo o possível para sepultar os exemplares. Mas alguém guardou um, que passou de mão em mão, até que em meados dos anos sessenta, uma fotocópia deste começou a circular, traduzido para o inglês e comentado por um erudito: Yoel Hoffmann. Quando visitei o mosteiro na Califórnia, me dei conta de que muitos monges imitavam como se fossem papagaios as frases e os atos do tratado. Por isso fugi desse lugar. Conhecer uma resposta não é possuí-la.

E assim foi como começou uma nova etapa na minha vida. Ejo propôs que nos víssemos uma vez por semana, à meia-noite. Escolheu essa hora porque era a partir daquele momento que o dia começava. Assim o fizemos: nossas conversas começavam na escuridão e terminavam com a luz da aurora. Cada koan era um imenso desafio. Não só devia decifrar as adivinhações que os mestres propunham como também as incompreensíveis respostas de seus discípulos. Aquilo submergia minha razão em um estado de agonia. Estava obrigado a concentrar todas as energias para abrir uma porta no muro do absurdo beco sem saída. Fazer ou não fazer? Obedecer ao intelecto ou à intuição? Escolher este ou aquele? Confiar nos outros ou em mim mesmo? Vendo-me neste dilema, Ejo citou algumas palavras de Hakuin: “Se você investigar sem cessar um koan, completamente concentrado, sua imagem de si mesmo será destruída. À sua frente se estenderá um abismo vazio sem um lugar onde apoiar os pés. Você enfrentará a morte. Sentirá que no seu peito arde uma fogueira. E de imediato será só um, você e o koan, distantes do corpo e da mente. Irá longe. Penetrará sem erro na fonte essencial da sua própria natureza.”



O mestre meditando por duas horas
no palco de *Zaratustra*

Ejo se abanou por alguns instantes e depois, com um sorriso largo, comentou:

– O mestre Rinzaí⁶ disse: “Todas as escrituras sagradas não passam de papel para limpar o cu”. Os koans não se resolvem com palavras.

Eu, que havia empregado a maior parte da minha ociosidade em leituras, obtendo dos livros um prazer inefável, protestei:

– Um momento, Ejo, você diz que os koans não são resolvidos com palavras, mas estou certo de que há palavras que os anulam. O veneno da cobra pode servir de antídoto para sua própria picada. Creio que a mente é capaz de criar um serviço de limpeza que com uma frase luminosa, poética, invalide a pergunta incontestável.

Ejo se pôs a rir.

– Se diz isso é porque você se sente capaz de fazer isso. Confunde Poesia com Verdade. Aceito o desafio. Responda ao koan

que vem no livro após “O som de uma só mão” e “Mu”: “Como era seu rosto original antes de nascer?”.

Eu me concentrei intensamente e quis responder: “Era igual ao que terei depois de morrer”, mas senti que caía na armadilha admitindo os conceitos de nascimento e de morte, aceitando que fora desta realidade se tinha um rosto, uma forma individual de existência. Exclamei:

– Não sei, naquele tempo não havia espelho.

Ejo tornou a rir.

– Muito engenhoso. É verdade que com essa exclamação você anula a pergunta, mas de que lhe serve? Você continua prisioneiro do ter ou não ter. Não pode vê-lo, mas aceita, apesar de escapar da dualidade “O visto/aquele que vê”, que tem um eu original. Baseia suas palavras numa crença e não numa vivência... Na resposta tradicional, anotada no livro, o discípulo, sem dizer uma palavra, se levanta e apoia as duas mãos em seu peito. O que diz?

– Me parece que com esse gesto está dizendo “Não há antes nem depois, sou eu, aqui, agora, é tudo que sei. A pergunta que me faz não tem resposta”.

– Você não se aprofundou bastante. O discípulo não está dizendo nada. Está fechado em si mesmo, imobilizou seu intelecto, se desapegou de suas ilusões e esperanças. Sente que o “aqui” se estende e alcança as dimensões do universo, que o “agora” absorve a totalidade do tempo e se faz eterno, que o eu individual se dissolve no cosmos. Cessou de autodefinir-se, de acreditar-se dono de seu corpo, de emitir juízos, de identificar-se com seus conceitos como se fossem coisas, de deixar-se arrastar por uma torrente de emoções e desejos, compreendendo que a realidade não é aquilo que pensa ou espera dela... O discípulo se levanta para responder, indicando que, ao aceitar sua vacuidade, a meditação não lhe é necessária porque não é o fim, mas sim um meio. Confundir *zazen* [meditação sentada] com iluminação é um erro.

Eu me levantei, apoiei as mãos em meu peito e fiz uma reverência. Ejo, sorrindo, foi à cozinha e voltou com duas xícaras de chá verde. Eu lhe disse, também sorrindo:

– Ejo, essa bebida não é conhecida no México.

Ele respondeu de imediato:

– Também tenho café!

Correu até a cozinha e, dentro de instantes, regressou com duas xícaras fumegantes de café. Enquanto o bebíamos – a luz da aurora dava um tom rosado ao agonizante azul da noite –, Ejo acendeu um cigarro e aspirou sua fumaça com voluptuosidade. Notando meu olhar reprovador, citou-me um texto da filosofia Vedanta Advaita, atribuído ao mítico poeta Dattatreya: “Não se preocupe com os defeitos do mestre. Se for sábio, saberá extrair o que há de bom nele. Quando tiver que atravessar um rio, mesmo que a barca esteja pintada com uma cor feia, agradeça que ela o leve até a outra margem.”

Durante dois ou três dias me senti eufórico. Caminhava pelas ruas, vendo a cidade com novos olhos. Tudo me parecia luminoso. A cada passo me erguia na ponta dos pés. Devo confessar que me sentia iluminado. “Para que continuar vendo Ejo? Quando se resolve um koan, se resolvem automaticamente todos os outros. Não são verdades, são apenas caminhos diferentes que nos conduzem até uma única luz.” Porém, dois fracassos consecutivos me baixaram o facho.

Recebi uma visita de um rapaz, chamado Julio Castillo, que me disse:

– Mestre, quero que me ensine a iluminação.

Minha mente foi inundada por uma vaidade incontrolável. Vaidade que dissimulei, dando ao meu rosto uma expressão de santidade. Esse jovem, de olhar tão inteligente, havia percebido meu alto nível espiritual. Eu me esforcei para lhe explicar no que consistia o vazio mental, o desprendimento do desejo, do ego, a unidade com o cosmos, o aqui e o agora. Li para ele fragmentos dos sermões de

Huineng⁷ e mostrei-lhe fotografias de monges meditando, me sentei em postura zazen e o convidei a seguir meu exemplo. Julio Castillo, perturbado, murmurou:

– Desculpe, mestre, creio que não me compreendeu. Sou aluno de uma escola de teatro. Não vim pedir que você salvasse a minha alma, mas sim que me ensinasse como manejar os refletores para iluminar um cenário.

Eu me senti ridículo. Comecei a tossir para ocultar meu rubor.

Nesse mesmo dia, à noite, compareci a uma festa na casa da pintora surrealista Leonora Carrington. Uma personalidade fulgurante que contrastava com a de seu marido, um homem de expressão grave, que pronunciava pouquíssimas palavras, nunca com mais de duas sílabas. Enfiado em um grosso casaco preto apesar do calor, com uma boina caída até as orelhas, ele observava de um canto, como um marciano, a ruidosa reunião onde os copos de bebida se esvaziavam com elegante facilidade. Leonora me disse:

– Por favor, não pense que ele é um grosso, converse com Chiki (assim se chamava seu marido, Imre Weisz), ele sabe de tudo. Lê cinco livros por dia. Agora está reunindo documentos sobre a religião tibetana.

Por acaso eu havia aprendido, copiando-o de um mandala, um complicado *mudra* [posição sagrada das mãos]. Com os polegares estendia até meu peito os dedos mindinhos da mão oposta, unindo-os às minhas palmas, juntava os dedos anulares, elevando-os como uma montanha metafórica e, assentando-os com os indicadores dos dedos médios das mãos opostas, os colocava paralelos aos mindinhos. Realizei a complicada operação e com muito orgulho mostrei o *mudra* a Chiki, perguntando-lhe, para assim provocar sua admiração e iniciar uma conversa:

– O que é isso?

Indiferente, ele me respondeu com duas palavras:

– Dez dedos!

De repente, como um furacão que varre as imundícies, todas as metáforas desapareceram da minha mente. Por mais que enredasse meus dedos não obtinha uma verdade, mas sim um signo, tão inútil como o balbuciar de um retardado. Dez dedos são dez dedos, isso é tudo.

Eu lhe fiz uma torpe medida e fui afogar minha humilhação num copo de tequila. Decidi continuar meditando com Ejo.



– Como poderia caminhar em linha reta pelas quarenta e nove curvas da estrada da montanha?

Pensei um minuto, que me pareceu eterno. Uma resposta me veio aos lábios:

– Um labirinto é só a ilusória complicação de uma linha reta.

Takata bateu palmas com força. Não soube se estava aplaudindo ou indicando que eu havia adormecido e precisava despertar. Ele ordenou:

– Explique, poeta!

– Quero dizer que o fato de planejarmos como alcançar uma meta nos faz ver uma estrada reta como se fosse cheia de curvas.

Ejo sorriu.

– Vejamos qual é a resposta que nos dá o livro secreto. – E leu: – “O discípulo, inclinando-se para o lado e girando, serpenteia pelo quarto fingindo que sobe uma estreita trilha de montanha.” A seguir me disse: – Não fala uma só palavra. Simula uma ação. O que você conclui disso?

– Ejo, o monge nos mostra como nos complicam as ilusões (simbolizadas pelas curvas) e as dúvidas (simbolizadas pelas inclinações do tronco). Se nos libertarmos delas, vemos que o caminho que nos parece tortuoso é reto.

– Bem, apesar de poderosas as suas respostas poéticas, com elas você só faz anular a pergunta, sem chegar à essência. Se com palavras você vence as palavras, no final se vê num campo de

batalha cheio de cadáveres. Para dar uma explicação intelectual à resposta muda que propõe o sistema de Hakuin, você se perde no labirinto. O discípulo não quer demonstrar nada. Com a boca fechada ele se levanta, se inclina, avança fazendo curvas, sobe por uma montanha imaginária, mas não muda, segue vazio. É o que é sem se perguntar o que é. Conserva a unidade no meio das dez mil coisas... Se compreender isso, não vai custar nada para responder corretamente ao seguinte koan: “Como você tira uma pedra do fundo do oceano sem molhar as mangas?”.

Usando a técnica que havia aprendido quando menino, fingi que entrava no mar, que nadava até o fundo, que tomava entre meus braços uma grande pedra, que regressava à superfície e saía da água. Certo da exatidão de minha resposta, depusitei diante de Ejo a pedra invisível e esperei sua entusiasmada aprovação:

– Como se chama esta pedra?

Fiquei mudo. Depois gaguejei:

– Chama-se pedra... Chama-se iluminação... Chama-se Buda... Chama-se Verdade...

Podia ter continuado a buscar nomes. Ejo me fez calar, dando-me um golpe com seu bastão.

– Aprenda a morrer, intelectual!

Fiquei com raiva. Ele já havia me dito isto antes. Ejo me golpeou outra vez.

– A iluminação não é uma coisa. Não é uma meta nem um conceito. Não é algo que se obtém. É uma metamorfose... Se a lagarta pensasse que a borboleta à qual dá origem fosse asas e antenas que crescem nela, não haveria borboleta. A lagarta tem que aceitar desaparecer, transformando-se. Quando o maravilhoso inseto voa, nada da lagarta resta nele. Brinquemos: eu sou você e você é eu. Faça-me a pergunta.

Imitei seu sotaque japonês:

– Qual é o nome desta pedra?

Ele respondeu imitando meu sotaque chileno:

– Alejandro.

Compreendi: essa pedra era eu mesmo, identificada com meu nome, com meus imaginários limites, com minha linguagem, com minha memória. Tirar a pedra do oceano profundo – o mundo tal qual é: um sonho inexplicável – significa extrair minha identidade para me dar conta de que era ilusória, compreendendo que entre o mestre e o discípulo não havia diferença, que um era o outro, que a aparente multiplicidade era uma eterna unidade.

Arrebatei-lhe o bastão e dei-lhe um golpe em cada ombro. Ele me fez uma reverência, como se fosse meu discípulo, se encaminhou para a cozinha e voltou com uma grande garrafa de saquê.

– Agora vamos comemorar, mestre! – exclamou, servindo-me um cálice da saborosa bebida. Bebemos e repetimos.

Ejo estava alegre, mas via-se que se mantinha consciente. Eu também sentia minha mente aliviada; somente meu corpo, com os músculos relaxados, parecia viver, longe de mim, sua própria vida.

– Alejandro, a poesia, na forma como você a usa, é um jogo que eu não conhecia. Eu me divirto, vendo você anular assim os koans. É um sacrilégio. O que até é válido: sem sacrilégio o discípulo não se realiza. “Se encontrar um Buda em seu caminho, corte-lhe o pescoço.” Vejamos agora como você anula os dois principais koans da escola Rinzai!

– Ejo, neste estado de embriaguez não vou poder fazê-lo.

Sem ligar para mim, ele bateu palmas.

– Este é o som de duas mãos. – Ergueu a mão direita. – Qual é o som de uma só mão?

Levantei a mão direita e a coloquei diante da dele.

– O som de minha única mão é igual ao som de sua única mão.

Soltando estrondosas gargalhadas, o monge perguntou:

– O cão tem a natureza do Buda?

– O Buda tem a natureza do cão!

Balançando-se como se andasse sobre o convés de um barco, Ejo seguiu até a cozinha e voltou com outra garrafa. Encheu dois cálices e insistiu:

– Continuemos, é um bom passatempo.

Ficamos bebendo até que o céu escuro começou a tingir-se com raios de sol. Ele me lançou uma grande quantidade de koans. Não me lembro de todas as respostas, mas o que não esqueço é da imensa felicidade que senti ao unir-me ao mestre. No final já não me dava conta de quem fazia as perguntas nem de quem as respondia. No zendô não havia duas pessoas, mas sim uma só ou nenhuma.

– Não começa, não termina. O que é?

– Sou o que sou!

– Como aprende a morrer o intelectual?

– Transforma todas as suas palavras em uma cadela negra que o segue!

– A sombra dos pinheiros depende da luz da lua?

– As raízes dos pinheiros não têm sombra!

– Quão velho é o Buda?

– É tão velho quanto eu!

– O que faz quando não se pode fazer?

– Deixo que se faça!

– Para onde irá depois de morrer?

– As pedras do caminho não vêm nem vão!

– A mulher que avança pelo caminho é a irmã mais velha ou mais nova?

– É uma mulher que caminha!

– Quando não estará branco o caminho coberto de neve?

– Quando está branco, está branco! Quando não está branco, não está branco!

– Como sabe se está prisioneiro em um bloco de granito?

– Dou um salto e danço!

– Quem pode tirar a coleira do tigre feroz?

– Eu mesmo a tiro de mim!

– Pode me dizer aquilo sem abrir a boca?

– Mesmo que diga ou não diga, você mantém a boca fechada!

– Quantos cabelos você tem atrás da sua cabeça?

– Mostre sua nuca para que eu os conte!

– Todos os budas, do passado, do presente e o futuro. O que eles pregam agora?

– Agora bocejo de bêbado!

Guiando-nos um ao outro para evitar choques contra as paredes, saímos para a rua. Começamos a urinar contra um poste. Enquanto se aliviava, Ejo levantou uma perna, imitando um cachorro.

– O Buda tem a natureza do cão!

Fiz o mesmo e tivemos um ataque de riso. Quando nos acalmamos, depois de me fazer uma reverência de despedida, Ejo me disse:

– A Arte é o seu caminho, aceite como mestra a minha amiga Leonora Carrington... Ela não conhece nenhum koan, mas tem resolvido todos.

6 Rinzai Gigen, de nome chinês Linji Yixuan, nasceu em Nanhua e morreu em 866. Ainda menino entrou para um mosteiro, e foi na época da grande perseguição aos budistas (842-845) que ele ensinou e deu origem à escola que leva seu nome (Linji ou Rinzai), uma das grandes escolas do Chan (ou seja, o budismo zen chinês) junto com a escola Soto. A sua é considerada uma escola dura na disciplina, que fomenta a importância de transcender o pensamento dual e o ensinamento de koans no que é essa busca do Despertar, que deve chegar abrupta e repentinamente.

7 Huineng (6380713), ou Eno em japonês, foi o sexto (e último) patriarca na sucessão direta de Bodhidharma, que é considerado o patriarca que deu origem ao zen (ver nota 24).

3

A mestra surrealista



“Tudo consistia em um chamado lodoso e infinito, que ia sendo afogado pelas sombras da noite.”

VERDUGO A PLAZOS, SILVER KANE

Quando despertei, após dormir dez horas, chamei o mestre.

– Ejo, lembra do que me disse ontem? Talvez o saquê tenha soltado sua língua...

– Um grande poeta do antigo Japão escreveu: “Permanecer em silêncio para se fazer passar por um sábio é desprezível. Mais vale ficar ébrio e cantar bebendo saquê”. Um vate de seu país natal, Pablo Neruda, declarou: “Deus me livre de inventar coisas quando canto!” O que lhe disse ontem, repito hoje: vá ver a minha amiga Leonora.

– Mas o que me interessa é estudar com você...

– Não se iluda, Alejandro. Mente vazia não significa coração vazio. A perfeição é mente vazia e coração cheio... Você poderá se ver livre dos conceitos, mas não dos sentimentos. A cabeça você deve ir esvaziando. O coração deve ir acumulando e refinando, até chegar a esse estado sublime que chama de felicidade. Segundo o que me contou, ainda não solucionou o rancor contra a sua mãe. Ao se ver privado desse carinho essencial, continua sendo um menino revoltado que repele, excluindo o sexo, a figura da mulher em todos os outros aspectos. Acredita que só com os homens pode aprender. O arquétipo do Pai Cósmico preside seus atos. A grande Mãe permaneceu sepultada na sombra... Antes de continuar desentranhando os koans, vá depositar sua espada diante da flor, inclinar-se diante de quem, sem se dar conta, você sempre esperou. Você é um artista. Leonora também. É o ser que combina com o seu.

Deixe que ela lhe outorgue a mulher interior de que você tanto carece...

O pouco que eu conhecia da Carrington era através da *Antologia do humor negro*, de André Breton. Ali o escritor a apresentava dizendo: “As respeitáveis pessoas que, faz dez anos, a convidaram para jantar em um conceituado restaurante, ainda não se refizeram do mal-estar que sofreram ao constatarem que, sem deixar de participar da conversa, ela tirara os sapatos para untar meticulosamente os pés com mostarda”.

Eu sabia também que ela havia sido amante de Max Ernst. Quando o pintor foi encarcerado na Espanha pelos franquistas, ela teve um ataque de loucura. Ao se recobrar dessa experiência, descreveu-se em seu livro *Memorias de Abajo*. Nesse ínterim, derrubou para sempre os muros que separam a razão do mundo dos sonhos. Entre os pintores mexicanos, falava-se dela como se fosse uma personagem mítica, a encarnação do mais veemente surrealismo. Em uma festa, Luis Buñuel, seduzido pela beleza da Carrington e encorajado pela crença de que a artista havia superado a moral burguesa, lhe propôs, com sua rudeza característica, que fosse sua amante. Sem esperar um sim, entregou-lhe a chave de sua *garçonnière*, marcando um encontro para as três da tarde do dia seguinte. Leonora visitou o local mais cedo naquela manhã. Encontrou um apartamento sem a menor graça, semelhante em tudo a um quarto de motel. Aproveitando que estava menstruada, molhou as palmas das mãos no sangue e começou a imprimir mãos vermelhas nas paredes até decorar assim todo o impessoal espaço. Buñuel nunca mais voltou a dirigir-lhe a palavra.

Ao apresentar-me em sua residência, uma casa sem fachada, uma parede lisa com uma janela na parte de cima e uma porta exígua ao lado, na rua Chihuahua, me vi tremendo dos pés à cabeça. Uma timidez incontrolável, absurda, me impedia de apertar a campainha. Fiquei ali de pé, petrificado, por pelo menos meia hora. Sabia que ela estava me esperando, mas, diante daquela casa semelhante a uma prisão, era-me impossível agir. Passou por ali uma mulher baixinha, arrastando um carrinho cheio de legumes,

frutas e maços de cigarro, uma mulher de corpo forte e juvenil, porém de cabelos grisalhos e rosto marcado por profundas rugas. Ela me observou sem dissimulação.

– É você o rapaz mandado pelo japonês? Eu sou Kati Horna, húngara, fotógrafa, a amiga mais antiga de Leonora.

Acendeu um cigarro e, sem esperar minha resposta, se pôs a falar rapidamente, só se calando para dar uma breve tragada. Como tinha dificuldade para se expressar, pois seu espanhol era precário, esclarecia seu falatório com o auxílio de grandes gestos.

– Esta noite sonhei com três frases. Quando despertei foi como se tivesse parido elas. Já estavam na minha vida; uma espécie de cisto. Tudo que sei me vem em sonhos. As frases chegam totalmente feitas. Quando acordo, minha conduta muda, deixo um país, às vezes tento matar alguém. “Viver como uma estrela!”, “Eliminação do supérfluo!”, “Manifestação concreta!” O que acha? As estrelas brilham sem se preocuparem com a opacidade dos planetas. Nem o sol nem a lua usam adornos. A matéria contém tudo. A propósito, neste sobretudo trago algumas das minhas fotos. Quer ver?

Sem esperar resposta, ela as tirou do bolso e as fez desfilar diante de meus olhos a toda velocidade. Eram fotos de mendigos, de sobreviventes de campos de concentração, de doentes mentais, de mulheres da guerra civil espanhola, de meninos miseráveis. Todos com a cara de Cristo, todos esperando, com a certeza de não serem decepcionados...

– Os bons sonhos sempre se tornam realidade. – Sem me consultar, apertou a campainha e murmurou: – “Querer... Ousar... Poder... Obedecer...” – E se foi, sem se preocupar com o vento levantando sua saia de tecido ordinário.

Com um rangido de dobradiças enferrujadas a porta começou a se abrir. Entrei num aposento baixo, frio, escuro, hostil. Alguém no andar de cima estava puxando a corda que abria o ferrolho. Com a boca seca, comecei a subir as escadas. Eu havia acabado de

completar 30 anos. Ela, segundo revelara Breton, havia nascido em 1917. Quer dizer, eu ia me encontrar com uma mulher de 52 anos. Temi ser recebido por uma velha ávida com uma sombra em forma de tarântula. Nessa época, para mim, velhice rimava com feiura.

Tive uma agradável surpresa. Antes de mais nada, no alto da escada, mais do que uma mulher vi um ser. Mais que um corpo vi uma silhueta alargada que só pude definir como uma penumbra concreta onde brilhavam dois olhos penetrantes, plenos de um espírito com a força de um furacão, porém cristalinos. Parecia que seu olhar era feito de alma... Ante esse contato extremo, qualquer etiqueta ou máscara que eu pudesse levar comigo caíram como folhas secas. Entrar na mente de tal mulher era mergulhar para ressurgir batizado. Minha voz mudou, meus gestos recuperaram uma delicadeza esquecida, minha consciência se incendiou num vórtice de chamas. Soube que depois desse encontro nunca voltaria a ser o mesmo.

Ela me disse mais tarde, numa carta, algo que sentiu:

Você sabia que Leonora estaria em casa. Veio tomar o chá suspeitando que a experiência fosse aterrorizante. Você lavava as mãos três vezes mais que o normal, se perguntava por que ia procurar essa mulher rígida e poderosa que lhe dava medo. Você não chegava a saber se era mais eficaz ir ou deixar de ir sem dizer nada. Mas eu fazia já meus preparativos para poder petrificá-lo de respeito e saborear a sua vergonha, que exalaria um mau cheiro encantador capaz de me transformar em deusa por um certo tempo. Você entrou num quarto cabalmente calculado para provocar a claustrofobia, caminhando com dificuldade entre minhas armadilhas. Você se dava conta de que havia uma mancha de gema de ovo em seu casaco que começava a brilhar como um sol poente ante meu olhar. Desesperado, se perguntava se estava com a braguilha aberta. Não queria fazê-lo, mas eu o induzia a sentar-se num sofá entre os dois Anúbis do tapete com que estava coberto. Você só se permitia cruzar as pernas, qualquer outro movimento lhe parecia um ultraje. Olhava o chá e as bolachas secas em pânico porque se sentia observado cometendo o delito pornográfico de beber e, pior ainda, comer em minha presença... Nesse momento um passarinho desce pela chaminé e desaparece no meu decote. Seu coração bate com infinita compaixão porque compreende de imediato meu estado lamentável. À minha maneira, suplico-lhe que me liberte, uma libertação

que só você tem o poder de me dar. É você afinal quem vai pôr em marcha o acaso?

Essa descrição, ainda que em termos surrealistas, corresponde exatamente ao que senti naquele momento. Se do lado de fora a casa parecia uma prisão, o interior era a continuação mágica do espírito de Leonora. A pintora estava em cada móvel, em cada objeto, em cada uma das plantas que cresciam de forma exuberante em todos os cantos. Sentadas aqui e ali, havia bonecas altas e magras; algumas estavam penduradas no teto, balançando como pêndulos. Os cadeirões estavam cobertos por panos grandes nos quais brilhavam símbolos estranhos. No pano que cobria o sofá havia um desenho de dois macebos com cabeça de cão, acorados e se encarando. Autoritária, Leonora me indicou com uma mão coberta por uma luva branca, que me sentasse no meio deles. Depois me disse com um forte sotaque inglês:

– Ejo me contou que, entre muitas outras coisas, você é professor de pantomima. Quero que me mostre como você se mexe. Assim vou poder conhecer você melhor.

Nesse exato momento me dei conta de que a artista não trazia no corpo nenhum ornamento. Seu rosto carecia de maquiagem, não portava colares, nem pulseiras, brincos, anéis, nem relógios ou prendedores. Sua roupa era uma simples túnica negra. Ante essa consciência despojada de adereços, a pantomima me pareceu inútil, infantil, vulgar. Mexer-se para imitar levantamento de peso, puxar uma corda, investir contra o vento, criar com as mãos objetos imaginários e espaços planos, expressar sentimentos estereotipados, ou simplesmente mexer os membros como um robô, tudo isso me perturbou. Senti que estava coberto por um velho abrigo inútil. Se com o trabalho dos koans eu me dedicava a limpar meu intelecto de abstrações para chegar à mente pura, devia ao mesmo tempo esvaziar-me de gestos imitativos para chegar ao movimento puro. Eu me desnudei e, nesse espaço de outro mundo, onde debaixo do ar se escondia o silêncio, comecei a me mexer sem nenhuma finalidade. Unido com meu corpo, constituindo uma mescla de espírito e carne, deixei que o movimento, inspirado pelos olhos de

Leonora, me possuísse. Não sei quanto tempo durou aquilo. Um minuto, uma hora? Havia encontrado “o lugar”, conhecido o êxtase de me libertar do domínio do tempo. Logo me deixei cair no sofá e, sonolento, como se estivesse saindo de um sono profundo, me vesti. Ela, sorridente, sussurrou:

– Silêncio, não vamos afugentar o mistério. – E deslizando na ponta dos pés para não fazer nenhum ruído, afastou-se um momento e voltou com dois bules cheios de chá acompanhados de biscoitos *cream crackers*. Adoçou a bebida com mel. Depois, levantou a túnica que a cobria até os tornozelos e me mostrou uma pequena ferida na panturrilha. Com a colherzinha de chá e uma expressão infantil de feiticeira, rasgou a crosta e a encheu a colher de sangue. Cuidadosamente, para não perder nenhuma gota, levou a colher até minha xícara, despejou a matéria vermelha na bebida e me ofereceu. Bebi com a mesma lentidão e atenção com que se bebe em uma cerimônia japonesa do chá. Depois ela procurou numa caixa oval, tirou umas tesourinhas e cortou as unhas das mãos e uma mecha de cabelo. Guardou aquilo em uma bolsinha e a pendurou sobre o peito. Sussurrou:

– Você vai voltar.

Depois, ficamos mudos. Esse longo silêncio foi rompido pelos passos de Gaby e Pablo, seus filhos. Dizer “rompido” é ser injusto, deveria escrever “completado”. Esses dois meninos pertenciam ao estranho mundo da pintora. Não eram normais, mas sim diferentes. Tão belos e incompreensíveis como as pinturas da mãe deles. No sofá, cada um se sentou sobre um Anúbis, deixando-me no meio. Não estranharam minha presença, trataram-me como se me conhecessem de longa data. Pensei: “Somos irmãos: em meu corpo circula agora o mesmo sangue que o deles”. Enquanto os meninos devoravam os biscoitos, ela me deu uma chave da casa. Depois me acompanhou até a escada. Quando eu descia, ela me disse lá do alto, como se estivesse dando adeus:

– São nove portas. Vou abrir aquela em que bater.

Nessa noite não consegui dormir. Eram três da manhã e meus olhos permaneciam abertos. Estava possuído. Sentia essa mulher no meu sangue como uma barca navegando contra a corrente.

– Venha – me dizia com uma voz que parecia vir de um tempo antigo. Eu me vesti, corri pelas ruas até quase perder o fôlego, abri a porta, subi a escada em silêncio. De um quarto, que era seu ateliê de pintura, vinha a bruxuleante luz de uma vela e sua voz recitando uma litania. Eldra, o cão de guarda, agitando o rabo, me deixou passar sem grunhir. Vi Leonora sentada em um trono de madeira, cujo encosto era o torso de um anjo. Desnuda, coberta somente por um xale de preces rabínicas, com os olhos fixos, sem piscar, olhando para o infinito, como uma carranca da proa de um barco que emerge de uma antiga civilização, Leonora, fora do mundo racional, recitava em inglês. Parecia não me ver. Sentei-me no chão, diante dela. Pouco lhe restava de indivíduo. Pareceu-me estar possuída, ao mesmo tempo, por todas as mulheres que haviam existido. As palavras surgiam de sua boca como um inesgotável rio de insetos invisíveis. Recordo alguns desses versos:

I the eye that sees nine different worlds and tells the tale of each.

I Anuba who saw the guts of Pharaoh, embalmer, outcast.

I the lion Goddess who ate the ancestors and churned them into gold in her belly.

I the lunatic and fool, meat for worse fools than I.

I the bitch of Sirius landed here from the terrible hyperbole to howl at the Moon.

I the bamboo in the hand of Huang Po.

I the Queen bee in the entrail's of Samson's dead lion.

I the tears of the arcangel that melted it again.

I the solitary joke made by the snow queen in higher mathematics.

I the gipsy who brought the first greasy Tarot from Venus.

I the tree of wisdom whose thirteen branches lead eternally back again.

I the eleventh commandment thou shalt despise no being.

Mal me dei conta da chegada de Chiki. Com uma boina espanhola (a que usava dia e noite), um pijama listrado semelhante

a um uniforme de campo de concentração e um par de pantufas em forma de cabeça de lebre, costas largas, cara de judeu – húngaro, russo, lituano, polonês? – e um olhar de cachorro manso, sem se incomodar com minha presença, dando-me a sensação de que me via como um móvel a mais, pôs suas mãos grandes nos ombros frágeis de Leonora e com doçura infinita a ergueu para conduzi-la, passo a passo, até o dormitório. Eu o vi recostá-la em um leito de madeira cuja parte dos pés era mais alta que a cabeceira. Chiki foi dormir na outra cama. Leonora, deitada de costas, continuou murmurando seu interminável poema até que adormeceu. Vaguei por toda a casa, imerso na escuridão, como uma sombra sem corpo. O sono de Leonora, do marido dela, de seus dois filhos e do cão era profundo. Ninguém desconfiava de mim. Minha presença lhes parecia natural. Ou eu não existia para eles ou era um fantasma ou talvez um boneco a mais. Deslizei de um quarto a outro, realizando algo que desejava há muito tempo: transformar-me num homem invisível para observar a intimidade dos seres sem nenhum compromisso. No quarto do casal iluminado pela luz da lua, pude ver uma grande pintura a óleo: um retrato de Leonora pintado por Max Ernst. Ela, muito jovem, formosa, com um vestido verde-escuro açoitado pelo vento, parecia estar à espreita em meio a um bosque de árvores negras. O menino Gaby, junto a uma pirâmide de livros de poesia, dormia abraçado a uma princesa de madeira que sobre o crânio tinha por coroa uma meia-lua. Na mesa de trabalho do menino Pablo, pregado com alfinetes sobre uma caixa de bombons, jazia, com o ventre aberto e as vísceras à mostra, o cadáver de um grande sapo. Vários bisturis e outros instrumentos cirúrgicos estavam expostos na sua biblioteca, ocultando livros que ensinavam técnicas de mumificação. O cão Eldra, desperto mas sonolento, acomodado entre os dois Anúbis, mordida contentemente uma estatueta da Virgem de Guadalupe. No porão úmido descobri um laboratório de fotografia. As paredes estavam cobertas com fotos de batizados, primeiras-comunhões, aniversários, casamentos e funerais. Era assim que ganhava a vida Chiki, o antissocial, fotografando grupos em que todos tinham a mesma cara. O conjunto de retratos parecia um formigueiro. Quando a escuridão começou a

cessar e deixei de ser uma sombra, incômodo em meu corpo denso, voltei à casa.

Passaram-se três dias, nos quais não pude fazer nada. Estirado em uma rede, passava as horas deixando que minha mente, como o estômago de um bovino, ruminasse as experiências naquele lugar em que se habitava dentro de um âmbito regido por outras leis que não a da razão.

Às cinco da manhã, fui despertado por uma chamada telefônica de Leonora. Falou muito rápido e baixo, quase sussurrando, como uma conspiradora:

– Você já não se chama mais Alejandro. Chama-se Sebastián. Cuidado, estamos sendo vigiados. Para consolidar nossa união vamos cometer uma travessura sagrada. Levante-se e alugue um quarto no Hotel Reforma. Só aceite o de número 22. Não fique com medo de nada: pelas leis do Santo Acaso, esse quarto estará disponível. Chegarei lá às nove da manhã. Vá vestido de preto, como se estivesse de luto – e cortou a ligação sem me deixar dizer uma só palavra.

Tomei banho, lavei o cabelo, me perfumei, vesti roupas de baixo limpas e um terno recém-chegado da tinturaria. No caminho comprei uma dúzia de rosas vermelhas e, vencendo minha timidez mas pigarreando como um culpado, pedi o quarto 22, sem nenhuma esperança de consegui-lo porque o Hotel Reforma estava invadido pelos participantes de um congresso.

Para minha surpresa, o quarto que solicitei era o único disponível. Ali me instalei, esparramando as rosas sobre a colcha de retalhos multicolorida que cobria a cama. Cerrei as cortinas para fazer sumir na penumbra a feiura do recinto, deixando acesa somente a luz do abajur, que cobri com a fronha de um travesseiro para transformar seu penetrante resplendor em uma discreta aura rosada.

Lavei as mãos, que não cessavam de transpirar, a cada cinco minutos. Meu sexo foi invadido por uma frialdade cadavérica. A

possibilidade de ter uma ereção me pareceu inalcançável. Os medos ancestrais do incesto com a mãe haviam me castrado. Pensei em Ejo, depois me sentei em postura de meditação e, repetindo *Om* sem cessar, esvaziei meu cérebro de outras palavras.

Às nove em ponto, sete discretas batidas na porta me anunciaram a presença de Leonora. Tentei correr para abrir, mas minhas pernas estavam rígidas. Arrastei-me como pude, dando chutes no ar para expulsar as formigas que invadiam meus músculos e, com a boca seca, abri.

Diante de mim estava uma nova Leonora. Vestida, como eu, toda de preto, mas com sapatos de charão verde e a cabeça coberta por um véu, ela se movia com a graça de uma mocinha de quinze anos. Sua voz também havia mudado: já não tinha os tons graves de uma sacerdotisa, mas soava cantante, embebida em uma encantadora timidez. Trazia duas caixas cúbicas, uma forrada de papel prateado e a outra com papel dourado.

Depois de fechar a porta, ela se certificou de que o ferrolho de segurança nos protegeria de qualquer invasão abrupta, em seguida me pediu com um sussurro que lhe tirasse o véu. Assim o fiz, lentamente, com mãos trêmulas.

Pela primeira vez a vi maquiada, de forma discreta, porém sensual. Tinha nos cabelos, muito bem ordenados, como forma de adorno, cinco escaravelhos verdes de verdade. Sentamo-nos à beira da cama e então me dei conta de que havia me equivocado ao julgar suas intenções. Não havia nada de sexual na sua atitude. A travessura que me havia proposto não era um adultério. Respirei com alívio. O que sentia por ela nada tinha a ver com o desejo animal ou o amor romântico. Minha alma desejava unir-se com a alma dela. Minha consciência racional desejava submergir no espírito sem limites de Leonora. Queria simplesmente saborear a soma da loucura sagrada...

Leonora abriu suas caixas. Da dourada extraiu um crânio de açúcar – que os mexicanos usam para celebrar seus defuntos no primeiro de novembro – com um “Alejandro” gravado na frente. Da

caixa prateada tirou outro crânio com um “Leonora”. Passou-me o que a representava e ficou com aquele que tinha meu nome.

– Vamos nos devorar um ao outro – me disse e deu uma mordida na caveira açucarada. Fiz o mesmo com a minha. Fitando-nos nos olhos, esquecidos do mundo, de nós mesmos, de tudo, fomos comendo lentamente esses crânios. Em dado momento, o rosto dela desapareceu e no seu lugar surgiu o meu. Ela, como se dando conta dessa alucinação, me disse:

– Agora sua cara é meu espelho.

Ao terminarmos nosso estranho desjejum, ela pôs o véu, com um dedo sobre os lábios cobertos, e exalou um sopro que me ordenava o silêncio, colocou na minha mão um de seus escaravelhos, abriu a porta e se foi.

No dia seguinte, Kati Horna me trouxe uma carta.

– É de Leonora. Se abrir a porta da casa dela, eu rogo a você que não deixe entrar as abelhas, porque elas vêm de Vênus: são capazes de transformar Leonora em mulher. Se por desgraça fizer ela chorar, deve saber que as lágrimas dela não são líquidas, mas sim duras e frias, de gelo, armadas com pontas geométricas que podem cegá-la.

Junto com o envelope violeta, ela me entregou uma pequena boneca de madeira: uma deusa barbuda, com chifres. Depois de pôr em minhas mãos um peixe chamado huachinango, que extraiu de um bolso da saia de pano grosseiro, bateu uma foto minha. Depois, retrocedendo, desapareceu.

Percebi que minhas mãos tremiam ao ler a carta:

“As marcas de seus pés descalços desenharam à sua frente, já faz muito tempo, o labirinto que é seu caminho. Ouça: por necessidade absoluta voltei a encontrar minha mãe, a Aranha. Ofereci à minha língua seus múltiplos braços peludos. Em cada pelo brilhava uma gota de mel. ‘Lambe!’ Obedeci. Então me ofereceu sua teia para vestir minha sombra e a sua. Venha!”.

Corri até a casa dela. O espírito de Leonora me fascinava. Em seu universo, o pensamento se concentrava até converter-se em uma pedra escura submergida no oceano fosforescente de um inconsciente sem barreiras. Uma multidão de estranhos sentimentos e seres povoava essas profundezas, alegrias semelhantes a terremotos, angústias e terrores disfarçados com belas cobertas, anjos tão finos quanto fios intermináveis, demônios asquerosos, mas cômicos. Dissimulado no forro do envelope violeta, encontrei um esclarecimento:

“Descobri as qualidades maravilhosas da minha sombra. Ultimamente se desapega de mim graças às suas forças voláteis. Às vezes deixa marcas de pés úmidos. Mas, confesso, a todo momento durmo envolta nela e só em raros momentos obtenho um despertar.”

Fui encontrá-la em seu ateliê, pintando uma grande tela. Ao me ver, exclamou:

– Sebastián, não se mexa, quero que entre em meu quadro!

Ali, nessa tela, me vi com um corpo alargado, um grande crisântemo negro em lugar da cabeça, dois enormes olhos no peito, pálido, levando sobre minhas costas um anão de crânio redondo e achatado como um prato de sopa. O pequeno ser, de corpo azul-celeste, indicava com um gesto de dúvida frenética três caminhos que conduziam a outros espaços. Depois de posar imóvel durante duas horas, me atrevi a me mexer para observar os outros quadros que se amontoavam apoiados contra as paredes. Em um deles vi, em meio a esboços cabalísticos, flutuar um retrato a óleo, tão realista que parecia uma fotografia, da cabeça de María Félix. Soltei uma exclamação de surpresa. Leonora compreendeu de imediato.

– Não creia que sou capaz de dominar um estilo que detesto. A célebre atriz insiste em pagar um alto preço por um retrato com a minha assinatura. Mas eu não sei copiar a realidade. Ela quer que o rosto dela seja desenhado com exatidão, milímetro a milímetro. O resto não lhe importa, entrega à minha imaginação. Vê esse furo na parede? É por ali que José Horna, o marido de Kati, enquanto a diva posa, a observa e desenha. Ele não tem fantasia, mas sim uma técnica incrível para reproduzir a matéria. Como está vendo, a única

coisa que falta à cabeça de María é falar com essa voz de escaravelho negro que ela tem. Penso em criar três corpos transparentes superpostos, no meio de um bosque mágico. O contraste entre o meu estilo com limites difusos e esse rosto denso fará nascer um demônio angélico. Sua alma ficará contente com a minha, o narcisismo dela com o do meu amigo... Mas não creia que eu despreze José. É um ser extraordinário, um cigano espanhol de olhos cor de esmeralda. Eu o conheci faz muitos anos. Veio me ver porque, sendo nessa época um humilde carpinteiro, havia sonhado comigo. Viu-se no interior de uma catedral frente a uma altíssima coluna. Olhando para cima, distinguiu os olhos de uma serpente. O réptil, pesado e liso, com o corpo branco coberto de mensagens proféticas, começou a descer e, como um suspiro, passou perto dele. Adquiriu a minha forma. Dei meia-volta e, com um sorriso, disse para ele: “Eu vou embora, siga-me sempre”. José obedeceu à serpente branca de seu sonho. Atrás de mim, veio com Kati para o México. Faz muitos anos que são meus vizinhos. Ela cuida das minhas plantas, ele esculpe minhas bonecas, fabrica meus móveis e as molduras dos meus quadros. Sei que os olhos verdes dele pertencem ao unicórnio escondido no Tarô...



María Félix
(até os cães a desejam)

A pintora devia entregar o retrato em sete dias: a atriz tinha que viajar para a Europa e queria deixá-lo instalado em sua luxuosa residência. Durante esse período estive chegando às seis da manhã e assistia a uma atividade febril. Enquanto Leonora, para deixar que as formas fluíssem sobre a tela sem seu controle, movia os braços com um pincel em cada mão, pintando ao redor do famoso rosto duas coisas de cada vez, me formulava estranhas perguntas que me passavam a sensação de serem koans surrealistas:

“Todas as coisas vivem do meu fluido vital, desperto quando você dorme, se me levanto o enterram. Quem sou?”

“Logo nos transformaremos em dois fidalgos venezuelanos bebendo chá dentro de um aquário. Por quê?”

“Um pássaro vermelho me olha. No meu ventre se forma uma gota de mercúrio. O que significa?”

“Um ovo transparente, emitindo raios como as maiores constelações, é um corpo mas também uma caixa. De quê?”

“Só com lamentações amargas conseguiremos derramar uma lágrima. Esta lágrima é uma formiga?”

O que eu podia responder? A cada pergunta que me fazia, eu me erguia na ponta dos pés e deixava meu corpo dançar.

No térreo havia um jardim retangular, cheio de plantas com flores e árvores que se elevavam até o segundo andar. Kati se encarregava de regá-las ao mesmo tempo em que fotografava cada flor, cada folha, cada inseto. Logo a ouvimos gritar, chamando-nos. Pensamos que havia sofrido um acidente. Leonora, Chiki, Gaby, Pablo, José, o cachorro e eu descemos a escada como uma multidão angustiada. Kati, intacta, fotografava uma crisálida.

– Vejam! Esse é o momento divino! A lagarta está morrendo e a borboleta está nascendo. O que é o ataúde para uma é o berço para a outra. Mas se a lagarta deixou de ser, a borboleta ainda não é. Em resumo: não há quem seja. Estou fotografando o nada...

Quando um inseto cor de fogo se elevou para voar em meio às flores, Kati murmurou:

– O nada se tornou denso. Nasceu uma nova ilusão.

Leonora comentou:

– Nós também deveríamos nos abrir como a crisálida para emergir novos, os pelos eriçados semelhantes a raios de luz, inimaginavelmente outros.

O retrato ficou pronto a tempo. A cabeça de María Félix, de um realismo consternante, flutuava como um planeta surdo e cego sobre um mágico corpo triplo. O mundo pintado por Leonora vibrava com êxtase; nele, a clássica cabeça, satisfeita com seus limites, parecia um cárcere.

– Vou entregar a pintura hoje, às nove da noite. Vou oferecer uma ceia para ela e alguns amigos. Quero que você me ajude a cozinhar.

Leonora, com um traje repleto de pequenas estrelas, encerrada na cozinha tendo-me como único espectador, começou a preparar o banquete. Em cinco penicos (novas, claro) serviria quinze quilos de caviar, três em cada uma. Fiquei espantado ao pensar na fortuna que isso custaria. Leonora, com um sorriso maroto, me mostrou como falsificava o caviar: sobre grãos de tapioca cozida vertia tinta de polvo. E assim, de modo tão simples, obtinha um saboroso caviar... Logo me explicou como preparava a sopa:

– Fazendo encantamentos com uma incessante voz de leão, sobre rochas selvagens preparo minha sopa olhando certas estrelas. Compõe-se de ingredientes simples: meia cebola rosada, uma lasca de madeira fragrante, alguns grãos de mirra, um ramo grande de menta verde, três pílulas de beladona cobertas de chocolate branco suíço e uma grande rosa-dos-ventos, que, para economizar, afundo apenas um minuto e depois retiro. Quando o sirvo, acrescento um cogumelo chinês conhecido como Nube, que tem antenas como os caracóis e só cresce nos excrementos das corujas.

Às nove da noite em ponto chegou a grande dama. Os convidados, exclusivamente homens, para evitar que a atriz se sentisse com concorrência, a olharam paralisados. Eram quatro pintores, dois escritores, um cineasta, um banqueiro, três poderosos intelectuais e eu, o décimo-segundo, um diretor de teatro considerado pelos outros como um marciano. Chiki, que odiava essas recepções mundanas, havia-se refugiado com os filhos e os Horna na penumbra vermelha de seu laboratório fotográfico. O resplandecente quadro, sobre um atril, reinava coberto por um véu, no meio do salão. María Félix, ao natural, era muito mais impressionante que na tela do cinema. Seu espesso cabelo cor de azeviche, a figura delgada, os passos de rainha, a atitude viril e castradora, sua embriagante beleza mexicana, suas joias barrocas, o luxuoso traje de noite e sobretudo o brilho imperial de seus olhos, unido à sua lenda de louva-a-deus, eram de tirar o fôlego. Um silêncio testicular inundou o recinto. Leonora o rompeu dando um puxão no véu que, como um enorme pássaro, voou sobre nossas cabeças até se chocar contra os vidros da janela e cair amarfanhado no chão.

A Félix, soltando um grito de admiração, plantou-se diante da tela, exibindo as costas nuas. Depois girou lentamente e, de um altíssimo trono, lançando um fogo invisível pelas pupilas, nos fitou nos olhos, um por um, com a intenção de nos derreter. Deteve-se em Eldra. Com grande satisfação, exalou pela boca uma frase cálida, que se estendeu no ar como uma cobra: “O cão também me deseja”.

Ao ouvir isto, senti uma emoção parecida com a de uma tela quando se rasga. Recordei o que Sara Felicidad, minha mãe, me havia dito quando eu estava com sete anos: “Depois de fazer meus olhos incharem a pancadas (porque lhe pareceu que havia olhado com desejo para um cliente da venda), seu pai me violentou, deixando-me grávida. Desde então odiei seu pai e não pude mais amar você. Quando você nasceu, mandei ligar as trompas”. Cruel constatação, fui um feto não desejado. Por isso vivi sentindo que nada era meu. Para que o mundo nos pertença, devemos pensar que nos deseja.

Só aquilo que nos deseja é nosso. María Félix, sentindo-se desejada até pelo cão, era uma rainha, possuía tudo.



María Félix, retratada por Leonora Carrington

A partir desse momento me esforcei para me convencer de que o mundo desejava minha existência, incluindo no mundo a humanidade inteira, passada e futura. Meu pai e minha mãe se

identificavam com suas personalidades adquiridas, influências familiares, sociais e culturais. Suas ideias loucas (herdadas dos pais e ancestrais) lhes provocavam sentimentos negativos, desejos insanos e necessidades inúteis... Acreditavam que não haviam me desejado, não haviam me amado. Mais que como um feto, haviam me visto como um tumor. Protegido pela placenta recebi o ataque de anticorpos que queriam me assassinar... Mas a vida que me fora outorgada resistiu a esses embates. Algo misterioso, imenso, desde o começo dos tempos havia decidido que eu existiria. Porque desejavam minha presença no mundo, todas as forças do universo confabularam para que eu nascesse. Cada ser vivente é um triunfo do desejo cósmico.

Eu havia me aproximado de Leonora com a esperança de ser amado, pedindo uma mãe perfeita tal como vinha fazendo desde o berço na base de gritos e choros. Pedia e pedia, mas, crendo que nada era meu, me abstinha de dar. Se o mundo não me desejava, como poderia receber meu amor? Só havia aprendido a desejar a mim mesmo, e para isso me dividia em dois ou mais.

Fui para a cozinha. O aspecto frívolo do mundo de Leonora me afogava. Em poucos minutos ela chegou, usando uma cabeça de veado como chapéu.

– Não minta para mim, Sebastián. Ouvi como o véu do tempo se rasgava. Agora vive em você uma força que me é estranha. Vai ter que me perdoar, mas vou me retirar. Tenho medo de que você solte uma abelha no interior dos meus espaços secretos.

Compreendi: nossa relação chegava ao fim. Sem dizer uma palavra, sem olhar para trás, descii a escada e saí da casa dela. Naqueles anos, o céu da cidade do México estava limpo e as estrelas brilhavam tanto quanto a lua cheia. Um grito me deteve. Parecia o lamento de uma ave cujas entranhas estavam sendo arrancadas.

– Pare, Sebastián!

Era Leonora que, tendo corrido para me alcançar, fora tirando a roupa à medida que avançava. Seu corpo, banhado nessa luz espectral, era prateado. Ela me disse numa voz tão doce que parecia vir de uma colmeia mais antiga do que a terra:

– Antes que se vá quero que saiba que sua aparição, absolutamente essencial para mim, ultrapassa os limites pessoais, os corpos celestes que brilham nas cavernas dos deuses animais ou o que murmura o louva-a-deus entre meus cabelos. Ultrapassa aquilo e talvez mais ainda, sempre sob a ameaça do corpo humano. Falo sumida no tempo. Esse cordão umbilical só existe se nós permitirmos sua existência. Você sempre pode cortar ele; mas, na medida em que o quiser, ele estará ali. Para você sou exatamente o que deseja. Mas nunca creia que possa me perder, se meu comportamento mudar em relação a você. Isso poderia acontecer, porque posso também ser a sua avó barbuda e sem dentes ou seu espectro ou um lugar indefinido. Se alguma vez eu me retirar, por razões humanas ou não humanas, não deve jamais ter medo de me procurar, porque sempre saberá me encontrar quando assim o desejar. Mais tarde nos comunicaremos de uma maneira tão perfeita que os terrores e debilidades se transformarão radicalmente em pontes. Enquanto isso os caminhos permanecem cálidos e abertos. Se por acaso cortar por um tempo a comunicação convencional, eu estarei aqui sempre que você desejar, porque os elementos subterrâneos não dependem de modo algum da nossa vontade.

Inquieto, respondi:

– Cubra-se, Leonora. Pode passar alguém...

Ela se curvou, como se houvesse levado um soco no ventre, e murmurou:

– Você ainda não compreende: eu sou a lua...

Chiki chegou trazendo um agasalho de astracã. Sem se dignar a me olhar, ele a cobriu e, tomando-a delicadamente entre seus braços, passo a passo, como se segurasse uma ânfora aberta cheia de um líquido precioso, foi carregando Leonora.

Começou a amanhecer. Era a hora em que Ejo Takata se levantava para meditar. Tomei um ônibus que vinha repleto de meninos. Com seus arcos de brinquedo começaram a atirar flechas em mim. Logo surgiu na minha mente: “Sou um São Sebastião atravessado pelos koans”.

Furioso, regressei ao zendô.

4

Um passo no vazio



“– Este é um lugar sagrado – gemeu o pastor.

– Ótimo. Assim, no meio do silêncio, a bala fará mais barulho.”

NO HABRÁ TIROS!, SILVER KANE

Ejo me recebeu com uma reverência.

– Leonora o colocou na ponta do mastro mais alto. O que fará para continuar avançando?

Um fluxo de sangue me tingiu o rosto de vermelho. Respondi com raiva:

– Cabeça para baixo, descerei até tocar a terra.

O japonês balançou entre a aprovação e a desaprovação.

– Sua resposta pode ser correta se sentir que ao subir pelo mastro vai em busca de uma ilusão. Se pensar “Não há nada mais além, tudo que é tem de estar aqui” e regressar. Mas qual é a verdadeira natureza desse “aqui”? Não é também o mundo uma ilusão? Pelo contrário, se ao chegar à ponta do mastro, no extremo onde o pensável se dissolve no impensável, se você teme a obscuridade da alma e por isso regressa ao solo, no conhecido, à miséria da armadilha racional, sua resposta merece uma bastonada...

– Pare de brincar de gato e rato e me diga qual é a resposta que dão seus mestres!

– Eles dizem: “Para avançar dou um passo atrás, no vazio”. Ousam continuar subindo, se atrevem a penetrar no desconhecido, onde não há indicações nem medidas, onde o eu desaparece, onde a consciência se eleva por cima do mundo, sem tentar mudá-lo, até perceber aquilo que não se resume à palavra. Aí você fica sem

definições, nada, você é somente o que é sem perguntar quem é, sem se comparar, sem se julgar, sem sede de honrarias, compreende?

Respondi sarcástico:

– Compreendo! Meu ser verdadeiro, eterno e infinito, ele sabe tudo! Meus bolsos inumeráveis estão cheios, não tenho necessidade de nada!

Para acalmar-me, o monge me fez ajoelhar e me deu três golpes em cada omoplata com seu *kyosaku* [bastão]. Quando, imitando a modéstia, juntei as palmas das mãos e inclinei a cabeça, grunhiu:

– Se assim é, resolva este outro koan: “Como faz para apagar uma lâmpada que está a mil quilômetros de distância?”.

A resposta me veio depois de angustiante concentração:

– Estendo um braço que tem mil quilômetros de comprimento!

Não soube se Ejo me olhava com piedade ou desprezo.

– Acredita compreender, é astuto, mas a ambição o cega. Na sua resposta, insinua “Minha mente não tem limites, pode chegar ao infinito”, sem se dar conta de que pôs a lâmpada fora de você. Pensa que é ela, mas não é!

Percebi meu erro e fiquei envergonhado.

– Qual é a resposta do livro?

– “Sem dizer uma palavra, o discípulo ergue a mão e, tamborilando com as pontas dos outros dedos sobre a do polegar, imita uma chama. Depois sopra sobre ela, dando a entender que a está apagando”. Não há distância. A lâmpada é a sua mente. Quando você apaga ela, ela se ilumina.

– Tem uma coisa que não entendo: por que devo apagar uma lâmpada que para mim é símbolo do conhecimento, da tradição?

– Os símbolos não têm significado fixo, mudam segundo o nível de consciência de quem os examina e do contexto cultural onde

aparecem. A lâmpada da qual se fala aqui não é levada por um Buda, ela é consumida em outro local afastado e não há ninguém que possa apagar ela, o que é uma perda de combustível. A sabedoria que você chama de “tradicional” está longe de sua essência, brilha sem nada iluminar em você. Se você é noite insondável, não necessita de teorias que o iluminem. Esses “ensinamentos” adulteram sua obscuridade. Convertendo-se em erudito, você alonga o braço mil quilômetros, afastando-se cada vez mais do seu centro. O intelecto que arde inutilmente e que você não sabe apagar é feito de definições nascidas do medo ao impensável... O seguinte koan que se segue se refere precisamente a isso: “Uma prostituta salvou um espírito do mundo do sofrimento enchendo uma vasilha com água, depois tirou seus colares e pingentes e os submergiu nela. Como você o salvaria?” Diga-me!

– A resposta me é evidente, Ejo. Eu o salvaria livrando-me daquilo com que me enfeito: pensamentos oportunistas, sentimentos vaidosos, luxos inúteis, autodefinições indulgentes, exibição de medalhas e diplomas...

– Basta! Uma vez mais você remove a superfície acreditando que está escavando fundo. Escute a resposta tradicional: “O discípulo imita a angustiada cara de um espírito e, unindo as mãos, clama: ‘Por favor, salve-me!’”. O espírito que a meretriz vê é a imagem dela mesma. Ansiosa para conquistar clientes, ela se livra dos adornos e joga eles na água que apresenta o reflexo do rosto dela. Ao desfazer-se deles, considerando que eles são semelhantes ao reflexo, a rameira controla seus desejos, a sedução parece inútil para ela, sua ilusória individualidade desaparece... Buda, vendo o presente como o mundo do sofrimento onde o ego está amarrado pelos desejos, decretou sua vacuidade. Abominando a enfermidade, a velhice e a morte, decidiu escapar da roda de reencarnações e nunca mais crescer... Mas não poderia essa ilusão chamada “ego” ser um elemento necessário para a perfeita realização? Não poderia o nascimento ser considerado uma festa? Não poderia a vida ser a felicidade? Não se poderia aceitar que a existência efêmera é um grau da existência eterna? Se o Deus impensável está em tudo, o

sofrimento nada mais é que um conceito e a consciência um tesouro que nos é outorgado eternamente. Só se pode perder o que não é um mesmo. A gente é o que se é para sempre. Enquanto o corpo envelhece, o espírito vai aparecendo. O tempo é nosso amigo, nos traz sabedoria. A velhice nos ensina a não nos aferrarmos à matéria. As margens de um rio não tentam imobilizar o transcurso das águas. Por que temer as enfermidades? São nossas aliadas. Os males corporais, ao revelar-nos problemas que não ousamos enfrentar, curam as enfermidades da mente. Medo de perder a identidade? A soma de todas as identidades é nossa identidade. Medo de sermos abandonados? Se estamos com nós mesmos, estamos acompanhados. Medo de não sermos amados? Liberdade é amar sem pedir que nos amem. De ficarmos encerrados? O universo é nosso corpo, dominamos ele por completo. Medo de outro? Ele é o nosso espelho. Medo de perder um combate? Perder um combate não é perder si mesmo. Medo da humilhação? Se vencermos nosso orgulho, nada nos pode humilhar. Medo da noite? A noite sempre está unida ao dia. Medo da esterilidade? A alma é nossa filha suprema.

Ejo se interrompeu e soltou uma gargalhada estrondosa. Depois abriu o leque e começou a se abanar.

– Caí na armadilha e comecei a vomitar palavras. Tenho a língua suja. E você as orelhas. Vamos até a cozinha, onde tenho uma garrafa de um bom saquê. Vamos beber entregando-nos à única resposta válida para todas as perguntas: o silêncio.

Cerimoniosamente, aquecemos o destilado de arroz e, à medida que o bebíamos, nossa mudez foi-se adensando. Nesse silêncio pesado vi Ejo mais japonês do que nunca. Seus olhos rasgados me fitavam com uma intensidade de sáurio. Não sei se foi algo real ou o efeito do álcool, o fato é que de imediato senti que seu espírito, como um animal predador, tentava se apoderar do meu cérebro. Sacudi a cabeça com violência.

– Pare de ler a minha mente!

Ejo se deixou cair de costas, levantou as pernas e soltou um peido que fez tremer as paredes de papel. Depois, pegando o livro secreto, leu:

– “Certa vez chegou à capital da China, vindo da China, o mago Daiji. Disse que possuía o raro poder de ler as mentes. O imperador Daiso ordenou que seu velho instrutor, Etchu, verificasse o que dizia o monge. Quando Etchu se viu diante do estrangeiro, este se inclinou e deu um passo para a direita. Etchu disse para ele: ‘Se tem o poder de ler a mente, diga-me onde estou agora’. Daiji respondeu: ‘Você, o mestre de uma nação, como pode ir para o rio Oeste para assistir a uma corrida de barcos?’ ‘Diga-me aonde estou agora!’, repetiu Etchu. ‘Você, o mestre de uma nação, como pode permanecer na ponte Tenshin vendo os macacos fazendo suas travessuras?’ Etchu repetiu pela terceira vez: ‘Diga-me onde estou agora!’ Depois de tentar durante um longo tempo, o mago não pôde encontrar o mestre. Etchu gritou para ele: ‘Pobre raposa! Onde está a sua habilidade para ler a mente?’ Daiji não respondeu. Então Etchu disse ao imperador: ‘Majestade, não se deixe enganar por estrangeiros!’”.

Ejo fechou o livro e me gritou:

– Agora responda você! Para onde foi o mestre?

Os vapores do álcool desapareceram. Senti que uma onda fria percorria o meu corpo. Ejo me pegara de surpresa. Uma multidão de explicações chegou a galope em minha mente. Exagerando minha embriaguez, falei aos borbotões, descobrindo, à medida que ouvia minhas próprias palavras, que era o que eu pensava.

– Vejo um palácio monumental, finos trajes de seda, intendentess, concubinas, sacerdotes, banquetes suntuosos, implacáveis guerreiros, músicos sublimes e, acima desse mundo imponente, a impressionante figura do imperador, um estadista genial, o mais poderoso dos homens. Mas o grande mandatário, capaz de fazer e desfazer o mundo, se comporta como um menino diante de seu mestre. O que pode ensinar um sábio a quem possui tudo? Talvez

ensinar a ele a morrer... Do oeste, região misteriosa onde o sol se oculta, chega um mago cujo hábito o define como sagrado, precedido de uma fama tão grande que consegue ser recebido pelo imperador. O que deseja? Com toda certeza, graças à sua faculdade de ler a mente, fascinar o imperador e converter-se no conselheiro da nação, desbancando o velho instrutor. O mandatário, com essa astúcia que permitiu que obtivesse o poder, se dá conta do propósito audaz do mago. Que esse mago possa ler os pensamentos não indica a qualidade moral que tem. Decide colocar ele à prova confiando a tarefa a Etchu, seu instrutor espiritual. Primeira derrota para o mago: negam a ele o contato direto com sua presa imperial. Vê-se diante do espírito mais desenvolvido do país. Quando o velho sábio se apresenta a ele, inclina-se, reverência que poderia ser sincera, mas ao mesmo tempo dá um passo à direita e dessa maneira mostra sua hipocrisia, visto que recusa o encontro frente a frente. Etchu, como todo mestre zen, meditou quase toda a sua vida, reduziu suas necessidades, apaziguou suas paixões, encheu seu coração de paz, renunciou aos próprios pensamentos, sabe que as palavras não são aquilo que designam, não tem uma mente pessoal, nele se manifesta o espírito universal, sem possuir nada sabe ser responsável e, portanto, servidor, através do imperador, da nação e, através dela, da humanidade inteira. Sua obra não estará terminada até que todos os seres vivos alcancem a suprema Consciência. Para desmascarar este mago que se acredita astuto, mas que só é capaz de captar umas imagens ilusórias tomando-as como certas, cria um rio onde se realiza uma corrida de barcos. Assim como o queijo atrai os ratos, as competições, esportivas ou guerreiras atraem os humanos que não se libertaram do egoísmo. Ao perceber que Etchu abandona os interesses do país para ir apostar longe da corte, Daiji o acusa de ser um mau instrutor para desprestigiá-lo perante o imperador e tomar seu lugar. No fundo, o mestre permaneceu como sempre, onde está, sua mente não é um objeto que vai e vem, e é o espírito do adivinho o que foi enviado ao rio Oeste. Depois cria uma imagem de si mesmo vendo macacos. As travessuras que fazem esses símios se assemelham aos gestos humanos. O homem vulgar é um

imitador: sem cessar, como uma ave predadora, espia as ideias dos outros para apropriar-se delas sem ter vivido essas ideias. O sábio coloca um espelho diante do espírito imitador do mago. “Como é possível que alguém com cargo tão importante tenha ido ver as piruetas dos macacos!”, exclama Daiji sem se dar conta de que Etchu nesse exato momento está em frente a ele, vendo as piruetas simiescas que faz o seu “onisciente” espírito... Sem se dar conta daquilo, com esta segunda prova, o mago se sente seguro de ter triunfado. Pensa que aonde quer que vá o velho, ele saberá onde encontrar ele. Sua vaidade faz ele crer que já possui o desejo do imperador. Então Etchu passa às coisas verdadeiras. Apaga de sua mente toda palavra, toda imagem, todo sentimento, todo desejo, toda necessidade. Não vai a lugar nenhum, é tudo sem que nada pertença a ele, está aqui, está ali, está em cada lugar ao mesmo tempo, o ego se evapora no ar, o espelho desaparece... O mago, perplexo, não encontra nessa mente nada que mostre o reflexo dele, seus escarcéus se perdem num abismo. Não pode ler um espírito individual que não existe...

“É uma armadilha, Ejo! Se me pergunta aonde foi o mago, está depreciando minha capacidade de compreensão. Não vamos a parte alguma, não somos a imagem de nós mesmos que nossos sentidos fabricam. Não há um ator que se mova em relação a um espectador. A unidade excluiu toda dualidade, todo deslocamento.”

Ejo bateu com seu leque fechado na palma da mão esquerda.

– Bravo! Você parece uma gigantesca marreta demolindo tudo. Mas o que me diz agora...?

E, dizendo isto, torceu o meu nariz. Soltei um grito de dor e o empurrei, ofendido. Ele me disse, brincalhão:

– Se não há existência individual, quem gritou? Quem me empurrou? – Sem me deixar responder (sabia que eu não tinha ainda o nível para encontrar a resposta), continuou: – No começo, ao explicar com tantos detalhes a situação, você se colocou em posição de mestre e me falou como se eu fosse um aluno. Bom

exemplo de vaidade. Depois, caiu na armadilha de idealizar o instrutor, descrevendo ele como um ser perfeito, capaz de anular os poderes do mago. No nosso livro, quando perguntam ao discípulo aonde foi o mestre, ele, com expressão insultante, exclama: “Que incompetente patético!” Depois vem um comentário que pode deixar você perplexo: “Ao ser Etchu descoberto fora da corte duas vezes por Daiji, o ódio corrói todo seu ser”. Na sua versão você cometeu o erro de supor que o mago só pôde ler os pensamentos que o mestre evocou para testar ele. Mas o comentário sugere que Etchu atuou nas duas primeiras vezes conforme seu papel de professor do imperador. Foi o instrutor da nação quem pôs à prova Daiji, ou seja, que Etchu não se comportou como ele mesmo. Quando se vê surpreendido pela primeira vez, sua dignidade recebe um golpe, fica ofendida. Na segunda ocasião, pergunta com o espírito perturbado pela ira. Motivo pelo qual Daiji pode ler sua mente outra vez. Somente na terceira vez é que Etchu, percebendo seu erro, abandona o conceito *oficial* sobre si mesmo, se desapega do desejo de satisfazer o imperador, quer dizer, abandona toda a pompa cortesã para ser simplesmente Etchu. Entra no estado não mental. O que não é desaparecer completamente, mas sim separar-se do passado e do futuro para ser nada mais que a mente do momento... Se faz calor, calor. Se faz frio, frio. A mente não cria um problema fora da situação de uma maneira absolutamente imediata. O que não exclui a sensação desagradável de calor ou frio, só que o espírito não permanece ruminando essas sensações assim que o estímulo termina, entende? Vamos lá, torça o meu nariz!

Com dificuldade, porque ele tinha um nariz muito pequeno, eu o torci. Ejo soltou um grunhido de dor. Saltou para trás. Depois sorriu sem o menor rancor.

– Quando sinto dor, ela ocupa a minha mente. Quando já não sinto dor, nada ocupa a minha mente. Etchu se faz ser insultado porque insulta o mago. Tratando ele como uma “pobre raposa”, nega que tenha o poder de ler os pensamentos. Em vez de aceitar-se ilimitado, regressa outra vez à sua qualidade de instrutor imperial. O ódio o invade. Que incompetente patético! Devemos agradecer a

quem nos coloca em situação comprometedoras denunciando nossas debilidades, porque isso nos dá a oportunidade de chegar mais perto do que realmente somos. Enfim, diga-me rápido: qual é a principal debilidade?

A pergunta de Ejo me desconcertou – como todas as suas perguntas, sempre lançadas como tiros justo no momento em que minha mente, ocupada com outros temas, não as espera. Tive a sensação de cair desde uma altitude onírica até o solo plano da realidade... As debilidades se apresentaram para mim em vários níveis: morais, físicos, sexuais, emocionais... Uma avalanche de destroços caiu sobre mim, senti a minha própria essência como precária. Diante da morte inevitável, quem pode alegar ser forte? Com um fio de voz, respondi:

– Minha maior fraqueza é ter nascido.

Nunca poderei descrever o olhar que Ejo me lançou. Durou milésimos de segundo, mas me reduziu a pó. Tornou-me consciente da minha profunda ignorância. Em vez de agradecer a essa revelação, tal como Etchu, a raiva me transtornou. Tive vontade de deixar aqueles olhos de cobra inchados a socos.

Sem a menor reação, com a doçura com que se fala de uma criança, Ejo me sussurrou:

– Que incompetente patético!

Nesse momento, de repente, achei que entendia o koan. Senti na própria carne o que Etchu havia experimentado. Dominei minha ira. Uni as palmas das mãos e inclinei a cabeça.

– Obrigado, sensei.

– Nada de reverências, ainda não nos aprofundamos o bastante! Aqui vai um koan capaz de jogar você no verdadeiro abismo. Ouça: “Por que num templo de Kioto há um gato na pintura que representa Buda entrando no Nirvana?”

Respondi com uma pergunta:

– O gato é habitante do Nirvana? Pertence ao Buda e faz companhia a ele? Está chegando ali por sua própria conta e topa com o Iluminado? É uma resposta ao koan de Joshu: “Sim, o gato tem a natureza de Buda!” Ou é um puro símbolo? Esses felinos chegam na escuridão, são caçadores noturnos. O Buda viu na noite escura da alma, desentranhou todos os mistérios. Mas se é pintado entrando no Nirvana, isto quer dizer que ainda não está ali. Talvez o gato simbolize a natureza animal da qual o Buda ainda não se desfez. Quando o gato desaparecer, Buda ocupará para sempre o centro do Nirvana. Ou então, ao contrário, o verdadeiro Buda é o gato, natureza animal, e o Buda um de seus sonhos. Isto então quer dizer que não há um Buda espiritual; que o que se ilumina é nosso corpo quando nos reconhecemos como simples animais?

Ejo respirou como se estivesse se afogando e começou a abanar-se com extrema velocidade.

– Que aluvião de palavras! O saquê delira pela sua boca. Deixe que o silêncio o amordace e ouça o que o bom discípulo responde ao mestre no livro secreto: “E por que não há um rato aqui? E por que não tem uma esposa?”. Ele não cai na armadilha. Em troca, você vive afogado em suas especulações. E por que não há um rato ou um monge com cara de garça ou um cavalo branco devorado pelas monjas, ou um coração com oito patas de fogo ou uma montanha de excrementos parindo mariposas? E por que você não tem uma mãe que voa contra o vento? Existe um gato nessa pintura simplesmente porque o pintor pintou um gato! Quantos gatos, budas e nirvanas você carrega na sua mente?

Fiquei com a boca seca. Senti que nunca mais ia poder pronunciar uma palavra sem asco. Peguei uma almofada preta de meditação, subi as escadas e me sentei no meio do terraço, com as pernas entrecruzadas e as mãos abertas, as palmas voltadas para o céu, observando o raiar do dia. Desejei que essa clara luz limpasse tudo que carregava em minha memória. O ilusório Tocopilla... Empoleirado sobre a rocha, assolado pelo calor, trespessado pela sede, comprimido entre a cordilheira e o mar, com sua Biblioteca

Municipal, quarenta metros quadrados, paredes cobertas de livros, espaço onde passei minha infância, sem amigos, sem o carinho dos meus pais, lendo o que pudesse para preencher a solidão, primeiro Nirvana que me perseguiu por toda a vida. Fui de um lado para o outro, Santiago, Paris, México, carregando caixotes com toneladas de livros, recriando o nostálgico espaço infantil... O interior dos teatros, outro Nirvana. O cenário e os assentos vazios, a pequena lâmpada de emergência derramando uma luz fraca, o silêncio grave como se houvesse sido usurpado de um templo, a absoluta ruptura com as desgraças do mundo. Território pessoal, palácio privado, um Nirvana que, nos momentos das representações, se povoava de gatos e gatas. Atrizes caprichosas, divos ególatras, críticos invejosos, administradores ladrões, funcionários corrompidos... Eu os atraí, os busquei, os provoquei, os meti em minha vida querendo converter-me em um artista célebre, depois em um sábio louvado e sedutor. Sombra que persegue a sombra, ânsias de subir ao ápice público, que me aplaudam, que me vejam sem pestanejar, que deem prêmios, que o mestre me declare “rôshi”, que Deus mesmo penetre por meu umbigo e me insemine para que possa parir um espírito perfeito... Isto é o que fui até agora: um pintor de budas e gatos entrando uma e outra vez em um inalcançável Nirvana, sem chegar nunca ao seu centro!

Tentei chorar, tentei vomitar, não pude. Dentro das minhas pernas se agitou um exército de formigas. O céu estava vermelho. Os olhos, inchados pelo sono, coçavam. Senti-me vazio, mas não limpo. Havia sido ao mesmo tempo um espectador e um ator, ambos enfermos. O koan havia chegado como um vendaval, varrendo as nuvens escuras que impediam o espectador de saber que era ilimitado e impessoal. Contudo, o ator continuava sendo o mesmo. Saber-me ignorante, vaidoso e cheio de defeitos causava-me grande sofrimento. Sentia um vazio insuportável dentro do peito. Eu nunca havia sido capaz de amar, porque não sabia como amar a mim mesmo.

Sem perceber, talvez pela fadiga da insônia, meu corpo baixou ao zendô. Logo me deparei com Takata, sentado em sua plataforma,

meditando. Eu me permiti interrompê-lo:

– Ejo, eu me vou para sempre. Sou um fracasso. Não mereço sua amizade...

O japonês, como se sentisse em seu próprio peito a minha tristeza, colocou as palmas à altura do coração e me propôs um novo koan.

– Quando o mestre Kyo-o abandonou seu mosteiro da montanha, recebeu um fogo como presente de despedida. Como fez para poder levá-lo?

Sem responder, saí da pequena sala de meditação e, sentando-me diante da porta que dava para a rua, comecei a calçar os sapatos. De que me serviria responder? Qualquer coisa que eu dissesse, o mestre zombaria de mim. Se a única resposta possível a um koan não se dá com palavras, mas sim com a atitude íntima de viver plenamente no presente, para que então se dar o trabalho de resolver perguntas absurdas? Senti-me frustrado. Não podia me impedir de pensar que esse fogo que ofereciam a Kyo-o era a iluminação espiritual, que ele aceitava realizando-a. Não se ia embora do mosteiro manifestando uma rejeição; muito pelo contrário, deixava-se o mosteiro que nem uma mariposa deixando o casulo que não serve mais, onde, sendo larva, realizou sua metamorfose. Kyo-o era um vencedor. Eu, um perdedor. O que é a iluminação? Qualquer um tem possibilidades de encontrar o que conhece, mas como encontrar aquilo que ignora por completo? Na realidade havia acreditado na possibilidade de obter algo intangível, imaginando-o como um objeto, um maravilhoso presente, um fogo que me encheria a mente consumindo tudo, meus conceitos, a imagem de mim mesmo, minha realidade fundada em espelhismos. Mas Ejo Takata, a não ser pancadas e sarcasmos, não me tinha dado nada. “Não sou nada, não sei nada, não posso nada.” Comecei a chorar convulsivamente. Ejo Takata me acariciou a cabeça.

– Sabe o que Kyo-o fez quando ofereceram para ele um fogo como presente de despedida? Abriu uma manga do quimono, dizendo: “Por favor, ponham-no aqui”. Às vezes, dar é saber receber. Às vezes, oferecer é não dar. E quem pode dar para você aquilo que você já tem? Por acaso a iluminação é uma moeda que pode ser passada de mão em mão? Como se pode oferecer um fogo sem a lenha que o produz? A vida é o óleo que impregna a tocha e essa tocha é você, é você que está ardendo. Quando se consumir, já sem ser mais lenha nem chamas, voltará a ser cinzas, pó que vai se espalhar ao vento. E essas cinzas serão iguais às minhas, às de Kyo-o ou às de Buda... Com toda a sua energia, você sempre buscou possuir algo. Aceitou alguma vez?

– Na verdade, minha cabeça está cheia e meu coração vazio. Perdi a capacidade de receber sem barreiras, privando-me desse fogo que a palavra “iluminação” perverteu. Desejo mudar, mas não me pergunto por que quero mudar nem em que aspiro me transformar. Tento eliminar os sintomas, não a causa do sofrimento. Entre a variedade de dores escolho a menor. Não imagino sentir-me bem, só aspiro a não ficar muito mal... E quanto à alegria de viver? Alguma vez cada novo dia chegará a ser uma festa? Resolverei o koan principal, o de aceitar a morte? Poderei dizer como o velho mendigo: “Sou muito mais que Deus porque nada sou”? Sinceramente, não creio.

Murmurei um triste “Arigatô!” [obrigado] e abandonei o zendô, decidido a não voltar. Enquanto caminhava de volta para a minha casa pela interminável avenida Insurgentes, um rapaz moreno, afeminado, de menos de quinze anos, vestindo calças justas e camiseta sem mangas, me abordou com um sorriso incerto:

– Se me der vinte dólares, sou seu.

A frustração dissimulada que acumulava por meus fracassos no zen atingiu-me como um maremoto. Dei um soco no peito do pobre rapaz, que caiu sentado. Quando se levantou, eu o persegui por quase um quarteirão, dando-lhe chutes na bunda. Depois, ainda com raiva, segui em frente falando sozinho:

– Também mereço uns chutes no rabo! Sou um prostituto espiritual esperando que Buda venha me possuir e em troca me dê uma iluminação! Basta! Meditar, imóvel como um cadáver, não me serve de nada! Tenho de ser sincero comigo mesmo: devo confessar o que realmente procuro!

Nesse mesmo dia os irmãos Gurza, donos de diversos animais que alugavam para os estúdios cinematográficos Churubusco, como de hábito envoltos pelos eflúvios da maconha, me comunicaram:

– A Tigresa viu sua foto numa revista. Gostou de você e quer conhecê-lo.

Fiquei atônito. Irma Serrano era uma famosa cantora popular, de uma estranha beleza conseguida através de numerosas plásticas, milionária e, segundo os boatos, amante do presidente da República, do qual se dizia que tinha um olho caído porque ela, num acesso de ciúmes, lhe quebrara uma cadeira na cara. Apesar do medo, decidi visitá-la naquela mesma noite, em seu teatro. “Talvez a Tigresa seja o que ando procurando: uma fêmea feroz que me ajude a fincar raízes neste México que tanto me fascina!”.

As garras da tigresa



“Sua voz era estridente e áspera. Parecia o ruído da tampa de um ataúde mal fabricado.”

LA HIJA DEL ESPECTRO, SILVER KANE

Atrás da antiga Central dos Correios, entre cantinas, salões de bilhar, grandes bancas de frutas e abomináveis prédios de apartamentos, como uma flor absurda, abria suas portas o teatro Frufrú. Ao fundo de um extenso corredor, com as paredes cobertas de fotos da Tigresa, se elevava um cubículo gradeado: a bilheteria. Lá dentro, Gloria, prima da estrela, contava o dinheiro da sessão já iniciada. Para minha surpresa, pois nunca havíamos sido apresentados, ela saiu do seu cubículo e me abraçou com entusiasmo.

– Já me inteirei do que aconteceu com seu filme no festival de Acapulco. O público queria linchar você. Parabéns! Minha chefe terá muito prazer em vê-lo. Ela adora os escândalos!

Gloria me acompanhou até o interior do teatro. Com orgulho me mostrou um amplo salão-bar, decorado em “estilo francês”, onde reinavam duas cores: roxo escuro e dourado. Anjinhos, decorações floridas, cadeiras Luís XV, palmeiras-anãs, cortinas de cetim, cartazes frívolos e, entre essa miscelânea, uma estátua de 1,80m de altura, que representava a Tigresa nua. Tinha o busto estreito, os braços filiformes e quadris volumosos que se apoiavam sobre pernas colossais. Tamanho mau gosto me pareceu cômico, mas o riso morreu em meus lábios, quando Gloria, apontando para o chão, disse:

– Aqui embaixo estão enterrados três carneiros que minha chefe, para obter prosperidade, degolou em uma cerimônia em honra de Satanás. Desde então, todos os espetáculos têm tido lotação esgotada.

Em seguida, me introduziu na sala e me ofereceu uma cadeira. Os assentos estavam ocupados por um público de aspecto popular, homens, em sua maioria. Um odor de sovaco e incenso de igreja pairava no ar.

– É o último ato de *Nana*. Uma rameira mantida por condes e banqueiros, que vive como se fosse rica, é por fim abandonada por todos porque cai doente de varíola... Ao final da sessão, eu vou levar você ao camarim.

Nana, num quarto miserável, estendida sobre sacos de batatas cheios de algodão, com um véu escuro cobrindo seu rosto purulento, entoava uma canção de adeus à vida quando um gordo bêbado, sentado na primeira fila, começou a exigir-lhe um nu completo, gritando “Pelada! Pelada!”. Afundei no assento. O populacho ia ali para se excitar – nos teatros de revistas as coristas costumavam chamar um espectador, “se você for tão macho...”, para que as possuíssem em cena – e não para padecer com a cantoria medíocre daquelas que apareciam cobertas dos pés a cabeça... A Tigresa o olhou furiosa enquanto continuava a cantar, sem que sua voz se alterasse. Os gritos de “Pelada!” ficaram mais intensos, revezando-se com “Tetas!” e “Bunda!”.

A mulher agonizante saltou do leito e abandonou o palco. Não demorou a voltar, brandindo uma pistola de grosso calibre cujo cano encostou na cabeça do gordo.

– Olhe! Filho da grande puta que o pariu: eu vou perturbar você quando está trabalhando? Então não venha aporrinhar a gente, os artistas! Se não calar a boca, vai parar no inferno com um buraco no meio da testa! Entendeu?

O bêbado, com o ventre apoiado na borda do palco, beijando os pés da Tigresa, respondeu com voz infantil:

– Sim, mãezinha.

Uma ovação ensurdecadora apoiou a Tigresa. Esta, ainda com a pistola na mão, se recostou sobre os sacos de batatas e terminou a canção. Um silêncio religioso a acompanhou até cair o pano,

vermelho e dourado como todo o resto. Foi aplaudida com entusiasmo, com fascinação, com desejo, com medo. O que mais se empolgou batendo palmas foi o gordo.

Gloria veio me buscar e me deixou em um canto do cenário.

– Minha chefe está se refrescando. Depois vai dar autógrafos e depois vai receber você. Quer encontrar com você a sós. Enquanto isso, Chucho vai ficar com você.

Chucho tinha longos cílios postiços, lábios pintados de um vermelho vivo e estava com o punho direito engessado. Não sabendo como reagir ante suas piscadelas promíscuas, perguntei-lhe por que estava engessado.

– Oh, na cena em que a Tigresa canta e dança, apalpada por seus admiradores, apertei a perna dela com força demais! Ficou furiosa e com um só gesto, ali, diante do público, quebrou o meu pulso. Caí desmaiado. E, mesmo que não vá acreditar, puxando-me pelos cabelos, ela me arrastou para fora do palco!

Fiquei com a boca seca. A ansiedade aguçou meus sentidos. Notei que os assistentes de palco, ao me verem junto a Chucho, faziam comentários obscenos acerca da minha virilidade. Ofendido, me encaminhei até o camarim da diva e dei uma batida forte na porta. Uma voz, rouca e brincalhona, me convidou:

– Entre, se tem coragem.

Era o mesmo que entrar na jaula de uma fera. Com uma mulher assim, bastava vê-la um segundo para não esquecê-la jamais. A avaliação carniceira de seus grandes olhos parecia desprovida de piedade. Uma vasta cabeleira negra emoldurava um rosto de moça interiorana, transformado, por hábeis cirurgias plásticas, no de uma princesa asteca. Até seus dentes estavam limados para, sem arestas angulares, fazê-los parecer facas minúsculas. Dois seios inflados de silicone torturavam uma bata quase transparente. Suas pernas, muito mais grossas que o normal, descansavam sobre a mesa do toucador. Apoiada contra o espaldar de uma cadeira de vime, ela me olhava no espelho. Na sua testa, mais para a direita

que para a esquerda, brilhava uma mancha pintada sem muito esmero. Pensei que essa falta de precisão se devia às suas longas unhas postiças. Sua idade? Impossível calcular. As plásticas a haviam situado na casa dos trinta, mas podia já ter seus quarenta. O que dizer de sua voz? Cada uma de suas palavras navegava em um grunhido surdo. A qualquer momento suas frases poderiam se converter em punhaladas. Tentei dominar minha timidez.

– Tinha muita vontade de conhecê-la, senhora. Parabéns pelo espetáculo.

– Se quer se dar bem comigo, nunca minta, seu corno! Quando atuo, observo todo o público. Enquanto eu chorava, percebi que você segurava o riso. Claro, este não é seu cinema de vanguarda... Mas, enfim, eu também queria conhecer você.

Encolheu as pernas e as deixou cair. Seus sapatos de salto agulha produziram no chão um rangido que pareceu um lamento.

– Ficar de pé me cansa. Os recheios que levo nas panturrilhas pesam dois quilos. Mas a plebe vai à loucura quando mostro elas.

Do guarda-roupa atulhado de trajes cobertos de lantejoulas extraiu uma garrafa de mescal em cujo rótulo havia um corvo pousado sobre uma caveira.

– Vamos ver se é mesmo macho...

Pegou dois copos toscos e encheu com a bebida corrosiva.

– Dê um trago!

Aceitei o desafio e tomei de um gole a dose abundante. Ela fez o mesmo. Voltou a encher os copos. Ordenou de novo:

– Dê um trago! – E outra vez engolimos o mescal. – Não desista, aguente.

– Claro que aguento, senhora, e muito mais que você!

Já na sétima dose, a garrafa, vazia, expeliu um halo esverdeado.

– Está chamando sua irmã – disse a Tigresa e colocou ao lado outra garrafa, cheia.

Embora já estivesse embriagado, agarrando-me à cadeira, continuei bebendo. Ela começou a discursar, passando com dificuldade de uma frase a outra.

– Sou o que eu quero, essa é a minha lei. Quando cheguei aqui, vindo do interior, me sentia indefesa perante os homens. Por sorte, Diego Rivera me fez posar para seus murais: uma tarde chegou da serra um índio que o pintor conhecia muito bem. “Trago-lhe aqui, patrão, uma boa carne humana. Asseguro-lhe que o cristão era saudável. Eu mesmo o matei”. Diego assou o pedaço sanguinolento, cortou em pedaços pequenos e, com um acompanhamento de cebola, coentro e pimentas verdes, fez uns tacos que compartilhou comigo. Mastigar essa delícia fez despertar em mim a fera adormecida. Eu podia comer os homens... Fazer eles caírem de joelhos diante de mim... Para isso só precisava transformar meu corpo até que encarnasse os sonhos masculinos... Seios grandes? Terão grandes peitos. Nádegas enormes? Aumentei as minhas com trezentas injeções de silicone... Pouco a pouco, à medida que minhas canções faziam sucesso, pude pagar cirurgias faciais para ajeitar o queixo, engrossar os lábios, alisar as pálpebras, fazer implantes capilares, estreitar a cintura... Caralho, fabricar um corpo tem tanto valor quanto pintar um quadro! Sou filha da minha vontade. Em minha figura nem Deus manda... Seja como for, já mandei Deus à merda e fiquei com o Diabo... É muito mais útil. Compra a alma, que não vale nada, e dá em troca o poder, que é tudo nesse mundo, não concorda? De qualquer modo, não importa o que você diga, está se arriscando comigo. Tenho um dono muito ciumento...

Em meio às brumas do álcool, lutando contra minha língua engrolada e o desejo de possuir essa fêmea ativa, comecei a recitar um koan:

– Qual é o caminho?

– Não sou um trem para sabê-lo. E você, sabe?

Essa pergunta, lançada com desprezo, me fez perceber a minha confusão mental. O corvo e a caveira, a vida e a morte, o bem e o mal, a verdade e a mentira. Como escolher? Ao querer conquistar a todo custo a consciência, havia perdido o caminho. Comecei a lacrimejar e balbuciei a resposta do mestre Haryo:

– “Por ser um olho aberto, caí no poço”.

A Tigresa caiu na gargalhada. Apoiou-se tanto no espaldar da cadeira que caiu para trás. Deitada de costas, com as pernas abertas, mostrando-me a escura boca que todos os mexicanos desejavam ver, ela me disse:

– Muito bem, abra os olhos, esqueça esse maldito caminho e se deixe afundar no meu poço. Mas estou avisando a você: ele não tem fundo.

Bruscamente, minha razão se dissolveu. Sem pensar nas consequências, inclinei-me até a fera, levantei-a com grande esforço – pesava como se fosse de pedra – e assim, semidespido, deixei-a subir nas minhas costas. Ela riu como uma criança. Cambaleando, saí com ela do camarim. Sem parar de rir, ante os olhos atônitos dos contrarregras, bailarinas e mulheres seminuas, atravessamos o teatro rumo à rua. Gloria correu atrás de nós:

– Cuidado, rapaz. Coloque ela rápido no carro, antes que o Califa fique sabendo e mande fazer picadinho de vocês!

Uma grande limusine prateada, com o chofer vestido como um caipira, parou diante de nós. Fiz a dama embarcar e me sentei ao lado dela. Começamos a nos acariciar com a brutalidade de bêbados. Uma lâmpada no teto nos iluminava lugubrememente. Ela gritou para o chofer:

– Apague essa luz, seu viado!

– Não posso, patroa. Recebi ordem de mantê-la sempre acesa...

– Ninguém fica me vigiando!

Ela quebrou a lâmpada com um soco. Depois, secando o sangue do nó dos dedos no forro do assento, vociferou:

– Baixe essa porra de retrovisor! Se ficar nos espiando, arranco os seus olhos!

O chofer, servil, baixou o retrovisor e passou a se orientar pelos espelhos laterais. Já sem testemunhas, tentamos fazer amor na penumbra, mas acabamos dormindo.

Quando acordei, havia perdido a noção do tempo. A Tigresa roncava com a cabeça apoiada em meus joelhos. A limusine atravessava as ruas solitárias de um bairro de gente rica, onde não se viam fachadas, mas sim altos muros escondendo as mansões. Paramos diante de uma larga construção de cimento imitando um castelo medieval. O portão principal começou a baixar como uma ponte levadiça. A Tigresa despertou de imediato e me olhou com estranheza. Pensei que ia me morder. Sorriu e depois espreitou o exterior do carro.

– Caminhe agachado, ocultando o rosto, e entre depressa. Não deixe que fotografem você. O Califa colocou espiões na casa em frente.

Assim fiz e entrei no antro. Deparei-me com um diabo enorme, com asas abertas e um comprido falo. Aos pés dele havia oferendas florais, frutas de marzipã e bastões de incenso. Como no Frufrú, tudo era vermelho e dourado.

A Tigresa esperou até que uma anciã, vestindo uma manta indígena, fizesse girar a manivela que levantava o portão. Depois me pegou pela mão.

– O chofer vai dormir na limusine. Quando você for embora, acorde ele e diga para arranjar um táxi. De modo algum ele deve levar você para casa. Acho que também é um espião. Se souberem onde você mora, poderiam enviar capangas para castrar você! Venha.

Ela me conduziu através de seu castelo. Na sala de jantar só cabia uma enorme mesa chinesa e mais doze cadeiras com monges e dragões. No salão-bar vi um brilhante toca-discos dos anos 50 e biombos adornados com fotos de presidentes da República,

destacando-se entre eles Gustavo Díaz Ordaz, com sua enorme boca e olhinhos de iguana fanática.

Atravessamos um pequeno jardim de cactos e chegamos à porta do dormitório. Recostado no umbral, descansava um tigre! A surpresa me fez retroceder. Ela soltou uma risada cruel.

– Quem sai na chuva é para se molhar. Acaricie o dorso dele. Se grunhir, é sinal de que aceitou você. Mas se não gostar de você... Nem sei o que dizer.

Embora o animal não fosse muito grande, os pelos da minha nuca se eriçaram e um tremor sacudiu o meu corpo. Contudo, por orgulho, estiquei a mão e comecei a alisar o dorso da fera, que não só grunhiu como também, dando um giro sensual, me ofereceu o ventre. A Tigresa disse, brincalhona:



Irma Serrano (a Tigresa) com Salgari
(um de seus animais de estimação)

– É uma jaguatirica inofensiva. Mandeí que extraíssem os dentes e as garras dela.

E foi me empurrando para o dormitório.

O leito era redondo, com lençóis de seda cor de sangue. Como cabeceira tinha uma concha de molusco, dourada, para variar, de três metros de altura por dois de largura. De um dos lados pendia um coldre com um enorme revólver.

– Bem, a visita turística terminou. Agora tire a roupa...

Depois de acender uma vela violeta, apagou todas as luzes. Vi-me estendido no círculo sedoso junto à Tigresa nua, imóvel, como se estivesse morta. Tentei excitá-la percorrendo com minhas mãos úmidas o seu corpo liso e frio. Não tive a sensação de estar tocando em carne. Seus seios, pernas e glúteos eram duros, como de mármore. Tal passividade desintegrou minhas ilusões eróticas. Em breves segundos, meu falo tornou-se um mero pênis. Ao ver tal fracasso, sem um assomo de piedade, ela exigiu:

– Você deve fazer tudo, eu não tenho que fazer nada.

– Mas... Assim não é possível. Depois do mescal, do cansaço, do perigo, se você não colaborar fica muito difícil...

– Cale-se, não quero ouvir desculpas! Se isso não levantar, chamarei a imprensa e todo o México vai saber que você é impotente!

A ameaça era séria. Ela era muito bem relacionada com a imprensa amarela. Se eu não desse no couro, seria humilhado em manchetes garrafais...

Concentrei-me como nunca. Vasculhei em meu museu de sonhos pornográficos, abri as portas a tudo em mim que fosse animal, e ao cabo de um curto, mas angustiante tempo, consegui a ereção. Temendo que o fenômeno fosse fugaz, montei sobre a estátua e, ajudado pela saliva, comecei a penetrar em sua indiferente vagina. Ela me deteve.

– Calma, artista. Já me demonstrou que é capaz. E o mais importante, também demonstrou a si mesmo. Isso basta. Não preciso do seu esperma. Prefiro que me dê o seu talento. Com isso firmamos um contrato. Vamos trabalhar juntos num grande projeto. Mas agora me deixe dormir e se vista o mais rápido que puder. A qualquer momento, a qualquer hora, pode chegar o Califa. E o que é dele... é dele. Passe no teatro amanhã.

Ela colocou tampões nos ouvidos, fechou os olhos, virou-se de bruços e caiu num sono tão profundo que parecia uma implosão.

Apesar de ser uma mulher cobiçada por milhares de mexicanos, não só graças às suas curvas, artificiais ou não, mas pela lenda que a alçava a puta presidencial, única categoria feminina que podia competir em popularidade com a Virgem de Guadalupe, a Tigresa havia-se transformado no topo da minha pirâmide mental. Autêntica guerreira, sabia sobreviver nesse mundo regido por políticos corruptos, talvez cedendo seu corpo, mas, para fazê-lo sem desdouro, mantendo distância dele, transformada num ser insensível e implacável. Tinham razão os cidadãos ao colocá-la, na escala da popularidade, junto à Virgem morena, porque essa mulher, em espírito, era de uma pureza impenetrável. Seduzi-la, conseguir acender seus desejos, converter-me na alma de seu castelo interior, me parecia impossível. Sabia que o presente era para ela um tabuleiro de xadrez onde tentaria me mover como um simples peão. E isso me fascinava. Queria ver de que modo iria me usar. E de que maneira eu ia transformar essa humilhante situação em vitória. Um verdadeiro koan!

Enquanto esperava no cenário que a atriz terminasse de dar os autógrafos obrigatórios, Chucho se precipitou em minha direção:

– Não sei por que, mas fui com a sua cara. Por isso quero avisar você: essa mulher é uma verdadeira maga. O chofer dela, que sabe muitas coisas, depois de receber uma propina deste humilde servo, me contou ter levado a patroa até um bairro da pesada, precisamente a um antro de feiticeiros, onde venderam para ela uma planta que nasce do sêmen de um enforcado. Quem enforcaram

para obter a planta? Nunca se saberá. A planta foi regada com sangue de cachorro, de cristão? Nunca se saberá. A Tigresa pagou uma nota por ela. Lá mesmo descascou a planta, pingou limão e comeu. Que nojo! E isso não é tudo. Faz uma semana trouxeram um texugo para ela. Ela me chamou no camarim, me deu umas luvas de couro e me pediu para imobilizar o pobre animal enquanto degolava ele. Fiz o que ela me pediu. Com uma faca negra cavoucou entre as carnes do cadáver à procura de algo. Espantado, fechei os olhos. Quando abri de novo, vi que estava enfiando um pequeno osso dentro do liquidificador, onde já havia um líquido asqueroso. Ligou o aparelho e depois bebeu de um só gole a nojeira produzida. Do que não é capaz essa mulher para obter poder! Tome muito cuidado para não ter o mesmo fim daquele ossinho do texugo. – Chucho olhou com terror para o fundo do teatro. – O que você vê lá em cima, na galeria interditada pela fiscalização de espetáculos, na primeira fila, à esquerda?

– Creio que é um manequim, vestido à moda antiga.

– Isso mesmo. Esse boneco está possuído pelo diabo. Ali, devido ao acúmulo de trastes inúteis, ninguém pode entrar. Porém o maldito toda noite muda de lugar. Mireya, uma colega bailarina, zombou dos nossos temores, veio à meia-noite, entrou na galeria, abriu caminho até o boneco, jogou ele no chão e pisoteou. No dia seguinte viu que estava instalado em outra poltrona, intacto... A partir desse dia a má sorte perseguiu ela. Seu agente se matou com um tiro na cabeça, seu pai morreu assassinado, seu noivo fugiu com outra e ela começou a engordar. Apesar de todo tipo de dietas aumentou cinquenta quilos e teve de abandonar a dança. Acabou louca, porque à noite sonhava com uma matilha de cães dourados que devorava ela.

Ao ver minha cara de incredulidade, Chucho encolheu os ombros e, dando uma chicotada com a barbicha, se foi, expulsando-me para sempre de seu interesse.

Enquanto esperava que a Tigresa estivesse em condições de me receber, sentado nos sacos de batata onde Nana agonizava duas

vezes por dia, perturbado pelas fofocas e trejeitos do bailarino, me concentrei em mim mesmo para ver o que estava sentindo.

“Nesse México onde duas anciãs criam um campo de concentração de rameiras, explorando-as e depois assassinando-as às dúzias, onde um professor do primário estrangula a própria mãe, a devora inteira, ossos inclusive, e na prisão, havendo provado o alimento supremo, se recusa a comer até morrer de fome; onde uma célebre cantora se suicida bebendo um copo cheio de agulhas; onde em plena capital há um mercado que só vende mercadorias para fazer bruxaria; onde um prostituto, antes de estuprar uma turista anciã, move seu falo de norte para sul e de leste para oeste, transformando com essa cruz sua proeza vil em um ato sagrado, me é fácil aceitar como verdadeiras as anedotas da mandrágora e do texugo. Mas daí a crer que um manequim está possuído pelo diabo há muita diferença. Contudo, em Tepozotlán, respeitáveis anciãos em períodos de seca falam com a montanha, que lhes aparece encarnada em um homem de barbas brancas e, mediante oferendas de velas, camisetas e sapatos, conseguem atrair a chuva... E nos fundos de uma livraria esotérica, uma vez por semana, um xamã huichol atende seus pacientes chupando-lhes a doença para depois cuspi-la em forma de pequenas pedras. Uma avó, comendo cogumelos, sai do corpo e penetra nos sonhos dos outros. Pela serra circulam bruxos que dizem se transformar em cães ou corvos. O que há de verdade em tudo isso? Sobre o mundo real paira um mundo imaginário, o segundo mais ativo que o primeiro. Se tudo é uma ilusão, tenho que aprender a fingir viver. Quando morreu o filho do santo Marpa⁸, ele chorou desolado. Seus discípulos lhe perguntaram: ‘Mestre, por que chora, se você mesmo diz que tudo é ilusão?’

O ancião respondeu: ‘Está certo, meu filho era uma ilusão, porém a mais bela’.

Por ser desconhecida, agressiva, assassina, a realidade é feia. Somente a beleza ilusória pode torná-la suportável. Se a verdade é um inalcançável mistério, só nos é permitido edificar na mentira...

Aqui estou eu, imitando ser um artista nisto que é uma imitação de um teatro italiano, vendo uma obra que imita um melodrama francês, interpretada por uma diva com um corpo que imita Vênus, dona de uma mansão que imita um castelo, com uma jaguatirica mansa que imita um tigre feroz e uma cama com uma concha por cabeceira, imitando um quadro de Botticelli... E se a história de que a Tigresa é amante do presidente do México for uma mentira a mais, um boato espalhado por ela mesma? E se o gordo no qual encostou a pistola na cabeça fosse um cúmplice pago? E se ela não tivesse conhecido Diego Rivera, nem, portanto, comido com ele tacos de carne humana? E se isso de vender a alma ao diabo não passasse de um truque publicitário? E se o zelador do teatro ganhasse uma gorjeta para mudar todas as noites o boneco de lugar? Ainda assim, meu interesse não diminuiria. Estaria diante de uma maga, capaz de organizar o mundo imaginário e viver nele”.

Até aquele momento, excetuando Ejo Takata, eu havia atuado entre humanos incapazes de serem eles mesmos, querendo sempre ter o do outro, criando uma imagem, copiando valores, conspirando para obter diplomas, dançando por dinheiro no feroz carnaval... Não digo que me sentiria superior a eles, mas sim estrangeiro, não de um país conhecido, mas sim de Estranja, a zona imaterial dos inadaptados. Nem sequer me juntava àqueles que “estavam no mundo sem ser do mundo”, porque minha alma, qual pássaro exausto voando sobre as águas de um dilúvio, não tinha paradeiro. Se como intelectual estava aprendendo a morrer, nenhum lugar na ilusão podia servir-me de porto. O real – aquilo que não começava nem terminava –, por impalpável, por indiferente, não tinha nada a ver com a minha vida, vida que em noventa e nove por cento das vezes era antissocial...

Compreendi então, sentado nesses ridículos sacos de batatas, que a Tigresa, rainha do mundo da imitação, através de suas venenosas maquinações, poderia se tornar o guia que me desse a maturidade suficiente para edificar um templo na dimensão dos espelhismos.

Quando entrei no camarim, a Tigresa, coberta apenas por uma pequena tanga, estava tingindo de preto os grandes pelos que cresciam nas suas pernas.

– Quero que vejam bem que não sou uma índia sem pelos, que descendo de espanhóis!

Eu me dei conta de que, para seu espírito felino, eu era uma presa vencida. Já me considerava tão seu que nem mais me ocultava seus truques. Não vi uma fêmea sedutora, mas sim um frio estrategista.

– Vamos fazer uma montagem! Vamos proporcionar a eles o espetáculo do ano! Você, um diretor de teatro de vanguarda, acompanhado por um público que nunca ultrapassa mil pessoas e enfurecido pelos críticos porque eles creem que tudo que vem da Europa é admirável. Eu, porém, eles arrasam. O que faço parece depreciável para eles, mas no entanto meu público nunca é inferior a quinhentos mil espectadores. Acho que deveríamos unir nossas forças. Você vai me dirigir, empregando todo o seu talento, em uma obra que seja do agrado do público. Encenaremos uma genial e faustosa *Lucrécia Borgia*. Você terá uma percentagem dos lucros. Você nunca ganhou um centavo com suas extravagâncias incompreensíveis. Comigo ficará rico. Topa?

A ideia de dirigir semelhante monstro me fascinou.

– Topo!

– Sabia que a ideia ia agradar você. Mas é preciso pôr o pé no freio. Não se trata de lançar o carro numa estrada que nos leve ao abismo. O coquetel eu-você, oferecido de repente, seria intragável tanto para o intelectual quanto para a plebe. Devemos aparar as arestas. Criar uma imensa expectativa não artística, o que só atrairia meia dúzia de gatos pingados, mas sim apelativa. A celebridade não é nada, a notoriedade é tudo, só o escândalo traz o êxito. Vou propor para você algo que de modo algum colocará sua vida em risco porque o Califa, como a coisa é falsa, aprovará meu plano. Daremos a notícia de que estamos apaixonados e vamos nos casar!

– Lamento... Embora a ideia seja boa, não pode ser anunciada assim, porque estou casado.

– Com quem você pensa que está lidando? Tenho acesso a muitas fontes de informação. Sua esposa, Valerie, aspirante a atriz, vê você como um sol e gira ao seu redor. Se prometer para ela um bom papel, com seu nome em destaque no cartaz, fará tudo que você pedir...

– Fará tudo, menos se divorciar. Coisa que eu também não quero.

– Nem eu. Já disse para você: essa montagem será inteiramente falsa. Quando se espalhar que o moderno diretor de teatro está se divorciando por amor à vulgar Tigresa, isso despertará o apetite da imprensa. Enquanto ensaiamos a peça, sua mulher cometerá um suicídio frustrado. Você e eu, magnânicos, com o objetivo de tirar ela da depressão, daremos o papel de uma maga para ela, inimiga de Lucrecia. O povo, sempre mórbido, lotará o teatro para ver em cena nossa tempestuosa relação. Isso vai nos encher de dinheiro!

– Quando daremos a notícia?

– Na próxima semana os jornalistas celebram o Dia da Imprensa em um hotel da avenida Reforma. Como haverá comes e bebes de graça, em troca de uma promoção publicitária, estarão presentes todos esses aproveitadores: repórteres, críticos, redatores, fotógrafos, astros do esporte, da televisão, do cinema. Enfim, a nata da merda filmada e impressa. E nessa noite, em meio à badalação, lançamos a bomba!

Valerie e eu seguimos fielmente o roteiro imaginado pela Tigresa. A primeira barreira que devíamos superar eram os porteiros, cinco gorilas que exigiam sem piedade um crachá com nome e fotografia de convidado. A Tigresa havia conseguido um convite para ela e outro para mim, porque éramos artistas conhecidos, mas Valerie, ainda anônima, não podia ter acesso ao Olimpo. Nós a introduzimos escondida no porta-malas da limusine. Segundo o combinado, ela deveria permanecer durante uma hora ali dentro, algo muito

incômodo levando-se em conta que a Tigresa lhe pedira que engessasse uma perna para que aparecesse coxeando.

Lá dentro, os obscuros repórteres se pavoneavam com ar indiferente. Pelo menos uma vez os homenageados eram eles, não as estrelas. No entanto, os cliques de suas dissimuladas máquinas fotográficas não cessavam de ressoar como um enxame de grilos noturnos. As vedetes se moviam com uma naturalidade artificial, em todo momento conscientes de que eram reduzidas a imagens.

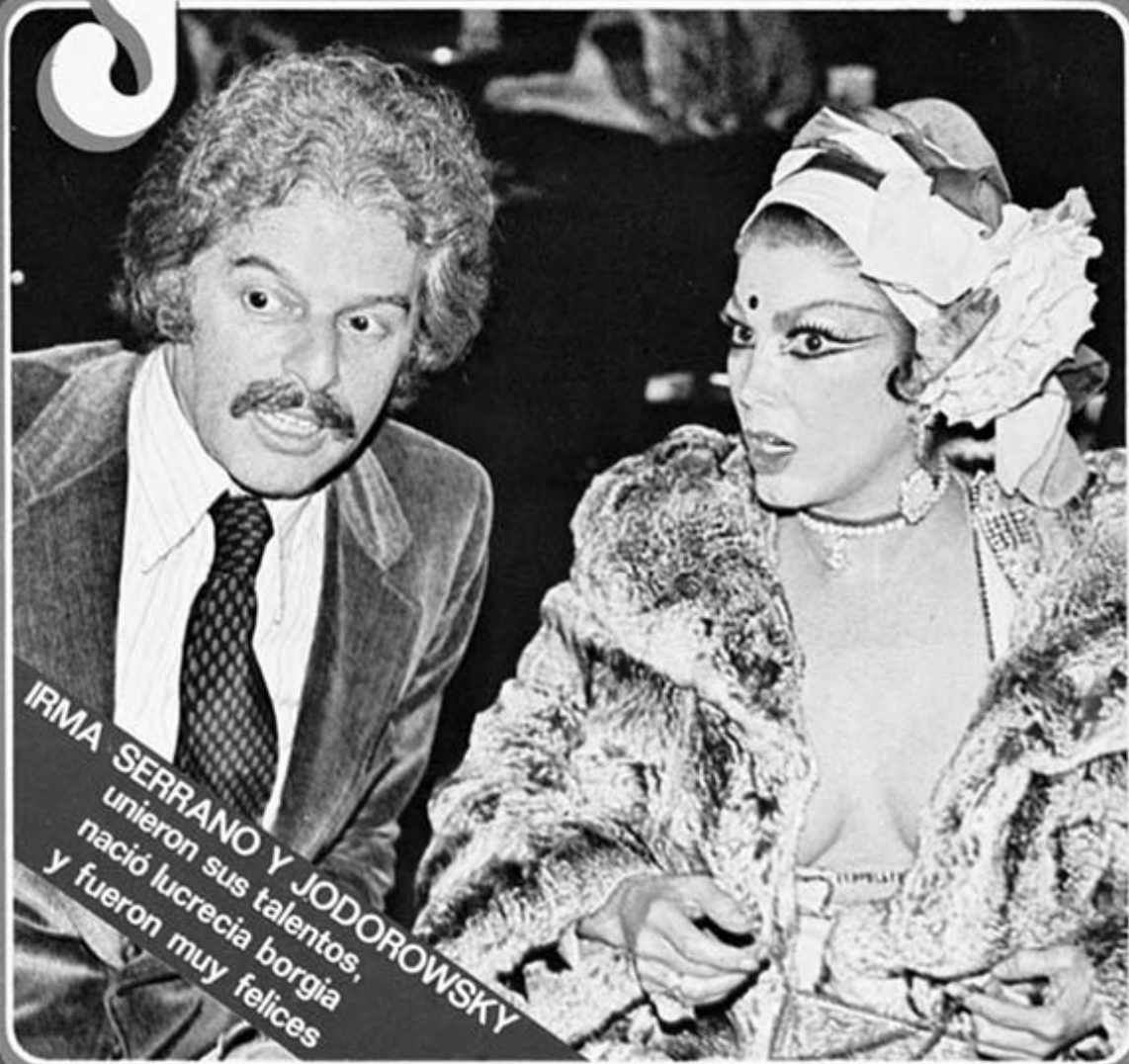
A concorrência se petrificou durante um minuto, quando eu e a Tigresa entramos de mãos dadas. Em seguida, todos representaram sua comédia, dissimulando com grotesca indiferença os olhares de curiosidade. Ninguém parecia nos ver, porém éramos os únicos habitantes de suas mentes. Eu estava vestido com um austero terno preto, porém meu par reluzia com uma audaciosa blusa transparente, sapatos de charão com saltos de 12 centímetros, as pernas nuas exibindo os grandes pelos, tingidos para a ocasião de prateado, e uma saia coberta de lantejoulas verdes, brancas e vermelhas, cores da bandeira nacional, tão curta que, a cada passo, a borda rutilante ondulava, deixando à mostra a virilha. Para não exibir sua boca íntima, minha comparsa mandara confeccionar uma concha coberta de pelos semelhantes aos de seu púbis. Colada à vulva, impedia toda a possibilidade de penetração. Esse detalhe inspirou uma cínica explosão de flashes.

Sentamo-nos no canto mais afastado. Era a noite da imprensa. Por um acordo tácito, nenhum deles podia nos propor uma entrevista. Passavam para lá e para cá perto de nós com olhos de cão faminto. Passou-se uma hora. Na mesa do banquete só restavam ossos roídos. Um rum barato suplantava as bebidas finas. Os convidados balançavam como barcos num oceano agitado. As vozes, antes claras, se mesclavam em um rumor gelatinoso. Esse era o momento escolhido pela tigresa para a entrada de Valerie.

NUMERO 13

\$ 20.00

Jet set



IRMA SERRANO Y JODOROWSKY
unieron sus talentos,
nació lucrecia borgia
y fueron muy felices

• frente a frente:
DOS POLIVOCES
SOLITARIOS

• la amante
de JFK y
la mafia

• el duelo:
BJORN BORG vs.
ILIE NASTASE

CONNIE STEVENS: "me cansé de ser una mujer buena"

Capa da revista *Jet Set*
(dezembro de 1976)

Ela apareceu com sua perna engessada e com muletas, um vestido cheio de manchas, o cabelo ensebado, o rosto sem maquiagem, os olhos chorosos com falsas lágrimas. Parecia experimentar a mais profunda das tristezas. Como um corvo de asas quebradas, Valerie atravessou o salão, veio diretamente na nossa direção, chegou à frente da nossa mesa, deixou cair uma das muletas, que naquele silêncio mortal ressoou estrepitosamente, pegou minha mão e começou a mover os lábios. Como ninguém a ouvia, pensaram que estava me implorando, mas na verdade ela estava recitando a tabuada de multiplicar. Movi os lábios, indicando com a palma da mão aberta a Tigresa. Interpretaram como “Ele está lhe dizendo que ama a outra!”. Valerie se deixou cair, sentada. Recolhi as muletas, apoiei Valerie nelas e a acompanhei à porta, até que se foi. Voltei ao meu lugar e, apoiando a cabeça do peito da Tigresa, fingi soluçar. Ela, ainda exibindo a virilha, saiu dali comigo, quase me arrastando. Mal atravessamos a porta, atrás de nós elevou-se um alvoroço ensurdecedor.

Tal como a Tigresa havia previsto, a imprensa, desde os pasquins mais abjetos até os jornais mais sérios, publicou o evento em grandes manchetes. Nesse mesmo dia foram vendidos antecipadamente três meses de representações. Os acontecimentos se precipitaram. Em apenas duas horas fiz um coquetel de situações extraídas de novelas populares e filmes classe Z, acrescentei algumas canções e obtive uma tragédia erótico-musical que a Tigresa exigiu assinar como coautora. Reuni um elenco de respeitáveis atores. Consegui um cenógrafo de qualidade, um músico muito talentoso, uma excelente coreógrafa e, para o importante papel de Júlio César, um cantor argentino em voga. Em dez dias, ensaiando doze horas seguidas, marquei o estilo da interpretação, do cenário, das danças, dos trajes e dos acompanhamentos musicais, tudo sem a presença da futura Lucrécia que, segundo nossos planos, estava preparando as canções. Quando chegou sua hora de ensaiar, nós a esperamos cheios de entusiasmo, impacientes por vê-la criar a complexa personagem da envenenadora. Eu estava certo de que, trabalhando

intensamente, poderia apresentá-la ao público convertida numa grande atriz. Havíamos marcado para as nove da manhã. A Tigresa não apareceu. Passaram-se cinco horas. Saímos para fazer um lanche. Voltamos. Nada da Tigresa. Às seis da tarde os contrarregras nos expulsaram e começaram a montar os cenários de *Nana* para a sessão das sete e meia. Preocupado, perguntei a Gloria se a prima dela estava doente. Ela encolheu os ombros, acabando com minhas esperanças.

– Minha chefe é assim, não gosta de ensaiar. Sai cansada das representações, dorme até muito tarde, atende à imprensa, se maquia, e nisso lá se vai o dia.

– Mas se ela não ensaiar, o que vamos fazer?

– Tenha esperança! No dia da estreia, em meio à sua caprichada encenação, ela improvisará tudo. E quanto à memorização do texto, não se preocupe: colocaremos aparelhos eletrônicos nos ouvidos dela e alguém sopra as palavras para ela.

Fiquei pálido. Quis protestar. Gloria mudou de assunto.

– Como vai sua esposa? Está ensaiando bem? Não têm problemas?

– Nenhum. É uma pessoa responsável. Está fazendo de sua maga uma verdadeira criação artística.

– Peço que você tenha cuidado. Para minha chefe, apesar de ser ela quem espalha os boatos, o que sai publicado na imprensa é mais verdade que a verdade. Esta manhã me mandou a uma pet shop para comprar um gato preto para ela. Também me encomendou cintas de seda e cera de abelha. Estou certa de que vai preparar um feitiço para separar casais. Com a cera fabricará duas figuras, uma de mulher e outra de homem, nas quais, depois de tingir de vermelho com sangue da própria menstruação, vai pregar nas cabeças as fotos do seu rosto e do de Valerie. Vai amarrar esses bonecos com tiras brancas, vermelhas e negras trançadas, e depois jogar em bocas de esgoto bem distantes uma da outra... Eu repito para você: tome cuidado! Não beba nada que ela ofereça, porque

vai cortar o pescoço do gato e, misturado com qualquer líquido, vai dar o sangue do animal para você. Dele, além disso, guardará no freezer a cabeça. E no focinho, escritos em um pedaço de cinta de coroa roubada em algum cemitério, terá o seu nome e o de Valerie até o dia em que se separarem...

Apesar de não saber se o que havia ouvido era verdade ou apenas um delírio da prima, um calafrio percorreu meu corpo. Recordei um koan do livro secreto que até então não havia compreendido: “Quando o mestre Rinzai se encaminhava à sala central para dar uma palestra, um monge o abordou: ‘E se nos ameaçarem com uma espada?’ Rinzai murmurou: ‘Desastre! Desastre!’”. Comentário: “Quando as ondas se elevam como montanhas e os peixes se transformam em dragões, é tolice tentar esvaziar a água do oceano com um balde”.

Rinzai vai fazer um discurso a seus discípulos, para transmitir-lhes um conhecimento por via intelectual. O monge que lhe corta o passo quer dizer-lhe: “Mestre, as belas ideias de nada servem para evitar um inimigo que ameaça nos tirar a vida”. Rinzai, ao responder-lhe repetindo duas vezes a palavra “desastre”, não se refere à impotência do intelecto quando se tem uma espada no pescoço, nem afirma que estando em risco de perder a vida, apesar de todas as consoladoras doutrinas, aquilo é uma catástrofe. Esses dois “desastres” se referem à visão que o monge tem do mestre e de si mesmo. Desastre, por considerar que os ensinamentos são meras elucubrações. Quando nos identificamos com um sistema de ideias, quando cremos que somos o que pensamos, ao nos depararmos com a morte, nos embarga o terror de perdermos nós mesmos. Rinzai, no entanto, que realizou sua iluminação, entregou-se à simples felicidade de existir, se desidentificou de sua própria imagem, encontrou o silêncio interior. Seus ensinamentos não são ele, são tentativas de descrever, de maneira impessoal, qual é o caminho para chegar à paz. Ante este koan, Takata comentou: “Uns vão, outros vêm. Eu sou uma pedra do caminho.” Rinzai, com seu “Desastre! Desastre!” quer dizer “Você nos vê como dois intelectos, desastre/desastre, por isso crê que uma espada nos alteraria. Se um

assassino pode me partir em dois sem pestanejar, eu posso deixar que me parta em dois sem pestanejar. Mesmo quando as ondas e os peixes o atacam (a realidade não se comporta como você esperava), seu silêncio interior continua igual. Você é tolo em tentar esvaziar o oceano com um balde. Não pode medir a vida com seu intelecto. O zen, na paz do mosteiro ou no meio de um combate, é igual. Que o ataquem não é um desastre. Deixe o eu individual de lado e entregue-se com felicidade à luta como se esta fosse uma dança consigo mesmo.”

Reuni a companhia, expus com calma o problema e lhes propus abandonarmos a Tigresa e irmos a outro teatro para apresentar uma obra honesta com uma atriz de verdade. Todos, exceto o cantor argentino, reconheceram que era degradante servir apenas à vaidade de uma caprichosa diva e decidiram seguir-me. À imprensa faltaram colunas para anunciar com letras garrafais a ruptura do romance. A resposta da Tigresa não demorou a chegar. Foi um golpe baixo, algo que eu nunca teria esperado. Em vários jornais, encabeçadas com títulos como “Artista de vanguarda estafou a Tigresa!”, “Anda escondido para evitar que o prendam!”, publicaram declarações da diva acusando-me de ter-lhe roubado uma grande quantidade de dinheiro. Essas mentiras na prática eram inofensivas, mas o fato de estarem impressas em tinta negra sobre papel davam a mim uma desprezível imagem pública. Embora fosse fácil para mim desmentir a calúnia, na mente do público, marcada pelo ditado “Onde há fumaça, há fogo”, acabei como ladrão. Esse insulto, ao abrir uma fenda em minha razão, teve o efeito de um koan. A vergonha que estava sofrendo se transformou numa lição. Para mim, até esse momento, a contenda com a Tigresa havia sido um jogo, uma espécie de tira-teima artístico. Ao tratá-la como preguiçosa, é certo que estava zombando dela, mas com um humor saudável, respeitando a estrita verdade. Ela havia respondido com as armas que estavam ao seu alcance: escândalo na imprensa e hábil emprego da mentira. Se eu a desprestigiava artisticamente, ela me afundava socialmente. Recordei umas palavras que, na noite do nosso porre, a Tigresa havia declamado com muita convicção: “Um

pugilista frágil e pequeno enfrenta um adversário forte e grande. O forte esmaga o pequeno. Pois bem, eu sou o pugilista pequeno. O grandalhão arremete sobre mim tentando me deixar fora de combate. De uma das minhas luvas saco um revólver e mato ele. Nunca se deve lutar em igualdade de condições!”.

A este ataque se juntou outro, não sei se organizado por ela ou produto de um significativo acaso. Tarde da noite, desconhecidos lançaram pedras contra as janelas da minha casa. Aluguei um apartamento na periferia da cidade. Comecei a caminhar pelas ruas grudado nas paredes, com a boca seca e um hálito fétido. Sentia que a qualquer momento um capanga poderia me liquidar a tiros. Ao cabo de alguns dias, senti vergonha de ter-me entregado a tal pânico e pensei em um koan do livro secreto:

“O mestre Ungo meditava com seus discípulos em um lugar chamado Porta dos Dragões. Um dia, uma serpente mordeu a perna de um dos monges. O mestre Butsugen disse a Ungo: ‘Se esta é a Porta dos Dragões, como pode o seu discípulo ser mordido por uma serpente?’. Tentando responder, Ungo, esticando a perna e imitando ser mordido por uma serpente, exclamou com calma: ‘Ai!’”

Na China o mítico dragão é o guardião do tesouro escondido. Um poderoso adversário que o herói deve vencer para ter acesso à imortalidade. O dragão terrestre, criando asas, se transforma em dragão celeste. Em outras palavras, o Eu não pode triunfar enquanto não dominar e integrar as pulsões do inconsciente.

A pergunta de Butsugen insinua que o “perfeito dragão” (um monge iluminado) não deve ser afetado pelos males do mundo materialista (a mordida da serpente). Ungo não cai na armadilha e sugere que estar iluminado não o exclui da natureza animal. Quando ao imitar ser mordido exclama “Ai!” mostra que é errôneo conceber a “iluminação” como uma libertação da dor. Quando dói, o homem realizado aceita a dor sem que seu espírito se altere.

A compreensão deste koan me fez aceitar os sintomas do medo sem envergonhar-me. Recordei outro:

O Sutra⁹ do Diamante diz: “Quando uma pessoa é ridicularizada pelos outros, os pecados de sua vida anterior são a causa. Mas nesse momento, por estar submetido ao ridículo, os pecados de suas vidas anteriores são apagados. É assim?”. Resposta: “Repulsivo idiota parido por um ânus!”.

O sutra, interpretando os males do presente como resultado de pecados de vidas anteriores, afirma que nesses males residem a redenção e a libertação. No entanto, a resposta insultante do discípulo quer de certa forma dizer: “É inútil deter-se para justificar um mal dando-lhe origem em vidas anteriores. Enfrentemos de imediato a daninha situação sem nos determos para perguntar suas causas nem nos preocuparmos com as consequências de nossas próprias ações. Ante o ataque, o que mais conta é uma resposta não bloqueada por dúvidas mentais. Se entre o ser e o não ser deixamos um espaço tão fino quanto um fio de cabelo, perdemos a vida.”

Este segundo koan me trouxe de volta a mim mesmo. Compreendi que ter medo era natural, mas que esse medo não devia transformar-se em covardia. Parei de me esconder, telefonei para a Associação Nacional de Atores e, invocando meus direitos sindicais, exigi um encontro com a Tigresa para que ficasse legalmente esclarecido quem é que tinha direito de apresentar a obra.

Às dez da manhã do dia seguinte formou-se um tumulto às portas da Associação. Chegaram meus atores, os atores da companhia rival, um enxame de jornalistas e dois guarda-costas parrudos da diva que, com olhares turvos me fizeram ver a metralhadora que ocultavam dentro de um saco de golfe. A Tigresa não se dignou a comparecer. Como seu representante nessa disputa, que estava certa de vencer graças a seus apoios políticos, enviou o cantor argentino, o qual, que nem sua patroa, proclamou minha desonestidade perante os delegados sindicais. Quando vi que os funcionários me olhavam com um desprezo mal disfarçado e que os jornalistas me provocavam com seus *flashes*, decidi usar também a mentira como arma, porém em maior escala. Em vez de limitar o

escândalo somente a uma rixa entre artistas, decidi convertê-lo em um problema político que afetasse todo o país. Declarei:

– A Tigresa me contou que a cada dois meses viaja à Suíça com passaporte diplomático e que, num avião militar, leva uma maleta repleta de ouro que o presidente rouba do erário nacional, para depositar nos cofres de segurança de um banco.

Ao ouvirem tal denúncia, os funcionários abandonaram seus assentos e se retiraram para confabular com seus superiores. Um silêncio mortal invadiu o prédio. Os jornalistas, pouco a pouco, foram-se retirando. O cantor argentino foi chamado ao telefone. Este ouviu suas instruções inclinando a cabeça repetidas vezes, desligou e, atravessando-me com seu olhar como se eu fosse invisível, abandonou o recinto, seguido por seus companheiros e pela dupla de guarda-costas. Os funcionários voltaram com o veredito: a companhia da Tigresa e a minha deviam estrear *Lucrécia* no mesmo dia, na mesma hora, com a mesma música, figurinos e texto. O público decidiria qual espetáculo merecia seu apoio.

Compreendi o que havia acontecido: o povo murmurava que os políticos roubavam o dinheiro do país. Um escândalo que enodoasse o mandatário supremo poderia provocar uma crise nacional. Com toda a certeza, a Tigresa recebeu dos altos escalões a ordem de pôr um fim ao escândalo. Como que por encanto, os jornais pararam de me atacar e não se tocou mais no assunto.

Um empresário ambicioso nos fez assinar um contrato para que estreássemos no Teatro Lírico, um antigo edifício com mais de mil lugares. Como meus atores estavam apavorados pela fama de feiticeira da nossa inimiga, pedi a um amigo versado na bruxaria popular que fizesse um trabalho de “descarrego” no teatro. Ele fumigou com incenso a plateia e a galeria. Depois borrifou água benta pelos corredores, assentos e poço da orquestra com uma escova feita de sete ervas frescas. Todos nos sentimos aliviados, mas o medo voltou quando soubemos que nessa mesma noite tiveram que amputar no bruxo improvisado um enorme furúnculo que lhe brotou no ânus.

Tive a sorte de encontrar uma atriz, muito conhecida por seu grande talento, que concordou em interpretar Lucrécia desde que não tivesse que exhibir-se em trajes exíguos. Ensaíamos um mínimo de dez horas diárias e chegamos à estreia com um espetáculo impecável. A Tigresa, por sua vez, que segundo certos rumores não havia se dado ao trabalho de ensaiar, na noite da estreia, depois de mover-se nos primeiros momentos em cena como um animal cego, aguçando os ouvidos para um soprador de texto cuja voz podia ser ouvida até nas últimas filas, de imediato, desafiando a censura, se despiu por completo, exibindo como traje pelo resto da peça os pelos de seu emaranhado púbis tingidos de verde. Essa audácia lhe valeu o triunfo. Os *voyeurs* apareceram em massa. A minha *Lucrécia Borgia* aguentou quatro meses. A da Tigresa ficou em cartaz por dois anos.

Quando encerramos as apresentações, enviei um telegrama à Tigresa felicitando-a pelo sucesso. Ela respondeu com outro me convidando para um café na lanchonete do Frufrú.

Como símbolo da paz para este encontro – que nenhum dos atores das duas companhias pôde entender, já que nos consideraram inimigos mortais – me vesti com um traje branco. A Tigresa chegou com um “pequeno atraso” de uma hora e quarenta minutos, também vestida de branco! Começamos a rir. Ambos sabíamos que sob a máscara da coincidência se escondia o milagre. Tomamos café tranquilamente dividindo uma torta de maçã. Uma coisa era a vida pública; outra, a vida privada. Cessada a batalha, podíamos nos comunicar como dois simples seres humanos. Uma corrente de simpatia nos unia, a mesma que deve existir entre velhos soldados de exércitos opostos.

– Foi um bom escândalo – disse ela. – Graças à guerra que me declarou, ganhei uma fortuna. Permita que eu dê um presente para você...

Não pude recusar: deixei que me colocasse no dedo médio da mão esquerda um anel de ouro adornado com uma caveira.

La obra más controvertida de la última década!

ALEJANDRO JODOROWSKY Presenta

RAUL BOXER

LUCRECIA BORGIA

GERMAN CUEVA **AMERICA DELA PAZ**

SUSANA GALI **JACQUELINE LUIS** **OLGA SWAN**

PABLO LEDER **MARIO HELO** **GUSTAVO CERVANTES**
JOSE MAGANA **GIL CARDIEL** **RAUL OREGEL**
LEDY ALEJANDRA DEL ANGEL Y 20 ACTORES MAS

delirio musical de **RAFAEL ELIZONDO**

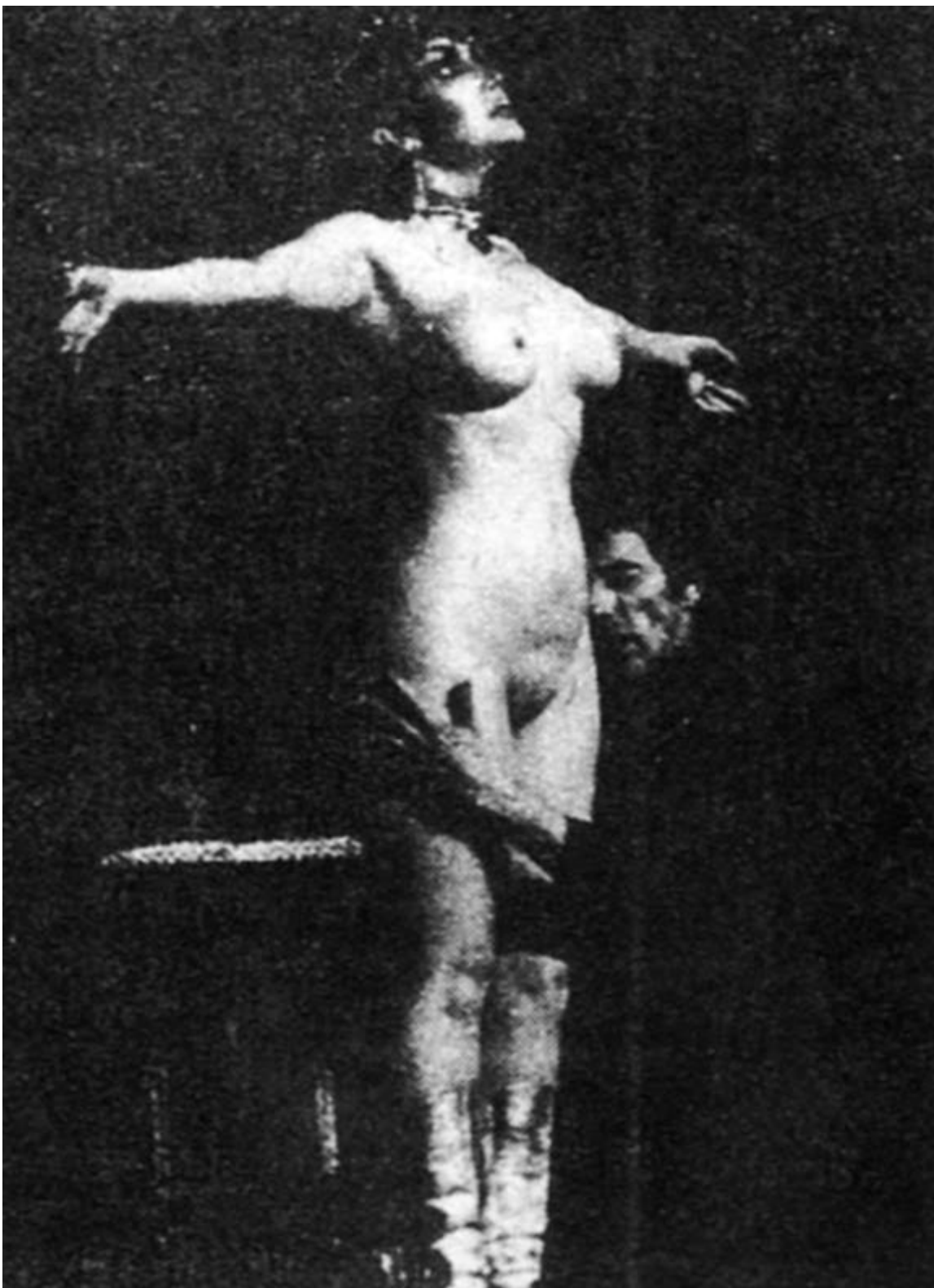
LA AUTENTICA CREACION DE **JODOROWSKY** DESPUES DE TRIUNFAR EN **EUROPA** AHORA EN **MEXICO**

Unicamente Adultos con Criterio
¡ SIN CENSURA !
 BOLETOS DE \$20.00 A \$80.00
 NUMERADOS

TEATRO CINEMA ORIZABA
 Miércoles 18 de Mayo de 1977
 Dos Funciones 20 y 22.30 hrs. Boletos Restoran LEO 70



Cartaz de *Lucrecia Borgia*



Irma Serrano nua em *Lucrecia Borgia*
(foto publicada na imprensa)

-
- 8 Marpa Lotsava (1012-1097), mestre e tradutor tibetano, fez várias viagens à Índia, estudou e difundiu o Dharma (o ensinamento de Buda) e no final da vida ficou marcado pela morte de seu filho, Dar-me Dode.
- 9 Denominam-se sutras os textos que, segundo a tradição budista, recolhem as palavras do Buda. O Sutra do Diamante (*Vajracchedikā prajñāpāramitāsūtra*) foi traduzido para o chinês até o ano 400 e para o tibetano no século IX e teve uma grande difusão no Tibete, na China e no Japão. Ele nos fala sobre a inexistência de si mesmo nos *bodhisattva* (os quais estão destinados a converter-se em budas ao atuar pelo bem do próximo) ou sobre as etapas da evolução espiritual, entre outros temas.

O cão de Pavlov



“– As balas com ponta blindada fazem saltar os miolos a dez metros de distância, chefe.

– Assim o cadáver pesará menos.”

SHERIFF PROVISIONAL, SILVER KANE

Quando cheguei em casa, por mais que tentasse, não pude tirar o anel do dedo. Quando acariciava o corpo da minha mulher, sentia que a caveira dourada emitia eflúvios nocivos. Deixou a minha mão fria, fez doer meu braço. Às cinco da manhã, pulei da cama e, dirigindo em alta velocidade, fui até o zendô. Quando cheguei lá, encontrei Ejo Takata meditando no terraço, sob um céu sulcado de nuvens vermelhas. De pé, em frente a ele, esperei que o bastãozinho de incenso se consumisse. Ejo, por fim, demonstrou notar minha presença. Seu olhar não se dirigiu ao meu rosto, mas sim ao anel. Fiz um gesto de impotência. Sorrindo, ele me tirou o anel do dedo sem o menor esforço e a dor no meu braço cessou.

– Se pensa que é uma caveira, o seu braço sofre. Se não se ligar à forma nem ao nome, é ouro puro. É só limpar sua mente e este anel será um anel e você será você.

Ao ouvir essas palavras, das quais só entendi metade, comecei a me queixar.

– Ejo, não tenho remédio. Não me encaixo neste mundo vulgar. Acreditei poder fincar raízes no México, mas me sinto como uma galinha em terreiro alheio. E minha consciência só faz aumentar a dor.

Ejo começou a rir com tanto entusiasmo que me contagiou. Ao ver que meu pesar se fora, ele pegou o livro secreto e leu um novo koan.

– “Um monge pergunta ao mestre Sozan¹⁰: “A neve cobre mil colinas, mas por que só o pico mais alto não está branco?” Sozan lhe responde: “Deveria conhecer a mais absurda das absurdidades.” O monge pergunta: “Qual é a mais absurda das absurdidades?” Sozan diz: “Ser de uma cor diferente da das outras colinas!” Comentário 1: “Entre os ramos do pinheiro, o macaco parece verde.” Comentário 2: “O discípulo, sacudindo de sua cabeça imaginários flocos de neve, diz: “Meu cabelo começou a ficar branco!”

Por mais que me esforçasse, me pareceu impossível decifrar o koan e seus comentários tão díspares. Angustiado, me ajoelhei perante o mestre.

– Não posso!

Rugindo um “kuatsu!” que nascia em seu ventre, Ejo me desferiu seis golpes de bastão nas omoplatas.

– Transforme-se em colina!

Sua voz, semelhante a um vendaval, varreu minhas nuvens mentais. Visualizei-me como uma colina coberta de neve entre outras mil colinas também cobertas. O pico mais alto, preservado da chuva de flocos, era uma ilusão. Quem pode, na intempérie, evitar ser branqueado pela neve? Quem pode impedir que seu corpo envelheça ou morra? Por que eu, por ter desenvolvido meu talento, não padeceria dos golpes que a vida desfere? No inverno, todos sentimos frio. O pinheiro é um vegetal e o macaco um animal, diferentes, sim, mas quando este brinca entre os ramos da árvore, compartilha o seu verdor. Por possuir outra cor de pele, outra cultura, outro nível de consciência, era absurdo que eu me sentisse a salvo dos embates da realidade comum. Se as mil colinas se cobrem de neve, também o pico mais alto reluz branco.

A Tigresa, com suas garras, havia me dado uma importante lição. Quando ela aceitou colaborar comigo, eu devia, pondo de lado minha vaidade de diretor, tê-la incorporado à obra sem tentar mudar sua maneira de ser. Entre os dois, ambos cobertos de neve, teríamos obtido uma *Lucrécia* admirável. A atriz não tentava ser

diferente do seu público, eu, em troca, sentindo que minha arte era superior, desligando-me dos espectadores, por considerá-los vulgares, acabei perdendo-os.

– Ejo, quando a Tigresa me ofereceu este valioso anel, ela quis dizer com isso que a arte popular também é nobre.

Ao ouvir minhas palavras, o monge exclamou:

– Dê o anel de presente ao primeiro mendigo que encontrar! – E, lançando um novo “kuatsu!”, voltou a dar-me seis bastonadas nas costas.

Depois dividiu comigo um almoço simples. Em seguida meditamos por duas horas e por fim ele me fez ler outro koan: “Joshu visita um eremitério e pergunta ao mestre: ‘Há? Há? Há?’. O mestre levanta um punho e Joshu diz: ‘Não quero ancorar meu barco nessas águas pouco profundas.’ E se vai. Visita outro eremitério e pergunta ao mestre: ‘Há? Há? Há?’. O mestre também levanta o punho e Joshu diz: ‘Ele pode outorgar, pode tirar, pode matar e ainda assim dar vida!’ E faz uma reverência.” Comentário: “A mesma árvore sacudida pelo vento primaveril apresenta dois aspectos: no lado sul, ramos quentes; no lado norte, ramos frios.”

Ejo cruzou as pernas e voltou a meditar. Eu o imitei. Passou-se uma hora, duas, três. Por mais que forçasse o meu espírito, não consegui decifrar o koan. O silêncio, como um elefante, pesou sobre minhas costas. Uma dor atroz percorreu minhas pernas. Uma mosca pousou em minha orelha. Sem me mexer, suportei a picada. Uma voz ressoou no interior do crânio: “Ou compreende ou morre!”

Como se houvesse escutado esse pensamento, Ejo gritou três vezes:

– Há? Há? Há?

Ouvi-me respondendo:

– Se não há aqui, onde? Se não há agora, quando? Se não há em mim, em quem?

De repente, eu sou Joshu. Subo uma trilha íngreme para chegar a um eremitério remoto. Lá estão os macilentos monges, distantes dos ruídos mundanos, dedicados a encontrar a joia luminosa que jaz nas profundezas da alma, ao redor de um velho mestre, um ser realizado, ou seja, sendo ele mesmo e não um simulacro de outro. Ante minha tripla pergunta, o mestre, que já deve ter cruzado a fronteira onde as palavras se dissolvem no vácuo, ergue um punho indicando sua unidade presente: se não está por completo ali, não está em parte alguma... Contudo, seu gesto não me convence, me soa superficial. Apesar de minha idade avançada (talvez mais de cem anos), subo a duras penas outra trilha escarpada. Por que dar-me a tamanho trabalho? Preciso convencer-me de que não sou o único, de que minha iluminação não é um fenômeno anormal, de que a meta de todos os caminhos é uma só.

No segundo eremitério, o mestre, ante meus três gritos, ergue o punho. E então, embora aparentemente as duas respostas sejam iguais, me reconheço no ancião que está diante de mim. Aquilo que jaz na escuridão de nossa alma pode nos dar, nos matar, nos deixar e ainda assim nos outorgar a própria vida, que é impessoal, eterna.

– Ejo, se Joshu quis ficar em um lugar e não no outro, não é porque houvesse uma diferença entre os dois punhos. A diferença estava no olhar de Joshu. Damos sempre uma interpretação pessoal aos seres, às coisas e aos acontecimentos. Talvez Joshu não tenha visto no gesto do primeiro mestre a expressão da unidade. Talvez tenha interpretado que ele estava dizendo para ele: “O que realizei não dou. Há, mas exclusivamente para mim.” Ou então: “Intruso, não venha me colocar em dúvida. Estes são meus discípulos. Eu os defendo como uma galinha defende a sua ninhada. Se eles perderem a fé em mim, desmoronam. Vá-se embora ou quebro a sua cara.” Ao cerrar o punho, esse egoísta só obtém um pouco de areia, mas se tivesse aberto a mão, toda a areia do deserto teria passado por ela... Em troca, Joshu interpreta o punho erguido do segundo mestre como um sinal de que não há o que fazer: “O que é meu, se é só meu, não é meu. O meu só é meu quando o é também para os outros.”

Ejo moveu a cabeça da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Inspirou o ar fresco da tarde, deu um longo suspiro e fez estalar a língua várias vezes, como se para acalmar um menino ferido.

– Alguns ramos são aquecidos pelo sol, outros são esfriados pelo vento primaveril; mas, quentes ou frios, são parte da mesma árvore. Os dois mestres dão a mesma resposta, realizaram a mesma vacuidade, embora ante o primeiro Joshu atue como um vento primaveril e ante o segundo como um sol. Se todos os ramos estão alimentados pela mesma raiz, para que você vai de um mestre a outro, de uma curandeira para outra? Quando vai perceber que aquilo que há em você, os outros não lhe podem dar? Enquanto não encontrar o tesouro em você mesmo, não deixará de projetar suas dúvidas nos outros. Num dia o anel estará amaldiçoado, no outro, será uma nobre obra de arte. Você dirá que a caveira simboliza a morte ou dirá que simboliza a eternidade. O mendigo a quem você o presentear, só verá nesse anel o valor monetário.

Eu me senti ferido e grunhi, irônico:

– Muito obrigado mesmo, por fim compreendo: para iluminar-me devo ser um mendigo, despojar-me de minhas angústias pessoais, alcançar a pobreza da alma, transformar-me numa tigela vazia e esperar que meu ser essencial, o gordo Buda, me dê a esmola da iluminação!

Lançando o mais trovejante dos “kuatsu!”, o japonês me obrigou a tocar o solo com a testa, para dar-me uma surra de trinta bastonadas. A seguir, disse:

– A sabedoria do mestre depende de sua capacidade de usá-la para encontrar a si mesmo. – Depois recitou como se fosse poesia sagrada um provérbio mexicano: – “Aquele que tem mais saliva come mais *pinole*¹¹”.

Magoado, respondi com outro provérbio:

– “Não se pode assoviar e chupar cana”.

Ele se pôs a rir, sacudindo o ventre.

– Exato. Cada coisa a seu tempo!

Foi à cozinha e logo voltou com pratos de arroz, sardinhas fritas e uma garrafa térmica cheia de chá amargo e fumegante. Entre um gole e outro, confidenciou:

– Mumon Yamada me propôs um koan. Jamais consegui entender seu significado. Talvez você possa...

Vi em seus olhos rasgados um brilho malicioso e intuí uma armadilha. Provavelmente o koan que ia me enunciar não tivesse significado. Qual é o significado da vida? A vida não tem significado nem não significado, só é preciso vivê-la!

– “Tokusan¹² é o monge superior de um mosteiro zen e sua tarefa é ensinar. Seppô é o monge chefe das cozinhas e sua tarefa é administrar. Num dia em que o café da manhã está atrasado, Tokusan, com sua tigela nas mãos, entra no refeitório. Seppô lhe diz: ‘Não ouvi a campainha anunciar o café da manhã nem tampouco fizeram soar o gongo. Ancião, o que faz aqui com sua tigela?’ Tokusan, sem dizer uma palavra, inclina a cabeça e volta para sua cela. Seppô comenta com outro monge: ‘Tokusan talvez seja grande, mas nunca entendeu o último verso.’

Ejo, como comentário, cantarolou baixinho:

– “O vento soprou as nuvens. Agora a lua brilha sobre as colinas verdes como uma moeda de jade branco.”

Comecei a especular:

– Se Tokusan é um mestre, não pode comportar-se como um pobre velho, e se Seppô é um sábio que realizou seu despertar, não pode tratá-lo de modo tão agressivo. Tokusan não perdeu sua capacidade de atenção, não foi ao refeitório movido por um hábito, com toda certeza se deu conta de que o café da manhã atrasou porque a campainha não tocou. Quando Seppô parece dar a entender que sua velhice está deixando ele senil, Tokusan não faz uma medida porque reconheça em si esta incapacidade, nem

deprecia o administrador ao ver que ele perdeu as estribeiras. Entre dois mestres não pode haver medida senão por respeito. Tokusan, ao perceber que o café da manhã está atrasado, vai ao refeitório porque sabe que ali verá Seppô apressando os monges para que sirvam a comida o quanto antes. Sem dizer uma palavra, estende ao administrador a sua tigela vazia. “As contrariedades da vida não afetam a paz do meu espírito. Você tenta fazer um trabalho perfeito? Se assim é, está equivocado: a perfeição para os humanos é impossível, a excelência é possível. Cumpra sua tarefa o melhor que possa, aceitando os erros inevitáveis.” Seppô compreende o gesto de Tokusan. De maneira metafórica lhe responde: “Por que, tendo realizado a vacuidade, quer mostrar o caminho àqueles que você acredita estarem na escuridão? Tantos anos meditando e você ainda conserva a tigela vazia entre as mãos. Seu grande defeito é esse poder que tem de conhecer seu próprio pensamento e sua própria natureza. Cuidado, presunçoso, em sua tigela pode haver um espinho.” Tokusan inclina a cabeça, reconhecendo que a consciência é a última armadilha. As palavras de Seppô, como o vento que carrega as nuvens, permitem que Tokusan se dê conta de que vê sua perfeição, o que implica uma imperfeição. Para chegar à unidade deve vencer a dualidade ator/espectador... Tokusan regressa a seu quarto, ou seja, regressa a si mesmo. Ainda resta a ele aprender a dissolver-se, a entregar como última oferenda sua consciência ao eterno vazio deixando de lado as buscas metafísicas. O misterioso comentário de Seppô sobre Tokusan não ter ainda compreendido o último verso, refere-se a uma tradição que os mestres zen adotaram da antiga China. Os homens ilustrados, em seus últimos momentos, escreviam um poema, legando a seus filhos ou a seus discípulos a essência de sua experiência vital. O monge budista Zhi Ming¹³, quando o condenaram à morte, escreveu, antes que lhe cortassem a cabeça:

Ilusório o nascer, ilusório o morrer.

A grande ilusão não sobrevive ao corpo.

Mas há uma ideia que acalma o espírito:

Se procura um homem, nenhum homem existe.

Comuniquei minha interpretação a Ejo:

– Mente vazia: nada que esperar, nada que receber.

Ejo, como toda resposta, me citou outro poema também escrito por um monge moribundo:

– Arde neste mundo uma árvore sem raízes, suas cinzas o vento leva.

Neste momento um curto golpe de vento agitou nossos quimonos. Havíamos passado todo o dia comentando koans. Embora já fosse noite, acostumados à escuridão que dissimuladamente havia invadido o terraço, não acendemos nenhuma vela. Outra rajada de vento, mais forte, agitou meus cabelos. Ejo, que tinha o crânio raspado, sorriu como um menino. O vento cessou de repente e nos deixou um encantador presente: um vaga-lume! O inseto, livre da tirania do vento, emitindo brilhos fosforescentes, empreendeu seu voo.

Ejo murmurou:

– “Pequena estrela, sua linguagem de luz nos ensina!”

Ficamos em silêncio por um bom momento. Depois, pela primeira vez desde que o havia conhecido, Ejo, com uma voz infantil onde se emaranhavam a nostalgia, a doçura e a fascinação, começou a falar-me de sua infância.

– Filho único, quando completei cinco anos, numa noite sem lua onde milhares de vaga-lumes voavam como um rio de estrelas fugindo do tempo, minha mãe, vendo as primeiras rugas que anunciavam o declínio de sua beleza, decidiu afogar-se no lago Omi. Meu pai nunca se conformou com este suicídio. Sem ter coragem de acabar de vez com a própria vida, começou a beber. Essa destruição lenta nos lançou na pobreza. Na maior parte do ano vivíamos da caridade pública. Só com a chegada do verão ele emergia de sua bebedeira, pegava um grande bambu, enrolava ao redor da cintura um saco de tule e, ao pôr do sol, me fazia segui-lo

até o bosque de salgueiros às margens do lago. Na região onde vivíamos, vários mercadores se especializaram no comércio de vaga-lumes, que enviavam em caixinhas de vime até as grandes cidades. Os cidadãos ricos, em suas festas, adoravam soltar esses bichinhos para seus convidados admirarem aquela beleza cintilante.

“Os vaga-lumes, quanto mais assustados estão, mais brilham. Se são perturbados, eles se paralisam e levam alguns segundos para empreender a fuga. Meu pai, Kyubei, os culpava por terem causado a depressão mortal da minha mãe e com um ódio, como um felino discreto, detectava o brilho deles entre as folhas de salgueiro. De imediato, dando saltos, começava a golpear vigorosamente os galhos com seu comprido bambu. O medo fazia os insetos reluzirem e caírem ao solo como joias imóveis. Para caçar o máximo deles e não perder tempo, meu pai os enfiava na boca. Quando já não cabiam mais, os cuspiam intactos no saco aberto que eu estendia para ele e fechava com pressa.

“Tudo isso, como agora, se passava na escuridão da noite. Meu pai se vestia de preto para não alertar com a intromissão de uma cor os sensíveis vaga-lumes. Logo, na densa penumbra, as bochechas dele começavam a brilhar.

“Dentro da boca do meu pai, no auge do terror, eles reluziam intensamente. Essa luz atravessava as bochechas e transformava o rosto do meu pai em uma lanterna vermelha. Quanto ele cuspiam seus prisioneiros, surgia da sua boca um jato de luz que eu recolhia no saco de renda que passava a ser minha alma. Via meu pai como um deus demônio vertendo sua potência em mim, algo assim como a transmissão do conhecimento, um legado milagroso. Quando voltávamos para nossa humilde casa, levando um saco com uns quinhentos vaga-lumes, meu pai, contente por castigar esses insidiosos fantasmas que haviam roubado dele a minha mãe (ele acreditava firmemente que a luz de cada vaga-lume era a combustão da alma de um morto), recitava *haikus* que haviam sido legados a ele pelos seus antepassados, eu vertia lágrimas de felicidade, desejando que aquele verão não terminasse jamais. – Ejo

soltou um suspiro profundo e completou: - “Permanente impermanência”.

Com uma de suas amplas mangas secou as lágrimas, acendeu uma vela e soltou uma retumbante gargalhada. Então recitou:

Mizu e kite

Hikuu naritaru

Hotaru kana!

Com voz muito rouca, voltou a recitar, desta vez separando e contando as sílabas de cada verso:

– Mi-zu-e-ki-te, cinco. Hi-ku-u-na-ri-ta-ru, sete. Ho-ta-ru-ka-na, cinco.

Sorriu satisfeito.

– Cinco, sete, cinco: um haiku. O cinco, como os dedos da mão, simboliza a realidade do homem comum. O sete, como os sete chakras, simboliza o espírito iluminado, a unidade universal. O cinco final, com uma nova experiência, recupera a realidade comum, porém dessa vez habitada pela luz da Consciência.

Irônico, eu lhe disse:

– O poema soa muito bem, tem um ritmo de introdução, mas não entendo o que diz. Poderia traduzir ele para mim?

Para minha surpresa, pois não falava um espanhol correto, ele traduziu o poema conservando a estrutura original:

Llegando al agua

Hace uma reverencia

La luciérnaga!*

(*) Chegando à água

O vaga-lume

Faz uma reverência!

Era a primeira vez que o monge falava de sua vida pessoal. Ao ver nele esse menino frágil, nostálgico, que as incontáveis horas de meditação não haviam apagado, talvez porque essas recordações não fossem um estorvo e sim um tesouro íntimo, eu me emocionei. Por um momento, meus limites pessoais desapareceram, meu corpo se prolongou no cosmos, os astros foram as raízes do meu pensamento e o passado de Ejo se tornou meu. Atrevi-me a comentar o poema.

– A água de que fala o seu haiku é a de um tanque milenar, tranquilo, sem ondas, sem nascimento, sem morte, para sempre ali, como a eternidade. Alçando seu voo labiríntico, ou seja, libertando-se da identificação com suas palavras, o vaga-lume, o homem iluminado, ao chegar à fronteira onde os conceitos se dissolvem na vacuidade infinita, antes de beber, antes de comungar com o mundo, aceitando a mudança de tudo aquilo que desejava fixo para sempre, se inclina reverente, agradecendo a impermanência da sua vida.

Quando Ejo ouviu minha interpretação, uma ponte invisível se estendeu entre o espírito dele e o meu. Supus, pelo seu largo sorriso, que íamos nos empenhar num novo jogo: ele recitaria e eu interpretaria. Não me enganei. Foi à cozinha e logo voltou com uma garrafa de saquê quente. Depois de alguns brindes, ele me propôs outro haiku:

Volta a aurora

Vaga-lume enjaulado

Somente a relva!

Respondi:

– Ao raiar da aurora, a luz do sol torna opaco o brilho dos insetos. Nem iluminação nem não iluminação, nem mestre nem discípulo, sumidos na embriaguez vamos cantar juntos, tal como rãs que engolem vaga-lumes e coaxam para a lua com o ventre fosforescente.

Satisfeito, Ejo soltou um grave “Hoo!”, fez uma simpática reverência e meio que cantou:

Noite de chuva

Os vaga-lumes voam

Ao rés do chão!

– Acho, meu caro Ejo, que os budas devem se adaptar às circunstâncias. Mesmo no lodo, os vaga-lumes não deixam de brilhar. Se as circunstâncias são adversas, o espírito iluminado, sem ceder à desesperança, fiel a si mesmo, não se deixa perturbar.

– Hoo! Muito fácil de dizer, mas muito difícil de realizar... Minha mãe e meus quatro avós haviam morrido, eu era um menino que só tinha por família um pai bêbado durante nove meses do ano. Apesar da minha pouca idade, podia entender sua tristeza de viúvo, mas ele não percebia minha tristeza de órfão. Naquelas longas noites de chuva, obrigando-me a sorrir, cumprindo meus deveres filiais, meu coração voava ao rés do chão. Aos nove anos, ao regressar um dia da escola, encontrei meu pai acompanhado de um monge zen. Kyubei agitou diante do meu nariz uma folha de papel: “Isso é um contrato que dá direito a Heikisoken Kodaishi de matar você, se considerar que você não está se esforçando em praticar seus ensinamentos. Entenda que, para você chegar a ser um bom monge, será um assunto de vida ou morte... Coma o seu arroz e vá dormir. Amanhã cedo irá com seu preceptor para o mosteiro de Horyuji. No sou digno de me ocupar da sua educação. Se continuar comigo, vai se transformar num mendigo. Essa é a última vez que me vê.” E, abraçando-me, uniu suas lágrimas com as minhas... À meia-noite escutei seus passos leves, cheguei à janela e vi ele se afastar rumo ao bosque de salgueiros. Tomando cuidado para não perturbar o frágil sono do meu futuro preceptor, demorei meia hora para vestir-me e sair de casa para espionar meu pai. Eu o vi ajoelhado junto ao lago, tão imóvel que à luz da lua parecia uma escultura de prata. Para minha surpresa, apesar do frio invernal, surgiu um solitário vaga-lume, fêmea, a julgar pelo seu grande

tamanho e pela intensidade de sua luz. Depois de voar repetidas vezes ao redor da cabeça do meu pai, o inseto pousou na testa dele. Então, ele se levantou arrastando os pés como um sonâmbulo e, dando pequenos passos, avançou em linha reta até o espelho formado pelo tranquilo lago. Sem produzir ondas, foi entrando nas águas até desaparecer. O vaga-lume permaneceu aderido à testa dele. Para minha mente de menino, o lago trouxe Kyubei e minha mãe.

Ejo tomou um grande gole e recitou:

Rápido se alumia

Muito rápido se apaga

Inseto de luz.

Então nos vi, o monge e eu, no meio do rio do tempo, no centro de uma esfera infinita, ardendo como duas fogueiras, felizes fogos artificiais que no céu não deixariam pegadas, saboreando o paraíso do instante, momento que nunca mais se repetiria... Teremos de chorar por nos precipitarmos no vazio? Sem crenças que nos consolem, sem inventarmos um destino à força de atos compulsivos, o que faremos desta vida inevitável?

Como se lesse meus pensamentos, Ejo, como forma de resposta, recitou dois haikus seguidos:

Quando a noite

Se torna impenetrável

Mais brilha a luz.

Desponta a aurora

Os vaga-lumes já são

Simples insetos.

Os primeiros raios solares deram uma tonalidade dourada à nossa pele. Enjoado e sonolento, acreditando que seria perdoado

por causa da minha embriaguez, me atrevi a interpretar esses versos.

– Se eu comparar a ideia fixa que tenho de mim com a interdependência sublime de todas as coisas (vaga-lumes, noite escura), me dou conta de que não sou um estranho, mas sim um participante. Nada é meu, nem sequer minha consciência, todos os lugares são portas abertas, o eu não é possível sem a existência do outro. Quando aparece o amor (a aurora) nos fundimos ao mundo convertendo-nos em ninguém.

Ejo, tão bêbado quanto eu, soltou um grande “hooo!” e balbuciou uma última recordação:

– O quiosque do mercador de vaga-lumes estava iluminado por centenas desses pobres insetos, amontoados em pequenas jaulas. Quando o meu pai recebia o dinheiro e se internava na noite escura com o saco de renda vazio, sempre me dizia com grande tristeza: “Agora teremos que ir carregando o nosso corpo que não brilha”.

Ejo então caiu profundamente adormecido sem abandonar sua postura de meditação. Levantei-me cambaleante e o deixei ali, como um buda de ouro, roncando de forma barulhenta.

Dirigi para casa com extremo cuidado, pois àquela hora matinal as ruas já estavam congestionadas de automóveis. Em cada esquina, cada vez que parava num semáforo, surgiam mendigos realizando cada qual um ato diferente para chamar atenção. Na primeira parada, depusitei o anel de ouro no chapéu que um rapaz esquelético estava me estendendo depois de expelir chamas pela boca cuspidando gasolina sobre uma tocha. Na segunda, dei todo o dinheiro que levava nos bolsos para três garotos fantasiados de palhaço com nádegas enormes. Na terceira, dei de presente meu casaco e camisa para um velho que equilibrava um mico de pé sobre o nariz. Na quarta, dei meus sapatos e meias para uma mulher que fazia malabarismos com quatro caveirinhas de borracha. E na quinta dei minhas calças para uma mulher que segurava um menino cego. Cheguei em casa só de cuecas. Ao cair na cama,

antes de mergulhar num sono pesado, recordei que meus pais nunca haviam me acariciado.

Dez horas mais tarde despertei com os dolorosos miados da minha gata Mirra, que estava dando à luz com dificuldade. Levei-a ao veterinário de emergências. A jovem angorá negra, na mesa de operações, só pôde dar à luz um belo filhote cinza de pelo curto e macio. Ao ver esse órfãozinho mamar com desespero as tetas de sua mãe morta, pensei em Ejo. Senti uma enorme pena ao imaginar aquele menino de nove anos, sem família, abandonando os amigos, os lugares prediletos, as brincadeiras infantis, para internar-se num mosteiro, longe da doçura do contato feminino, obrigado, talvez sem nunca tê-lo desejado, a meditar, orar, trabalhar, mendigar, servir, considerando a negação de si mesmo como mérito supremo. Eu o vi no mosteiro, antes de receber o primeiro café da manhã dele, ir tremendo de fome e timidez ao aposento do severo monge principal para saudá-lo e agradecer a hospitalidade. Eu o vi sentado, imóvel, contendo suas lágrimas, enquanto um noviço de mais idade lhe raspava o crânio. Junto com os cabelos iam-se as ilusões que o ligavam ao mundo. Eu o vi esfregando o chão, limpando latrinas, cultivando a horta, ajudando na cozinha e na lavanderia, ocupando seu lugar na plataforma do zendô depois de prometer não parar de meditar até iluminar-se. Em meio a esse grupo de adultos severos, onde em nenhum segundo se pode ficar sozinho, e só é permitido possuir um tatame, para que nessa reduzida área medite, durma e sonhe. Um pedaço de madeira lhe serve de travesseiro. Também lhe é concedido um espaço no armário comunal para que guarde sua tigela, uma navalha para raspar a cabeça, um fino colchonete dobrável. Nada mais. Nenhum passatempo. Cada vez que entra ou sai do zendô pode ler numa tabuleta: “É um assunto de vida ou morte. Nada permanece. O tempo passa rápido, não espera ninguém. Não deve desperdiçá-lo.” Ao amanhecer, quando o monge encarregado examina uma das mãos e pode distinguir as linhas de sua palma, pega um malho e golpeia a tabuleta, e essa cadeia de sons secos desperta bruscamente o menino, anunciando-lhe o começo das exaustivas tarefas cotidianas. À tarde, quando já não

pode ver as linhas da palma da mão dele, o encarregado volta a golpear a tabuleta. Então é servida uma ceia frugal, que ao final se deve agradecer entoando sutras e fazendo profundas reverências. Por fim, exatamente às nove da noite, os repetidos golpes anunciam que a jornada terminou. Antes de pegar seu colchonete, para dormir junto aos outros monges em uma postura que é obrigatória, leu em outra tabuleta, mais ampla e larga, as estritas regras da vida monástica, indicando como saudar antes e depois da meditação, como caminhar, como beber o chá, como tirar as sandálias, como urinar e defecar. Tudo está regulamentado. Não lhe é permitido nenhum gesto espontâneo. Tampouco conversas particulares. É proibido comentar, proibido murmurar. Para a higiene matinal só pode usar três canecas de madeira cheias de água. Deve segurar a caneca com uma das mãos e lavar o rosto com a outra, como um gato. Enquanto assim o faz, o rôshi, para ensinar-lhe a não desperdiçar um bem que não pertence a ele, mas sim à toda a humanidade, aconselha: “Use duas canecas e economize uma para seus descendentes.” E assim tudo igual a cada dia, durante trinta anos, cerimônias do chá, visitas ao rôshi para receber um koan, limpezas do jardim, saídas para mendigar dinheiro ou arroz, banhos coletivos em estrito silêncio, dormindo no inverno sem calefação ou meias de lã, recebendo nas omoplatas os golpes rituais, trocando de roupa duas vezes por ano (no inverno e outono, uma de lã, na primavera e verão, uma de linho), passando por contínuos exames diante de monges importantes que determinam se o deixam continuar no mosteiro ou o expulsam. Ao cabo de quanto tempo este menino órfão, transformado em adolescente, em adulto, obteve essa iluminação que a fatalidade o obrigou a buscar? Estava nas generosas mãos de Buda, sabendo ser uma nobre ferramenta que o destino talvez empregaria para realizar uma grande obra... mas também consciente de que – exceto ter escapado com outros noviços algumas noites, pulando um muro para ir beber e divertir-se num bar da aldeia – não tinha nenhuma experiência da vida. Sair desse austero mosteiro para viajar aos Estados Unidos e depois fincar raízes no México, deve ter sido um choque espiritual enorme. É difícil alterar os mecanismos adquiridos durante toda uma vida.

Apesar de estar em uma imensa cidade, Ejo continuava encerrado em seu mosteiro japonês. De tanto controlar palavras e gestos, de tanto imobilizar-se em meditação, de tanto lavar seu corpo para despojá-lo de toda mancha moral, havia perdido a ternura, desconhecia as carícias, o prazer dos movimentos espontâneos, puramente animais.

Decidi levar-lhe de presente o gatinho cinzento.

Encontrei Ejo Takata meditando, como era seu costume nessas primeiras horas do dia. Aproximei-me lentamente e depusitei o bichano entre suas pernas. O gato se acomodou de imediato e começou a dormir, ronronando. Ejo, como uma estátua, manteve sua posição até que o bastãozinho de incenso se consumiu por completo. Então bocejou, se espreguiçou, sorriu e, acariciando a suave pelagem cinzenta, me propôs um koan:

– Certa manhã, os monges das alas leste e oeste disputaram a posse de um gato. Ao ver isto, o mestre Nansen pegou o animal e, levantando-o com uma das mãos enquanto a outra empunhava uma faca, disse: “Se algum de vocês puder me explicar o significado disto, não cortarei este gato em dois.” Os monges não puderam responder. Então Nansen o cortou em dois... – Ejo soltou um grito agudo de gato morrendo e logo continuou: – À tarde Joshu chegou ao mosteiro, Nansen lhe contou o ocorrido, pedindo-lhe um comentário. Joshu tirou uma sandália, a pôs sobre a cabeça e começou a se retirar. Nansen disse: “Se tivesse estado aqui, poderia ter salvado o gato.” – Ejo soltou um novo grito, de gato nascendo, correu à cozinha, voltou com uma faca e, levantando o gatinho, me disse com um brilho implacável nos olhos: – Se me disser o significado disto, não o cortarei em dois!

Comecei a suar e a respirar de modo entrecortado. Senti que o ar me faltava. A que se referiam Nansen e Takata ao pedir que explicassem o significado “disto”? “Isto” como ato de erguer o gato, dando a entender que a vida e a morte são a mesma coisa? “Isto” como a própria realidade, fantasia na qual acreditamos existir? Ou “isto” como um ilusório Eu, capaz de brigar pela posse de algo

também ilusório? “Isto” como vacuidade que não pode ser definida com palavras? E por que essa absurda sandália na cabeça e esses gritos imitando a agonia e o nascimento de um gato?

Vendo-me nesse estado lamentável, forçando meu intelecto para tentar encontrar uma resposta, Ejo ergueu a faca disposto a desferir o golpe fatal.

O felino, pendurado pela pele de seu pescoço, agarrada entre o polegar e o indicador do monge, se pôs a miar.

Perdi o controle e, empurrando Ejo, o arrojé ao solo. Com um pontapé fiz que soltasse a faca e lhe arrebatei o gato. Depois, apertando o animal contra meu peito, retrocedi espantado. Um sacrilégio! Ao derrubar o Buda de seu pedestal, minhas ilusões místicas se desfizeram em pedaços. Nunca mais voltaria a contar com a amizade do monge. Tive certeza de que me expulsaria do zendô quando se recuperasse. Como uma inundação, fluíram para minha mente certas lembranças dolorosas: quando fiz quatro anos, um vizinho me deu de presente Pepe, um lindo gato cinzento. Entre esse animal e eu se estabeleceu um nexo profundo. Soube domesticá-lo como se fosse um cão. Obedecia quando eu o chamava pelo nome. Sentava-se e agitava no ar as patinhas dianteiras para pedir-me um pedaço do que eu estava comendo, brincava com minhas mãos sem nunca arranhá-las, tinha uma linguagem de miados que eu sabia interpretar. Todas as noites vinha fazer-me companhia, dormindo sob as cobertas. Meu pai, acreditando que os gatos, ao respirar perto do rosto de um menino, lhe transmitem tuberculose, o matou no jardim, diante de mim, com um tiro na cabeça. Minha felicidade com Pepe havia durado seis meses. Aos quatro anos e meio fiquei sabendo como a morte de um ser querido deixava o mundo vazio. Melhor dizendo, como o preenchia com sua ausência. Essa tristeza me penetrou até a medula dos ossos. Carreguei no fundo do meu coração um impotente rancor contra Jaime, meu pai. E agora, apesar de sentir-me culpado por ter golpeado o mestre, sorria aliviado. Por fim, havia feito o que não pude fazer quando menino: salvar meu gato. Tive a

surpresa de ver Ejo levantar-se exibindo, como eu, um sorriso de orelha a orelha. Parou diante de mim e abriu os braços, exclamando:

– Você resolveu! Quando Nansen, com seu “isto”, pede que lhe afirmem que não há diferença entre a vida e a morte, Joshu, sandália na cabeça, zomba do seu intelecto. Ponho a realidade cotidiana em minha mente! Como quero o gato, o arranco de suas mãos! Se para levar a iluminação aos monges você começa a matar felinos, seu zen não significa nada! Kuatsu! Kuatsu! Kuatsu! Alegria! Embora a vida seja um sonho fugaz, um gato vivo é diferente de um gato morto!

E abraçando-me ferreamente me fez saltar e bailar com ele, dando gargalhadas.

Eu, sem soltar o gato, que participava ronronando, me entreguei a essa festa com certa desconfiança. Ejo, dando-se conta de minhas dúvidas, tirou o felino dos meus braços, disse “Arigatô!” e o acariciou com uma ternura surpreendente. Em seguida o levou à cozinha para dar-lhe de comer. Eu o segui. Apesar de tudo parecer em ordem na cozinha, senti emanar de cada objeto uma tristeza de órfão. A alegria do gatinho lambendo o prato fazia ressaltar a frieza do ambiente. Não pude me impedir de lhe dizer:

– Ejo, acho que você precisa de uma mulher!

– Preciso! – exclamou, esticando o braço esquerdo até o teto com a mão empunhada.

No dia seguinte tomou o avião para ir ao Japão, em busca de uma companheira.

10 Caoshan Benji (840-901), em japonês Sozan Honjaku, mestre chinês da escola Chan, estudou primeiro os clássicos confucianos e depois foi atraído pelo budismo. Com seu mestre Dongshan Liangquie (Tosan Ryoki) fundou a escola Gaodong (em japonês, Soto), que teve grande importância no Japão graças ao discípulo Yunju Daoyin (Ungo Doyo).

11 Farinha de milho tostada e adoçada com açúcar. É muito difícil de comer a seco, pois exige uma grande salivação.

- 12 Deshan Xuanjian (782-867), em japonês Tokusan Senkan, estudou em profundidade o Sutra do Diamante, dirigiu um mosteiro e deixou vários discípulos, entre eles Xuefeng Yicun (822-908), conhecido também por seu nome japonês Seppô Gison, que depois fundou um mosteiro no monte Xuefeng, do qual tomou seu nome.
- 13 Nome religioso do funcionário chinês Zheng Ting, que viveu entre as dinastias chinesas Sui (589-618) e Tang (618-906).

7

Da pele à alma



“Cada pessoa que se tem de enforçar requer uma técnica diferente. Depende do físico dela.”

VERDUGO A PLAZOS, SILVER KANE

Esses quarenta dias de ausência do mestre me fizeram consciente da importância de sua presença para mim. Precisava tê-lo à frente confirmando cada uma de minhas palavras. Sem sua aprovação, sentia que minhas pegadas desapareciam antes de dar os passos que deveriam imprimi-las.

Durante sua estada no Japão, ninguém esteve certo do regresso de Ejo. Na realidade, pela vida de privações que levava (costumava alimentar-se de verduras, frutas e pescados que sobravam no mercado) e por seu escasso número de discípulos, nos parecia absurdo que voltasse. No entanto, para conservar a união com seu espírito, continuamos comparecendo todo dia ao zendô.

Irritado porque Ana Perla, alegando ser a única que podia cruzar as pernas na posição de lótus, havia ocupado o lugar do mestre e se permitia dirigir as meditações, retaliei tossindo e pigarreando constantemente. Ninguém pareceu se importar. Cada um se rodeara com estatuetas de Buda, vasos com flores e reproduções de objetos maias. Ana Perla, lésbica assumida, exibia entre suas pulseiras tibetanas grossas cicatrizes, vestígios de suas múltiplas tentativas de suicídio por decepções amorosas. Agora, com a cabeça raspada, se sentia santa e a salvo de uma nova paixão. Para sublimar hormônios nos fazia repetir exaustivamente, como rãs à beira de um lago milenar cantando para a lua, o Sutra do Coração: *Gate gate parâgate pârasamgate bodhi svâhâ*¹⁴, que traduzia de maneira deturpada: “Vou, vou, mais adentro, mais fundo, Orgasmo, bênção.”

Convencido de que Ejo havia desaparecido em seu país natal e com nojo do fetichismo de seus discípulos, me despedi para sempre, tentando levar o gato. Pelo escândalo que fizeram por causa disso, percebi que haviam elevado o bicho ao cargo de representante do mestre. Ana Perla insistia que podia ver uma aura dourada ao redor da cabeça felina... Mais uma vez caminhei pela avenida Insurgentes, ruminando minha raiva. Numa esquina vi o rapaz que havia atacado meses atrás, acompanhado por outros quatro vestidos como ele, de calças *jeans* bem justas e camiseta regata, fazendo sinais ambíguos para os carros. Tive preguiça de mudar de calçada. Recordando um koan de Ejo (“Por que você não vê o que não vê?”), disse para mim: “O que vejo só vejo do meu ponto de vista, depende do meu bom ou mau humor. O mundo é a extensão do meu espírito. Se os ignorar, esses rapazes também vão me ignorar. Invisível, passarei perto deles.”

Ou eu não os havia apagado bem do meu espírito ou minha interpretação do koan era errônea: mal me aproximei, avançaram sobre mim, me jogaram ao chão e começaram a me chutar.

– Machão de merda! Vamos ensinar você a nos respeitar!

O que eu podia fazer? Eram cinco contra um. Cobri a cabeça o melhor que pude, entreguei sem protestar meu corpo ao castigo e me refugiei na mente. Os golpes não me impediram de recordar outro koan:

“Um monge pergunta ao mestre Ummon¹⁵: ‘O que acontece quando as folhas murcham e caem da árvore?’ Ummon responde:

‘Do meu coração surge um vento de outono’.”

Aquilo que é irremediável merece ser amado... Pensando assim, aceitei com calma a surra que não podia evitar: por um lado, a merecia; e por outro, apesar de sofrer algumas contusões, não perderia a vida. Esses rapazes não iam cometer um crime.

Minha calma se evaporou quando me arrastaram até um beco vizinho e começaram a baixar as minhas calças. Na malcheirosa penumbra vi brilhar seus falos e meus cabelos se eriçaram. Nenhum

koan me permitiria aceitar ser violado. Comecei a golpear e gritar. Eles me imobilizaram de bruços com as nádegas empinadas e as pernas abertas. Ao som de um coro de zombarias, alguém besuntou meu ânus com saliva. As risadas congelaram quando uma voz feminina exclamou:

– Larguem ele! Ele é meu!

Obedecendo à ordem, os agressores se persignaram como se estivessem diante de uma virgem santa e se afastaram correndo. Por minhas meditações zen, eu acreditava ter domado meu ego e me considerava limpo de todo orgulho. No entanto, nesse recanto sombrio, com as calças pendendo de meus joelhos como um molusco morto, acometido de tremores nervosos, com uma absurda voz de criança comecei a soltar soluços de humilhação.

– Não se envergonhe, rapaz. Não dê tanta importância à penetração. Esses jovens não são maus, eu os conheço bem. Toda vez que estão doentes vêm me ver. Se eles se portaram assim com você é porque ofendeu um deles. E de qualquer modo, como são profissionais, teriam possuído você sem machucar. Talvez quisessem fazer você aceitar o lado receptivo, que todo machão reprime por desprezo à mulher. Venha comigo, moro aqui perto, ao lado da loja de tacos. Está com os joelhos esfolados, precisa desinfetar a ferida.

A dignidade que havia nos gestos dessa dama, vestida com rigorosa simplicidade, me fez confiar nela. Enquanto caminhávamos até onde morava, ela me disse:

– No outro dia, depois de chutar aquele pobre menino, você foi embora falando sozinho sem se dar conta. Cruzou comigo, mas não me viu. Você ia insultando a si mesmo. – Ela imitou à perfeição meu tom de voz e a maneira de falar: – “Sou um puto espiritual esperando que Buda venha me possuir e em troca me dê uma iluminação!”

Depois prosseguiu:

– Você se deprecia e deprecia esses rapazes sem se dar conta de que, tanto quanto você, eles prestam um serviço a seus clientes, na maioria pais de família que liberam impulsos homossexuais. E você presta às suas deusas... Ao meditar desenvolve a consciência, e exatamente para isso as deusas nos criaram. O jogo delas é conseguir que a totalidade da matéria se torne consciente. No final dos tempos esse universo há de ser puro espírito. Ao tornar seu corpo mais sutil você ajuda as Supremas Criadoras a realizar a obra delas. Com razão você exclamava – e voltou a imitar minha voz: – “Basta! Meditar, imóvel como um cadáver, não me serve de nada!”. Ao transformar seu corpo numa estátua, você segue o caminho contrário, aquele que as deusas já percorreram e esgotaram: materializar o espírito. Tudo que seus olhos veem, o que você ouve, gosta e toca, são divindades petrificadas. Cada pedra, cada planta, cada animal encerra uma consciência que deve ser liberada, não por meio de uma destruição, mas sim por uma mutação. Embora você não creia, isso que chama de realidade é, na essência, um canto de amor. Tudo pode ter asas, até mesmo o excremento. Você deve se dar conta de que esses garotos de programa, de certa maneira, são santos. Tão santos quanto essa mendiga que dorme junto às latas de lixo. O outro é aquele que vê em você...

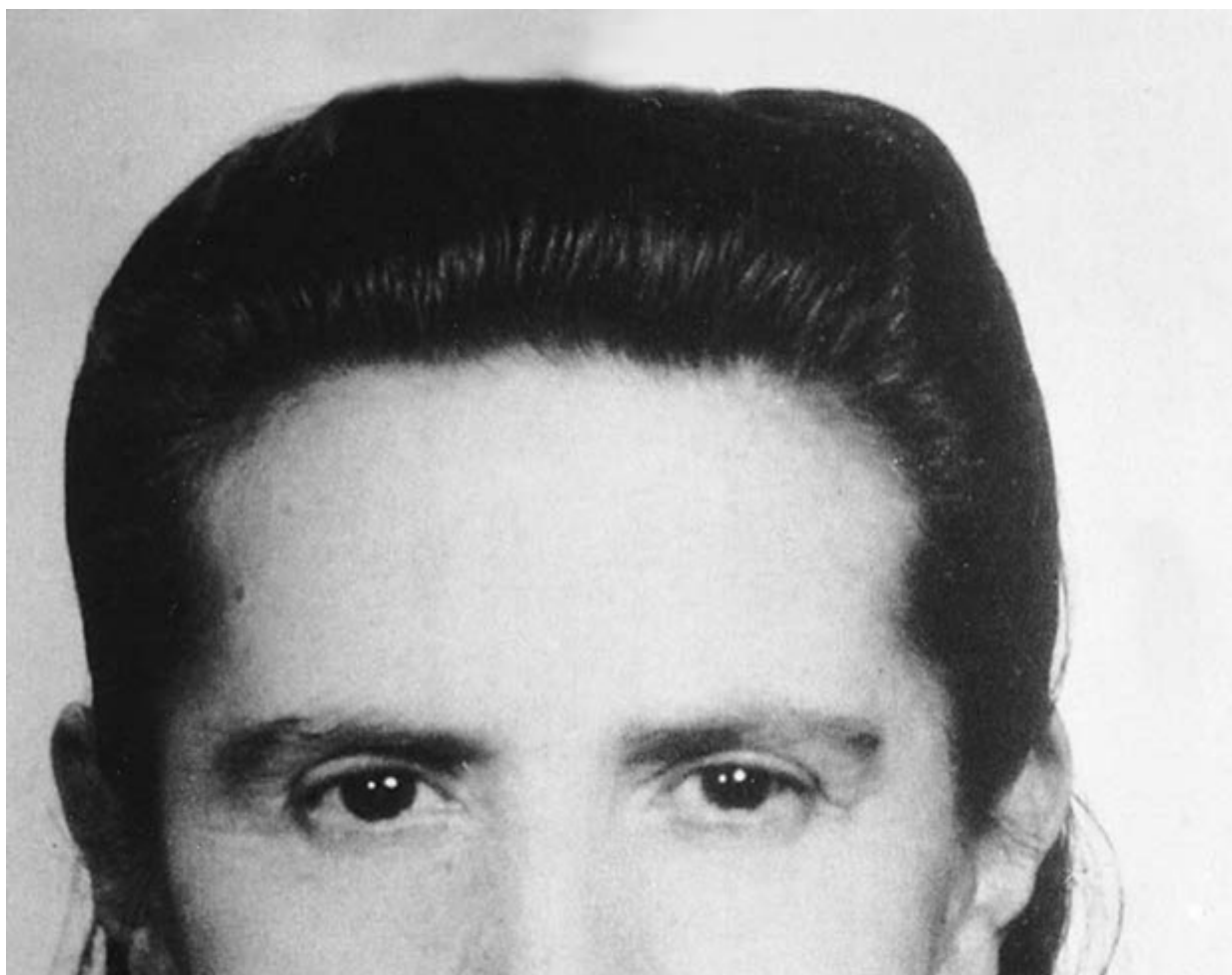
Ao lado da loja de tacos, entre muros altos e descascados, havia um beco. No fundo, esperava-nos uma decrepita escada em caracol. A fumaça gordurosa dos tacos na brasa, que saía pela chaminé da cozinha, se introduziu em meu nariz e comecei a tossir. O fedor me era insuportável. Doña Magdalena, sem alterar-se, continuou subindo com dignidade de rainha. Chegamos diante de uma porta de latão, muito baixa. Para atravessá-la tivemos que inclinar a cabeça. Eu a ouvi murmurar:

– A chave de toda porta é a humildade. – Em seu pequeno apartamento, um perfume doce amenizava o odor de gordura. – É goma-copal, usada para perfumar templos e também sepulturas.

Era um cômodo retangular, com uma só janela, de paredes brancas sem adornos. No lugar de luz elétrica, em cada canto havia

uma vela, longa e grossa. No meio, sob uma pequena claraboia, uma mesa para massagens. Atrás de uma cortina, um banheiro. Atrás de outra, a cozinha. Um caixote de madeira dividido em partes servia como guarda-roupa.

Doña Magdalena me convidou a sentar na mesa de massagem. Mal pus meu traseiro na superfície forrada de tecido de algodão grosseiro, ela me untou com suavidade o rosto e os lugares machucados com um creme que cheirava a benjoim. Logo minhas dores se apaziguaram, ao mesmo tempo em que ela parecia mudar de personalidade. Eu a senti como se fosse de outro mundo. Seu olhar profundo e límpido me causou o efeito de uma droga. Cessaram os ruídos que vinham da avenida, desapareceram as vozes e odores, a realidade adquiriu a consistência de um sonho... Ela falou lentamente, com um tom grave, preciso e monótono, como se estivesse ditando para mim.





Única foto conhecida de Doña Magdalena

– Por enquanto, você não sabe quem é, mas procura a si mesmo com tal intensidade que decidimos ajudar você, nós, as partículas elementares da consciência eterna... O que vamos ensinar não é só para você: a semente é dada ao semeador para que faça a terra dar frutos. O que for dado para você será também para os outros. Se o guardar, você o perde. Se o der, por fim conseguirá tê-lo. Até agora você tem trabalhado imobilizando seu corpo ao considerar como efêmero tudo que não pertence a você, pensando encontrar num cadáver o espírito imortal que você é. Porém, filho nosso, seu espírito também foi emprestado para você e está condenado a desaparecer... Tanto ele quanto o corpo devem perder a esperança de serem imortais para, cessando de viver separados, unirem-se como macho e fêmea, livres da tirania do tempo, mergulhados em um instante sem fim, entregues à criação de um sublime estado de felicidade. Quando dissolver os contrários que mantêm coagulados, e que tendo sido dois se tornam um, então uma estrela irá brilhar na noite escura. Essa felicidade de estar vivo alimenta o olho divino que espia você a partir do centro do seu ser efêmero. Se sua alegria é

genuína, se você calcinou todas as esperanças, se deixa de ser um corpo que suporta um espírito ou um espírito que carrega um corpo, se é ao mesmo tempo matéria densa e transparência, será recebido no seio da Deusa tal como uma ovelha desgarrada volta ao redil. Sua sorte individual será a mesma do cosmos... Se até agora tem seguido o caminho mental, nós o vamos guiar você pelo caminho corporal. Se assim convém a você, volte amanhã ao meio-dia.

Quando saí do beco senti um cansaço tão profundo que mal pude levantar o braço para chamar um táxi. Ao chegar em casa caí na cama, sem forças para sequer tirar os sapatos. Dormi das quatro da tarde até às onze da manhã. Levantei-me de um salto, lavei o rosto, escovei os dentes em minutos e saí correndo para chegar a tempo ao encontro. Mal bati na pequena porta de latão, minha ansiedade se dissipou e fui invadido por uma estranha calma. Doña Magdalena me recebeu completamente nua.

Até esse dia, para mim, ver uma mulher sem roupa sempre havia sido motivo de excitação. Mas Magdalena, nua, parecia vestida com sua alma. Sua calma, sua dignidade, a harmonia de seus movimentos, o tom uniforme e escuro de sua pele a faziam parecer um ídolo de argila. Ante tal naturalidade, senti vergonha dos meus pudores, do desprezo que carregava em meu próprio corpo, do cortante conteúdo sexual que projetava em minha carne. Na realidade sempre havia considerado meu corpo como um tumor da minha razão, um velhote futuro, um ninho de vermes...

– Basta, rapaz, chega de se torturar. Começamos o trabalho pelos ornamentos que estão cobrindo você. Os trajes são a noite escura e, à medida que vá se desfazendo deles, você conhecerá as primeiras luzes da aurora. Livre-se do relógio, pare de marcar o tempo!

Sua ordem peremptória me lançou numa espécie de transe. Perdi qualquer senso de pressa e me invadiu uma lentidão de sonho. Magdalena, movendo-se com a tranquilidade de uma partícula de poeira flutuando num raio de sol, começou por tirar-me a jaqueta de couro. Abriu-a milímetro por milímetro, como se me

descascasse, fazendo com que cada segundo durasse uma eternidade. Conforme era retirada, a vestimenta foi ganhando diversas formas, transformada em uma ameiba negra. Tornei-me consciente da infinidade de movimentos que devia executar para tirar os braços das mangas. Despir-me a essa mínima velocidade se transformava em uma expressão artística onde a dança, entremeada com a escultura, dava vida sagrada ao compromisso.

– Você chegou coberto com os restos de um animal assassinado. Essa dor, amalgamada no couro, trespassa sua carne e se assenta em sua alma. A pele inteira é um olho que absorve o mundo. Tome cuidado com os materiais com que se cobre. Todo objeto tem sua história. O linho, a seda, o algodão, a lã são elementos puros que não embaçam a sua mente. O resto é maligno, ataca suas células, desequilibra seu sistema nervoso, injeta sofrimento no seu sangue.

Possuído por seus lentíssimos gestos e por sua voz delicada mas com a profundidade de um lago, senti que me perdia em um labirinto de nuvens. Quando despertei estava de pé, nu. Magdalena terminava de ordenar minha roupa, dobrando-a com cuidado extremo, como se estivesse fazendo figuras de origami.

– A roupa usada sem consciência é um disfarce. A mulher e o homem sagrados não devem vestir-se para parecer, mas sim, para ser. As vestimentas têm uma forma de vida. Quando correspondem ao que você essencialmente é, fornecem energia para você, atuam como aliados. Quando correspondem à sua personalidade desviada, sugam a sua força vital. E embora sejam suas aliadas, se não se preocupar com elas, se não respeitar suas roupas, elas se vingam, perturbando sua consciência. Entende agora por que devemos dobrar nossa roupa tal como se faz com a bandeira pátria ou um ornamento sagrado? Siga-me, vou dar um banho em você!

– Lavei meu corpo antes de vir.

– Qual deles? Você tem sete. E aquele que imagina único é um cadáver... Comporte-se então como tal!

Não soube como responder. Fiz o que ela me pedia: esqueci minha vontade e me deixei cair ao chão. Tomando-me por lugares muito precisos, ela me ergueu sem nenhuma dificuldade, me levou ao cômodo ao lado e me submergiu em uma tina cheia de água morna.

– Seus antepassados costumavam lavar os defuntos antes de enterrar eles, não porque achassem que estavam sujos, mas sim para libertar a carne e seus seis corpos intangíveis dos laços incorretos com a matéria.

Ela me ensaboou vigorosamente da cabeça aos pés, me enxaguou, me ensaboou de novo, e assim sete vezes seguidas. O fez com tal força e tão minuciosamente que, à medida que repetia as lavagens, fui me sentindo mais leve, respirando melhor. Ela me tirou da água para colocar um perfume com aroma de incenso em mim.

– É gálbano, meu jovem. Os sacerdotes judeus usavam isso para perfumar os altares de ouro deles. Cada corpo humano é um altar.

Levantei-me na ponta dos pés, invadido por uma sensação de felicidade, com vontade de dançar.

– Não cante vitória antes do tempo. Se está se sentindo bem agora, vai se sentir muito melhor quando eu terminar de raspar você...

Raspar? Sem preocupar-se com minha expressão de estranheza, me fez sentar na mesa de massagem, pegou uma faca de osso e começou, com o gume embotado, a raspar a minha pele, centímetro a centímetro, como se estivesse tirando uma crosta invisível.

– Com os anos, os medos incontáveis, de morrer, de perder os entes queridos ou o território, a identidade, o trabalho, a saúde se condensam em forma de minúsculos grãos debaixo da pele. Por outro lado, as auras dos seis corpos impalpáveis, ao ter sua capacidade de expansão inibida, se encolhem uma sobre a outra até formar uma couraça invisível grudada à pele que impede que nos juntemos ao verdadeiro mundo, não aquele que é pensado, mas sim

o que nos pensa... Essa armadura fecha você, separando você dos outros, do seu planeta, do cosmos. Faz você viver na escuridão infernal, porque a luz da alma é a união. Você vai perceber que o corpo humano é imenso, raspar um deles por completo exige pelo menos três horas. E mesmo assim, para dissipar seu medo e tirar você do calabouço carnal, uma sessão só não basta: teremos que repetir ela mais nove vezes.

Sussurrando uma canção de ninar começou, com uma paciência infinita, a raspar todo o meu corpo, incluindo o couro cabeludo, os dentes, a língua, o palato, o interior das orelhas, as pálpebras, as unhas, os testículos, o pênis, o ânus. O fez com tal precisão que não senti cócegas na planta dos pés nem em qualquer outro lugar. Suas mãos decididas, enfiando a faca à profundidade necessária para dissolver os grânulos, nem dolorosa nem suavemente demais, me pareceram as de um escultor que, ao eliminar o inútil, revela a forma que a matéria contém.



Quando voltei para casa já era noite. Uma simples manga foi o meu jantar. Estava tão cheio de energia que me foi impossível dormir antes da aurora. Às oito da manhã levantei, sem sentir a menor falta de sono. Durante nove dias Doña Magdalena repetiu a raspagem, cada vez enfiando a ponta embotada mais fundo. Minha opacidade desapareceu. Comecei a me sentir transparente. Vi a cidade e seus habitantes de outra maneira. Parei de criticar, me senti responsável. A euforia de viver varreu como um vendaval minhas habituais angústias.

Magdalena, como as nuvens, mudava de personalidade, inclusive de aparência, eu me atrevera a dizer, a cada vez que me recebia. Jamais consegui entrar na mente dela. Recordo que disse: “Sou uma cadeira vazia.” Com suas mãos foi-me transmitindo o sublime, injetando sua humilde sabedoria em meu coração, assim como certos insetos depositam suas larvas no corpo de outro para que se nutram do sangue dele, se desenvolvam e mais tarde surjam transformadas em esplendorosas crias. Depois de raspar meu corpo

inteiro dez vezes, com uma pequena vareta me limpou as orelhas, perfumou-as e as untou com um pouco de mel.

– Agora sim posso falar com você, porque terá ouvidos doces para minhas palavras... Concentre-se. Sinta seu corpo. Perceba que você trata ele como uma máquina, como um carrasco que se deve castigar. Permitimos ao nosso corpo ver, ouvir, cheirar, saborear, mas a seu toque se atribuem projetos mórbidos. A todo momento, mesmo nuas, nossas mãos levam luvas. A civilização transformou elas em ferramentas, em armas, em dedos para pressionar teclas. A serviço da palavra, como animais amestrados, só servem para sublinhar conceitos, deixaram de ser transmissores da alma. Você não tem mãos, rapaz, tem pinças com sentimento de culpa. Tudo em que você toca, você rouba. Precisa reaprender a sentir suas mãos... Vamos ver se consegue abrir elas. Separe os dedos, estire as palmas... Mais... Está vendo como não pode fazer isso completamente? Você hesita em soltar o que acha que é seu. Fica carregando um fardo invisível: sua segurança, seus temores de nada possuir, de perder o que acha necessário. Contenta-se com um punhado de moedas sem saber que é seu o dinheiro de todo o planeta. Abra suas mãos até sentir que estão perdendo os limites, que abarcam a terra inteira, o céu infinito, o universo eterno. Não queira conservar nada, não queira possuir nada, aceite dar e receber tudo. Sinta como suas mãos inspiram e expiram, seguindo o ritmo dos seus pulmões; sinta o fluxo e o refluxo do sangue, e inclua elas no palpar do seu coração, deixe que suas mãos se nutram do calor da vida. Uma vida que não tem fim porque, sendo puro amor, é imperecível... Agora feche seus dedos. Veja a força nobre que transcende seus punhos, são dois guerreiros dispostos a lutar até o fim contra a morte e depois, como duas flores sagradas, a se abrirem para que de suas palmas surja o aroma da nova vida. Por favor, meu filho, recupere a memória... Sinta suas mãos se a pequenarem... Mais pequenas... Mais... Leve nelas as sensações de quando foi um feto: sinta a água divina que deixa você submerso no ventre da sua mãe, sinta a inocência, a imensa ternura que reside em cada célula do seu corpo, o agradecimento ao mistério que

permite que elas nasçam, o prazer da energia que outra vez retorna ao mundo, uma vez mais o dom da matéria, alma nascida no centro da carne. Torne-se mãe das suas mãos. Prometa a elas o mundo, ensine a elas a ir mais além do denso, deixe elas conhecerem a secreta poesia do espaço, crie esculturas invisíveis... Agora cresça... Deixe vir a recordação, que dessas mãos vieram as primeiras carícias... Você não tinha experiência sexual, tudo era novo... Já apalpando as distâncias, não havia separação, sabia que se estirasse seus braços podia tocar as estrelas... Nessas mãos você leva agora mesmo todo o passado. Sinta como ainda são garras, cascos, até tentáculos, veja mais profundamente, chegue até quando foram metal, pedra, energia primordial. Agora regresse, apalpe até o futuro, sinta seus dedos se alargarem, fiquem transparentes, criem asas, ondas luminosas, canto angelical... Vê a força que você pode transmitir? Se abandonar as luvas mentais, suas mãos vão emanar uma aura dourada...

Então Magdalena abriu as mãos dela diante do meu rosto. Eu as vi rodeadas, tal como ela dizia, de uma luminosidade dourada. Apoiou-as em meu peito e comecei a chorar. Percebi que o que eu estava recebendo não era dela. Por meio de um contato aparentemente simples, mas na realidade mágico, me transmitia uma informação que me faltava desde que meus pais haviam me concebido: o amor divino.

– Você ainda não tem estrutura. É um homem sem esqueleto. Se não tem ossos, como pode acariciar?

Ela me estendeu na cama e começou a me apalpar. Pareceu-me que seus dedos se afundavam em minha carne até atingir os ossos. Uma parte essencial que, por medo da morte, eu havia desejado esquecer. Foi pressionando osso por osso, entrando nos lugares mais recônditos, delineando as formas, fazendo-me sentir sua força medular... Nunca mais voltaria a me mover do mesmo jeito. Antes meus gestos haviam sido superficiais, só de carne, agora tinham um eixo sólido e transbordante de vida. Na brancura dos meus ossos eu não via mais a morte, algo a ser engolido pela terra, mas sim uma

concentração de tempo – eu era um esqueleto igual a todos os outros, mas imbuído de uma alma pessoal.

– Você sabe como pedir, tem feito isso desde que nasceu: levante os braços, estire as mãos, abra a boca para o céu esperando a queda do maná... Meu filho, você esqueceu que a terra o ensina a girar ao redor de um eixo, como a galáxia, como o universo. Se você não tem eixo é um pântano, um magma de esperanças que nunca se eleva, uma trepadeira à qual falta um muro para crescer. Seus ossos se desenvolvem girando em torno de si mesmos. A inclinação e a translação encontram sua raiz profunda na rotação.

Magdalena, com suas mãos convertidas em tenazes, moveu pacientemente um osso após outro – o perônio, o úmero, o cúbito, o fêmur, a rótula, a tibia – e começou lenta mas implacavelmente a fazê-los girar para fora, como se estivesse abrindo um caixão há muito tempo fechado. Tenso no começo, após superar ligeiras dores, comecei a me sentir livre de uma couraça que começava em meus ossos e continuava em meu espírito.

– Seus braços, suas pernas, sua coluna vertebral, por medo dos outros, sem que você se dê conta, tendem a girar para dentro obedecendo a uma memória fetal. Seu esqueleto tem reações de ouriço: ao menor perigo se enrola. Mas o tempo avança sem possibilidade de retrocesso. Você não pode se transformar numa bola, separado do mundo. Esses ossos sabem que um dia flutuarão no cosmos. Seu esqueleto, atraído pelo futuro, tem possibilidade de se abrir, como uma flor da qual você é ainda o botão fechado. E já basta de caminhar com um muro negro às suas costas. Você carrega na nuca o mundo convertido em noite. É só girar a cabeça que seus olhos iluminam o desconhecido... Mais ainda... Para a esquerda, assim, até que se apague o conceito nuca... Agora para a direita... Você não está obrigado a avançar arrastando uma escuridão. Seu corpo não tem dianteira, nem traseira, nem lados; é uma esfera rutilante.

E pouco a pouco Magdalena me fez girar a cabeça, até que não houve um só lugar que eu não pudesse ver. Deixei de me sentir atacado por um inimigo oculto na noite que se aninhava nas minhas costas.

– Se os ossos são seres, as articulações são pontes por onde você há de atravessar o tempo. Cada uma de suas idades segue vivendo em você. A primeira infância se abriga em seus pés. Se deixar o seu ser bebê encerrado ali, ele trava sua marcha, submerge você em uma memória que é berço e prisão, corta você do futuro, deixa-o estagnado no pedir sem dar e sem fazer. Deixe que a energia acumulada nas plantas, dedos e peitos do pé suba até as canelas, transforme você em menino: brinque, dance, chute o ar como se fosse um gigante que você domina. Mas não pare aí, ataque essa fortaleza aparentemente inexpugnável que são os seus joelhos. À frente apresentam uma couraça ao mundo, mas atrás, na intimidade, oferecem a sensualidade do adolescente para você. Os joelhos conquistam o mundo, permitem que você ocupe como um rei o seu território, são os cavalos ferozes da sua carruagem. Mas se não continuar subindo, evoluindo, aí você permanecerá encerrado em seu castelo. Vamos, entre neles e suba por suas coxas, faça-se adulto, nas articulações que unem seus úmeros à pelve, descubra a capacidade de abertura das suas pernas... Diante de você, meu herói, se apresenta a sagrada coluna, cada vértebra é um degrau que leva você da terra ao céu. A partir da grandeza e potência das lombares, suba até as sentimentais dorsais e chegue às lúcidas cervicais, para receber a caixa craniana, cofre dos tesouros que culmina em dez mil pétalas se abrindo até a energia luminosa que chove do cosmos. E agora que aprendeu a se abrir, não permaneça trancado...

Ela decidiu então beliscar áreas da minha pele para esticá-la, do peito, das costas, das pernas, dos braços, das pálpebras, da nuca, do crânio. Esticou também o saco escrotal. Eu o vi abrir-se como um grande leque, soltando suas energias contidas. Essa bolsa que desde sempre havia ficado franzida como uma cortiça, abandonava

seus desejos de proteger o esperma e se abria para o mundo, com alegria, sem apreensão, em um extenso sorriso.

– Agora, para fora. Entre no ar e nas suas fragrâncias ocultas, sinta como se prolonga até o infinito, transforma em asas as omoplatas, oferece a pele do ventre como uma taça amante absorvendo sem temor o mortal destino. Sua pele não é um cárcere que priva você do mundo, não vive encerrada numa ilusão que você chama “dentro”. Permita que leve você para “fora”, para que cesse o inferno da separação. Que seu corpo se alargue até as seis direções: até a frente, onde se acumulam os projetos; até atrás, onde dez mil mãos santas impulsionam a vida em você; até seu lado direito, por onde nascem os inumeráveis sóis; e também para a esquerda, ocaso onde a partida é uma promessa de regresso; até abaixo, abismos onde reina a tocha que é impossível apagar; e até acima, mais além das estrelas, luminosa ausência na qual se esfumam as palavras. Assim, continue se estendendo para que, ao chegar à borda que mergulha na vontade invisível, sinta que você é uma esfera crescente e descubra seu centro. Reconheça esse diamante, esse olho em chamas, mistério que nutre tanto o bem como o mal, dependendo do uso que dê a ele.

Perdi a noção do tempo. Quando ela terminou de esticar minha pele e me senti tão leve quanto uma nuvem, me dei conta de que era meia-noite.

– Essa é a hora em que a visão da coruja se torna perfeita. A terra, para ela, parece um ser vivo composto de amorosas ondas. Uma delas é o alimento. O rato sabe disso e se oferece sem tentar fugir. Entrará na energia que o tritura e se converterá em ave. A essência é imortal. Só muda de forma... Como uma ave de rapina, você verá o amoroso mundo enviar toda a espécie de alimentos para você. Para seu corpo e sua alma. Não se pergunte o que são, aceite eles, vêm do mais profundo de si mesmo. Agora, pode ir. Não fale com ninguém no caminho. Apenas escute...

Desci pela avenida Insurgentes sem nenhum temor, apesar de que um apagão de energia houvesse lançado o bairro na escuridão.

Os assaltantes passavam por mim como tiras de veludo negro, sem me ver. Minha realidade já não era a deles. Em troca, uma mariposa noturna, do tamanho da minha mão, veio pousar no meu peito, batendo as asas como se estivesse tentando entrar. Para ela, talvez meu coração reluzisse como um pequeno astro.

Quando regressei na manhã seguinte, Doña Magdalena estava aquecendo em banho-maria um cântaro de barro cheio de um líquido espesso. Quando este começou a ferver, jogou nele umas plantas que havia triturado no almofariz. Enquanto esfriava, agitou a mistura até ficar sólida.

– É vaselina à qual acrescentei segurelha, ilangue-ilangue, sálvia, romero e sobretudo marijuana. Com essa pasta vou vencer sua vontade. Você não quer liberar a raiva nem as lembranças dolorosas. Você acumula elas nos seus músculos em forma de contrações que dão para você a sensação de existir. Se relaxar os músculos, ao desaparecerem sua solicitude de ser amado, suas angústias de abandono ou seus rancores, você se sente desaparecer. Acredite, menino triste, que o sofrimento é a sua identidade. Minha pasta dará energia e prazer à sua pele. Você conhecerá o bem-estar corporal e trará paz à sua alma. O mundo cessará de ser seu inimigo, vai se sentir invulnerável, aceitará a matéria como amiga, sentindo que o cosmos é um berço. Esqueça o macho, deixe surgir a fêmea, entregue-se, não resista, elimine toda atividade, faça-se água, despose a forma de minhas mãos...

Quando fiquei nu, ela me recostou de lado e começou a massagear meus músculos um por um.

– Concentre-se, assegure-se de que está sentindo eles. Pare de ficar vendo sempre uma imagem mental de si mesmo. Cada vez que se deparar formando uma imagem de si mesmo, volte a sentir o seu corpo retornar. Você não é o personagem de um filme. Se escapar do organismo para se tornar observador, este de imediato se transforma em calabouço. Vamos, avance! Para você, mais, mais perto ainda! Entre na sua carne e nela permaneça para conhecer a humildade! Entende? Até agora acreditou que ser humilde era

diminuir seu valor, ocultá-lo atrás de uma máscara submissa, sem perceber que caminhou pelo mundo sem ver esse valor diretamente, distraído pelo que você acredita ter ou não ter valor. Humildade, meu menino, é cessar de proteger as suas crenças, de afirmar a cada momento sua existência, de demonstrar a quem pouco importa se você merece estar vivo. Vamos, solte, você não tem nada a justificar. Entre no seu corpo, despoje ele de finalidades, não invada ele com suas dúvidas e defesas. Entregue-se, que os abutres devorem você, que as fúrias arranquem seus intestinos, que você apodreça, que se transforme em cinza, solte, cada um de seus músculos é um cofre fechado que você vai abrir...

A vaselina misturada com plantas me produziu um bem-estar que nunca antes havia conhecido. Magdalena, com seus dedos sábios, foi penetrando, milímetro por milímetro, em minha carne até conseguir identificar cada músculo, tratando esses corpos estriados como se fossem fetos de um ser superior querendo nascer. Afundando no centro deles os dois polegares, e introduzindo o resto dos dedos por debaixo, os esticava para os lados como se abrisse a carapaça de uma lagosta. Esta sensação de abertura se expandiu por todo o meu corpo até me fazer irromper em prantos. Guardava dolorosas lembranças nesses músculos... Nas panturrilhas, os pontapés que minha mãe me dava por debaixo da mesa para me fazer ficar quieto quando minha avó chegava para jantar; qualquer frase que eu dissesse parecia uma falta de respeito para com a séria anciã. No braço direito, a fúria contra meu pai, o soco contido durante anos, aquele com que desejava ensanguentar-lhe o rosto por ter me aterrorizado tanto, tentando fazer de mim um valente. Nas costas, entre a coluna vertebral e as omoplatas, o insuportável vazio de carícias. E nos tornozelos, como talhos de foice, a tristeza de ter sido desenraizado, aos nove anos, de minha aldeia natal. Em um único dia, ao perder meus amigos e meus lugares preferidos, o céu sem nuvens, o aroma do mar e a carícia do ar sempre seco dos morros áridos, adquiri uma tensão nas pernas que transformou meus passos ágeis num arrastar pesado pelas ruas de cidades alheias.

– Percebe? Você estava cheio de cofres fechados, guardando tristezas, sofrimento, raivas, frustrações. Quando revivi seus ossos fiz você ir para dentro; quando estiquei sua pele, para fora; ao abrir cada um de seus músculos impeli eles para os lados, aurora e crepúsculo ao mesmo tempo. Agora que você foi esvaziado dessas lembranças, presas nas fibras dos seus músculos como insetos em teias de aranha, aparecerão suas vísceras, amigas ignoradas, sempre à sombra, trabalhando para você dia e noite mesmo que não agradeça a eles... Sinta: introduzo os dedos na parte superior do seu abdome, no lado direito, e apalpo e acaricio ele, percorro a sua extensão para que sinta sua generosa forma... é seu fígado, meu menino, sua potente, honesta e fiel víscera, que vibra porque sabe que você reconhece ela. Ouça sua voz grave: “Eu sou o porteiro, esse que tenta impedir a passagem do veneno, não só o que você ingere pela boca, mas também o que infecta seu espírito: cada palavra mordaz me obriga a combatê-la, cada raiva contida me dilacera, os inesperados ataques do mundo vêm para me golpear, e faço o que posso para preservar você, solicitando sua atenção com pequenas dores, aumentando a secreção de minha biliar, armazenando vitaminas. Quero para você a inocência, que as palavras desçam dos ouvidos até sua alma como água, quero que você arranque do organismo as raízes da crítica para que seu sangue corra como um rio límpido. Dê-me a força suficiente para impedir a passagem dos demônios da gula, da inveja, da decepção! Não se transforme em meu inimigo, não me ataque com substâncias que não posso assimilar. Você não só é o que come como também come o que é: se introduzir em seu templo matérias, pensamentos, sentimentos, desejos que são alheios a você, eles se transformam em toxinas.”

Quando Magdalena imitava a voz do fígado parecia que eu estava ouvindo o ronronar de uma pantera negra. Suas repetidas e acariciantes manipulações me foram fazendo sentir uma víscera macia, cálida, grande e plana como um linguado, expedindo ondas de fidelidade e energia só comparáveis às de um cão. Notei que meu corpo, apanhado entre os gelos do desamor de meus pais,

recebia dele constantemente um licor regenerador, e isso o fatigava. Pela primeira vez em minha vida tive piedade do meu fígado. Para permitir-lhe descansar, pedi a Magdalena que me libertasse do sofrimento.

– Menino querido do meu coração, isso que me pede você só pode conseguir entrando no seu coração. Segundo após segundo, esse amigo que é pura devoção, como uma roda d'água divina, está fazendo a vida circular em você. Bate com um ritmo que vem do momento em que o espírito ancestral se manifestou. Se você se concentrar, sentirá em seu peito a palavra primordial, o rugido do trovão que gera existência, a dança da matéria obedecendo à incessante ordem da multiplicidade. Sob suas costelas você leva um motor potente, obcecado, tão vigoroso e seguro quanto uma flecha que avança num céu vazio, ave gigante que leva você para a eternidade. Para isso, você não deve contrariar ele. Qualquer frustração contrai algum músculo, e como o seu coração é o rei deles, se ressentido destas tensões por menores que sejam e vai acumulando elas, perdendo assim pouco a pouco o interesse por levar você ao porto divino. Então castiga você, castigando-se. Ele fica fraco, seu batimento irregular, perde o tom, gagueja, e essa perda de ritmo anuncia que as portas celestes estão se fechando para você. Permita que minhas mensagens devolvam a confiança ao seu coração, acredite nele para que volte a acreditar em você, sinta ele, envie para ele um sangue repleto de amor, não rechace ele, ignorando sua presença por crer que ele não é mais que um relógio que marca os minutos que levam você à morte. O coração não ameaça nem marca nada, seu trabalho essencial é verter a esperança em suas veias. Deixe ele palpitar, imagine que é uma águia, monte no seu dorso, veja como abre suas imensas asas, como transporta você até um futuro milagroso... Você está tão acostumado a viver como uma vítima que a felicidade que recebe neste momento fez você chorar. Tem que acabar com esse sofrimento de órfão, vou despertar a consciência dos seus pulmões, eles conhecem a alegria do ar, do canto, a vitória de ter surgido para sempre da água. Macho, três lóbulos o direito, e fêmea, dois lóbulos

o esquerdo, aspirando a transparência do mundo convidam você a ascender mais além das estrelas. Solte todo o ar, não pense que está se afogando, sinta essa esponjosa dupla de amigos, assim, vazios, e compreenda como adoram o espaço infinito. Conserve eles ociosos, sem se contrair, o mais tranquilo que puder enquanto observa como seu esqueleto, sua carne, sua pele, suplicam seu invisível alimento. E agora, suavemente, deixe entrar esse necessário oxigênio, esse manjar excêntrico. Fique com ele lá dentro, guarde ele o máximo que puder, faça dele um elixir que penetre em cada célula, enriquecendo seu núcleo de consciência. Expire lentamente, enriqueça por sua vez o mundo: quando os pulmões recebem o dom do céu, você dá ao ar respirado as energias da terra, você é a ponte pela qual os anjos vão e vêm, sobem e descem como no sonho de Jacó...

Senti que era uma parte essencial do mundo. Que meu respirar dava vida à terra e às plantas, que meu ritmo cardíaco e pulmonar se unia ao ritmo da totalidade dos animais, não havia separação entre nós e as nuvens, inspirando e expirando eu podia criar astros em minhas mãos...

Magdalena, ao ver meu rosto avermelhado pelo êxtase, começou a rir.

– Compreende? Você passou toda a sua vida sem se dar conta do imenso prazer, do milagroso intercâmbio que é respirar. Quando purifica sua mente, o ar que exala purificará os seres e as coisas. Sua passagem pelo mundo será uma contínua fertilização... Ouça bem, filho querido do meu coração: há duas maneiras de esculpir, uma como os artistas, outra como os deuses. Os artistas pegam um bloco de material e criam a escultura deles da superfície para o interior. Os deuses partem de um centro, a fonte de origem, onde se concentram, e a partir dali fazem crescer a obra, o corpo, do interior para o exterior... As vísceras que hoje falaram com você são assim chamadas porque moram no interior de seu corpo. Se estivessem na superfície dele, se chamariam membros. O sexo de nós, mulheres, é uma víscera por ser interno. Em vocês, homens, a víscera se torna

membro. Nós sentimos nossa vulva como um centro criador. Vocês sentem o falo como um companheiro, uma ferramenta de prazer, e o separam do centro emocional. Recoste-se, vou dar raízes ao seu sexo...

De maneira alguma a massagem que Magdalena começou a me dar tinha relação com a masturbação ou carícias eróticas. Ela me avisou muito bem antes de começar:

– Não confunda as coisas. Observe: tomo um de seus pés... sente a qualidade das minhas mãos? São ternas, não? Eu o seguro que nem a mãe ao seu bebê. Agora, pego seus genitais. A qualidade não muda, é a mesma ternura maternal, a que protege e cura. Não tema, não se defenda nem se envergonhe, é normal ter uma ereção, deixe-se manipular, não busque o prazer mas sim a compreensão...

Magdalena segurou meu membro com a mão direita e apoiou o indicador da mão esquerda no orifício do canal da uretra. Fez uma pressão vibrante, concentrada totalmente na ponta do dedo, e tive a sensação de que criava um sol minúsculo que, em vez de queimar, emitia vida. Foi descendo pela parte superior da glândula, depois traçou um sulco invisível no corpo, atravessou para o púbis e foi subindo até meu umbigo, a seguir até o plexo solar e por fim deteve seu traço no ponto mais alto do meu crânio.

– Essa é a primeira raiz do seu órgão, chega até o topo da sua cabeça e suga como alimento a energia que chove dos céus...

Em seguida, voltou a colocar o indicador na boca da uretra, esperou um instante até criar o ponto intenso e depois foi baixando o dedo, passando pelo cabresto até chegar aos testículos, atravessou o períneo, subiu por entre os glúteos, percorreu a coluna vertebral, a nuca e novamente chegou ao alto do crânio.

– Se a primeira raiz absorve as energias luminosas, essa segunda entra na noite que habita suas costas, chega à vontade fabricada em sua nuca e se reúne com a outra no ponto mais alto, aquele que une você às estrelas. O principal está feito, agora farei

você sentir as múltiplas raízes que se incrustam nas diferentes partes do seu corpo.

E Magdalena, infatigável, estabeleceu linhas por todo o meu organismo: começando na glândula, se estendiam até a palma das minhas mãos, a planta dos pés, as costelas, a base da minha garganta, meus olhos, ouvidos, a testa. Aos poucos fui sentindo que tinha entre as pernas uma árvore de poderosas raízes que, passando por meu corpo e saindo por meus pés e minha cabeça, se incrustavam até chegar ao centro da terra e a cada astro do cosmos.

– Filho querido do meu coração, a mulher não deve buscar raízes, ela sente elas desde que nasce, mas tem que criar ramos. Empurrar desde os ovários, descer pelo útero e a vagina, abrir os lábios e fazer crescer um labirinto de energia até o vasto mundo. O homem, para unir-se com o sexo dele, deve criar raízes nele até chegar à semente primordial e a mulher deve criar ramos até chegar ao fruto definitivo. Tal como seu falo, você vive também apartado do seu corpo, sem raízes. Acredita que a realização suprema é libertar-se da carne, tirar a consciência do corpo como se extrai a mão de uma luva ou uma espada de sua bainha. Claro que a princípio o corpo, com sua misteriosa vida, suas sensações, suas manifestações incontáveis, se apresenta como uma cortina espessa que impede o contato com a luz da alma. Contudo, você é só carne que tem uma consciência, consciência que ela mesma emanou? E se você também fosse um espírito que emana um corpo? O espírito é simbolizado pelo céu; o corpo, pela terra. Entre o céu e a terra está o ser humano. Como o deus Seth do antigo Egito separando, a princípio, o céu da terra para, no final, perceber que estrelas e raízes fazem parte de uma mesma planta. Certas energias descem, ao passo que outras sobem. Se não existe um eu individual depois da morte, a consciência e o corpo são uma unidade efêmera que deve aceitar prazerosamente o matrimônio, a coagulação. Quando você medita imóvel vai até os ramos, quando se entrega à massagem enriquece suas raízes... Mas o corpo que me oferece é um todo ou um fragmento? Reconheça que o vive como se fosse um fragmento... Você se preocupa com sua matéria palpável, mas

nunca com sua aura. Venha, deite-se no chão. Concentre-se, sinta toda a sua matéria, empurre de dentro para fora da pele, mova-se através dela, estendendo-se pelo chão como uma mancha de sangue invisível. Começo massageando o seu peito, vou até os flancos e minhas mãos seguem seu impulso acariciando sua aura no chão, porque, como ainda não sabe estendê-la, se projeta a dois metros de você. Aguce a sua sensibilidade: se minhas pressões se prolongam por seu corpo invisível, você sente isso e isso traz placidez para você. Transformo você no caroço de uma grande fruta. Ao entrar na mancha invisível na qual você se prolonga, sinto alguns nós, entrelaçamentos e tensões, como se fosse uma cabeleira descuidada durante anos. Fique de pé, vou pentear sua aura até deixar ela lisa e ordenada.

Magdalena, usando as mãos como se fossem pentes, foi passando-as ao meu redor. Embora em nenhum momento me tocasse, senti que meu espírito ia-se ordenando, velhos rancores se dissolviam, esperanças frustradas se esfumavam, o constante estado de espera angustiante, como se meu ser não estivesse ali, mas sim, esperando-me no futuro, se acalmou e, como uma medusa flutuando tranquila no oceano, meu espírito se entregou ao presente, ou seja, ao mundo tal como era e não como eu pensava que fosse.

– Agora que tem uma aura bem penteada, vou ter que lavar sua sombra.

Abriu a única janela que havia e a luz da tarde entrou e se espalhou. Ela me colocou de costas para o exterior, para que no retângulo brilhante que se estendia pelo chão se projetasse minha sombra.

– Por mais que você queira, filho meu, não se mova. Aqui está a sua companheira, essa que, sem que você se disponha a dar ouvidos, diz para você o que você realmente é: um relógio de sol. A cada momento seu corpo proclama que horas são. E isso é importante porque cada hora tem uma alma, uma energia diferente, que exige ser manejada de forma especial. Se forçar suas horas cometendo ações no momento errado, você vive mal, adoece. Por

não prestar atenção à sua sombra, a maioria das pessoas carrega ela como se fosse um animal sujo. Isso envenena os passos delas...

Magdalena, de joelhos, com água perfumada de lavanda, ensaboou minha sombra, escovou-a intensamente, retirou a espuma com uma esponja, secou-a e então, satisfeita e ainda impedindo que eu me movesse, mostrou-me a sombra como se exibisse uma obra de arte.

– Aí está, limpinha. Veja como é bela. Aproveite que ainda faz sol, vá para casa e sinta ela. Estou certa de que você dará conta da mudança.

Enquanto caminhava com o sol às minhas costas, eu via minha sombra como uma agradável companheira. Mais que isso, como uma aliada respeitável... Gostava de observar como essa mancha negra, ave imaterial, passava sobre os objetos, as pessoas, as paredes, deixando um rastro invisível que devolvia a pureza e a alegria à torturada matéria urbana. Percebia que os transeuntes não tinham consciência da sombra que os acompanhava. Como não eram vistas, como não eram levadas em conta, as sombras pareciam pesadas, sujas, tristes farrapos negros freando os passos, agregando impureza aos objetos sobre os quais passavam.

Minha experiência com Magdalena durou quarenta dias. Com devoção e paciência ela foi vencendo minhas resistências para me mostrar diversas formas de massagear o corpo.

– Menino querido do meu coração, você não vive em um corpo, vive numa só ferida. Para se sentir tal qual realmente é, matéria espiritual, devo primeiro curar você. Tal como os camarões empanados que vendem na loja de tacos aqui embaixo, você está envolto em sofrimento, não só o seu como também o dos seus irmãos, pais, tios, avós, ancestrais distantes. Esse é o carvão que escurece o seu diamante. Vou curar você. Sou mulher e sou serpente, posso dar para você não só com as mãos, mas também com todo o meu corpo.

E Magdalena, começando a fazer movimentos ondulares, se colou a mim, me rodeou, deslizou desde os meus pés até a minha cabeça, me esfregou com os seus cabelos, seu rosto, seios, costas, peito, pernas, pés. Fixou pontos, pressionando, e depois os uniu a outros, enchendo-me de meridianos e paralelos, fazendo-me sentir como uma apertada rede onde cada parte estava unida ao todo. Apoiou seus lábios em cada um desses pontos para sugar com força e cuspir sabe-se lá quais energias malignas. Parte por parte me soprou com intensidade enorme, seu fio de ar cortava como uma faca. Depois, ali mesmo, nesses pontos supersensíveis a mordidas, com uma voz doce e potente, me injetou palavras na língua maia. Eram nomes de deuses andróginos ou palavras de amor, que diferença faz? Com todo o peso dela, e talvez também com o peso de entidades de outras dimensões, me esmagou contra o chão para me transformar em massa disforme na qual, mediante ritmos lentos, rápidos, trêmulos, explosivos, delicados e brutais, fez renascer minha memória fetal. Senti crescer meus olhos, boca, membros, palpitar o centro que seria coração, e acima de tudo isso, vi minha alma, como uma rosa, abrir-se de repente, exalando sua imensa ânsia de viver. Ela me fez ser um menino, um jovem, um homem adulto, um velho, um andrógino milenar, um anjo, um deus ilimitado. Havia despertado minha energia vital tirando de meu umbigo, que chamou de Éden, quatro rios impalpáveis que se estenderam por treze centros em meu corpo, aos quais chamou de templos. Por meio de pressões misteriosas os fez abrirem-se como cântaros, enumerando os diferentes dons que podiam derramar.

– Basta – ela me disse ao cabo de quarenta dias. – Você já captou tudo. Não precisa mais que deem para você. O que dei para você agora você mesmo pode se dar.

Sobre o dorso das minhas mãos colocou as palmas das suas com tal segurança e firmeza que senti que nossas peles se grudavam. Começou então a guiar minha automassagem... À medida que fui adquirindo confiança, ela diminuiu a pressão que fazia com as mãos e, de imediato, quase sem que eu percebesse, as fez alçar voo como duas lentas pombas. Tudo que Magdalena

havia me ensinado foi chegando a mim: apalpei meus ossos, estiquei minha pele, estabeleci contato com minhas vísceras, fiz meus pés se enraizarem no solo depois de apaziguar minha sombra, penteei minha aura, estabeleci paralelos e meridianos, me situei na coluna vertebral e, a partir daí, enviei energia até os flancos, sentindo que desenvolvia duas imensas asas.

– Voe, meu filho, trate de se expandir, seu corpo não termina na pele, ele continua no ar, ocupa a totalidade do espaço, cresce com o cosmos, abarca a divina criação. A terra é sua, as galáxias são suas, você é eterno, é infinito, na sombra da sua razão habitam as incontáveis deusas, que também são suas. E também são seus os seres humanos, as plantas, os animais, aqueles que vão nascer, as legiões de mortos. Decida-se, torne-se dono da sua vida! Você é uma flor de pétalas inúmeras que abre e fecha a cada instante, surgindo como uma explosão de luz do ventre negro que não é energia nem matéria, e sim o pântano criador. E em tudo isso, na corola que é consciência coletiva, mora você, como um diamante, atravessado pelos raios amorosos dos seres conscientes, outros diamantes, para formar o colar que eternamente brilhará ao redor do enigma a que ninguém pode dar nome...

Quando caminhei pelas ruas, senti o peso do meu corpo já não mais como um castigo e sim como um laço de união com esse espelhismo que chamava de realidade. Cada um de meus passos era uma carícia, cada golfada de ar que entrava em meus pulmões, uma bênção. Eram tão surpreendentes as sensações que tinha que, por um lado, parecia que habitava num corpo novo e, por outro, que meu corpo habitava num novo espírito.

Pensar em receber outras sessões de massagem me deixava angustiado: a ave que voa sem obstáculos não precisa de mais ar, o peixe que avança sem limites não necessita de mais água. Deixei passar uma semana em que até meus hábitos alimentares mudaram: tornou-se impossível para mim comer carne, tomar café ou consumir laticínios. O que meu estômago mais tolerava era o arroz... Arroz que me fez lembrar de Ejo Takata. Mal sua imagem

surgiu na minha mente, recebi um cartão postal com um Buda em estilo hindu, no qual Ana Perla me comunicava o iminente regresso do mestre.

Comprei um grande buquê de rosas brancas e fui me despedir de Magdalena. Encontrei aberta a porta de latão. Seu quarto estava vazio. Desci até a loja de tacos e perguntei por ela. A única resposta que obtive dos empregados foi um desdenhoso encolher de ombros. Perguntei a um dos rapazes que fazia michê na esquina e ele me disse:

– Doña Magdalena é como o ar: chega trazendo sementes e depois de semear elas vai embora. Ninguém pode prender ela...

Murmurei:

– “Sob as nuvens imóveis o vento se vai da cidade”.

14 O Sutra do Coração (*Prajñâpâramitâhridayasûtra*) foi traduzido do sânscrito para o chinês até o ano 400 e para o tibetano no século IX. O mantra (ou fórmula sagrada para proteger o espírito de quem o pronuncia) aqui citado significa: “Veja, veja, veja mais além, veja completamente mais além, Despertar, que assim seja.”

15 Yunmen Wenyan ou Wenyan (864-949), em japonês Ummon Bun'en, criou a escola zen que leva seu nome. As respostas que oferecia eram famosas por sua precisão, penetração e adaptação a cada discípulo, às vezes utilizando uma única palavra.

Como neve em um vaso de prata



“– Muito bem, por que fala tanto, seu bastardo? Já mandei que se calasse! Posso me irritar e meter uma bala nos seus bagos!”.

MADISON COLT, SILVER KANE

Ana Perla, encabeçando os discípulos, recebeu o mestre no aeroporto. Ejo vinha acompanhado de uma gentil monja chamada Michiko e de uma menina de 10 anos, Tomiko, órfão adotada. Ejo, irascível pela falta de sono após uma viagem de tantas horas, impediu os discursos com uma rápida reverência e pediu que o levassem ao zendô para dormir. Assim foi feito, mas Ana Perla decidiu que, enquanto a família repousava, os discípulos deveriam esperar o mestre meditando pelo tempo que fosse necessário. Eles assim fizeram durante duas horas. Em seguida, imitando o gato que dormia ronronando entre os joelhos de sua dona de cabeça raspada, caíram adormecidos.

Ao amanhecer foram despertados por um trovejante “kuatsu!”. O mestre apontava um dedo acusador para o gato: haviam-lhe raspado o crânio como um monge, vestiram-no com uma pequena bata de cor de café e haviam aparado as orelhas e o rabo dele.

Ejo Takata, no meio do zendô decorado em estilo *hippie*-asteca, ficou imóvel, contendo a duras penas a torrente de fúria. À decepção de ver seus sentimentos deturpados de tal maneira, vinha somar-se a decepção que acabara de ter com Fernando Molina.

Fazia dois anos que eu meditava com Ejo quando uma noite alguém bateu à porta de minha casa. Inquietei-me. Apesar de viver no centro da cidade, minha pequena morada – térreo, sobrado e terraço – ficava isolada, sem vizinhos. Em frente estendia-se um solar abandonado, campo de batalha entre ratazanas e gatos vadios, e ao lado erguia-se com dificuldade uma fileira de cinco

casinhas em ruínas, grudadas umas nas outras e sustentadas por vigas instáveis. Habitavam entre essas paredes tantas aranhas e escorpiões que nem sequer os mendigos mais alcoolizados ousavam pernoitar ali. Vencendo minha inquietude, soltei a trava de segurança e abri a porta. Dei de cara com um rapaz magro, de olhos pequenos, mas brilhantes como brasas, e dentes tão grandes que lhe davam um aspecto cavalaresco. Trazia nas mãos um ramo de girassóis. Era Fernando Molina, um desses comediantes de teatro de revistas que entre um número e outro de *strip-tease* vai contando piadas picantes. Deixei-o entrar. Depois de entregar-me os girassóis, lançou um punho na minha cara e disse, com uma falta de respeito que só os loucos se permitem:

– Se me disser, quebro a sua cara, e se não me disser, quebro a sua cara! O que é?

Com velocidade supersônica, uma miscelânea de pensamentos invadiu minha mente: “Esse boçal está delirando. Soube da existência dos koans e de maneira vulgar quer me pôr à prova. Se dou a resposta correta que estudei com Ejo, não irá entender e me quebrará o nariz”.

Decidi aplicar o que havia aprendido com o mestre. Venci o medo, descontraí os músculos e, esvaziando minha mente de palavras, fitei-o nos olhos, sem dar nem pedir nada, simplesmente fiquei ali apático, como uma pedra ou um pássaro.

Molina, com desprezo implacável, recuou o punho para dar mais força a seu golpe. Eu, sem baixar as pálpebras, com docilidade cristã, me preparei para receber o soco. Então, ocorreu o inimaginável, um desses acasos extraordinários que sucedem com incrível precisão quando mais necessitamos: toda a fileira de casas condenadas desabou. Aquilo soou como a explosão de uma bomba, e a nuvem de poeira que entrou pela janela nos engolfou. Aproveitei o desconcerto de Fernando para me soltar das suas garras e gritar:

– Eis a resposta ao seu “O que é?”!

Na rua, ratazanas e gatos fugiam espavoridos. O comediante, agitando sua dentadura equina, soltou uma gargalhada, hesitou por alguns segundos e por fim caiu de joelhos na minha frente.

– Amanhã eu ia tomar um avião para o Peru, onde dizem que há um mestre. Mas hoje à noite dormi cedo e sonhei com você, que estava meditando como um sábio milenar. Eu me prostrei à sua frente, entreguei um ramo de girassóis para você e disse: “Salve-me, me dê o ensinamento que me falta, faça com que me ilumine.” E você me respondeu: “Desperte e venha me ver imediatamente.” E assim fiz. No caminho, na praça Rio de Janeiro, encontrei um círculo de girassóis plantados ao redor da réplica do *Davi* de Miguel Ângelo. Roubei onze e os trouxe, entendeu? Onze girassóis e mais eu é igual a doze discípulos que se inclinam diante do sol central. Você, aquele que é capaz de derrubar uma rua inteira!

– Fernando, as casas estavam em ruínas, desabarem era questão de tempo. O seu sonho está correto. Você precisava vir me ver, mas não para que eu seja seu mestre, mas sim para que o apresente àquele que tornará desnecessária essa viagem ao Peru. É Ejo Takata, um autêntico monge zen. Ele dará o ensinamento que você deseja. Já são duas da madrugada. Mais três horas e Ejo começa a meditar. Vamos tomar um café e logo o levarei ao zendô.

O comediante, com tristeza, me mostrou os dentes.

– Tive um acidente de moto e quebrei todos. Aí me puseram essa dentadura. Nenhum mestre vai me levar a sério com essa cara de cavalo...

– Não fique com medo – eu disse. – Ejo vai ver o seu ser essencial...

Quando chegamos diante dele, Takata tomou carinhosamente o queixo do comediante, examinou os dentes dele, deu um profundo suspiro e disse:

– Um dia você terá belos olhos.

Molina, a partir desse momento, apertou os lábios, decidido a permanecer mudo até o fim de sua vida, e se instalou no zendô, dormindo na tarimba de meditação. Varreu, esfregou o chão, fez caiação nas paredes, cozinhou o arroz, ajudou Michiko a eliminar os pulgões das plantas, acompanhou Tomiko ao colégio, esvaziou a caixa de areia do gato, passeou entre os meditantes brandindo o bastão para golpear as omoplatas do discípulo cuja coluna vertebral se vergava ao peso da fadiga, foi ao mercado catar as frutas e legumes descartados...

Satisfeito com tamanha dedicação, Ejo se encheu de esperanças, vislumbrando um futuro onde a antiga cultura japonesa e mexicana se uniam num religioso abraço. Quando lhe raspou a cabeça e lhe deu um traje de monge, Ejo escreveu este poema:

Aquele que tenha só braços
ajudará com seus braços
e o que tenha só pernas
ajudará com suas pernas
a esta magna obra espiritual
onde muitos seres
perderão sua cabeleira.

Dentro de pouco tempo, Ejo decidiu enviar seu primeiro monge mexicano ao mosteiro onde ele havia sido formado. Molina, mostrando seus dentes depois de mais de um ano mantendo-os ocultos, lançou um grito cavalgar de felicidade. Todos os discípulos colaboraram para completar o preço da passagem, cuja maior parte foi custeada pela embaixada do Japão.

Um mês depois chegou ao mestre uma carta de Mumon Yamada, felicitando-o por ter formado um monge exemplar, com mais resistência para a meditação e as estafantes tarefas cotidianas que seus discípulos japoneses. Mas o júbilo de Ejo, quando regressou ao Japão em busca de sua companheira, recebeu um

gigantesco balde de água fria. Justamente no dia em que visitava seu velho mestre, os monges encarregados de verificar a correspondência que os internos recebiam de seus familiares descobriram que para Molina enviavam em embalagens para chocolate vários tipos de drogas, entre as quais pasta de ópio, heroína e LSD. Descobriram ainda que parte do pacote se destinava à venda entre os noviços. Expulsaram imediatamente este primeiro monge mexicano e proibiram sua entrada em qualquer templo ou mosteiro zen do Japão.

A julgar pela tremenda raiva com que irrompeu no zendô naquela manhã, a vergonha e a decepção de Takata deviam ter sido enormes. Molina, que tomara o avião uns dois dias antes dele como se nada tivesse acontecido, ainda vestido de monge, roncava junto a Ana Perla. Ao aroma dos incensos, sândalo, patchuli e mirra juntava-se o odor intenso de maconha. Ejo Takata saiu de sua imobilidade e a bastonadas destroçou floreiras, esculturas pré-colombianas, figuras de Shiva e Shakti¹⁶ e de budas dourados. Arrancou das paredes os pôsteres com símbolos cabalísticos e astrológicos, despiu o gato e atirou seu pequeno traje de monge pela janela, além das almofadas para meditar, que, sendo negras, haviam sido cobertas com pano branco com desenhos huicholes, e por fim, a socos e pontapés, expulsou do zendô Ana Perla e os outros que, apavorados, fugiram sem protestar. Exceto Fernando Molina, que se deixou cair sentado, tomou os joelhos entre as mãos e neles afundou a cabeça. Assim, como se fosse uma bola, Ejo o foi rolando até o meio da rua. E Molina não se moveu. Os automóveis faziam curvas bruscas para evitá-lo. Assim ficou por quase todo o dia, sem conseguir despertar a piedade do monge, até que chegou uma ambulância. Enrolado como estava, foi colocado numa maca e o levaram... Nunca mais voltamos a vê-lo, mas eu soube que, três anos depois, já com dentes de tamanho normal, queimou o hábito de monge durante um evento e, sobre as cinzas, copulou com sua mulher diante do público. Tarde da noite, Ana Perla, acompanhada de seis seguidores, veio com um balde de tinta vermelha e escreveu na fachada do zendô com letras grandes: “Buda é mulher!”.

Nesse período conturbado cometi a imprudência de ler para o mestre um artigo meu publicado no suplemento cultural do diário conservador *El Heraldo de México*:

O Pato Donald e o budismo zen

(...) Nestes últimos dias minhas leituras se concentraram no livro *Mumonkan*¹⁷ e num almanaque do Pato Donald. A historieta “Pato Bombeiro” corresponde exatamente à mensagem dos koans 42 e 44.

O chefe dos bombeiros convida o Pato Donald para tomar parte do corpo de voluntários. Donald conta a seus sobrinhos. Estes também querem participar, mas seu tio, considerando-os uns bobos, os obriga a ficar em casa. Donald recebe um uniforme completo com a condição de que ao escutar o alarme saia de imediato para o local do incêndio. Se chegar pontualmente receberá uma medalha de cobre. Donald, com grande orgulho, esvazia um cofre dizendo que servirá para guardar as medalhas que irá receber. Nessa noite toca o alarme, mas Donald não acorda. Seus sobrinhos o despertam. Donald corre até o incêndio esquecendo seu capacete, depois o machado, depois as calças. Quando consegue equipar-se já é tarde. A casa que pegou fogo é um monte de escombros e os bombeiros já se foram. No dia seguinte, Donald é chamado pelo chefe, que o rebaixa de posto. Tomam-lhe o machado e lhe entregam um pequeno extintor. Durante a noite o alarme volta a soar e novamente Donald não acorda e é despertado pelos sobrinhos. Desta vez se veste com muito cuidado, mas na pressa, em vez de pegar o extintor leva uma bomba de inseticida. Ao tentar apagar o fogo faz com que este aumente. No dia seguinte o chefe o rebaixa ainda mais. Agora apagará o fogo com um saco. A fim de ajudá-lo, seus sobrinhos decidem simular um pequeno incêndio na rua para que o tio não se sinta tão deprimido e trabalhe. Donald, enquanto isso, encontra um pacote de fogos de artifício, inclusive rojões, e os guarda num bolso da jaqueta por considerá-los perigosos. É avisado pelos sobrinhos: “Tio, há um incêndio na rua, deve pegar seu saco e salvar a cidade!” Donald apaga a pequena fogueira, mas sua jaqueta fica em chamas. Corre para casa. Os rojões explodem. A sala começa a incendiar-se. Os meninos trazem uma mangueira e apagam o fogo. O chefe dos bombeiros os admite em sua brigada. Nessa noite, ao soar o alarme, os meninos acordam gritando: “Temos que nos apressar! Nenhum obstáculo nos deterá!” Partem para o local do incêndio em moderníssimo carro equipado com todos os recursos, enquanto de pé na rua,

com seu humilde saco na mão, Donald os vê se afastando e murmura: “Eles têm muita sorte!”.

(...) Várias doutrinas esotéricas assinalam essa falha que nos faz unir nossos pequenos estados de consciência e esquecer que entre eles existem grandes lagos de sonho. O zen está baseado em um despertar total chamado *satori* [experiência do despertar-iluminação repentino].

“O satori é o alfa e o ômega do budismo zen. Pode ser definido como um olhar intuitivo na natureza das coisas, em contraste com a compreensão lógica ou analítica. Praticamente significa o descobrimento de um mundo novo, despercebido até agora por causa da confusão de um espírito formado no dualismo. Ao alcançar o satori, tudo que nos rodeia é visto sob um ângulo de percepção até agora desconhecido...”, *Ensaio sobre o budismo zen*, D. T. Suzuki.

No koan 44, “O bastão de Pa-Tsiao”, o mestre diz em seu sermão aos monges: “Se vocês têm um bastão, eu lhes dou o bastão. Se não têm o bastão, eu o tiro”. (...) Analisemos este koan à luz do Pato Donald. Nosso personagem recebe um “chamado místico” pedindo-lhe que apague o fogo. Ao recebê-lo, o Pato Donald peca por orgulho. Pavoneia-se com as recompensas que poderá obter: um posto de grande responsabilidade no qual seu eu narcisista obterá elogios e uma medalha de cobre. (Se fosse um verdadeiro valor, a medalha seria de ouro). Pensa, além disso, em guardar esses prêmios num cofre, símbolo de seu ego fechado. Os sobrinhos, pelo contrário, representam o pensamento coletivo, a realização social antes que individual. Eles são três e ao mesmo tempo um. Pronunciam uma frase dividindo as palavras. Assim: “A) Soa o alarme... B) ...e o tio deve... C) ...estar dormindo.”

Esses sobrinhos desprezados pelo pensamento ególatra são os que despertam ao soar o alarme, os que se preocupam anonimamente em apagar o fogo, os que pensam na obra e não na recompensa e, por último, os que tentam ajudar o Próximo. Eles “têm” e por isso é que recebem o melhor carro dos bombeiros. O Pato Donald “não tem”, e por isso mesmo é descartado.

(...) No koan 42 uma monja cai em concentração junto a Buda. Outros se queixam porque só ela merece a honra de estar junto ao mestre. Este lhes diz que a tirem de sua meditação. Nenhum consegue. O Buda chama Ignorância, que se acerca da mulher, faz soar seus dedos e ela desperta imediatamente.

O conteúdo é claro: nem a ciência, nem a discussão e nem a investigação podem dar o satori. Só o espírito sem consciência de si mesmo o provoca. (...) O Pato Donald, moderno Prometeu, recebe o

chamado para que apague sua pequena fogueira mental, produto de alguns rojões, e mergulhe no grande Fogo-Inconsciente-Universo. É evidente que a anormalidade do excesso de pensamento dualístico faz o homem sofrer. Eis aqui por que Donald grita quando sua casa começa a pegar fogo. Necessita do satori, porém o teme. Perde a oportunidade e tristemente, aferrado a seu saco intelectual, vê a nova geração distanciar-se e diz para se consolar “Têm muita sorte!”, imaginando não que obtiveram o carro devido a um trabalho interior constante que respondia a todos os chamados, mas sim que o ganharam sem trabalhar.

Pobre Pato Donald! Tudo vai-lhe sendo tirado porque, aferrado a seus rígidos conceitos, espera que lhe deem as coisas sem trabalhar para obtê-las. E como obter? O caminho para o Pato Donald está traçado no conto: ele deve limpar seu cofre, esvaziando-o de todas as medalhas de cobre.

Meu sorriso de satisfação se petrificou quando, ao terminar de ler meu ensaio, Ejo começou a abanar-se, murmurando: “Como neve em um vaso de prata”.

Pela maneira como o disse compreendi que, apesar de uma forma aparentemente valiosa, minhas palavras se dissolveriam sem deixar rastros.

Após um silêncio que me pareceu interminável, com uma voz muito baixa, cansada, Ejo acrescentou:

– No momento em que abre a boca para dizer “a verdade”, você trai você mesmo.

Vermelho de vergonha, compreendi que, por mais exata que fosse minha visão do zen através do Pato Donald, pelo fato de explicar a doutrina isso a tornava inútil.

Ejo me entregou o livro secreto.

– Leia o primeiro koan da terceira parte. Não é para os noviços, mas sim para aqueles cuja meta é transformar-se em mestre. Ao receber este koan e outros cento e quarenta e três, depois de três anos de noviciado, o aspirante deve confinar-se no mosteiro e praticar pelo menos dez anos. Somente alguém que chegou a ser um mestre zen tem o direito e a capacidade de ensinar estes koans a uma nova geração de noviços. A vaidade, o orgulho e a

inconsciência do senhor Fernando Molina quando, sem sequer saber uma estrutura original nem tampouco sua resposta correta, passou o koan para você, ameaçando quebrar em você aquilo que ele mesmo, por sua insensatez, havia quebrado, os dentes, é imperdoável. Eu estava cego por uma ambição infantil quando o ordenei monge. Queria que meus “pais” me aplaudissem por implantar a doutrina no México. Mereço cem bastonadas. Pode me aplicar... – me disse o kyosaku, que ficou de joelhos, inclinou a cabeça e o tronco, apoiou as mãos no solo e gritou: – Cem!

O que eu podia fazer? Sabia que de modo algum o convenceria a abandonar seu propósito. Se eu insistisse, era provável que despertasse sua fúria. Se fosse embora, deixando-o nessa posição, não só o decepcionaria como também o humilharia. Apliquei-lhe três bastonadas suaves. Ele voltou a gritar: “Mais forte!”. Continuei a golpeá-lo e, à medida que as bastonadas se somavam, um pranto amargo me foi subindo do ventre à garganta, até que surgiu pela minha boca, em forma de longo lamento, uma serpente de tristeza que se enroscou em nós dois, tristeza por minha infância, pela dele, pelos meninos que não haviam podido brincar, entre adultos que nos encerravam em nós mesmos, ilhas sem esperança de encontrar um par de olhos bondosos que nos aceitassem esquecendo exigências de cumprir valores, religiosos ou políticos, aceitando-nos simplesmente como almas virgens... Na centésima bastonada, me ajoelhei junto a Ejo e tentei abraçá-lo. Ele me repeliu com dignidade, levantou sem se queixar e me passou o livro.

– Leia!

– “O mestre zen Kyogen¹⁸ disse: ‘Suponhamos que um homem sobe numa árvore e se agarra a um galho com os dentes. Ali permanece sem que os pés toquem o solo. Lá embaixo, um monge lhe pergunta o significado da vinda de nosso fundador desde o ocidente. Se o homem não responde, estará se esquivando vergonhosamente à pergunta. Mas se abre a boca e pronuncia uma palavra, ele cai, matando-se no ato. Em tal circunstância, o que deve ele fazer?’.

Certo monge chamado Koto respondeu: ‘Uma vez que o homem está lá em cima, pendendo do galho, não pode responder a nenhuma pergunta. Se há algo que lhe deve ser perguntado, isso deve ser feito antes que suba na árvore’. Ouvindo isso, Kyogen soltou uma gargalhada. Mais tarde, o mestre Setcho comentou: ‘É fácil responder pendurado na árvore. Responder debaixo da árvore é que é difícil. Em vista disso, eu mesmo devo pendurar-me num galho. Venha, faça-me uma pergunta!’”.

Ejo então me pediu:

– Agora leia as respostas clássicas. Há uma para quando o homem está pendendo da árvore e outra para quando está no solo.

– “Na árvore: o discípulo, pondo um dedo entre os dentes, imitando um galho, agita o corpo e murmura Uh... Uh..., como alguém que tenta responder sem poder fazê-lo. Debaixo da árvore: o discípulo finge que cai da árvore e bate com o traseiro no solo. Então exclama: ‘Ai, como dói!’”.

– Responda-me com a boca fechada! – gritou-me Ejo.

Dei-lhe a resposta clássica:

– “Se é possível fazer ou não, tente você primeiro!” – e cobri-lhe a boca com a palma de minha mão.

Ele se livrou.

– Percebe? – disse-me. – Quer você fale ou não fale, seu cérebro se infla de palavras. Você pode subir na árvore e ficar pendurado em um galho com os dentes? O monge Koto vê a fumaça, mas não vê o fogo. Mais que o esforço tremendo do homem entre a vida e a morte para encontrar a si mesmo, ou seja, sua vacuidade, lhe parece importante o onde e o como se pode, diante de uma pergunta, dar uma resposta com palavras que revelem a verdade da doutrina. Isso é entendido pelo mestre Setcho, porque deixa muito clara a diferença entre pensar e experimentar. Sob a árvore, o homem busca o significado do Buda sem compreender que esse Buda de que fala não é um ser igual a

ele, mas sim um nível de consciência que deve ser alcançado além dos conceitos... Ao pendurar-se na árvore acaba-se o discurso intelectual, a busca de ideais, de metas, e se entra em um processo vital, uma agonia semelhante à da lagarta que se retorce para se transformar em borboleta.

Ao ouvir isto, achei que compreendia as duas respostas. Na árvore: se falo, se intelectualizo, me perco. Debaixo da árvore: eu a destruo... Frases, ainda que belas, são neve em um vaso de prata.

– Quero me pendurar na árvore, Ejo!

– Será que vai aguentar? O zen não é um jogo, nem um passatempo místico para *hippies* endinheirados... A iluminação não se compra nem se vende. Ela é ganhada, perdendo-se tudo, às vezes a razão, às vezes a vida.

– Eu imploro a você, me ensine!

– Só posso ensinar a aprender de si mesmo.

Ejo Takata mudou de atitude, como houvesse se livrado de um agasalho de chumbo. Ergueu-se emanando energia, um sorriso iluminando seu rosto.

– Vamos fazer um *rôhatsu*... Meditaremos sete dias seguidos.

– O que é?

– É uma técnica zen que equivale a pendurar-se em um galho com os dentes: você terá direito a uma tigela de arroz por dia, quarenta minutos de sono e quinze minutos para defecar. O resto do tempo permanecerá sentado, sem direito de se mover.

– Mas estamos na estação das chuvas e os mosquitos não dão sossego...

– Então, eles terão um bom banquete! Se está decidido a fazer isso, tire os sapatos e comece agora mesmo. Se não se atreve, então vá e queime seu livro secreto. Os koans não são jogos poéticos. Resolver eles é se entregar à mutação. A mulher do seu ensaio, a que medita junto ao Buda, ignora ela mesma quando

realiza a ignorância. Então descobre que ela própria é o Buda. Você quer o Despertar? Sim ou não?

– Sim – exclamei.

Tirei os sapatos, me ajoelhei, pus entre minhas pernas a única almofada que restava, juntei meus pés atrás das costas e apoiei meus joelhos na plataforma de madeira como se fossem uma âncora que me prendesse às profundezas do planeta. Ao mesmo tempo, estiquei minha coluna vertebral e, erguido tanto quanto meus ossos permitiam, imaginei que me puxavam de cima pelos cabelos. Assim, retesado entre a terra e o céu, eu era como um arco prestes a disparar sua flecha. Juntei as mãos espalmadas, a direita sobre a esquerda, e uni com uma pressão mínima os dois polegares, nem muito alto nem muito baixo, “nem montanha e nem vale”. Não fechei os olhos, fixei-os no solo a um metro e meio de distância, com as comissuras da boca levantadas em um leve sorriso. Ejo Takata fez o mesmo. No entanto, apesar de termos a mesma posição, comparado com ele eu era um montão de gelatina ao lado de um bloco de granito.

Ele acendeu uma vareta de incenso de cor verde e com um malho de madeira golpeou uma tigela de metal produzindo um som apaziguador e, sem mais delongas, deu início à minha tortura.

Estávamos numa semipenumbra. A janela fechada mal atenuava o ruído dos carros, caminhões e do burburinho da rua. Da cozinha, no térreo, chegava o leve som dos afazeres da companheira do mestre e também, com muita descrição, o ritmo de um disco de *rock* japonês que a menina havia trazido do seu país. Todos esses ruídos desapareciam quando o zumbido de um mosquito irritava meus tímpanos.

Empreendi valentemente a meditação, com um entusiasmo que beirava o delírio, decidido a virar uma estátua. Depois de uma hora comecei a fraquejar. A dor em minhas pernas aumentava a cada minuto. Quando já não aguentava mais, tentei adotar outra postura. Ejo soltou um rugido de leão que me paralisou. Para fugir do corpo,

busquei refúgio em minha mente. Imaginei paisagens, viagens interestelares, nuvens multiformes, zzzz... Outro rugido assustador me despertou. Ejo se levantou, me deu três bastonadas na omoplata direita e mais três na esquerda. Eu me senti descansado e recomecei a meditar com entusiasmo... uma hora... outra... mais outra. Eu tinha sede, fome, sentia o corpo inteiro dolorido, meu ventre estava cheio de gases... Ejo se inclinou para a direita, ergueu metade do traseiro e soltou a coleção de peidos mais sonora que já havia escutado em minha vida. Retomou sua posição de granito e continuou meditando. Com o orgulho ferido até o fundo do meu ser, comecei a liberar meus gases, e nesse exato momento entrou Michiko vestida com um sóbrio quimono. Ela depositou entre meus joelhos e os de Ejo uma tigela de arroz fervente onde boiavam uns pedacinhos de cenoura cozida, com os pauzinhos de comer e uma xícara de chá verde. Ejo exclamou:

– Coma rápido! Não perca tempo! O principal é a meditação!

Tal como ele, tive de engolir o arroz para o sofrimento da minha língua. Para não desperdiçar um grão (aos monges zen é proibido deixar restos), Ejo me deu o exemplo: derramei um pouco de chá na tigela, sacudi para que todas as sobras virassem uma papa e, com um sorvo sonoro, a engoli. A senhora se retirou levando a louça, Ejo acendeu outra vareta de incenso e assim continuamos mudos e imóveis. Imobilidade que interrompíamos de hora em hora para passear em círculo durante cinco minutos a fim de desinchar as pernas, que eu sentia devoradas até os ossos por um exército de formigas. À meia-noite, Ejo me disse:

– Vamos dormir quarenta minutos, não mais que isso.

De imediato, sem abandonar sua postura, mesmo sentado, Ejo começou a roncar. Desesperado, olhei para meus sapatos, duas bocas que se abriam generosas, convidando-me a introduzir nelas meus pés e cair fora, esquecendo esta loucura para sempre. Por orgulho, um orgulho monstruoso que até o momento eu ignorava existir em mim, decidi ficar cravado ali. Deitei-me no chão, sentindo-me como um cachorro. Acostumado com colchões macios, tive

dificuldade de encontrar uma posição confortável no chão duro. Adormecer também foi um problema.

De repente, um barulho terrível me arrancou do sono. Ejo, golpeando uma placa de metal flexível com uma vara de ferro, produzia ruídos semelhantes a trovões. Como eu estava demorando a levantar, ele começou a me chutar.

– Já se passaram quarenta minutos! Rápido, rápido, não perca tempo, sente-se para meditar!

Senti vontade de matá-lo.

Dois dias se passaram e nenhum lampejo de sabedoria acalmou meu espírito. Foram horas e horas de luta contra o corpo, inchações, câibras, dores ósseas, picadas de mosquito, fome, sonolência, ardência estomacal, sufocação, claustrofobia e principalmente raiva porque não era capaz de suportar impávido esta tortura, tal como o japonês. E nos breves momentos em que por milagre o sofrimento corporal se acalmava, surgia um profundo tédio que me lançava numa angústia insuportável.

No terceiro dia, com os joelhos inchados, os olhos irritados, a pele cheia de equimoses, as vértebras cervicais convertidas em punhais, os intestinos cheios (ir correndo à privada com obrigação de defecar em poucos minutos acabava dando prisão de ventre) e cada nervo transformado em uma agulha elétrica, me deixei cair de costas e com voz chorosa, como em agonia, falei:

– Sinto uma dor aguda no coração. Estou sofrendo um infarto. Chame uma ambulância.

Com ferocidade e desprezo, Ejo me fulminou:

– Então morra!

E sem se dignar a prestar ajuda, mais que nunca um bloco de pedra, continuou meditando...

Eu me revirei no chão, chutei, chorei, insultei, peguei um sapato e joguei na cara dele. Ejo inclinou levemente a cabeça para se

desviar do projétil, voltou à vertical e continuou a meditar, imperturbável.

A fúria me serviu de alimento. Possuído por uma nova energia, mandei meu corpo para o inferno e retomei a postura de meditação, cruzei os pés e as mãos, estiquei a coluna na vertical, forcei as comissuras labiais até formar um leve sorriso, fixando os olhos no chão à frente, e me transformei numa estátua. Eu me senti muito distante desse abominável sofrimento animal. Pareceu-me que flutuava num céu diáfano...

Depois de uma hora de calma, em que acreditei ser Buda, um aluvião de imagens invadiu meu cérebro. Fantasias sexuais, desejos de riqueza, de celebridade, e depois um desfile de comes e bebes e também pedaços de succulenta carne humana... Imaginei todo tipo de torturas, homens, mulheres, crianças, nus, ensanguentados, mutilados, e eu voando imune sobre aquele inferno.

Passei muitas horas tentando dissolver essa dimensão diabólica de meu ser. Quando achei que havia conseguido, chegaram as lembranças dolorosas: a mãe que nunca me acariciou; o pai infantil e competitivo que usava o terror para educar; a irmã mais velha e egoísta que fazia o possível para me expulsar do mundo familiar a fim de tornar-se o centro das atenções; os colegas do colégio, cruéis, intolerantes, os professores neuróticos, a solidão e as humilhações, um redemoinho que fez brotar longos fios de lágrimas e muco que, obrigado a ficar imóvel, não podia dissimular nem enxugar...

Para me livrar desse nefasto cemitério comecei a criar poemas que logo se tornaram contos, peças teatrais, novelas, filmes ou histórias que vinham, se abriam como flores e se dissolviam no nada. Viajei por meu cérebro, um universo delirante que produzia sem cessar imagens de todo tipo: manchas, seres, mandalas, formas geométricas, explosões, deslizamentos, rios de luzes, vórtices mudando a cada instante, uma loucura. Quando retornei a mim mesmo, me encontrei com a doença, a velhice e a morte.

Apesar das maravilhas que Doña Magdalena havia descoberto no organismo humano, parte das quais me foram reveladas pelo contato dos seus santos dedos, descobri que ainda continuava identificado com meu espírito, vendo meu corpo, para ser franco, como um ataúde. Se bem que um ataúde precioso pelas riquezas que continha, mas de todas as maneiras não era meu ser, tinha sua própria vida, seu próprio mistério, sua própria união com o cosmos. Nessa maravilhosa jaula, eu vegetava condenado a envelhecer e apodrecer, sob constante ataque de milhões de micróbios, vírus, inflamações, cânceres...

Dormindo quarenta minutos por dia, comendo apenas uma tigela de arroz, encerrado nesse quarto escuro onde o aroma de incenso se mesclava com o fedor de centenas de arrotos e peidos, minhas defesas mentais eram um montão de ruínas. Eu me via coberto de chagas, despedaçado, afogado, queimado, devorado, vertendo sangue pela boca e o ânus. Imaginei mil e uma maneiras de perecer: incêndios, tufões, dilúvios, terremotos, explosões atômicas; jogar-me do alto de um edifício, encher os bolsos de pedras e submergir num lago, ingerir um coquetel de venenos, engolir um monte de pregos, perfurar os ossos do meu crânio com uma broca de dentista, entregar-me ao abraço assassino de um urso, ser esmagado por uma vaca congelada que cai de um avião de carga, ser devorado no cume de uma montanha por um grupo de alpinistas famintos.

Ao ver que inventara maneiras de suicídio tão estapafúrdias, explodi numa gargalhada difícil de conter. Ejo, sempre um bloco de granito, não disse nada. Quando parei de rir, o tempo e o espaço caíram sobre mim. Senti a imensidão do micro e do macrocosmos... e me vi no meio deles como um grão de pó entre dois sóis. Tão pequeno, tão pequeno, tão ridiculamente pequeno, flutuando nesse incomensurável passado e nesse interminável futuro, que o infinito e a eternidade me perfuraram o peito como duas lanças. Oceanos de universo se expandindo, implodindo para voltar a se expandir; galáxias imensas condenadas a se dissolverem no nada, tal como eu. Terrível! Diante de mim e em mim, vi a morte. O que eu era, o

que sentia, o que acreditava ter, minha memória, minha individualidade indo para o poço negro em poucos segundos. Fiquei impressionado por três palavras que havia lido nas notas deixadas por Frida Kahlo: “Tudo para nada”. Resumindo, ninguém possuía coisa alguma. Tudo nos é emprestado por menos ou mais anos, e no fim vai para o poço negro...

Senti-me preso num delírio universal. Para me acalmar observei meus sapatos, modestos e úteis, com suas bocas abertas esperando meus pés. Mergulhei numa raiva impotente. “Que diabo faço aqui, junto a esse louco, torturando-me assim? Não sou um samurai nem um buda. Sou um homem livre. Ninguém me obriga a ficar aqui mais tempo. Basta!”

Eram duas da madrugada. Levantei-me, calcei os sapatos, saí para a rua, tomei um táxi e pedi ao motorista que em levasse ao Los Globos, um cabaré da avenida Insurgentes onde iam jantar e dançar, depois das representações, muitos artistas de teatro, além de pintores, escritores, cantores, políticos, traficantes, prostitutas etc. O ambiente era animado por uma orquestra trazida de Porto Rico.

No exato instante em que entrei naquele antro, dissolveu-se minha liberdade e me senti como um extraterrestre que, depois de atravessar o interespço, houvesse pousado em um cárcere. Vi gente que me lembrava de escravos das galés dançando, fumando tabaco e maconha, cheirando cocaína e engolindo pastilhas, bebendo, conscientes apenas de um pequeno pedaço da cidade, de um fragmento mínimo de tempo, defuntos com máscaras de imortais e acorrentados ao ritmo trovejante, aceitando o mundo tal como lhes era oferecido, imitando e devorando uns aos outros, carregando um lastro de limites convertidos em identidade. Sob esse teto com estalactites de cimento, cegos para a dança de miríades de estrelas, tendo como luz uma consciência opaca, e tragicamente sós no meio da festa, exibem orgulhosos seus reluzentes óculos de sol, suas pistolas fálicas diante de bocas e tetas inchadas, um rebanho de animais dementes com sede de dinheiro, de poder, de celebridade.

Procurei um garçom, dei-lhe uma gorjeta e pedi que me arrumasse uma tesoura, depois me tranquei no toalete e cortei os cabelos. Com a cabeça raspada, voltei ao zendô. Ejo Takata não havia se movido. Sem desgrudar os olhos do chão, murmurou lentamente um koan:

– O mestre Ummon disse: “O mundo é tão extenso... Por que, ao simples som da campainha, você decide vestir um traje de monge?”.

Tirei os sapatos, as calças, a jaqueta e a camisa e vesti uma bata preta que pendia de um gancho e me sentei para meditar enquanto recitava a resposta que havia decorado:

– Quando o rei nos chama, temos de ir imediatamente sem esperar um veículo. Quando nosso pai nos chama, devemos atender sem vacilar.

Enquanto repetia estas palavras, pensava com uma estranha aceleração que ser livre num mundo tão extenso não significava explorar todas as possibilidades da vida. Minha liberdade consistia em ser o que eu era, e nesses momentos era um monge. Tendo respondido sem vacilar a meu chamado interior, não tinha por que, nesta sala estreita, sentir-me escravo do mestre.

Ejo murmurou com satisfação:

– Os ramos de todas as árvores sustentam a mesma lua.

Nesse momento, começou a chover torrencialmente. As gotas no teto pareciam um estrondoso concerto. Ejo, elevando a voz para conseguir fazer-se ouvir, me apresentou outro koan:

– O mestre Kyosho¹⁹ pergunta a um monge num dia de chuva: “O que é esse ruído lá fora?” O monge responde: “É o som da chuva.” Kyosho comenta:

“As pessoas vivem numa grande desordem, cegam elas mesmas ao perseguir os prazeres materiais.” O monge replica: “E você, mestre?” Kyosho responde: “Quase posso compreender mim mesmo perfeitamente.” O monge volta a perguntar: “O que significa

alguém compreender perfeitamente si mesmo?”. Kyosho afirma: “Estar iluminado é fácil. Explicá-lo com palavras, difícil.” Segundo o livro secreto, para resolver este koan o discípulo deve imitar o som da chuva. É esta a sua resposta, imitar o som da chuva?

Eu não disse nada. Levantei-me, saí para a rua e me deixei ensopar pelo dilúvio. Regressei respingando água e me sentei para meditar como se nada houvesse acontecido. Ejo soltou um murmúrio de aprovação, indicando assim que aceitava minha presença durante as setenta e duas horas que nos restavam para terminar o rôhatsu.

Devido à falta de sono e à fadiga, meu cérebro funcionava como se estivesse sob o efeito de uma forte dose de um narcótico. A rapidez de meus pensamentos tinha a energia do delírio. Mal o mestre me propôs o koan, eu o compreendi da mesma maneira que um explorador que marchou entre as altas rochas de um vale o vê desde as alturas quando é capturado por um condor. Fui ao mesmo tempo Kyosho, o obtuso monge que responde e interroga, e por fim o discípulo compreensivo que imita o som da chuva para resolver o koan. Quando o mestre pergunta qual é aquele barulho lá fora, trata-se de uma armadilha para o monge. E este cai nela ao responder que é o som da chuva. Compreendi que não havia “fora” nem “dentro”, que Kyosho, ao estar iluminado, ou seja, em plena realidade, sabia que o mosteiro onde meditavam não estava separado do mundo, sendo o universo inteiro uma unidade. O monge que medita se sente protegido nos limites de um lugar sagrado. Para ele, as dez mil coisas do mundo estão separadas. “Fora” está o ruído da “chuva”. Para o mestre, ali mesmo chega o ruído do mundo inteiro, mundo que se prolonga em um cosmos infinito e eterno. Cuidando de indicar-lhe isto, lhe fala sobre as pessoas, os milhões de seres que esqueceram a blusa espiritual, e assinala que eles dois estão meditando no meio do ruído mundano. Por isso se abstém de fazer comentários sobre a chuva, e de uma maneira que parece absurda, responde: “As pessoas vivem numa grande desordem, cegam elas mesmas ao perseguir os valores materiais”.

Como eu não ia compreender esta frase, se acabava de verificar isto em minha ida ao Los Globos? Acreditara escapar desse frívolo cabaré, achando que confinado no zendô junto a Ejo eu me apartava dos prazeres materiais... Mas Kyosho me revelava que ninguém escapa de nada. Estávamos na realidade, esclarecendo a consciência num oceano de mentes adormecidas, transformando-nos nos olhos de um mundo cego.

Quando o monge lhe pergunta “E você, mestre?” demonstra que ainda não compreende. Volta a dividir: por um lado, o mundo materialista; por outro, o mestre, aquele que se libertou do desejo. Kyosho, com toda paciência, explica: “Quase posso compreender a mim mesmo perfeitamente”.

A quem se refere com este “a mim mesmo”? A uma limitada individualidade? De modo algum. Ao dizer “a mim mesmo” se refere a toda a humanidade, ao universo inteiro e àquilo que dá vida ao universo. Ao dizer “quase” afirma que para ele o ser humano, por ser um ponto de vista obrigatoriamente subjetivo, não tem perfeição. A perfeição só pode ser divina. O ser humano e também a matéria, permanente impermanência, podem somente aproximar-se da perfeição. O monge, cabeça-dura, volta à carga, tentando captar tudo através do intelecto, das palavras, em vez de sentir... “O que significa compreender perfeitamente a si mesmo?”. Compreender perfeitamente a si mesmo significa sentir-se além das palavras, deixando-se cair no abismo do impensável. Kyosho dá a estocada final: “Estar iluminado é fácil. Explicá-lo com palavras, difícil”. O ruído que faz o bom discípulo imitando a chuva indica que a iluminação, fora do calabouço intelectual, é um fenômeno natural ao qual devemos nos entregar para que nos absorva até chegar ao coração.

Continuamos o rōhatsu. A temperatura do meu corpo, após duas horas de concentração, começou a aumentar. Minha roupa, emanando uma aura de vapor, foi secando. Com uma vontade tenaz, tentei impedir que as palavras distraíssem minha mente. Cada vez que estava a ponto de consegui-lo, uma confirmação

idiota tipo “Estou chegando lá” me fazia fracassar. Escolhi uma palavra qualquer, absurda para esses momentos, “girino”, e comecei a repeti-la mentalmente durante um tempo que pareceu eterno. Esse vocábulo impediu que qualquer outra palavra me invadisse. À meia-noite, adormeci repetindo-o. E durante os quarenta minutos de sono continuei me aferrando ao “girino” como se fosse uma colete salva-vidas.

Quando Ejo me acordou, sem esperar que me sacudisse eu me pus de joelhos, cruzei as mãos, estiquei minha coluna vertebral, ergui levemente os cantos dos lábios e desintegrei a palavra “girino” para ficar por fim com a mente vazia.

Foi um momento de paz absoluta, mas infelizmente muito curto. Mal deixei de emitir pensamentos, meu coração ocupou o vácuo mental com seus batimentos. Senti um tambor ressoar no meu peito e, como uma lenta inundação, começaram a pulsar minhas têmporas, as pontas dos dedos, meu sexo, minhas panturrilhas, gengivas, minha língua, meus pés. Tudo era invadido por este reverberante ritmo. No final não havia uma só parte de meu corpo que não estivesse ressoando... Depois se somou a isso o contínuo deslizar de um rio: meu sangue circulando. Em seguida se juntou também o ar, cantarolando desde minhas fossas nasais até os pulmões e dos pulmões até as fossas. E, por último, o fermentar incessante de meu aparelho digestivo.

Não sei o que se passou comigo, talvez uma alucinação auditiva, mas o fato é que, além de meus ruídos corporais, comecei a sentir que tudo que me rodeava estava dotado de som. Vibravam os tacos do assoalho, o teto, as paredes, as almofadas e até as roupas. Os diferentes tons e ritmos se uniam formando um coro semelhante ao de uma colmeia. A sensação se estendeu ao exterior e achei que estava ouvindo a música da cidade, da terra, do ar, do céu. Foi tão colossal minha impressão que comecei a tremer, a ponto de desmaiar. Então, Ejo gritou:

– Não se deixe cair! Repita comigo as quatro grandes promessas! “Todos os seres conscientes, ainda que inumeráveis...”.

- Todos os seres conscientes, ainda que inumeráveis...
- “... prometo salvar. Todas as paixões, ainda que inextinguíveis, prometo apagar. Todos os dharmas...”.
- Ejo, o que são os dharmas?
- Cale-se e repita, mesmo que não entenda! “Todos os dharmas, ainda que infinitos, prometo cumprir. Toda a verdade, ainda que incomensurável, prometo alcançar...”.

Repeti tudo que ele dizia. Ejo ia recitando as promessas com cada vez mais intensidade. Apesar de eu estar fazendo o mesmo, não parava de me gritar:

- Fale mais alto!

Terminei gritando o mais alto que pude. Mas ele continuou insistindo:

- Mais alto! Mais!

Senti que minhas cordas vocais iam pifar. Meus gritos pareciam vômitos. E ele continuou exigindo mais volume. Caí em desespero. Vociferando enlouquecido, presa de um ataque de raiva, arremessei meu *zafu* [almofada para meditar] contra seu peito. Ejo nem se abalou. Continuou recitando as promessas e exigindo que eu as repetisse mais alto. Vendo tudo vermelho, me lancei contra ele com a intenção de derrubá-lo ao solo. Não sei se foi outra alucinação ou se a fadiga havia me deixado, o fato é que, apesar de empurrá-lo com todas as minhas forças, não pude movê-lo um milímetro sequer. Parecia uma estátua de uma tonelada, soldada ao solo. Por mais que arremettesse contra ele várias vezes, resistiu imperturbável a meus ataques. Soltei um último grito, tão forte que parte do estuque de uma parede caiu. Então desmoronei, esvaziado.

Ejo parou de recitar, pegou uma vareta e bateu num pequeno sino.

- Finalmente! Você não gritou só com a metade de seu cérebro, empregou os dois hemisférios e todas as suas vísceras. Isso é

resolver um koan. Já deu meia-noite. Está terminado o rōhatsu. Pode dormir até amanhã.

Como uma pluma transparente, me deixei cair no abismo. Quando despertei, os raios de sol deslizavam pela janela. Michiko entrou para me trazer uma xícara de café e uns pãozinhos. Sorridente, em um espanhol rudimentar, disse:

– Dormindo catorze horas. Você desce, tomar café da manhã. Ejo esperar você. Vão Oaxaca.

Eu nunca havia visto Ejo sem o traje de monge. Impressionado por esse hábito, nem me havia ocorrido pensar em sua idade: ele me parecia um ser atemporal, milenar. Mas agora, ao vê-lo com calças *jeans*, camiseta de manga curta, tênis, carregando uma mochila e fumando um cigarro, antes de jogar sobre o ombro outra mochila preparada para mim, não resisti à tentação de perguntar sua idade.

– Nasci em 1928, no dia 24 de março – respondeu-me de imediato.

Este detalhe me provocou uma estranha surpresa. O guia espiritual que havia escolhido era apenas um ano mais velho que eu. Era um jovem e não um velho, como havia imaginado. Vestido assim, me parecia um companheiro de viagem, um amigo, um igual. Um demônio interior me fez mudar de atitude: comecei a falar-lhe com menos respeito. Ejo não pareceu perceber minha transformação. Quando me queixei do peso da mochila, ele me mostrou a sua:

– Dez quilos. – A seguir apontou para a minha: – Cinco quilos.

– Mas quilos de quê, Ejo?

– De sementes de soja.

– Soja? Para quê?

– Vamos ensinar os índios a cultivar elas.

– Vamos perder o nosso tempo. Eles só se interessam em plantar milho.

– Isso é o que dizem os empresários. Querem manter os índios na miséria, plantando somente milho, porque assim podem comprar ele por um preço baixo.

– Ejo, você não conhece o México... Há costumes muito antigos...

– Se quer recuperar a integridade da sua mente, você precisa descondicionar ela. Vê minha cara? Ouve minha voz?

– Sim.

– Tem consciência dos seus olhos? Dos seus ouvidos?

– Sim.

– Se tem consciência dos seus olhos e seus ouvidos talvez esteja doente... Você vem ou não? As enfermidades são curáveis, mas o destino é incurável.

Fiquei desconcertado. Ele estava tentando me dizer que em minha consciência não devia formar um conceito de mim mesmo? Não soube o que responder e o segui em silêncio.

Um táxi nos deixou em frente à estação ferroviária. Viajamos até Puebla em um vagão de terceira classe, abarrotado de gente que carregava caixotes, cestos, galinhas, crianças, cães. Enquanto Ejo sorria, como se aquilo fosse o paraíso, procurei dormir. Não estava acostumado a ter um contato tão direto com gente assim. Após bater a cabeça várias vezes, quase dormindo, fiquei totalmente desperto quando uma dupla de cegos, arranhando pequenos violões, começou a cantar. Ejo me deu uma cutucada e, apontando para si e depois para mim, sussurrou:

– Quando um cego guia outro cego, os dois acabam caindo na água.

E se pôs a rir como um menino. Mal-humorado, tapei os ouvidos.

Em Puebla embarcamos num ônibus caindo aos pedaços, mais cheio ainda que o vagão de terceira classe, e partimos para as montanhas.

A viagem duraria várias horas. Entre o burburinho dos passageiros, latido dos cães, cacarejar das galinhas, choro das crianças, os estrondos do motor, as moscas, a poeira, o calor sufocante, o fedor espesso, era impossível dormir. Fiz um esforço hercúleo e me acalmei. Propus a Ejo aproveitarmos o tempo estudando outro koan. Ele me disse:

– O tempo não é uma coisa. Dez mil rios desembocam no mar, mas o mar nunca fica cheio. Dez mil koans entram na sua mente, mas você nunca fica satisfeito. Ajuste sua consciência às circunstâncias que a vida apresenta a você. Olhe ao seu redor, olhe a si mesmo e aproveite.

Vendo o meu tenaz aborrecimento, ele ergueu os ombros e suspirou, como se fosse um caso perdido. Em seguida, leu de má vontade:

– Ao nascer, Buda apontou uma das mãos para o alto e a outra para a terra. Caminhou sete passos fazendo um círculo e, olhando para as quatro direções, disse: “Sou o único que é honrado no céu e sob o céu.” O mestre Ummon comentou: “Se eu tivesse estado lá, o teria matado a pauladas e atirado seu corpo aos cães para que o devorassem. É importante que o mundo esteja em paz.” A propósito disto, Ryosaku, outro mestre, disse: “Ummon crê que qualquer um deve oferecer seu corpo e sua alma ao mundo. A isso se chama reembolsar o favor de Buda.” E você, o que diz?

Ruminei minha resposta. Antes que pudesse pronunciar uma palavra, o ônibus, provavelmente por causa de um buraco na estrada, deu um violento solavanco. Um pacote caiu sobre um menino, abrindo uma ferida na testa dele. Com o rosto banhado de sangue, o garotinho começou a berrar. Ejo, tranquilo, se levantou, tirou da mochila um tubo que continha argila verde em pó e a aplicou no ferimento. Imediatamente, formou-se uma crosta e o sangue parou de escorrer. O menino se calou e pelas janelas abertas entrou o silêncio da cordilheira. Como se nada houvesse acontecido, Takata voltou a se sentar ao meu lado. Senti que as

nuvens da minha mente se abriam, deixando passar um raio de luz. Com respeito, como resposta ao koan, murmurei:

– “É importante que o mundo esteja em paz.”

Ejo sorriu, fechou os olhos e começou a roncar. Tive vergonha de mim mesmo. Por falta de um pai carinhoso, passei a vida procurando gurus, deuses, mundos do além, todo tipo de paliativos metafísicos. O koan, com toda clareza, nas palavras atribuídas a Ummon, aconselhava a arrancar as raízes de todas as lendas, contos de fada, admirações infantis, as grandes esperanças, filhas do medo da morte. Eu não era um passarinho quieto no ninho esperando que a mãe lançasse um apetitoso verme em minha boca: correr atrás de um Buda não era melhor do que rolar em merda de cachorro. Enquanto buscasse a luz fora de mim mesmo, o mundo nunca estaria em paz. Observei meu corpo invadido por tremores nervosos, vi meu insaciável apetite por conhecimento, meu desejo de arrancar o segredo de todos os mestres, em vez de me realizar recuperando a autoestima que meu pai, como um menino competitivo, havia destruído na base de sarcasmos.

Ryosaku afirmava que tudo que se obtinha devia ser doado: “Nada para mim que não seja para os outros.” Ou seja, tomar parte do mundo, deixar que as coisas fluam naturalmente, sem esforços inúteis, com entrega confiada ao presente. Ao aceitar Ejo Takata como mestre, havia passado do “eu” ao “tu”. Contudo, vendo os demais como “eles”, eu havia descartado o “nós”. Pondo em mim o rótulo de “artista”, transformei Ejo em um refúgio ideal, onde, como uma toupeira surda e cega, me escondia do mundo por considerá-lo alheio.

No entanto, embora alheio, era o território aonde eu ia para roubar alimentos, aplausos, amores, prêmios, diplomas, publicidade, nem mais nem menos que um ladrão parasita. Tomando sem cessar para só dar em troca os meus autógrafos, resenhas literárias do meu umbigo e fotografias com máscara de artista, artifícios para capturar as baleias da admiração social... Enquanto isso a miséria, as guerras, as enfermidades, a pedofilia, as indústrias assassinas, a

informação venenosa, a política corrupta, os banqueiros desumanos...

E eu na minha mente-ilha, criando uma arte boba, um verniz brilhante para ocultar a opacidade de outros ladrões como eu. Ladrões que se apoderam da terra, da saúde dos outros, fazendo do tempo uma carapaça pessoal, dividindo o espaço em pequenos cubículos, apenas um pouco maiores que uma casinha de cachorro, onde os cidadãos com as paredes em cima dos olhos recebem uma miopia obrigatória. Nada é meu, é emprestado, e aquilo que não quero soltar é roubado... Levo uma mochila cheia de sementes, assim é a minha mente. Se sou um artista devo semear, e se sou um mestre devo ensinar os outros a semear, a fazer crescer, a colher. Extirpa-se meu eu individual do mundo, o mundo fica em paz. As coisas deixam de ser como penso que são, e voltam a ser o que na verdade eram.

Seguimos de carona a partir de Oaxaca, atravessando intermináveis plantações de milho, e chegamos a Santa María Mixi. Um pequeno aglomerado de casas com telhados de relva e folhas de palmeira sobre paredes de adobe cobertas com uma leve camada de gesso, com apenas uma porta e sem janelas.

Um grupo de índios, homens, mulheres e crianças, provavelmente mixes, esquecidos de seus costumes ancestrais, convertidos em “camponeses” famintos, saíram para nos receber. Nossa visita causou sensação: fazia muito tempo que ninguém visitava estas tristes paragens. Ejo, com um sorriso amistoso, fez uma reverência respeitosa. Eu o imitei. Os índios tiraram seus chapéus de palha. Takata procurou um espaço no milharal, sentou-se de pernas cruzadas, acariciou o solo afastando as pedrinhas e tirou de sua mochila um montão de sementes de soja. Sobre o solo avermelhando, esféricas e amarelas como eram, pareciam contas para colares mágicos. Isto despertou a curiosidade dos mixes. Com seu espanhol rudimentar, o mestre começou a dizer coisas que interessaram tanto a esses camponeses que alguns correram até os campos e voltaram trazendo outros, até que se formou um grupo de

umas cinquenta pessoas. Para facilitar a tarefa de Ejo me transformei em seu intérprete.

– Uma potente variedade de soja originária do Japão. Sua raiz alcança um metro de profundidade, resiste a geadas e secas. Rica em proteínas e óleo, pode ser semeada duas vezes por ano, em qualquer estação. Não necessita de terrenos ricos, se desenvolve em solos pouco férteis.

Durante umas três horas, Ejo foi descrevendo a maneira de semear a soja, de cultivá-la, de combater as pragas, de colhê-la e de utilizá-la. Descreveu cerca de duzentos produtos, entre os quais óleo, lecitina, forragem para os animais, queijo, iogurte, farinha, leite, podendo ainda ser torrada como amendoim.

Ejo pediu que trouxessem um cesto, onde esvaziamos quinze quilos de sementes. Em seguida, desenhando com um graveto no solo, mostrou como orientar as casas em relação ao sol, abrindo janelas e tirando do interior os fornos, causadores de doenças pulmonares. Mostrou a eles como construí-los do lado de fora, como tecer com capim sandálias que duravam um dia e ensinou-lhes também a fabricar combustível com seus excrementos. Depois lhes disse:

– Estas terras são suas, mas o milho não é. Vocês o plantam para vendê-lo barato a empresários que enriquecem à custa da miséria de vocês. Se um dia os empresários deixassem de vir aqui e comprassem de outros países, vocês morreriam de fome. Esse é o perigo de toda economia que cresce sem limites. Tornem-se independentes. Não plantem para vender, mas sim para prover suas próprias necessidades. A soja é muitíssimo mais útil que o milho.

Havíamos chegado às três da tarde. Quando Ejo terminou sua lição, começava a anoitecer. Os mixes, agradecidos, nos trouxeram duas garrafas de cerveja e um purê de feijão enrolado em tortillas. Para servir de toalha puseram um jornal velho sobre a terra.

Enquanto Ejo comia, os camponeses se ajoelharam. Havia compreendido que era um homem santo. Este silêncio religioso foi

rompido pelo ruído de um caminhão do exército. Desceram dez soldados, encabeçados por um civil de uns quarenta anos, barrigudo, trajando uma túnica listrada com ombreiras, camisa preta, gravata verde, um enorme sombrero, óculos escuros e um revólver enfiado no cinto. Apresentou-se, rosnando, como Salvador Cepeda, representante do governo do México. A coronhadas os soldados dispersaram os camponeses, ordenando que se trancassem em suas casas. Depois apontaram suas armas para nós dois enquanto o gordo apontava seu dedo indicador ornado por um grosso anel de bronze.

– Comunistas sujos! Guerrilheiros filhos da puta! Vamos partir seus crânios, assim aprenderão a não subverter nossos trabalhadores! O que vale aqui é o milho, não essa soja de merda! Aqui mando eu e posso matar qualquer um se tiver vontade! Mostrem seus documentos! Acho que vou ter que fuzilar vocês, para servir de exemplo aos putos que tentarem imitar vocês!

Sem demonstrar o menor temor, mantendo as pernas cruzadas, Ejo vasculhou na mochila e extraiu alguns papéis. Recordei que Ejo me contara que, quando era garoto e os americanos bombardearam o Japão, lhe deram ordens de continuar meditando, sem se mover, enquanto as bombas caíam. Outro menino monge, apavorado, não pôde resistir e saiu correndo. Uma explosão o matou. Quando me contou isso, Ejo disse: “O medo é inútil”.

O truculento leu com dificuldade os documentos.

– Monge... O quê? Zen? Ministério da Educação... Embaixada do Japão... Bispo de Cuernavaca... Recomendações muito boas, Don Careca, nota-se que não é um guerrilheiro. Mas o seu amigo me parece suspeito... Vamos lá, seu corno, mostre-me seus documentos!

Apesar de saber que estavam vazios, tateei os bolsos, tremendo. Não trouxera nada que comprovasse a minha identidade...

– Ah, quer dizer que está viajando incógnito para sublevar os índios, não é? Se não me mostrar agora mesmo um documento de

identidade ou um passaporte, mando fuzilar você!

Percebi que o gorducho estava falando sério, convencido de que eu era comunista. Suponho que considerava os comunistas mais perigosos que escorpiões...

– Senhor governador – eu disse, tentando dissimular o tremor que percorria meu corpo dos pés à cabeça –, sou um artista muito conhecido e minha morte provocará um grande escândalo. Não cometa este erro...

– Verme nojento! Como se atreve a dizer que estou errado? Vocês comunistas não respeitam ninguém. Um artista conhecido, você, magro, sujo e cabeludo? Além de covarde, é mentiroso... Não merece viver!

Sacou o revólver e o brandiu diante do meu nariz.

– Agradeça por minha arma estar descarregada, podia ter sido morto como um coite. Mas será fuzilado e cairá com dignidade, mesmo que não mereça.

Os soldados se dispuseram em fila, apontando os fuzis. Ejo se levantou e interveio:

– Senhor governador, esse jovem é meu discípulo. Garanto a você que é um diretor teatral muito famoso.

– Cale-se, Don China! Você é um monge, e como tal quer salvar a pele deste subversivo! Volte a sentar e cruzar suas pernas. Se voltar a se intrometer, concluirei que é seu cúmplice e mandarei fuzilar você também.

Ejo suspirou. Depois me disse com um sorriso piedoso:

– A morte não existe. A vida não existe. Você atravessará o lago do espelho. Chegará para descansar na planície do nada...

– Isso é tudo que pode dizer? Aqui ninguém está de brincadeira. Vão me fuzilar! Sou um intelectual, ainda não aprendi a morrer! Ensine-me, você que não conhece o medo!

Ejo sentou-se em postura de meditação mais uma vez e, com absoluta calma, recitou:

– “Nunca se obtém a verdade de ninguém. A pessoa a leva sempre consigo”.

Não podia ser. Estava afundado em um pesadelo, tinha que despertar. Baixou-me de repente um intenso e incomensurável amor pela vida. Vibrou o vermelho da terra, o amarelo do milho, o azul do céu, a brancura das nuvens, a majestade das montanhas, o calor do meu corpo, o caráter diáfano da minha consciência, o canto dos pássaros e os odores dançando no ar, o uniforme dos soldados repetido dez vezes como uma frase musical, o brilho das armas e, acima de tudo isso, o amor a mim mesmo. Aí soube por que Ejo havia falado de um espelho vasto como um lago. Eu era esse imenso espelho, minha alma estava enraizada na planície do nada...

Uma repentina rajada de vento levantou uma nuvem de poeira, interrompeu a ordem do pançudo e espalhou as folhas do jornal velho. Uma delas veio cair perto de mim. Ao ver uma foto ocupando meia página, soltei um grito:

– Espere! Tenho aqui a prova da minha identidade!

Recolhi o jornal e mostrei febrilmente a página onde eu aparecia junto com a Tigresa, quando, em oito colunas, anunciávamos o nosso futuro casamento.

O gorducho tirou o sombrero, coçou a cabeça, bufou, soltou uma gargalhada e me deu umas palmadas nas costas.

– Ora, ora, então é você que está comendo a ex-amante do presidente? Você deve ter uma pica grande, seu sacana! Por que não contou isso antes? Bem, não importa, vamos parar com as piadas. Eu o reconheci assim que pus o olho em você, e aí quis lhe dar um susto. E então, gostou da minha gozação?

Dei um sorriso falso.

– Você tem muito senso de humor, don Salvador. E agora, podemos ir?

– Claro, rapaz, mas não voltem nunca mais. Não venham bagunçar a minha área. Aqui nessa terra, há séculos, só se planta milho. Entendo que não deviam saber. Um erro é humano, dois é burrice. Se voltarem aqui, outro galo pode cantar, e seu cacarejo pode soar como uma descarga de rifle...

Os soldados regaram com gasolina as sementes de soja e puseram fogo. Em seguida subiram no caminhão. Cepeda nos chamou:

– Venham com a gente. Deixaremos vocês perto de Oaxaca.

Os índios nos deram meia dúzia de laranjas e agitaram seus lenços vermelhos até que os perdemos de vista. No trajeto, os soldados, entre risos de zombaria, nos arrebataram as laranjas. Eu me senti humilhado. Mais tarde, no ônibus que nos levaria para pegar o trem em Puebla, apesar de a calma silenciosa de Ejo me exasperar, não pronunciei uma só palavra. Mal nos acomodamos no último assento do vagão de terceira classe, não encontrando nada inteligente para lhe dizer, mas com vontade de falar, perguntei:

– Depois de uma experiência tão dolorosa não nos surge nenhum comentário. Onde é que está o erro?

Ejo se limitou a grunhir, apontando a paisagem:

– A montanha!

Senti raiva, já estava farto das suas japonesadas: a cada emoção, os mestres respondiam “O monte Sumeru”, dando a entender que essa massa monolítica não falava, não se afundava em sentimentos, não se questionava sobre o nascer ou o morrer, não sofria com a dualidade ator-espectador. Resumindo, a panaceia universal era cruzar as pernas e ficar imóvel como um cadáver.

Vendo-me enrubescer, crisar os lábios, bater com um punho na palma da outra mão, respirar abrindo as abas do nariz, como um touro que quer investir, Ejo extraiu da mochila, que eu pensava estar

vazia, o seu leque branco e, abanando-se com ar de desdém, me apresentou um koan.

– “Os remédios curam doenças. A terra inteira é um remédio. Qual remédio é o seu verdadeiro ser?”.

Estas palavras caíram como chuva sobre um náufrago sedento. De súbito me dei conta de que estava vivo por um tempo infinitamente pequeno comparado à eternidade do cosmos. E que essa vida era um privilégio, um presente, um milagre. O instante em que eu existia era o mesmo instante em que dançavam todos os astros, instante no qual se uniam o finito e o infinito, o aqui e o além, o perfume do ar e a lembrança ancorada na matéria, os deuses inventados e a energia impensável, os sabores e a fome, as luzes e os abismos, as cores e a cegueira, a humilde sensibilidade da minha pele e a ferocidade dos punhos. Também os camponeses miseráveis, os soldados, o barrigudo cretino, os passageiros do trem gritando como macacos, a nuvem de poeira perseguindo a locomotiva; tudo era um remédio se fosse aceito tal qual era sem transformá-lo com minha visão: o mundo era o que era, remédio, e não o que eu pensava que fosse, veneno... No entanto, não parava de cometer um erro: estabelecendo uma fronteira mental entre o “interno” – minha concepção de mim mesmo – e o “externo” – o mundo sem mim –, vivia como um sujeito diante de um objeto. Dizendo “A terra inteira é um remédio” pretendia usar um objeto externo para curar meu eu individual, sem perceber que ao me separar do mundo eu era a sua enfermidade. “O mundo é a vida e meu ser essencial. Enquanto não romper esta fronteira, sou um morto.”

Quando chegamos à capital, Ejo fez uma reverência e me disse:

– Yosai, o monge que fundou o mosteiro Shofukuji, onde passei minha juventude, era um homem simples que dizia: “Não tenho as virtudes de um *bodhisattva* antigo, mas para propagar o zen é inútil realizar milagres ou prodígios.” Certa vez um camponês pobre veio implorar a ele: “Minha mulher, meus filhos e eu estamos a ponto de morrer de fome. Socorra-nos, por piedade...”. Nessa época, no

mosteiro de Yosai não havia roupas, nem alimentos, nem objetos de valor. Porém o monge encontrou um pedaço de cobre que serviria para fabricar os raios da auréola de uma estátua do Buda. Yosai o deu para o camponês dizendo: “Troque este pedaço de metal por alimentos e acalme sua fome”. Quando seus discípulos se queixaram por ter permitido que fosse dado um uso pessoal a uma peça destinada ao Buda, o que era pecado, Yosai respondeu: “O Buda ofereceria aos famintos sua carne e seus membros. Inclusive se eu tivesse dado a estátua inteira a esse camponês, morrendo de fome ante meus olhos, não teria traído os ensinamentos do Buda. E se por causa de atos semelhantes eu tivesse que sofrer um destino fatídico, mesmo assim socorreria os famintos”. Compreende? O México não necessita de um zen para intelectuais. Vou guardar meu *kyosaku*. Acabou-se o zendô.

Eu o vi afastar-se a passos largos e enérgicos, deixando entre nós uma profunda fenda. Ao rememorar esta cena penso em uma frase da novela 953 de Silver Kane, da Coleção Oeste Bravio: “Montado num cavalo negro que parecia estar de luto pelo seu dono, se perdeu entre as sombras”.

Por questões de segurança tive que deixar o México. Na França tive bem poucas notícias do mestre, mas acabei sabendo que, após largar o hábito de monge ele mudou de domicílio e na avenida Insurgentes abriu uma escola de acupuntura, o IMARAC [Instituto Mexicano de Acupuntura Ryodoraki, Associação Civil], já que em 1975 o diretor de investigação Ryodoraki de Tóquio o nomeou professor de eletroacupuntura Ryodoraki no México. Ele atendia pacientes, dava cursos de acupuntura e utilizava um aparelho japonês chamado Tormeter, que servia para medir e estimular os pontos de acupuntura e evitava que o paciente tivesse agulhas enfiadas no seu corpo durante os vinte minutos habituais, pois graças às descargas elétricas que o aparelho emitia bastava aplicá-lo nos centros nervosos por apenas alguns segundos.

Muitos enfermos solicitaram tratamento a Ejo e também um respeitável grupo de alunos se interessou por aprender a técnica.

Ejo oferecia seus ensinamentos gratuitamente, vestido com uma bata de enfermeiro. A sociedade funcionou bem até que os professores da Faculdade de Medicina, vendo que alguns epiléticos haviam sido curados em poucas sessões, acusaram Ejo de estar utilizando medicamentos ilegais. Então Ejo interrompeu toda a sua atividade terapêutica, encheu sua caminhonete com sacos de sementes de soja e foi viver entre os índios na serra tarahumara. Durante muitos anos ninguém tornou a vê-lo.

16 Para o Tantra, o Despertar é produzido pela união das energias masculina (*linga*/Shiva) e feminina (*yoní*/Shakti). Uma forma de representá-lo é com a figura da divindade hindu Shiva em união conjugal com Shakti, sentados e com os rostos frente a frente.

17 Obra de Mumon Ekai. Em chinês, respectivamente, *Wumenguan* (“O passado sem porta”, coleção de 48 koans acompanhados de um comentário e uma loa) e *Wumen Huikai* (1183-1260), a quem seu mestre Yuelin deu como exercício o célebre koan sobre a budeidade ou não em um cachorro (no qual a resposta oferecida pelo mestre chinês Zhaozhou Congshen, ou Joshu Jushim, foi “Mu”; em chinês “Wu”), sobre o qual esteve meditando por seis anos. Passado o tempo, e depois de ter uma experiência iluminadora, compôs o quarteto pentassilábico que aparece na página 29 desta edição.

18 Xiangian Zhixian, em japonês Kyogen Chikan, morreu em 898 e aparece no exemplo 5 do *Mumonkan* (ou *Wumenguan*). A história de sua iluminação é muito citada porque acabou se tornando bastante instrutiva.

19 Jingqing Daofu (c.865-937), em japonês Kyosei Kyosho Dofu, mestre zen chinês e discípulo de Xuefeng Yicun (ver nota 12).

O trabalho sobre a essência



“Estreitou-a em seus braços porque sabia que aquela condenada à morte era a mulher da sua vida.”

VERDUGO A PLAZOS, SILVER KANE

Quando a vi no Museu de Etnologia da capital do México, Reyna D’Assia estava explicando o calendário solar asteca a um grupo de americanos, homens e mulheres, vestida ao estilo dos personagens orientais do pintor Jean-Léon Gérôme. Naquela manhã, na sala de conferências do museu, eu estava apresentando aos jornalistas o meu filme *El Topo*. Por senso de humor, eu me vestira com o traje do pistoleiro: calças e casaco de couro negros, camisa de seda também negra, chapéu de aba larga e cinturão com um revólver de coroa branca no coldre. Quando a projeção terminou e ouvi os críticos me chamarem de assassino de burros, verme pernicioso estrangeiro e ególatra delirante, fui ruminar minha raiva pelos salões do museu.

De longe fui atraído pelo extravagante grupo de Reyna D’Assia. Ela cravou os olhos em mim, soltou uma exclamação que ressoou pela abóbada como um rugido, abriu os braços e se pôs a correr na minha direção. O abraço apertado que me deu deixou-me desconcertado. Apesar do turbante, blusa rendada, jaleco de lantejoulas, saia de gaze multipregueada e sapatos estilo mouro com as pontas levantadas que estava usando, era uma mulher de encanto irresistível: seios generosos, traseiro empinado, cabelo encrespado estendendo-se como uma aura de alcatrão e, no lugar dos olhos, dois poços azuis. Sem me soltar, ela me disse com uma voz profunda, mesclada com um hálito cálido:

– Faz três dias que vi o seu filme em Nova York e me apaixonei por *El Topo*, esse bandido que no fundo é um rabino iluminado. Para vir ao México, dei como pretexto ao meu grupo que queria revelar os

segredos do calendário solar asteca para você, embora na realidade minha finalidade fosse encontrar você. Viu só? Quando você formula com paixão algo no seu espírito, esse espelho que chamamos de realidade faz com que ele apareça à sua frente.

Sua pele, intensamente perfumada, me provocou uma espécie de loucura. Deixei que pegasse minha mão, me arrastasse até a rua e chamasse um táxi. Durante o trajeto me beijou com paixão e ao chegar à suíte do seu hotel despiu-se apressada, se pôs de joelhos dando-me as costas, inclinou a cabeça até tocar o chão e, proibindo que eu me despisse, pediu que a penetrasse, assim mesmo, com traje de couro, chapéu e botas.

Com a demência da excitação acrescida pela intensa umidade da vagina dela, entrei na sua intimidade dando uma rude estocada. Ia começar meus vaivéns quando um potente “Pare!” me paralisou.

– Não se mexa. Quero que seja o eixo da minha paixão.

Com surpreendente agilidade, buscando apoios firmes em meu corpo, começou a se virar até ficar de frente para mim, com as coxas apertando a minha cintura, os pés cruzados nas minhas costas e a testa apoiada na minha. Nesta nova posição, quis por fim enfiar-me no Éden dela, mas ela voltou a exclamar “Pare!” com tal autoridade que me vi obrigado a obedecer.



Alejandro Jodorowsky
em seu filme *El Topo* (1970)

Passou-se um minuto eterno. Meu púbis tremia, querendo retroceder para voltar à carga. Nessa torturante imobilidade, de repente começou um pulsar de paredes vaginais aquosas que pouco a pouco foi adquirindo velocidade. Sua vagina inteira, dando apertos vertiginosos, se transformou em uma luva trepidante. Em meio a essa tempestade muscular já não precisei me mover. Em poucos segundos meu sêmen a inundou. Quando, depois de três ejaculações seguidas, lhe disse que nunca havia conhecido uma mulher com tal habilidade, ela me confidenciou:

– Tive um mestre importante. Quero que saiba que sou filha de Gurdjieff.²⁰ Em 1924, em companhia de seus discípulos, ele visitou

Nova York apresentando danças iniciáticas. Minha mãe, que na época tinha acabado de completar treze anos, levava para ele as refeições que ele encomendava do restaurante russo. O velho seduziu ela e ensinou as técnicas vaginais que agora utilizo. Gurdjieff dizia que a maioria das mulheres, por preguiça, tem um “atanor” morto. Desde pequenas ensinam a elas que o falo é poderoso, ativo, vital e que elas levam entre as pernas um cesto semelhante a um pântano, sem outra possibilidade de ação senão a de ser preenchido por um semeador de espermatozoides. É dado como certo que a vagina é um órgão passivo. Mas existe uma diferença enorme entre essa naturalidade passiva e um sexo treinado deliberadamente. Gurdjieff ensinou minha mãe a despertar e fazer crescer sua alma desenvolvendo uma vagina viva.

Reyna quis fazer uma demonstração para mim. Abriu as pernas, contraiu os lábios da vulva e, com um suave ciciar, começou a inspirar o ar. Depois o ejetou em forma de forte sopro.

– Fase número um: aprender a inspirar e expirar, como se a vagina fosse um pulmão. Quando se domina isto, a mulher pode ir muito mais longe...

Ela colocou quatro azeitonas enfileiradas e, com o períneo quase roçando no chão, foi engolindo uma a uma para depois, deitada de costas, arremessá-las, fazendo-as bater no teto. Pegou várias velas e as apagou com um sopro vaginal. Introduziu uma fita no seu órgão e depois a depositou em minha mão, enlaçada.



G. I. Gurdjieff com sua filha Reyna D'Assia

– Minha vagina tem os mesmos movimentos rápidos que a língua faz. E mais, posso aumentar ou diminuir à vontade a secreção lubrificante.

Ela se concentrou e fez um esforço. Vi surgir pela base de seus lábios internos pequenos e transparentes jatos de fluido que cobriram suas coxas.

Finalmente, sentada como uma rainha, com os joelhos muito separados, depois de uma longa absorção de ar o foi expelindo para produzir um ruído musical, entre metálico e orgânico, que me recordou o canto das baleias... Meus cabelos se eriçaram: a lenda das sereias da *Odisseia*, atraindo os marinheiros com suas vozes para fazê-los naufragar, se baseava em algo real!

Fascinado por seu canto, apoiei a cabeça nos joelhos dela e comecei a gemer como um menino ansiando por um paraíso perdido. Com uma voz muito suave, ela disse:

– Na antiguidade remota, para fazer as crianças dormir, as canções de ninar eram entoadas com a vulva. Quando as mulheres esqueceram essa capacidade, seus filhos deixaram de se sentir amados. Uma angústia inconsciente se aderiu à alma dos seres humanos... O pranto que o embarga expressa a dor de ter tido uma mãe com o sexo mudo. Vamos solucionar isso.

Ela me despiu com gestos delicados, mas precisos, me estendeu na cama e começou a beijar a planta dos meus pés para depois prosseguir ao resto do corpo. Inumeráveis beijos, profundos, dados com a alma inteira, pacientemente, em cada centímetro quadrado do meu organismo. Dos pés à cabeça, durante duas horas, sem desdenhar a menor prega, me concedeu essa inefável carícia, murmurando a cada vez “você é amado”.

Muitas mulheres haviam me beijado no pescoço, na boca, no sexo, nas mãos, mas nenhuma em toda a minha pele. Quando terminou, dando-me um último beijo na ponta do nariz, suspirei com uma felicidade mesclada com uma tristeza profunda.

– Você me fez conhecer o nirvana. Porém, eu teria preferido que, em vez de “você é amado”, tivesse dito “te amo”.

Seus olhos azuis brilharam com implacável desdém.

– À medida que multiplicava meus beijos, vi você retroceder no tempo. De trinta você baixou para vinte, para quinze, para dez, para cinco anos e de repente estava com seis meses. Um bebê maravilhado por encontrar a mãe universal. É o que sente nesse momento. Devo eu, dizendo “te amo”, aceitar esse indigno papel? O que deseja? Ao solicitar meu amor, na verdade está me dizendo: “Como não tive o carinho da minha mãe, estou confuso, perdido na vida. O único refúgio emocional que tenho é você. Por isso me aferro a você. Seja autoritária, dirija-me, possua-me, amarre-me, alimente minha alma, nunca me abandone, satisfaça sem cessar meus desejos, divirta-me quando estou chateado, prepare-me comidas saborosas, esqueça-se de você mesma, admire-me mais que tudo, converta-se no meu público”.

“Você engana a si mesmo dizendo-se que sou uma projeção dessa mulher interior que chama de alma, mas de maneira alguma aceita me ver como o retrato da sua mãe. Quando você me diz “eu te amo”, de qual de seus diversos “eu” está falando? O eu mental, o eu emocional, o eu sensual, o eu moral, o eu cultural? Qual é o “eu” profundo que não depende da idade, nem do sexo, nem da nacionalidade, nem das crenças? Quando você se define, qual parte sua é aquela que define você? Pode dizer, sem se dividir em dois, “eu sou o que sou”? Percebe que não é um organismo individual? Você se dá conta de que esse corpo que acredita ser seu é de todos os homens, os que existem, existiram e existirão, e que eu sou todas as mulheres desde o começo da criação até o término? Seu “eu essencial” é o cosmos manifestando-se através de você. Se entra em contato comigo é para se unir à totalidade do tempo através do nosso ínfimo presente. Quando quer, apossando-se de mim, ancorar-se no “ter”, você se extravia. O amor é uma energia infinita que acontece em você sem que tenha nada a ver com a imagem que faz de um “eu” separado. No “nós” não há “eu”. O amor ultrapassa as ânsias de possessão. Quando pede “eu te amo” em vez de “você é amado”, você não percebe que, se está nesse mundo, se nasceu em um corpo de carne e osso que gera consciência, foi porque a força misteriosa que instante após instante

cria o universo ama você. Você obedece a um desígnio divino. Exatamente agora, célula por célula, átomo por átomo, você é querido, você, tal como é, com sua forma particular, com seu estilo, com seus limites, com sua aura irrepetível. O universo tem sede dessa consciência que seu organismo produzirá, consciência de que entregaram a você uma semente que pretende fazer frutificar, para não desaparecer sem deixar rastro no tempo... Meu santo pai dizia: “Aquele que não cria uma alma para si vive como um porco e morre como um cão”. Ensinaram ele a pensar que era ninguém, que nenhum deus interior habitava no centro da escura psique dele. Seus progenitores, buscando em você uma encarnação dos projetos egoístas deles, não viram você, e não vendo você, ao não conhecerem você, impedindo você de ser o que é para que fosse o que eles queriam, não quiseram você. Por isso, você cria para si enredos emocionais com fêmeas que nunca poderão amar você da forma que quer. Num perpétuo estado de carência, seu “eu te amo” quer dizer “mamãe má, você não me quer. Busco em vão o seu olhar: se não me vê, não posso me ver, sou obrigado a ser como você me imagina. Se não me disser quem sou realmente, não sou. Continuo sendo menino. Não me transformei em adulto, porque para fazer isso era preciso que me visse tal qual eu sou. Algo impossível: para isso teria necessitado se ver tal qual você era, e isso não aconteceu porque, por sua vez, os seus pais, meus avós, não viram você. Por medo de que me abandone, antes que o faça, eu é que vou afastar você do meu lado.”

De imediato, sem poder mais me controlar, peguei uma cadeira e a arremessei contra um espelho. Pisando nos cacos de vidro, me vesti grunhindo insultos e com uma bota calçada e outra na mão, dissimulando minha cólera, abri a porta da suíte.

– Insolente, pedante, charlatã! Tenho certeza de que só leu dois livros de psicanálise e já se faz passar por mestre! Filha de Gurdjieff? Ora, conta outra!

Estava tão furioso que disse a última frase aos gritos. Nesse momento passava pelo corredor uma turista cega guiada por um

cão, que, ao ouvir meus gritos, começou a latir furiosamente. A cega, assustada, gritou chamando a segurança do hotel. Dei um salto para trás e fechei a porta. Reyna D'Assia me recebeu às gargalhadas.

– Viu? Ainda não pode ir. Um cão de uma cega impediu você. Em inglês “cão” é *dog*, que lido ao contrário é *god*, “deus”. O deus dos cegos, dos ignorantes como você, obrigou você a me escutar. Abra bem os ouvidos: sempre sentimos nojo de uma coisa que não é aquela em que acreditamos. Você pensa que eu ofendi você, mas, na realidade, como em poucas horas recebeu de mim o que ela nunca deu para você em toda a sua vida, veio à tona o ódio que tinha acumulado contra a sua mãe. Você reage como um bárbaro psicológico. Sem suspeitar que o amor entre um homem e uma mulher é a expressão da neurose de duas árvores genealógicas, você aspira a uma relação tão simples como a dos animais. Entenda: o único par possível não é uma simbiose, mas sim a colaboração de duas consciências livres! Pare de pedir! Eu não sou a sua solução, e muito menos a sua muleta! Nos encontramos para compartilhar o sublime prazer de uma existência que não é sua nem minha. Assim diz um texto de alquimia: “De uma substância se fazem duas substâncias e das duas, uma, que não se parece em nada com a primeira”. Vamos estabelecer um contato de alma para que essa energia andrógina se estenda no eterno e infinito presente. É uma maravilha encontrar-se com alguém que tenha nosso mesmo nível de consciência! Mas não é o que acontece com você. Seu intelecto é como um cavalo selvagem, nunca foi domado. Faz o que quer, se impõe, age guiado pelas ideias loucas que os ancestrais implantaram em você desde o berço. Em vez de ser escravo dos seus desejos, tem que ensinar eles a obedecer, desenvolver eles, transformar eles em uma máquina sem limites.

– Suas teorias são meras palavras. Seria impossível você me demonstrar que possui esse poder de que tanto se gaba.

– É possível e vou fazer isso! Pessoas como você, bárbaros psicológicos, acham natural empregar horas sem fim para se

aperfeiçoar num esporte, mas nunca ocorre a vocês adestrar a mente. Meu santo pai teve pouco tempo para vir me ver, mas pediu a um de seus melhores discípulos, Alfred Orage, que se encarregasse de me educar até os treze anos. Esse homem notável me ensinou exercícios psicológicos para realizar o que agora mesmo você vai ver e ouvir.

Então, como um macaco diante de uma cobra, assisti a um espetáculo fascinante. Reyna D'Assia, equilibrando-se sobre a perna esquerda, desenhando sem cessar com a direita um oito no ar, ao mesmo tempo em que com a mão esquerda fazia um quadrado e com a direita um triângulo, recitando o que a princípio me pareceu uma sucessão caótica de números. Sem deixar de se mexer, Reyna, interrompendo brevemente o vômito de números, me explicou os diferentes exercícios. Foram tantos que minha memória não pôde registrar todos, só lembro de alguns: eu a ouvi recitar, em grande velocidade, as tabuadas de multiplicar do 2 ao 22 de uma estranha maneira. Por exemplo: 8 vezes 1 é 8, 8 vezes 2 é 7, 8 vezes 3 é 6, 8 vezes 4 é 5..., 8 vezes 12 é 6..., e assim até chegar a 8 vezes 100 é 8. Tive a sensação de estar diante de uma calculadora enlouquecida.

– Escute aqui: 2 vezes 8 é 16. Se eu somar o 1 e o 6 obtenho um 7, entende? Vou dar outro exemplo para você, 8 vezes 12 é igual a 6! Diga-me quanto é 7 vezes 7.

Sem me dar um segundo para pensar, ela replicou:

– 7 vezes 7 é igual a 4!

Senti que me afogava. Implacável, Reyna continuou seus exercícios, cada vez mais complicados... Ao mesmo tempo em que recitava uma tabuada de forma ascendente, intercalava a mesma tabuada de forma descendente:

– Oito vezes um, oito. Oito vezes cem, oito. Oito vezes dois, sete. Oito vezes noventa e nove, nove. Oito vezes três, seis. Oito vezes noventa e oito, um...

Para verificar, enquanto ela continuava recitando de forma alucinante, multipliquei mentalmente, com grande trabalho, 8 vezes 98: obtive 784. Somei o 7 mais o 8 e o 4, que deu 19. Somei o 1 e o 9, obtive 10. E por fim 1 mais 0 me deu 1.

Durante uma hora interminável Reyna me confundiu com seus malabarismos mentais. Alguns tão absurdos como misturar os resultados de duas tabuadas:

– $7 \times 1 = 12 / 12 \times 1 = 7 \dots$ $7 \times 2 = 24 / 12 \times 1 = 14 \dots$ $7 \times 3 = 36 / 12 \times 3 = 21 \dots$
 $7 \times 80 =$
 $960 / 12 \times 80 = 560 \dots$

E assim seguiu até 7 vezes 100 igual a 1200 e 12 vezes 100 igual a 700. E como se isso fosse pouco, começou misturando outra vez as duas tabuadas, mas uma ascendente e a outra descendente, ou seja:

– $7 \times 2 = 1188 / 12 \times 99 = 14 \dots$ $7 \times 3 + 1176 / 12 \times 98 = 21$
 $7 \times 4 = 1164 / 12 \times 97 = 28 \dots$

Meu terror aumentou quando essa mulher, como uma sinistra máquina, começou a dançar uma música que não existia para os meus ouvidos. Seus movimentos eram complexos e sinuosos, desprovidos de qualquer intenção de seduzir. Enquanto a estranha coreografia se complicava, seus exercícios numéricos chegaram ao delírio. Em transe, gritou:

– O número 1 é Tom, o 2 é Dick e o três é Harry! – E se pôs a contar: – Tom, Dick, Harry, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, Tom-zero, Tom-Tom, Tom-Dick, Tom-Harry, Tom-quatro...

E assim foi até chegar a cifras em que, por exemplo, em vez de 531 dizia “cinco-Harry-Tom”. Para complicar ainda mais, sem parar de gesticular, dizia:

– Câmbio: Tom é 2, Dick é 5, Harry é 7!

O que significava: um, Tom, três, quatro, Dick, 6, Harry, oito, nove, dez, onze, 1-Tom, treze, catorze, um-Dick, dezesseis, um-Harry... *et cetera*.

Vendo e ouvindo tais complicações, senti que não só meu cérebro, mas também meu corpo inteiro ia explodir. Avancei sobre ela e a fiz parar.

– Cale-se! Não ensinaram a você a desenvolver a alma, transformaram você num monstro de feira! Ouça a história que vou contar para você. Um artista de circo, que depois de vinte anos de treinamento conseguiu fazer malabarismo com cem grãos-de-bico sem que nenhum caísse ao chão, foi-se apresentar perante o rei e este, como prêmio, deu para ele um barril cheio de grãos-de-bico.

– Compreendo que não tenha consciência da importância que têm esses exercícios. Você é um artista acostumado a tirar do seu umbigo todo tipo de lixo que chamam de obras de arte, que não passam de expressões de um bando de egos contraditórios que você chama “Eu”. Sua mente crê numa coisa, seu centro emocional anseia por outra, seu centro sexual exige uma diferente, enquanto seu corpo segue por outro caminho. E isso que deveria ser sua alma é um ovo que ninguém choca. Você é uma carroça puxada por quatro cavalos rumo a quatro destinos opostos e que é conduzida por um cocheiro adormecido. Claro que a joia interior está sempre presente, mas velada por um conjunto de pensamentos, sentimentos, desejos e atos contraditórios, sem vontade real nem meta unitária, um caos de objetos variáveis sepultando um sujeito invariável. Você não pode escutar as batidas do coração numa cidade invadida pelo ruído de tantos automóveis.

– Você é uma presunçosa. Como sabe que não consegui a unidade inteira? Todas as manhãs, das cinco às sete, medito com meu mestre zen.

– O que busca?

– A iluminação!

– É um iludido. Crê subir por uma escada que tem um só degrau sem se dar conta de que existem muitos outros mais... Esmaga suas nádegas e se imobiliza na tarimba do zendô com a esperança de obter um misterioso estado que ensinaram você a chamar de

“iluminação”. Você se assemelha a um macaco salivando porque disseram que as nuvens são bananas. Imagina que alcançar a iluminação é como obter uma moeda de ouro, um objeto precioso que pode exibir como uma aura ao redor da sua cabeça. Ridículo! Somente quando suas ideias estagnadas se tornam fluentes é que você obtém a primeira explosão de consciência que, claro, acha que é para sempre. Mas está enganado. A única coisa permanente nesta dimensão da realidade é a impermanência. O que não muda fica estagnado. A aquisição da fluidez se assemelha a uma pedra que cai no centro de um lago. Deste choque surge uma onda circular que dá origem a outra maior. Círculos que continuarão a se multiplicar até cobrir a superfície inteira da água. Assim é a expansão da consciência, mas com uma diferença: o lago mental é infinito. Uma vez declarado o processo, você irá de iluminação em iluminação, ou seja, de surpresa menor em surpresa maior, sem que jamais cesse o estranhamento ante os novos aspectos do mundo. Entende? Onde você busca um objeto imóvel só há um acontecer contínuo... – ela me tomou pelos ombros e me sacudiu, gritando com o rosto grudado ao meu: – A estagnação não só é mental como também emocional, sexual e corporal! Rompa seus diques!

Uma raiva densa começou a acelerar os batimentos do meu coração.

– Aceito ser seu amante, mas não seu aluno!

– Por que está furioso? Só quero dar para você.

– Dar não é o mesmo que obrigar a receber! Só me dê quando eu pedir.

– Tudo bem.

– Então cale-se e volte a trepar comigo!

Ela me empurrou de costas na cama e com agilidade espantosa começou a acariciar meu membro. Suas mãos, voejando como se fossem mariposas, o percorriam dos testículos até a glândula sem deter-se em nenhum ponto. Tão rápidos eram esses movimentos que os dedos, tornando-se transparentes, pareciam se multiplicar.

Logo ela interrompeu esta delícia para me dar pancadinhas autoritárias em série que iam de cima para baixo e de baixo para cima. Depois vieram carícias profundas, em espiral, estirando o membro até o infinito, incrustando-o no púbis como se quisesse convertê-lo em vagina, apresentando-o como um fruto do qual se extrai o suco, lançando-o de uma das mãos para a outra, embalando-o ternamente como a mãe que faz o bebê adormecer e por fim, depois de uma multidão de carícias diferentes, o segurou com firmeza e começou a masturbá-lo com rapidez sobre-humana, sem dar sinais de cansaço, cada vez com mais vigor, até que, não podendo resistir mais, expeli um jorro branco.

Ao me ver exausto, mudo de tanto prazer, ela se transformou de novo em minha professora.

– Esta que você acaba de conhecer é a primeira das técnicas que toda mulher deve desenvolver para satisfazer seus amantes, a manual. As outras três são a bucal, a vaginal e a anal. Meu santo pai assimilava essas quatro habilidades aos centros intelectual, emocional, sexual e corporal. Está claro que a via manual corresponde ao corpo; a vaginal ao sexo e a bucal ao intelecto. Portanto, empregando a técnica anal podemos controlar as emoções do homem. Quer experimentar?

Experimentei e enlouqueci. A barreira que represava meus sentimentos, criada pela ausência de carícias maternas, foi derrubada. Convencido até a medula dos ossos que a amava, pedi-lhe que ficasse no México para sempre. Ela desatou a rir.

– Já disse, você é um bárbaro psicológico. Fraco por carecer de vontade própria, qualquer coisa pode fazer você mudar de opinião ou mesmo corromper você. Você não domina os acontecimentos, tudo acontece a você sem que tenha o menor controle. Umas poucas contrações do esfíncter anal bastaram para acorrentar você a mim. Não que você seja bobo, apenas se equivocou: impelido pelas meditações, construiu ao redor de sua essência impessoal um ego obeso disfarçado de Buda. Na Índia adoram um elefante, Ganesha, sempre acompanhado por um ratinho que se alimenta das

oferendas. Na realidade há uma armadilha nessa imagem: o verdadeiro deus não é Ganesha, mas sim o rato. O elefante se infla, estica seus quatro braços mostrando objetos simbólicos, é pintado de dourado, cinge sua enorme testa com um diadema; enfim, um espelhismo destinado a impressionar, pois quem realmente manda é o ratinho. Ninguém vê um verdadeiro mestre. É invisível. Não tem discípulos preferidos: ensina à humanidade inteira. Não possui um templo, o planeta e os cosmos são a sua morada. Ele se disfarça sob o aspecto de um personagem secundário, é o tigre sobre o qual parece meditar Buda, é o asno que transporta Cristo, é o touro negro que concede a força a Mitra.

“Vai demorar a compreender isso porque vive tentando sair do seu corpo quando na verdade deveria mergulhar nele, diminuir até se fazer imperceptível, para por fim chegar à oferenda interior que nos é reservada, um diamante ao qual, por incapacidade de defini-lo, chamamos alma. Não me diga nada, não discuta comigo, estou vendo o seu ego. Essa energia que desperdiça crendo que é o que acredita ser, mais uma confusão de condutas adquiridas desde o berço ao que meu santo pai chamava de “o elefante”. E distinguia duas classes: o elefante malcheiroso e o elefante perfumado.

“O primeiro, insuportável, só vive de aparências comprando aplausos e prêmios, rebaixando o sábio quando não tem a valentia de alcançar o nível dele, acreditando-se proprietário de si mesmo, roubando o bem dos outros, um mendigo disfarçado de milionário. O segundo, suportável, equilibrou suas aspirações e suas necessidades, com humildade se dobrou perante a essência e admitiu que não se pertence. ‘Não sois vossos, sois do espírito santo’, diz a Bíblia.

“A domesticação do ego, que consiste em levar você do mau cheiro à fragrância, foi explicada no Japão por uma série de desenhos que representam uma vaca negra que aos poucos vai-se tornando branca, na China é um cavalo e na Índia um elefante. Meu santo pai, sabendo que os animais foram nossos primeiros mestres, fez uma viagem a Bangalore para viver em uma reserva de elefantes

e compreender seus ensinamentos. A primeira coisa que viu foi que os condutores desses enormes animais se faziam obedecer empregando uma linguagem que consistia de duas palavras: Ara e Mot. Para que o elefante se movesse repetiam Mot com autoridade. Para que parasse, repetiam Ara no mesmo tom. E nesse aparentemente pequeno detalhe, meu santo pai estabeleceu as bases de um ensinamento. Os dois pilares de seu templo foram Mot e Ara.

“O elefante malcheiroso faz com que o indivíduo, preso na armadilha desse conjunto de exigências loucas que chama de realidade, atue, deseje, sinta e pense sem cessar, esquecendo-se de sua essência imortal. Para que o homem recupere a recordação de si mesmo, em qualquer momento, quando está mais agarrado ao mundo, deve dar a si a ordem Ara! Pare! E na imobilidade observar a torrente de ideias inúteis, de ilusões infantis, de desejos impotentes, de planos sem objetivo que afundam ele. Depois, como um Cristo expulsando os mercadores do templo, deve se desfazer dessa confusão ridícula na qual o elefante malcheiroso dele atua como se fosse imortal e não a essência. Essa imobilidade, unidade em meio à multiplicidade, ao fazer ele compreender que a única coisa permanente é a impermanência, perfuma pouco a pouco o paquiderme: a lata de lixo, ao ser esvaziada, mostra que tem uma joia incrustada no fundo. Então a vontade pode ordenar Mot! O elefante perfumado inicia movimentos conscientes: o pensamento descreve o mundo sem que se acredite que ele é o mundo, os sentimentos procuram atar-se com nós que podem ser desfeitos, deseja-se o que é possível, e de possível em possível se chega ao impossível: o deus Pã, para se aproximar da lua, se disfarçou de nuvem com uma pele de ovelha, e assim pôde possuir ela. Todos os atos que são realizados são úteis, entendendo-se por útil o que ajuda a desenvolver a consciência. Quem somos nós aqui e agora? O intelecto que pretende apenas inflar-se e saber mais, um aborto do passado, deve esvaziar-se até chegar à ignorância. O coração que deseja ser amado, nunca satisfeito, pois se alimenta do futuro, deve aceitar o que podem dar a ele, o pão cotidiano, cortando pela

raiz suas demandas e ilusões. Esse sexo que invade o presente confundindo seus apetites animais com a vida, seus filhos e sua obra com a imortalidade, deve aprender, deixando de fazer, a morrer em paz. Diga-me, qual é a sua finalidade na vida? Ser feliz? Ser famoso? Ser rico? Ser amado? Morrer na velhice?

– Para ser sincero, tudo isso.

– Você quer bem pouco... Não tem que se contentar com esperanças modestas, deve elevar seu pensamento até onde todos os seres vivos necessitam ser libertados. Você não transcendeu as finalidades pessoais. Vive como indivíduo e não como humanidade. A primeira coisa que deve se propor é ver aquele que chamamos de Deus frente a frente, sem morrer e sem medo. Livre de aflições, com o inconsciente e o supraconsciente convertidos em aliados, ser o seu próprio curandeiro e ser também capaz de curar as enfermidades dos outros. Chegar a tal fortaleza espiritual sem que seja surpreendido, humilhado, nem vencido pelos infortúnios, pelos desastres ou pelos inimigos. Conhecer o cosmos inteiro, seu passado, seu presente, seu futuro. Saber, na dimensão dos sonhos, ressuscitar os mortos. Desenvolver a consciência até fazer ela atravessar sem se desagregar as inumeráveis mortes, para viver tantos anos quanto vive o universo. Ser capaz de elevar com sua simples presença o nível de consciência de qualquer ser vivo. Ensinar os homens a usar como energia a inteligência divina encerrada na matéria. Limpar o planeta das imundícies industriais. Saber dizer palavras que pacifiquem os animais perigosos. Fazer-se imune aos venenos. Conhecer à primeira vista o fundo da alma e o coração de homens e mulheres. Poder prever os acontecimentos inevitáveis, dar de imediato consolo eficaz e conselhos úteis, conseguir com que os fracassos sejam apenas mudanças de caminho, converter os problemas em dificuldades e vencer essas dificuldades, domar o amor e o ódio, fazer-se rico sem prejudicar os outros e ser o senhor dessa fortuna e não seu escravo. Saber usufruir da pobreza sem abjeção nem miséria. Governar os quatro elementos, o ar, o fogo, a água e a terra, acalmando as tempestades, fazendo surgir o sol por entre as nuvens densas ou

provocando a chuva em épocas de estiagem. Poder comunicar-se com o pensamento, curar a distância, estar em vários lugares ao mesmo tempo... e tantas outras coisas que agora parecerão fantásticas, mas que, se você se esforçar, pouco a pouco poderá obter.

– Não passam de contos de fada, Reyna! Finalidades totalmente utópicas! E se fossem verdadeiras, qual é o primeiro passo que deveria dar para conseguir elas?

– Aquele que deseje obter a meta suprema em primeiro lugar tem que mudar seus hábitos, vencer seus medos e sua preguiça, converter-se em um homem moral. Para ser forte no grande é preciso ser forte no pequeno.

– Como?

– Nos educaram mal, vivemos num mundo competitivo onde a honestidade é sinônimo de ingenuidade. Temos que desenvolver alguns bons costumes. Alguns deles parecem simples, mas são difíceis de realizar. Por considerar eles tacanhos, não percebemos que são a chave da consciência imortal. Vou ditar para você os mandamentos que me foram ensinados por meu santo pai:

Fixe sua atenção em si mesmo, seja consciente em cada instante do que você pensa, sente, deseja e faz. Termine sempre o que começou. Faça o que está fazendo o melhor possível. Não se prenda a nada que em longo prazo possa destruí-lo. Desenvolva sua generosidade sem testemunhas. Trate cada pessoa como se fosse um parente próximo. Ponha em ordem o que está desordenado. Aprenda a receber, agradeça por cada dom. Pare de se autodefinir. Não minta nem roube, se o fizer está mentindo e roubando a si mesmo. Ajude o seu próximo sem torná-lo dependente. Não deseje ser imitado. Faça planos de trabalho e cumpra-os. Não ocupe espaço demasiado. Não faça ruídos nem gestos desnecessários. Se não tem fé, imite-a. Não se deixe impressionar por personalidades fortes. Não se aproprie de nada que pertença aos outros. Divida equitativamente. Não seduza. Coma e durma o estritamente necessário. Não fale de seus problemas pessoais. Não emita

opiniões nem críticas quando desconhece a maior parte dos fatos. Não estabeleça amizades inúteis. Não siga modismos. Não se venda. Respeite os contratos que assinar. Seja pontual. Não inveje os bens nem os êxitos do próximo. Fale somente o necessário. Não pense nos benefícios que sua obra vai gerar. Nunca faça ameaças. Cumpra suas promessas. Numa discussão, ponha-se no lugar do outro. Admita ser superado por alguém. Não elimine, mas sim transforme. Vença seus medos, cada um deles é um desejo camuflado. Ajude o outro a ajudar a si mesmo. Vença suas antipatias e aproxime-se das pessoas que deseja repelir. Não reaja ao que digam de bom ou ruim de você. Transforme seu orgulho em dignidade. Transforme sua cólera em criatividade. Transforme sua avareza em respeito pela beleza. Transforme sua inveja em admiração pelos valores do outro. Transforme o seu ódio em caridade. Não se elogie nem se insulte. Trate o que não lhe pertence como se pertencesse. Não se queixe. Desenvolva sua imaginação. Não dê ordens só pelo prazer de ser obedecido. Pague pelos serviços que recebe. Não faça propaganda de suas obras ou ideias. Não tente despertar nos outros emoções em relação a você como piedade, admiração, simpatia, cumplicidade. Não tente distinguir-se por sua aparência. Nunca contradiga, apenas fique calado. Não contraia dívidas, compre e pague na hora. Se ofender alguém, peça perdão. Se ofendeu publicamente, peça desculpas em público. Se perceber que disse algo errado, não persista nesse erro por orgulho e desista de imediato de seus propósitos. Não defenda suas ideias antigas só pelo fato de ter sido você quem as enunciou. Não conserve objetos inúteis. Não se pavoneie com ideias alheias. Não se deixe fotografar junto a celebridades. Não preste contas a ninguém, seja seu próprio juiz. Nunca se defina pelo que possui. Nunca fale de você sem se conceder a possibilidade de mudar. Aceite que nada é seu. Quando pedirem sua opinião sobre algo ou alguém, enumere apenas as qualidades dele. Quando adoecer, em vez de odiar esse mal, considere-o seu mestre. Não olhe com dissimulação, olhe fixamente. Não esqueça seus mortos, mas dê-lhes um lugar limitado que os impeça de invadir toda a sua vida. Na sua morada consagre sempre um lugar ao sagrado. Quando realizar

uma tarefa não fique enaltecendo seus esforços. Se decidir trabalhar para os outros, faça-o com prazer. Não tente ser tudo para o seu par; admita que ele procure em outros o que você não pode lhe dar. Quando alguém tiver seu público, não interfira para contradizê-lo e roubar-lhe a plateia. Viva do dinheiro ganho por você mesmo. Não se gabe de aventuras amorosas. Não se vanglorie de suas debilidades. Nunca visite alguém apenas para ocupar seu tempo. Obtenha para dividir. Se estiver meditando e chega um diabo, ponha esse diabo para meditar...

Nessa primeira noite juntos – com alguns intervalos em que Reyna me demonstrou suas habilidades eróticas – conversamos até que começou a amanhecer. Na realidade não foi uma conversa e sim um monólogo, pois a filha de Gurdjieff se esmerou em enumerar com grande rapidez todos os ensinamentos do pai dela. Analisou contos do conhecido sábio-idiota, o sufista Mullah Nasrudin. Afirmou que o pensamento masculino e feminino estava caduco, para depois descrever-me o pensamento andrógino. Lamentou que o ser humano vulgar viesse usando seus sentidos de forma negativa: “Falam mal do que olham, do que ouvem, do que cheiram, do que gostam, do que tocam, em vez de falar bem de tudo que percebem”. Ela me revelou exercícios para aprender a amar, para aprender a dar à luz sem danificar a semente da alma que traz o feto, para desenvolver a criatividade, tudo isto baseado na mesma atitude: não lutar consigo mesmo. “Quando o mundo não é o que você quer que seja, é porque quer que o mundo não seja o que você quer que seja.”

Para comprovar se Reyna realmente dominava o segredo dos símbolos, e aproveitando a intimidade de nossa relação, perguntei-lhe o significado do jogo da gansa.

– Essa pobre ave avança por um caminho cheio de armadilhas, cai num poço, é encarcerada, vai parar no hospital, no cemitério, a cada momento deve retroceder, recomeçar... O que é que procura com tanta obstinação? Durante anos tentei inutilmente encontrar a resposta em algum livro.

– Eu tenho essa resposta. Quanto me dá por ela?

Ofendido, com um gesto que pretendia que fosse majestoso, indiquei-lhe nossos corpos entrelaçados. Implacável, ela insistiu:

– Quanto?

– Vinte pesos – disse com raiva.

Ela começou a rir.

– Esse é o valor que dá ao segredo? Procurou ele durante tanto tempo e agora que posso revelar ele se comporta como um avaro. Acha que o conhecimento deve ser dado de graça. Está enganado: se não paga por ele nunca valoriza ele. Não serve de nada para você. Me dê tudo que tem! Esse é o único preço justo.

Olhei-a com o mesmo ódio com que às vezes, por falta de carinho, eu havia olhado para a minha mãe. Extraí do bolso da calça, junto à cama, cinco notas amarrotadas.

– Isso é tudo que tenho.

– Sei que está mentindo. Tem um maço grosso no outro bolso. Pior para você, guarde ele. Vou revelar o segredo para você. – Aproximou os lábios de meu ouvido e sussurrou: – A gansa passa por todos esses perigos porque procura com desespero um macho.

Dei um grande suspiro e adormeci.

Quando despertei, o canto do bando de estorninhos que habitava o jardim estava ensurdecedor. Um resplendor avermelhado invadia a suíte. Ela bocejou, depois me olhou com um sorriso que me pareceu depreciativo e me perguntou o que pensava de tudo que havia me dito.

– Vou ser franco, Reyna. O que me conta é revelador e com toda certeza vai mudar minha vida, mas tem algo que me faz duvidar de você: como é possível que uma mulher tão sábia perca assim seu tempo com um bárbaro psicológico como eu? E mais uma coisa: o trabalho que você se dá para viver de acordo com o que acredita ser sua realização é imenso, mas... É possível viver em paz

empreendendo tais esforços? Onde fica a tranquilidade cotidiana, o simples prazer de comer um pedaço de pão à margem de um rio sem fazer nada? De caminhar por uma rua sentindo o aroma do asfalto molhado pela chuva? De ver passar um bando de pardais em voo sem perguntar para onde vão? De espalhar, chorando, as cinzas de um ente querido numa bela paisagem? De conversar coisas intranscendentes com um menino, uma velha, um louco?

– Que mau gosto! Ou então você faz parte da massa anônima que se entrega a uma felicidade sentado igual a um molusco com seu pão à margem do rio, farejando como um cão o asfalto molhado, sentindo-se poeta porque admira o voo de uns passarinhos famintos ou usufrui do seu pesar espalhando cinzas que só confirmam que você é imortal, ou desperdiça seu tempo falando sandices com seres cuja inteligência é limitada... Deixando assim para mais tarde a eclosão da consciência cósmica. Toma jeito! O universo é um ser em formação, pouco a pouco vai ascendendo da matéria inerte para o pensamento puro. Ínfima luz na imensidão, a consciência que a raça humana está produzindo nasce do esforço de todo o cosmos. Se quiser chamar de Deus essa vontade de ultrapassar os limites da forma, pode aceitar que faz parte do processo alquímico onde, por motivos que agora não podemos compreender, Deus se aprisionou na matéria para tentar libertar-se no mesmo instante da sua queda. Nós estamos aqui, nesse presente fugaz, para ajudar Deus a escapar da célula orgânica. Não desenvolver a consciência é trair Deus.

– Mas...

– Não diga nada, não discuta, enfie a razão naquele lugar e simplesmente escute: se decidi vir buscar você é porque, sendo o artista que é, sei que vai fazer outro filme, mais ambicioso que o anterior. Meu santo pai transcendeu os interesses pessoais e se converteu em benfeitor da humanidade, se propôs a despertar os homens adormecidos. O que o vulgo chama de “morte” não fez ele parar a grande obra que se impôs fazer e que, diluída em suas ideias, continua acontecendo... Ao fazer amor comigo, você recebeu

seu contato: agora, queira ou não, leva ele incrustado na alma. A partir daí ele vai guiar você durante a criação do seu próximo filme: ambos, unidos através das imagens cinematográficas, trarão consciência àqueles que tenham olhos para ver e ouvidos para escutar.

Como ainda não me passava pela cabeça lançar-me à aventura de filmar *A montanha sagrada* – onde um mestre semelhante a Gurdjieff promete a seus discípulos revelar-lhes o segredo da imortalidade –, o que Reyna me dizia me parecia um delírio. Pensei que, apesar de usar incríveis técnicas mentais e corporais, ainda não havia vencido os desejos incestuosos. Por mais adulta que se apresentasse, era apenas uma menina apaixonada por um mítico progenitor. Com um cinismo de adolescente tardio, decidi aproveitar-me de sua neurose e disse que estava de acordo, para gozar assim ao máximo suas quatro gamas sexuais.

Primeiro tomamos um café da manhã farto, depois nos empenhamos numa luta de carícias de não menos que cinco horas. Esgotados, adormecemos como duas pedras saciadas. Quando despertamos já era meia-noite. Como um menino que comeu doces demais, me senti empanturrado. Tentei escapulir, com o pretexto de que precisava mudar de roupa.



– De modo algum. Semeei as ideias do meu santo pai unicamente no seu intelecto. Agora precisamos realizar um ato que mostre ao seu inconsciente como o trabalho de iniciação, vencendo o tempo, pode acelerar o florescimento da alma. Você irá comigo, vestido de negro, ou seja, disfarçado de bárbaro, a um sítio sagrado: monte Albán, centro de cerimônias zapotecas erigido a 2.000 metros de altitude em uma montanha cujo cume foi aplainado. Vou ligar para a direção do hotel para que nos providencie uma limusine com chofer. Esse lugar fica a uns seiscentos quilômetros dessa cidade. Se pararmos para comer, levaremos seis horas para chegar. Durante a viagem podemos continuar conversando, ou então pôr em prática certas técnicas orais que ainda não mostrei para você. Você escolhe.

Essa promessa me convenceu. Deixando de protestar, me entreguei à aventura. Um chofer amável, don Rodolfo, concordou em nos conduzir à noite em seu Cadillac cinza. Na penumbra do assento traseiro, Reyna me mostrou como a laringe pode realizar movimentos surpreendentes se a fizermos vibrar com mantras tibetanos. Depois de ser submetido a essa delícia várias vezes, fui acometido de uma sensação de intenso vazio orgânico e caí nos braços da minha deliciosa torturadora como um tronco.

Estava amanhecendo quando a limusine se deteve junto à montanha. Rodolfo declinou do convite que lhe fizemos para nos acompanhar e, fingindo bocejar, se acomodou na limusine para entregar-se a uma merecida sesta. Enquanto subíamos, Reyna me disse:

– Chamam ela de Montanha Branca, “branca” no sentido de sagrada. Cinco séculos antes de Cristo, os zapotecas foram capazes de cortar a cabeça de um morro, compreende? Para se aprofundar em um igual você tem que destronar o intelecto, converter o cérebro em uma esplanada a partir da qual possa ver o horizonte completo. Quando se vive ao rés do chão só se pode observar um fragmento de terreno, ou seja, uma imagem limitada do mundo e de si mesmo.

Do alto se vive em comunicação com a natureza inteira, um horizonte circular que é uma aliança de casamento unindo terra e céu. Cada uma destas pirâmides ou observatórios ou tumbas ou templos, como as chamam esses necrófilos que se autodenominam arqueólogos, representam unidades duplas, deuses-demônios que o iniciado deve escalar, ou seja, dominar, para dançar livre no cume em comunhão com as estrelas... Aqui há nove construções principais, que fazem referência aos nove pontos do eneagrama²¹: aceitação-crítica, humildade-orgulho, sinceridade- vaidade, contentamento-inveja, desprendimento-avareza, valentia-medo, sobriedade-gula, inocência-luxúria e ação consciente-autoesquecimento. Vamos à parte mais alta. Dizem que aqui se extraiu o coração de milhares de seres humanos!

Àquela hora ainda não havia turistas. Reyna me conduziu até a pirâmide que se erguia a um lado da plataforma e me fez ajoelhar com ela junto à base.

– Ajude-me a escavar, vamos libertar uma pedra.

Afundamos as mãos na terra até tocar as fundações da pirâmide. Unindo nossas forças, conseguimos extrair uma. Reyna limpou o bloco de pedra retangular com um punhado de capim. A superfície pétrea estava sulcada por leves fissuras. Reyna, com profunda emoção, colocou a palma da mão direita junto à pedra.

– Numa vida que é um milagre contínuo, como podemos falar de acaso? Compare as fissuras desse tijolo com as linhas da minha mão: são iguais. Isso indica que estava me esperando faz mais de duzentos séculos. Fui a designada pelo destino para tirar ela da escuridão. Não fosse eu, teria permanecido no nível inferior por mais mil anos ainda. Agora vamos permitir que ela alcance o cume, que seja a pedra mais alta da pirâmide, o que resume todos os ensinamentos do meu santo pai: se nos dermos ao trabalho, podemos dar um salto no tempo, acelerar nossa evolução, alcançar o cume da consciência, ponto onde se concentram a terra e o cosmos, a matéria e o espírito, sítio sagrado que é um olho de Deus. Suba comigo, muito lentamente, dando pequenos passos, em uma

ascensão cerimonial, sustentando-me pelos ombros enquanto levo a pedra grudada no ventre, sentindo como se estivesse gestando ela. Ao chegarmos ao alto, vamos colocar ela no centro da plataforma e será ela a rainha de todas as pedras que lá de baixo vão ficar sustentando ela. Talvez, quando aquecida pelo sol, ela se abra para deixar sair uma fênix... Sim, acredito fervorosamente: as pirâmides são monumentos que estão gestando vida. Por isso não terminam em ponta, mas sim numa plataforma: para que ali tome impulso e se eleve o ser consciente que um dia hão de parir.

Enquanto subíamos com extrema lentidão, degrau por degrau, como se fosse um mantra mágico ela recitou um exercício psicológico, dobrando cifras, 2, 4, 8, 16, 32... 128... 512... 134217728... 8589934592... até chegar a incríveis séries de números que, em velocidade vertiginosa, meio que cantava.

Por fim chegamos ao cume, um retângulo de dois metros por dois onde as pedras estavam cobertas por uma espécie de argamassa. Em silêncio, com lágrimas nos olhos, Reyna avançou até o centro do quadrado, levantou a pedra e a balançou, como se quisesse fundi-la com o azul do céu. Depois se ajoelhou e tentou depositá-la, dizendo:

– Depois de séculos você chega ao ponto central para dar vida à sua pirâmide. Você é o escolhido. Tomara que nossa alma consiga imitar ela...

la depositar a pedra quando a agarrei pelo braço e a detive.

– O que você está fazendo? Por que se opõe a algo tão belo?

– Há algo mais belo ainda: observe...

De uma fenda, em pleno centro, saía uma flor minúscula!

– A pirâmide não precisou da sua ajuda. Ela mesma produziu vida... Uma pedra que se abre para dar à luz um pássaro é só uma visão poética. Esta florzinha, real, pura, frágil, dá sentido ao momento inteiro. Continuo acreditando, Reyna, que você está se

esforçando demais. Não carregue tantas pedras, deixe nascer em você aquilo que não depende da sua vontade...

Jogou-me a pedra na cabeça, que quase me atingiu. Reyna se deixou cair sentada. Pareceu-me uma escultura de gelo derretendo.

– Que vaidade monstruosa crer que eu, uma lagarta efêmera, fosse capaz de ajudar uma pirâmide quando ela, com um gesto quase imperceptível, parindo uma florzinha, me demonstrou que sou um mosquito que, pousado no chifre de um boi, pensa que ajuda ele a puxar o arado! Há um tijolo apodrecido no meu edifício teórico, reconheço. Eu me enganei de caminho. Para que os meus esforços germinem, devo tentar outra via. Falaram-me de um curandeiro, Prudencio Garza, que vive num povoado a alguns quilômetros daqui... Eu tinha medo de me submeter à terrível experiência que ele propõe, mas, depois desse sinal milagroso, devo fazer isso se quiser demolir o castelo de ilusões que tanto trabalho tive para construir.

– A que experiência se refere?

– Esse bruxo pode nos dar para comer cogumelos que produzem uma verdadeira morte. Se no além você conseguir atravessar o rio de ácido no qual sua consciência essencial se dissolve, aí você ressuscita. Caso contrário, perece... Não balance a cabeça dizendo não, ninguém poderá me impedir de passar por essa prova definitiva. Só resta a você me acompanhar ou caminhar nove quilômetros até Oaxaca e tomar um trem de volta à capital, porque vou usar a limusine.

– Está cometendo uma loucura. Eu me sinto obrigado a acompanhar você.

Descemos o morro quase que correndo. Com espanto vimos que faltavam as quatro rodas na limusine! Com a cabeça apoiada no volante, de boca aberta, Rodolfo emitia roncos trovejantes. Ao ver o desastre, quando o acordamos, perdeu sua elegância de chofer para turistas, soltou um monte de palavrões, fez um nó em cada canto do lenço, vestiu-o como um gorro e, sem parar de soltar pragas contra

os ladrões e o sol, empreendeu a longa caminhada até Oaxaca. Reyna D'Assia, teimosa como devia ter sido também seu santo pai, decidiu caminhar os quilômetros que fossem necessários até encontrar o bruxo. Sem demonstrar minha angústia – esse homem podia viver muito mais longe do que ela pensava –, eu lhe disse:

– Como se chama o povoado que procura?

– Algo assim como Huapancingo ou Huanotzcan, não lembro bem. Mas pare de se preocupar. Todos os problemas são ilusões mentais. Entregue-se à realidade do momento. Estamos apenas a alguns passos de algo incrível! Que importa que esses passos sejam mil ou cem? Vamos!

Havíamos caminhado já mais de quatro horas. O sol estava cada vez mais forte. O vento, com suas carícias afiadas, feria os nossos lábios. Meus sapatos ressecados torturavam os meus pés. Reyna, murmurando exercícios matemáticos, avançava como um zumbi. Sentei-me em um tronco caído. Tive que chamá-la aos gritos para que saísse de seu transe e parasse.

– Você foi mal informada. Esse caminho não leva a nenhum povoado. É melhor voltarmos.

– Homem de pouca fé! Aceite o que é agora, pare de pensar no futuro, liberte-se do domínio da mente, use o sofrimento dos pés para despertar a consciência do seu Ser, e então acontecerá o milagre. Vamos continuar!

– Vá você se quiser, eu vou voltar. Sua loucura não é a minha.

Levantei-me e, com fúria irreprimível, dei um pontapé no tronco. Parte da cortiça estalou, deixando cair jorros de pequenas aranhas negras. Saí correndo. Reyna foi atrás, insultando-me.

– Covarde! Sua resistência produz o fracasso! Por falta de entrega você perde a incrível transformação!

– Esse caminho é muito longo e só atravessa campos de alfafa. Posso ajudar vocês em alguma coisa?

A voz do ancião ressoou em nossos ouvidos com uma gravidade amável. Não percebêramos sua chegada. Provavelmente estivera descansando à sombra de uma árvore. Seus olhos, afundados, rodeados por um sol de rugas, com as pupilas aparecendo entre cataratas, nos levou a pensar que estava cego. Reyna, inquieta, começou a interrogá-lo:

– Conhece um curandeiro chamado...

O velho a interrompeu, lançando um estranho suspiro.

– Prudencio Garza? Sou eu, filhinha. O vento me trouxe estilhaços de suas sombras. Parei aqui para esperar vocês. Por favor, sigam-me.

Atravessamos um bosque de pinheiros, caminhamos por uma trilha que serpenteava entre colinas e por fim chegamos a um pequeno vale. Junto a uma rocha negra coberta de relva se elevava uma choça. Sua porta estava marcada por bicadas de abutre. Ali perto, três cabras com as patas traseiras amarradas davam saltos canhestros, um cachorro preto devorava uma iguana e um porco afundava o focinho na terra úmida de uma cova cavada recentemente.

Ao nos ver chegando, o cachorro esqueceu sua presa. Com latidos ruidosos, começou a girar ao redor de Reyna, levantou-se sobre as patas traseiras e apoiou as dianteiras no peito dela. Reyna acariciou-lhe a cabeça sem nenhum temor.

– Quietos, Mictiani, deixe a moça em paz!

O animal, obediente, se afastou alguns metros, fitando minha amiga com olhos cheios de amor.

– Entrem na minha humilde casa.

O interior estava dividido em sala e cozinha por um frágil biombo de papelão velho. No centro da sala, sob uma lanterna que pendia do teto enfumaçado, havia uma esteira de folhas de palmeiras e, em um canto, um altar com uma estátua de gesso que representava a Santa Morte, um esqueleto coberto por um manto semelhante ao da

Virgem de Guadalupe, algumas flores amarelas, um maço de cigarros de tabaco escuro, uma garrafa de aguardente, quatro jarrinhos de argila cheios de farinha de milho, treze velas negras e alguns ossos humanos. Entre eles brilhava uma cabaça prateada que, com um corte circular, havia sido transformada em cofre.

Don Prudencio, depois de obrigar Mictiani a se deitar no umbral da porta e me oferecer um banquinho de três pernas num canto oposto ao altar, cedeu a Reyna a esteira de palmeira.

– Sente-se à minha frente, filhinha. Vejo que está decidida a visitar a terra dos mortos. Não é coisa fácil. O cogumelo vai dar uma morte de três dias para você. Você vagueará pelas quatro pétalas da flor das trevas: na do leste, mil abutres transformarão sua carne e seus ossos em uma papa escura. Na do norte, um rio fervente vai carcomer sua memória. Na do oeste hordas de mortos esvaziarão a sua alma. E na pétala do sul, as deusas gluttonas devorarão a última coisa que resta a você, o seu olhar. Se resistir a tudo isso, você chegará como um ente cego no centro, ali onde dentro e fora é a mesma coisa, e conhecerá Talocan, seu deus interior. Se merecer, ele fará você renascer. Se desagradar ele, não voltará à vida. A cova que viu ao chegar foi cavada para você. Pode ser que termine ali... Quanto a você, menino querido, já que veio na qualidade de guardião, pode ficar, mas com a condição de não falar. Se disser uma palavra sequer, sua amiga despertará convertida em demônio e chupará o seu sangue.

Fiquei aterrorizado. Tive vontade de sair correndo, esquecendo-me para sempre do bruxo e de Reyna. Porém, por curiosidade ou por orgulho, aceitei a prova, dizendo para mim que tudo aquilo não passava de superstições infantis, que Reyna não podia ser um vampiro nem um velhote amável um assassino, e que talvez o coitado estivesse apenas tentando ganhar alguns trocados explorando o impulso de experiências exóticas de uma turista.

Enquanto eu fiz-lhe um sinal de que ficaria, don Prudencio pediu a Reyna que se despisse e deitasse na esteira. Ela, sem o menor pudor, tirou a roupa e se recostou. Então, para nossa surpresa, don

Prudencio mudou de aspecto. Deixou de ser um ancião humilde, as cataratas de seus olhos pareceram se dissolver, esticou sua espinha quase de corcunda, adquiriu gestos elegantes, felinos, vestiu um manto de lã com motivos astecas, brandiu uma faca de obsidiana verde e, enquanto acendia as treze velas negras, recitou uma oração a Santa Morte.

– Santa Morte, já que foste criada por Mandato Divino para renovar a vida, por caridade apaga da alma e do corpo desta pobre mulher todas as marcas de sofrimento, vergonha, pena e medo, produzidas por tratamentos cruéis que recebeu desde menina.

“Santa Morte, que a Foice Celestial que trazes corte na raiz a amargura, dor, pena, desespero, rancor, tristeza, solidão, desconcerto e demais aflições causadas pelo veneno que verteram na mente desta pobre mulher, permitindo-lhe conhecer através de ti o Que Tudo Vê e Tudo Pode.

Com autoridade de sumo sacerdote, abriu a cabaça prateada e extraiu dela um torrão de estrume bovino onde cresciam amontoados quarenta cogumelos brancos semelhantes a pequenos falos. A energia que desprendiam esses vibrantes talófitos pareceu encher todo o quarto. Com sua faca verde o bruxo os foi cortando, um por um, pacientemente, para introduzi-los na boca de Reyna que, enquanto engolia o último cogumelo, começou a transpirar e a tremer. Ao cabo de alguns minutos passou a vomitar. O curandeiro contou os cogumelos que flutuavam no vômito.

– O corpo tem suas medidas exatas. Vomitou dez menininhos... É uma mulher vigorosa: conservou no estômago a dose mais alta a que se pode resistir.

Ele se ajoelhou diante do altar e, enquanto Reyna caía numa letargia, cada vez mais pálida, começou a recitar louvores à escultura de gesso.

– Louvada sejas, Santa Morte, porque tua divina beleza é o prêmio que Deus dá aos justos.

“Louvada seja, Santa Morte, porque sem tua ajuda a humanidade não poderia libertar-se da soberba.

“Louvada seja, Santa Morte, porque tua perfeição é comparável com a vida que Deus te faz renovar.

Assim, de joelhos, o curandeiro continuou suas rezas e louvores até altas horas da noite. Reyna, convertida em escultura de cera, percorrida por um enxame de moscas, parecia que nunca mais voltaria a respirar. Eu, ali sentado, incomodado, tremendo de um frio que era bem mais ansiedade, hipnotizado pela voz monótona do bruxo, acabei dormindo. Ao amanhecer, fui despertado pelos estrondosos grasnidos de um bando de abutres. Reyna continuava morta. O bruxo lançava imprecações do lado de fora da choça. Levantei-me com dificuldade, as pernas bambas, e saí para o vale. O bruxo enxotava com um pau os abutres que cobriam como um tapete negro o cadáver de Mictiani. O animal tinha as órbitas oculares vazias e sangrentas. As tripas dependuravam-se do ventre aberto. Os abutres, tocados a pauladas, levantaram voo.

– Não foi morto por esses emissários do diabo. Ele se deixou morrer. Ajude-me a jogar ele na cova.

O cachorro era grande. O curandeiro o pegou pelo pescoço, eu pelas patas traseiras e o jogamos na cova. O bruxo começou a cobri-lo com a terra que se amontoava nas bordas, enquanto recitava:

– Nunca pensei em cavar esta cova para você, irmão. Você era tão bom que decidi morrer no lugar da estrangeira. No submundo deve estar protegendo a alma dela... Louvado seja por sacrificar sua própria felicidade para mitigar a dor alheia, porque se entregou totalmente a troco de nada.

Encheu os pulmões de ar e pronunciou um amém que me pareceu interminável. Fitou-me sorrindo, mas com olhos tristes. Vi suas cataratas reaparecerem. Sua espinha se encurvou pouco a pouco e logo deixou de ser o feroz bruxo para se transformar num velho amável.

– Sua amiga, graças a Mictiani, já não corre nenhum perigo. Ontem atravessou duas pétalas. Hoje vai atravessar as outras duas. Amanhã cedo chegará ao centro da flor e voltará à vida... Tenho aqui algumas *tortillas*, queijo de cabra e atum. Coma tranquilo.

A noite ia ser longa. Don Prudencio, de joelhos, havia começado outra interminável série de louvores à Santa Morte. Reyna, estirada no chão, terrivelmente pálida, continuava sem respirar. Também estirado no chão, com a cabeça apoiada no banquinho, eu tentava dormir, porém, por mais que procurasse esvaziar minha mente, era inundado por um rio de palavras. Havia acreditado ter resolvido o koan, dado passos no abismo, realizado o que o monge chinês Dazu escrevera em um poema no dia de sua morte:

No aspecto real, são canceladas a palavra e a reflexão.

Na identidade verdadeira são eliminadas a visão e a audição.

Este é o lugar da paz aprazível.

Qualquer outro estudo não passa de verbosa verbosidade.

Ou então compreender o que escreveu o filósofo Seng Zhao²², condenado à morte por seu soberano, antes de ser executado:

Quando o fio desnudo se aproxima de minha cabeça

Será como decapitar o vento de primavera.

No entanto a coragem de Reyna, pondo sua vida nas mãos de um curandeiro primitivo, me provocou uma intensa crise. Quando Ejo disse “Aprenda a morrer, intelectual!”, ele se referia a que me desidentificasse de meus pensamentos ou que aceitasse a morte física, tal como o está fazendo minha amiga? Por outro lado, seu estado cataléptico é uma verdadeira morte? Podem os delírios produzidos por uma intoxicação ser considerados como uma exploração do além? Nesta longa noite, quem é Reyna: seu corpo inerte ou seu espírito viajando por um mundo mítico? Quando lemos com Ejo o livro secreto dos koans, encontramos um que poderia fazer referência a esta situação²³:

(Era uma vez uma mulher chamada Seijo cujo corpo e espírito se separaram. Uma das duas Seijo fugiu para se casar com seu amante Ozu, enquanto a outra permaneceu na casa de seus pais, enferma e sem fala, entrevada numa cama.)

O mestre Gaso Hoen perguntava a um monge: “Se o corpo e o espírito de Seijo se separaram, qual deles é a real Seijo?” O monge replica: “Qual deles é real?”.

No começo me pareceu que o monge deixava claro que não se tratava da realidade de uma ou outra Seijo, mas sim da realidade dos conceitos corpo e alma. Mais tarde me dei conta de que o monge se referia ao espírito e ao corpo de Goso Hoen. “No momento em que me apresenta o koan, querendo me fazer cair na armadilha metafísica de estabelecer uma dualidade corpo/espírito, qual deles é você? Na verdade, você é uma unidade: embora estabeleça diferentes nomes para ela, esta não muda.” Por sua vez, Goso Hoen responde à pergunta do monge com outra pergunta:

– Como é o estado da existência de Seijo?

Resposta:

– Lamentável, desejável, odioso, encantador...

Mesmo que meu anel de ouro tenha crescido uma polegada
digo às pessoas que não estou apaixonado.

A existência não pode ser dividida em partes, é tudo de uma vez.

Maitreya, o verdadeiro Maitreya,

divide seu corpo em mil, cem vezes cem mil pedaços.

De vez em quando, diante de gente submetida ao tempo, ele aparece.

A gente submetida ao tempo não o percebe.

O modelo da realidade não é a realidade. Um anel crescente simboliza um amor crescente, mas não é o amor real. A palavra que descreve o mundo não é o mundo. A existência pode ser o espírito e

o corpo juntos ou não ser nem o espírito nem o corpo, é o que é e não como a analisa ou concebe o nosso intelecto. Esse corpo estirado no chão não está separado de seu espírito, nem o espírito vagueia distante em outra dimensão. Ambos são uma coisa só. Amanhã, quando Reyna despertar, acreditará que na realidade viajou por outro mundo, que chegou ao centro onde reina o mítico Deus? E se não voltar à vida? Este velho demente talvez a tenha envenenado!

Don Prudencio parou com suas rezas, foi à cozinha e regressou com um jarrah cheio de leite.

– É de minhas cabras. Beba para poder dormir. Seus pensamentos fazem muito ruído.

Mal engoli o saboroso líquido caí profundamente adormecido.

Acordei ao meio-dia. Reyna estava vestida, pronta para partir. Don Prudencio havia desaparecido.

– O velho foi pastorear suas cabras. Vamos embora!

Caminhamos durante três horas sem que ela pronunciasse uma palavra. Respeitei seu silêncio. Não parecia ser a mesma: seu rosto mudado – antes cheio de caretas, agora parecia uma superfície polida à qual tivessem arrancado uma máscara –, bem como seus movimentos corporais. Caminhava com tal delicadeza que seus passos, apesar de repletos de energia, quase não faziam ruído. Por sua coluna vertebral ereta e queixo ligeiramente erguido, dava a impressão de portar uma coroa.

Quando divisamos monte Albán e suas pirâmides, ela decidiu por fim falar:

– Como você terá observado, sendo a mesma sou outra. Não pense que acredito ter morrido e ressuscitado. Viajei até mim mesma, entrei no submundo da minha razão, tentando chegar ao centro do inconsciente. Tal como disse o bruxo, seus cogumelos primeiro me fizeram perder a sensação de minha carne e meus ossos: dei-me conta de que sempre havia vivido dentro do meu

corpo como numa prisão. Ao perder o meu corpo, senti por ele um intenso amor e compaixão. Depois minha memória apagou: à medida que os laços emocionais desapareciam compreendi quão atada eu tinha estado a pessoas, lugares, fatos. Cada ser, cada coisa, cada ato tinha se enxertado na minha pessoa, tendendo a se amalgamar com a minha essência, afogando ela. Ao esquecer, pude ser eu mesma. Mas esse “eu sou” também foi aniquilado: perdi toda definição, todo conteúdo, toda forma. Deixei de possuir. Fui apenas um ponto de vista impessoal... que não durou muito: o olho cessou de estar separado do mundo para não ser visto nem ver, apenas ser. Recuperei a inocência e a pureza, fui a criatura ingênua de antes de nascer e a criatura sábia depois de morrer. Luz fundida com a sombra, harmoniosa união de todos os contrários, amante de mim mesma, me transformei num sol. E então, com uma clareza aterradora, percebi que meu corpo, o outro, estava me esperando. Havia chegado o momento de regressar... Foi fácil, bastou abrir os olhos. Vi-me estendida no solo, nua, com as pernas abertas e don Prudencio sobre mim introduzindo seu falo na minha vagina. Eu fiz ele sair de cima e, muito tranquilo, o velho fechou a braguilha, apagou as trezes velas e me estendeu a mão com a palma aberta. Dei um punhado de dólares para ele. Ele enfiou eles num embornal e se foi com suas cabras.

– O velho sem-vergonha deve ter me dado leite com algum sonífero!

– Não sei o que pensar. É estranho que eu voltasse à vida justamente enquanto ele estava ejaculando. Talvez tenha feito isso para me resgatar da morte. Vamos deixar ele em paz. O que passou, passou, porque assim tive que passar. Não me arrependo. Essa experiência me libertou. Nunca mais vou voltar a ser a mesma. Os ensinamentos do meu santo pai foram a barca que me ajudou a cruzar o rio: agora que cheguei à outra margem seria estúpido querer viver para sempre nessa barca. O passado morreu. E você faz parte desse passado. Está terminada a nossa aventura. Vou desaparecer por um tempo e um dia vou escrever para você. A partir desse exato momento, deixemos de nos falar.

E assim, mudos, misturados com um grupo de turistas em visita ao morro sagrado, regressamos de ônibus à capital sentados longe um do outro. Ao chegarmos à Cidade do México nem sequer nos despedimos. Nunca mais voltei a vê-la. Anos mais tarde recebi um envelope enviado de Bali. Nele havia uma fotografia acompanhada por uma lacônica missiva: “Eu com Ivanna, minha filha. Não sei se o pai é você ou don Prudencio.”



Reyna D'Assia com a filha Ivanna

20 George Ivanovitch Gurdjieff (1877-1949), conhecido filósofo ocultista de origem russa, fundou em 1922, em Fontainebleau, um centro experimental para o estudo da

consciência, o Instituto para Desenvolvimento Harmônico do Homem. Depois, viajou por Nova York e Chicago e regressou a Paris, onde morreu.

- 21 Diagrama em forma de estrela de nove pontas cujo modelo é aplicado para delinear processos cosmológicos e do desenvolvimento da consciência humana, sobretudo para o estudo do caráter humano e do autoconhecimento. Talvez de origem persa, se infiltrou no sufismo e atraiu a atenção de Óscar Ichazo e do próprio Gurdjieff.
- 22 Sobre Dazu existem poucos dados. Segundo recolhe o sinólogo Paul Demiéville (em *Poèmes chinois d'avant la mort et édités par Jean-Pierre Diény*, l'Asiathèque, Paris, 1984), pela citação que se faz dele no *Zongjing* (terminado no ano 961), teve que viver entre os períodos Tan (618-906) e as Cinco Dinastias (907-960). Seng Zhao (374-414) pode ser considerado o primeiro filósofo do budismo chinês após ter lido os taoístas, a *Vimalakîrt-nirdeśa* e seguido os ensinamentos de Kumârasvîva, morto em 409 e pelo qual se viu depois condenado, por ordem do soberano, a suicidar-se em Zhang'na, onde a escola de Kumârasvîva havia despertado inveja e oposição.
- 23 Trata-se do caso 35, recolhido no *Mumonkan*, apresentado por Goso Hoen (1024-1104), em chinês Wuzu Fayan, a um de seus discípulos.

Mestre a discípulo, discípulo a mestre, discípulo a discípulo, mestre a mestre



“De imediato aquele homem sentiu que a planície dava uma volta completa e que o céu e as nuvens pareciam pousar a seus pés.”

UM COLLAR DE PIEL DE SERPIENTE,
SILVER KANE

“Por cima do lugar onde havia estado sua cabeça caiu flutuando uma espécie de nuvenzinha de sangue... Era como se o sangue tivesse força própria.”

COM PERMISO DEL MUERTO, SILVER
KANE

Quando, dez anos mais tarde, disfarçado de diretor de cinema, regressei ao México, pediram-me que desse uma conferência em um teatro da Cidade Universitária. Ao ler na marquise, escrito com letras grandes, “Teatro Julio Castillo”, compreendi que com essa palestra encerraria um ciclo da minha vida. O rapaz que anos atrás viera pedir-me que lhe ensinasse a iluminação (teatral e não espiritual) dirigiu depois inúmeras peças, morrendo em pleno apogeu. Foi tal sua contribuição ao mundo do espetáculo que a Universidade Autônoma do México batizou com seu nome a maior das suas salas. Em homenagem a Julio Castillo rasguei minhas anotações e decidi repetir o mesmo equívoco que cometi com ele, mas dessa vez de maneira voluntária.

– Embora desejem que eu fale sobre técnicas cinematográficas, falarei da iluminação espiritual e minhas experiências com os koans – e fiz uma proposta aos mil jovens que formavam a plateia. – Vou apresentar para vocês enigmas que terão de resolver. Esgotadas as respostas, darei as minhas soluções. – Para grande perplexidade deles, comecei com: – Este é o som de duas mãos; qual é o som de uma só mão? – Em meio a gargalhadas recebi as soluções: estalar

os dedos, dar uma palmada na testa, esticar a palma à frente e soltar um peido. Quando se declararam vencidos, os fiz levantar a mão direita como se fizessem um juramento e, erguendo a minha, repeti o que anos antes tinha dito a Ejo Takata: – O som desta única mão é igual ao som de sua única mão.

Eles aplaudiram com entusiasmo. Inspirado por este bom público, inventei koans e dei as soluções.

– Por que as montanhas têm rochas?

– As montanhas não têm rochas: elas são a montanha.

– Por que a boca fica debaixo dos olhos?

– Porque a boca é para beijar o solo e os olhos são para beijar o céu.

– Por que não paro de pensar?

– Eu não penso: os pensamentos me pensam.

Levado pelo entusiasmo avancei até me misturar com os mil assistentes, de costas para o palco. Logo os olhares deixaram de se fixar na minha pessoa: algo estava ocorrendo na plataforma. Olhei para trás e o que vi me pareceu um sonho: Ejo Takata, vestido de monge, sentado com as pernas entrecruzadas em posição de meditação, me dedicava um sorriso. Ali estava, dez anos mais tarde, como sempre igual a si mesmo, o espírito bondoso, o rosto sem idade, ancorado na terra, empurrando o céu com a cabeça!

Logo ele entrou no jogo e, levantando ameaçador o seu bastão de madeira (que em caracteres japoneses trazia escrito no lado que golpeia “Nada lhe posso ensinar. Aprenda por si mesmo” e no lado contrário “A planta floresce na primavera”), me perguntou:

– Qual é o som da mente vazia?

Respondi de imediato:

– O som dessa voz que pergunta.

Ejo lançou um jubiloso “kuatsu!”.

- De onde surge um pensamento e o que é?
- As ideias não têm dono, estão no mundo: são sementes de ações.

Abriu seu leque e começou a se abanar. Compreendi que havia caído na armadilha intelectual. Prostrei-me três vezes diante do mestre e repeti um de seus provérbios: “Um barco pode encontrar apoio na água; a água pode virá-lo.” E esperei a próxima pergunta.

- Quando a mente está vazia, o que vê?
- Tudo, menos a si mesma.
- Kuatsu! Quando um pensamento surge, de onde vem?
- Se me disser para onde vai, direi para você de onde vem.
- Kuatsu! Se notar que um pensamento excessivo é artificial, acha que existe também um pensamento natural?
- O camponês espera a chuva, o viajante espera o bom tempo.
- Kuatsu! O que representa para você o dia do seu aniversário?
- Não se nasce, não se morre.

Ele me chamou com um gesto. Subi ao palco, me ajoelhei diante dele e inclinei a cabeça três vezes até tocar o solo. Ao me levantar, vi um sorriso em seus lábios. Mantendo o *kyosaku* em posição horizontal, ofereceu-o a mim. Senti que minhas mãos ardiam e meus pés gelavam. Nunca havia esperado receber tamanha honra. Sem perceber bem o que fazia, como num sonho, recebi o bastão e o apoiei contra o meu peito. Os estudantes começaram a aplaudir e me levantei para saudar, momento que Ejo aproveitou para retirar-se. Após um minuto me recuperei e corri até o exterior tentando alcançá-lo. Por sorte havia muitos automóveis esperando para sair do estacionamento. Num carro velho, com a pintura em mau estado e conduzido por um chofer com feições indígenas, estava Ejo. Ao me ver chegar, ele subiu o vidro da janela. Brandi o *kyosaku*, gritando-lhe:

– Não mereço ele! Você disse: “Se tem o bastão, eu o dou. Se não o tem, eu o tiro”. Seu bastão deve ser dado a quem o tem, e eu não o tenho! Exijo que o tome de volta!

Ejo baixou o vidro e, em vez de receber o bastão, arremessou seu leque no meu rosto. O automóvel partiu. Corri atrás, mas não pude alcançá-lo. Com a respiração entrecortada, tentei retomar o fôlego. No papel do leque estava escrito: “Bosque de Chapultepec, lugar de costume, mesma hora, amanhã”.

Eu não podia crer. No fundo de mim mesmo sempre havia aspirado ser um mestre, gozar do respeito incondicional de centenas de discípulos. Não só isso, mas também ser capaz de sentar por horas num zendô até morrer como um Buda sorridente. Meta que sabia ser inalcançável: conhecia minha vergonhosa debilidade, a imperfeição dos meus sucessos, minha ignorância de micróbio no cosmos infinito. Perder Ejo me era insuportável. “Um mestre é para toda vida”. Se estava me dando seu bastão e seu leque, me transformava não só em seu igual, mas também em seu continuador. Isso significava que ele ia embora, ou estava doente, ou que pensava em morrer. Senti-me aturdido. Havia perdido o apoio, corria o risco de ficar sem o eixo ao redor do qual havia girado, acreditando-me protegido para sempre. Eu tinha perguntas sem fim, mas nenhuma resposta verdadeira. Ejo era quem trazia a única solução para todas as interrogações. Um véu de bruma embaçou o meu olhar. Se Ejo reconhecia em mim a categoria de mestre, estava equivocado. E se podia equivocar-se, não era um verdadeiro mestre. Deprimido, caí sentado num banco de cimento. Abanei-me com o leque. E com o bastão golpeei as omoplatas.

– Mestre...

Um rapaz de uma magreza extrema e olhos brilhantes vinha ao meu encontro. Sentindo-me ridículo, de imediato parei de me golpear e me abanar, dei um sorriso forçado e ele se ajoelhou diante de mim.

– Permita que me apresente. Sou Daniel Gonzáles Dueñas. Vi seu filme *A montanha sagrada* e isso mudou minha vida. Fiz um curta-metragem inspirado nessa obra e quero agradecer a você.

A admiração dele chegava em mau momento e respondi com uma grande amabilidade afetada:

– Sente-se aqui comigo. Eu é que agradeço por sua gentileza. Quer um autógrafo?

– Bem, isso muito me agradaria, mestre. Mas, se me permite, queria pedir um favor a você...

– Peça-me o que quiser, mas não me chame de mestre.

– Na realidade, além de cineasta, sou escritor. Tenho lido desde muito pequeno, mas, no entanto, nada conheço do zen. Nunca tinha ouvido falar desses estranhos koans. Quando nos formulou alguns, não soube o que dizer e depois não entendi suas respostas. Tampouco compreendi as respostas dadas pelo monge. Poderia me explicar o significado de tudo isso?

Tive que fazer um esforço para não começar a chorar. A realidade, com sua dança absurda, quando meu espírito se assemelhava a um espelho quebrado em mil pedaços, me enviava um jovem que me tomava por mestre. Era tão ingênuo seu desejo de compreender, e tão grande sua confiança em minha máscara de artista, que me sentia incapaz de decepcioná-lo. Dando à voz um tom seguro, despejei uma torrente de palavras:

– As montanhas não têm rochas, nem o mundo tem indivíduos. As rochas são a montanha, os indivíduos são o mundo. O universo é uma totalidade. A boca está debaixo dos olhos, os pássaros voam no céu, os peixes nadam na água, tudo ocupa seu lugar naturalmente, sem esforço, com felicidade. A ave debaixo d'água se afoga, tal como o peixe no céu. A felicidade é sermos nós mesmos no meio que nos corresponde. Pensamos, mas não somos nossos pensamentos. Quando nos identificamos com eles, deixamos de ser nós mesmos. Os pensamentos são, nós não. O som de uma mente vazia é o ruído que fazem as palavras àquele que pergunta. “De

onde surge um pensamento e o que é?” é um conjunto de palavras ao qual não se deve responder com outro conjunto de palavras. De um pensamento surge outro pensamento e assim até o infinito. Mas dizer “pão” não mata a fome. Como resposta devia lançar um grito... Na mente vazia cessa a dualidade espectador/ator. Se vemos nós mesmos, não estamos vazios. Ninguém vem, ninguém vai, tudo está sempre aqui. Cada pensamento é um espelhismo. Não há causa primordial, não é o ovo nem a galinha, isso não tem começo nem fim, permanente impermanência, presente sem forma. Aceite a mudança aparente!

Daniel tentou me agradecer, mas me afastei correndo.

Uma névoa matinal, venenosa, cinzenta, meio que ocultava as árvores do bosque. Numa clareira afastada das hordas de automóveis que avançavam como ovelhas para o matadouro, Ejo e eu costumávamos meditar por duas horas a partir das seis da manhã. Eu o encontrei já na postura zazen. Vestia *jeans* e uma camiseta preta de mangas curtas, tendo a seu lado uma mochila. Prostrei-me diante dele, depositando o bastão e o leque junto a seus joelhos.

– Você se engana, Ejo. Jamais serei um mestre.

Ele me lançou na cara um tremendo “kuatsu!” e depois me agarrou pelos ombros e me obrigou a sentar no seu lugar. Ele se ajoelhou diante de mim e, apoiando a testa no solo, murmurou:

– Às vezes somos o discípulo, outras vezes o mestre. Nada é fixo.

Não quis aceitar o que ele dizia. Tomei-o pelos ombros e o sentei de novo em seu lugar. Voltei a me prostrar diante dele, apoiando obstinadamente meu rosto três vezes no chão. Ejo, então, dando um suspiro sufocado, recitou um texto aparentemente aprendido de memória:

– Somos nós mesmos? Onde estamos quando estamos? Se fecho minhas mãos, a água escorre. Quando estas mãos tocam o alaúde sob a lua, elas são como as mãos de Buda. O mestre Rinzai

disse: “Às vezes um grito é como uma espada preciosa moldada com a parte mais dura do ouro. Às vezes um grito é como um brilhante leão agachado no meio do matagal. Às vezes um grito é como uma vara de pescar entre a relva flutuante sob cuja sombra se agrupam os peixes. Às vezes um grito não funciona como um grito.” Um monge então lhe perguntou: “O que significa a primeira máxima?” Rinzai disse: “Quando se tira o selo, a tinta vermelha fica visível. Mesmo que a carta ainda não tenha sido lida, os papéis do anfitrião e do convidado já estão decididos”. O monge voltou a perguntar: “O que significa a segunda máxima?”. Rinzai disse: “Imprudente! Por que o trabalho seria inferior ao ideal?” O monge insistiu: “O que significa a terceira máxima?” E Rinzai disse: “Quando uma marionete se agita no cenário, seu movimento é dado pela mão que um ator esconde dentro de seu traje.” E acrescentou: “Se compreender a primeira máxima, você se converterá em um mestre de Buda. Se compreender a segunda máxima, se tornará um mestre de homens e deuses. Mas se compreender a terceira máxima, não será sequer capaz de redimir a si mesmo.” Depois continuou: “Às vezes você retira o homem sem retirar o terreno; às vezes retira o terreno sem retirar o homem; às vezes retira a ambos, o terreno e o homem; às vezes não retira nem um nem outro.”

Estas palavras, recitadas rapidamente por Ejo, ficaram gravadas em minha memória. Eu as vi a partir de inumeráveis pontos de vista. Seus elementos, aparentemente dessemelhantes, se encaixaram como peças de um quebra-cabeças. Uma compreensão que através dos vocábulos me chegava, metaforicamente, em forma de estalidos luminosos. Ejo estava me revelando o nível supremo dos koans! “Somos nós mesmos?” É impossível nos definirmos, não nos pertencemos, somos o mundo. “Onde estamos quando estamos?” A realidade é abstrata e fluida, em constante mudança. A folha seca levada pelo rio está na água, mas não em um lugar. “Se fecho minhas mãos a água escorre.” Se meu intelecto se identifica com um eu individual, não capta a eterna verdade. “Quando estas mãos tocam o alaúde sob a lua são como as mãos do Buda”. O Buda imaginado por nosso intelecto é maneta. Quando minhas mãos

produzem beleza são as mãos do cosmos. Todas as coisas são uma coisa só, e uma única coisa é todas as coisas! “Às vezes um grito é como uma espada preciosa moldada com a parte mais dura do ouro”. O mestre transmite seu satori diretamente ao discípulo, sem palavras, como um eletrochoque. “Às vezes um grito é como um reluzente leão agachado entre o matagal.” O mestre procura abrir a mente estagnada de seu discípulo: por ter os olhos fechados crê que o mundo é escuro. “Às vezes um grito é como uma vara de pescar entre a relva flutuante sob cuja sombra se agrupam os peixes”. O mestre penetra no inconsciente do discípulo, tentando trazer à luz seu tesouro oculto, o Ser Essencial. “Às vezes um grito não funciona como um grito”. O mestre grita sem finalidade, de forma natural e espontânea, desde o mais alto do firmamento até o mais profundo estrato da terra. Trovão que ressoa no céu azul onde reina um sol brilhante. Não há discípulo. Há dois mestres. “O que significa a primeira máxima?” O monge busca a “verdade”, o significado dos ensinamentos de Rinzai. Este replica que não lhe faça perguntas, que tenha fé em seu tesouro interior e que se entregue à meditação. “Quando se tira o selo, a tinta vermelha se torna visível. Mesmo que a carta ainda não tenha sido lida, os papéis do anfitrião e do convidado já estão decididos.” Embora não seja capaz de compreender o ensinamento, devo entregar-me ao trabalho que me submerge no Ser Especial. Ejo é o selo, eu sou a carta selada. Devo tirar o selo para encontrar a mim mesmo, sabendo que esse mim mesmo é o mesmo de Ejo, o mesmo de Buda. “O que significa a segunda máxima?” O monge continua preso na busca de uma verdade ideal, de um eu pessoal. “Por que o trabalho seria inferior ao ideal?” Sem alimentar com palavras o voraz intelecto, sentado, quieto, concentrado, observa o acontecer vital até chegar a ser você mesmo a verdade, esse é o caminho. “O que significa a terceira máxima?” Não há distinção entre uma primeira, segunda ou terceira verdade. Não existem graus. A unidade atua de maneira contundente. É um golpe de porrete que nos racha a cabeça. “Quando a marionete se agita no cenário, o movimento é dado pela mão que um ator esconde dentro de seu traje”. No começo o mestre é o manipulador e o aluno a marionete.

No final o discípulo compreende que o mestre é uma força interior que o move. Força que não lhe pertence. “Se compreender a primeira máxima, você se tornará mestre de Buda. Se compreender a segunda máxima, se converterá em mestre de homens e deuses. Mas se compreender a terceira máxima, não será capaz de redimir a si mesmo.” A realidade que nos parece diferente em tal ou qual situação, sempre é exatamente o que é, nem mais nem menos. Recitando as máximas você pode se crer um mestre superior a Buda: como um cão-guia, você imagina conduzir a essência. Estabelece diferenças entre homens e deuses, sente que a iluminação tem duas caras, determina o que é o bem e qual é o mal, para no final não ser capaz de encontrar a si mesmo. “Às vezes você retira o homem sem retirar o terreno.” Uma atitude da mente na qual o objetivo domina o subjetivo. Você abstrai o homem, o sujeito, mas não abstrai as circunstâncias, o objeto. “Às vezes retira o terreno sem retirar o homem.” A mente enfatiza o subjetivo. Nega o mundo objetivo: “Às vezes retira a ambos, o terreno e o homem.” É um estado de vacuidade no qual elimina a distinção entre o eu e o outro. “Às vezes não retira nem o terreno nem o homem.” Em completa unidade consigo mesmo, como um menino, você atua espontaneamente, regressa ao mundo comum. O sujeito e o objeto são reconhecidos “tal como são”.

Diante de mim, Ejo meditava indiferente como uma montanha. Mas eu sabia que de alguma maneira estava me esperando. A situação era tão importante que minha mente se abstraiu do tempo. Em alguns segundos pude pensar no que em outra situação me teria tomado horas. Os conceitos “anfitrião” e “convidado” ocuparam minha atenção. Quem de nós dois era uma coisa ou a outra? Rapidamente pensei que Ejo representava o anfitrião, aquele que outorga conhecimento, e eu o convidado, aquele que o solicita. Contudo, esta relação de mestre e discípulo, sujeito e objeto, me confundiu. Um de nós representava o mundo das circunstâncias – devia ser eu? O outro, o ser que as produzia – devia ser Ejo? Ele era o único homem cem por cento honesto que eu havia conhecido

em toda a minha vida. Eu o queria com amor de órfão, com sede de pai. Ele sabia tudo, eu nada...

Pare, Alejandro! Basta de complicações sentimentais! Busco a verdade? Ou um progenitor amante que acalme minha tristeza de menino abandonado? Minha mente voltou a dar outro salto: mestre e discípulo são na realidade dois símbolos de um processo interior. O Ser Essencial e o Ego. Neste caso o anfitrião é o primeiro e o convidado, o segundo. Mas o dono da casa, ou a casa em si, não sou eu. Minha razão é um simples convidado, um fantasma efêmero em uma consciência eterna... Antes de encontrar Ejo, considerava meu intelecto como a realidade, tudo que não se podia traduzir em palavras não era certo. O convidado usurpava o posto do anfitrião. Tendo pouco ou nada a oferecer, só podia exhibir-se perante si mesmo, cego, surdo e mudo para o outro. Quando pela primeira vez me aproximei de Ejo, o fiz como um mendigo, sentindo que ele era o generoso anfitrião e eu um poço ávido e sem fundo. Minha demanda não tinha limites, era infinita. Com uma boca aberta de menino faminto queria que me alimentasse sem cessar, com a vontade que eu tinha de devorar o universo inteiro. Convidado ilusório de um anfitrião absoluto, eu vivia como o sábio sufista que chora sem cessar pensando que tem uma absoluta necessidade de Deus mas que Deus não tem nenhuma necessidade dele. Quando compreendi que a mente não podia sustentar si mesma, me dei conta de que, em vez de esvaziá-la, simplesmente tinha que soltá-la, deixando que os pensamentos e impressões chegassem e se fossem sem identificar-me com eles. Ejo e eu éramos ao mesmo tempo mestre e discípulo. Meu ego criava o Ser Essencial, meu Ser Essencial criava o ego. Por fim, soube que me encontrava frente a Ejo não para obter algo, mas sim pelo prazer de estar com ele, vibrando no mesmo nível de consciência, ele com seu ego e eu com o meu, como dois cegos que conseguiram ver, mas que conservam seu cão-guia, não porque dele precisem, mas porque adquiriram carinho por ele.

Um vento fresco carregou a névoa cinzenta. As folhas das árvores, tremendo, emitiram um murmúrio apaziguador. Do bosque inteiro surgiu uma música semelhante à superfície de um lago

agitada por cardumes de peixes. Os pássaros começaram a cantar. O ruído dos automóveis se tornou harmonioso. O mundo se transformou numa orquestra angelical. Deixei de ver Ejo no cume do firmamento ou no fundo da terra. Era um homem como eu, um palhaço como eu, um Buda como eu.

– Ejo, o meu ego angustiado foi o que me levou a buscar seu ensinamento. Graças a você, Ser Essencial, anfitrião, hoje o convidado é um bom discípulo que aprendeu a ser espelho. Não se apropria de nada, recebe o que dão a ele sem tentar conservar, afunda os pés no barro, mas não deixa pegadas.

Ejo, sorrindo tão largamente que pude até ver as restaurações de platina em seus dentes, me disse:

– O que decide então fazer com o *kyosaku*?

– Eu aceito, mas não vou ficar com ele. Não tenho nenhum desejo de golpear monges sonolentos. Quando Bodhidharma²⁴ se sentou para meditar diante da parede de uma caverna durante nove anos guardando silêncio, não necessitou que golpeassem as omoplatas dele. Também não foi necessário a Eka, que foi capaz de cortar fora um braço para convencer Bodhidharma a aceitar ele como discípulo. Tampouco Sosan, o leproso discípulo de Eka, que morreu de pé, meditando debaixo de uma árvore.

Acreditei que Ejo, furioso, soltaria um grito que espantaria tanto eu quanto centenas de pássaros, isso não ocorreu. Fechou os olhos e começou a balançar de um lado para o outro, abanando-se com o leque. Logo o fechou com brusquidão e exclamou:

– Tem razão! A partir de Doshin²⁵ terminou a vida errante. O zen foi transformado em religião do Estado e os mosteiros aceitaram meninos. Então foi preciso implantar uma férrea disciplina. Os pirralhos que adormeciam meditando eram espancados. Mas, na verdade, que importa dormir durante a meditação? Não há nada a perder, nada a se encontrar, não se vai nem se vem, o Ser Essencial sempre está ali. Quando você come, come. Quando medita, medita. Quando dorme, dorme. Os paus nada acrescentam.

Só servem para disciplinar as mentes infantis. Na serra tarahumara mexicana, sofri uma inflamação do miocárdio. Acompanhado por discípulos indígenas, voltei à cidade. Devo seguir um tratamento médico, talvez me operar. Quem sofre e está ferido é o meu coração de menino. Aos nove anos, quando as portas do mosteiro se fecharam, a primeira coisa que fiz foi gritar: “Não quero ficar aqui! Deixem-me sair!” Aí me puseram num dormitório coletivo, entre garotos mais velhos do que eu. Ao amanhecer, como não ouvi a campainha, me despertaram a pancadas. Enquanto os outros meninos meditavam, me fizeram esfregar o chão. Por não fazer isso corretamente, recebi mais pancadas. Sentaram-me junto com meus colegas para tomar uma sopa de arroz como desjejum. O cozinheiro me bateu com a colher de pau porque eu fazia ruídos ao sorver. Foi-me exigido mastigar em silêncio completo, sem perder um grão. Foi impossível para mim não derramar umas gotas de caldo. Mais pancadas. Depois me levaram ao pátio, me deram um machado, me apontaram umas toras de lenha e me obrigaram a cortar elas em pedaços pequenos. Umas farpas se incrustaram em minhas mãos. Chamaram-me de frouxo, zombaram de mim. Trabalhei o dia inteiro. À noite, um monge de vinte anos, monitor de nosso grupo, pediu-me que o massageasse. Meus companheiros, dando risinhos marotos, se colocaram na posição obrigatória para dormir e cobriram as cabeças com suas mantas. Esse monge me disse: “Você vai passar a noite comigo. Vou ensinar nossos costumes para você. A partir de hoje será seu dever me aliviar.” Tomou uma das minhas mãos e a colocou sobre o seu sexo erguido. “Imagine que está limpando uma cenoura. Use toda a sua energia.” Durante um ano tive de satisfazer seus caprichos. Que podia fazer? Os problemas sexuais dos monges, como nas embarcações e nas prisões, eram solucionados com o abuso dos mais fracos. Esta tortura teve fim quando chegou um novo menino. Mas seguiram-se outras. Eu não pensava em me iluminar. Queria era brincar. Mas nunca pude.

– Eu proponho que enterremos o bastão entre as árvores, como se fosse uma planta. Talvez desenvolva galhos e até dê frutos...

Assim fizemos. Meu amigo suspirou como se tirasse de cima de si um peso de mil quilos. Depois, tirou da bolsa de pano sua vestimenta de monge.

– Este *kesa*²⁶ me foi dado pelo mestre Mumon Yamada. Ele confeccionou ele com os sudários dos próprios pais. Entende? Fala-se muito da transmissão da lâmpada, da luz, mas o verdadeiro mestre transmite o envoltório dos mortos. Devemos ver a vida, a própria e do cosmos, como uma agonia. É a mensagem do Buda Sakyamuni. Após obter o satori, ele visitou o local onde incineravam os cadáveres, recolheu pedaços de pano, lavou eles, tingiu e costurou uns aos outros lentamente, pondo todo o seu ser em cada agulhada. Esse *kesa* foi transmitido de um patriarca para outro. Cada um deles, ao se imobilizar em postura zazen, vestido com os despojos funerários, foi corpo e espírito queimando-se. Para chegar à medula da alma, o supérfluo deve ser transformado em cinzas. O Buda, vestido com os despojos de tantos mortos, ao realizar a libertação também a obtém para eles. Quando uma flor se abre, é primavera em todo o mundo. Se um único homem se ilumina, todos os seres humanos se iluminam. O Buda é a brilhante figura de proa que conduz a barca e sua tripulação de cegos até o porto da salvação. Já sei que o meu caminho não é o seu, mas que a meditação atrai você para a criação artística. No entanto saiba que não há diferença entre nós. Em ambos habita a grande compaixão. Por uma única vez, conceda-me o prazer de vestir meu *kesa*.

Nessas primeiras horas em que nenhum visitante passeia pelo bosque, fui me despindo lentamente. Vendo atrás de mim um abismo e adiante outro, inspirando profundamente cada golfada de ar para projetá-la em forma de suspiro final, como um fugitivo que, cansado de fugir, se detém para entregar-se aos perseguidores, entrei na vestimenta. Apesar de sua cor ser unitária, um ocre de terra seca, era composto por pedaços de pano de tamanhos diferentes, unidos uns aos outros por grossos pontos que os dissolviam na forma do hábito. De imediato ele se assentou em minha pele. Absorvi os anos de meditação de Ejo, os de seu mentor, os dos sucessivos mestres e patriarcas, até chegar à origem de

todos, o Buda Sakyamuni. Mudou a sensação do meu corpo, e por fim soube o que era me sentir como se eu fosse uma montanha. Não houve mais espaço nem tempo. A voz do primeiro iluminado prosseguia ressoando: “Não pretender nada que não seja certo. Não existe um ego substancial nem objeto algum que não seja impermanente. As percepções, os sentimentos, as visões são processos vazios de substância real. A vida é sofrimento. O nascimento, a doença, a velhice e a morte são sofrimento. Estar separado daqueles que amamos é sofrimento. Não poder satisfazer nossos desejos é sofrimento.”

Mas o *kesa* de Ejo parecia dizer-me: “Não fique parado na superfície. Mais além das palavras do Buda, sob o mais profundo abismo e sobre o cume mais alto, habita a grande compaixão. Ouça o que a consciência cósmica, ave fênix surgindo da mente em chamas, lhe diz: ‘A vida é pura felicidade. O nascimento, a enfermidade, a velhice e a morte são quatro presentes tão maravilhosos como o ciclo das estações’. Você nunca pode ficar separado daqueles que ama, eles vivem em seu ser para sempre. Ter que estar com aqueles que não ama é impossível porque você deixou de detestar. Como a do sol, a sua luz é para todos, você ama inclusive o que lhe parece odioso. Não poder satisfazer os desejos não é sofrimento, porque o que importa é o prodígio de ter desejos. Quer isso lhe satisfaça ou não, lhe é outorgado o sentimento de estar vivo. Vá além de ‘A causa dos sofrimentos é o apego aos desejos e às coisas’ porque o apego aos desejos e às coisas, quando não é possessivo, é sublime bondade. Tudo que parece impermanente fica gravado na memória de Deus. Cada segundo é a eternidade. Vá além de ‘Ao pôr fim a esses apegos pode-se pôr fim aos sofrimentos’. Não se pode pôr fim a esses apegos. Sendo tudo uno, como a unidade vai desprender-se de si mesma? O apego por amor é o caminho da realização. O Ser Eterno, com carinho infinito, está apegado a você. Vá além de ‘Para pôr fim aos sofrimentos é preciso seguir o Caminho Óctuplo: visão, pensamento, palavra, comportamento, vida, esforço e concentração adequados’. Livre-se dos grilhões conceituais, confie na sábia Criação porque você não é

parte dela, você é ela. Para viver em felicidade plena caminhe pela infinita planície sem trilhas, deixe que seus olhos vejam o que lhe é solicitado ser, não ponha antolhos. Permita que seu pensamento vagueie por todas as dimensões, outorgue a cada palavra raízes em seu coração, comporte-se como um menino amado por seus pais, viva mil vidas em uma só, não se esforce, deixe que as coisas se realizem através de você porque cada ato natural é um presente, a atenção e a concentração são filhas de um amor apaixonado, pense, deseje, viva com prazer. Um gato não se esforça para se concentrar quando persegue um rato... Vá além de 'Tudo provém da ignorância. Por que temos de nascer? Por que temos de morrer?'. A unidade é total conhecimento, quando você se integra a ela não há ignorância. Quando chega o sol, a escuridão desaparece. Temos que morrer para poder nascer. Não há vontade de existir quando se existe eternamente. A ansiedade de viver é gerada pela falta de contato bondoso com o mundo, que não é exterior nem tampouco interior, uma vez que não há separação. Olhar é benzer, ouvir é benzer, tocar, cheirar e saborear também são. O corpo, a alma, o espírito, as funções mentais, são uma coisa só. A ignorância é querer separar-se deles. Vá além de 'Tudo muda sem cessar. Tudo é impermanente e passa. Não há nada permanente.' Em Deus nada muda sem cessar. Tudo é permanente, eterno, infinito, nunca passa. Vá além de 'Nosso ego não tem substância'. Nosso ego indelével, por ser outorgado por Deus, é nossa diferença. Sua substância é divina. Não existe nada que não tenha substância divina. Vá além de 'Tudo é vacuidade, *ku*. Ponto zero'. Nada é *ku*, a vacuidade é uma ilusão. Tudo está repleto de Deus."



Nesse momento crucial, enquanto o hábito enrugado se aderiu à minha pele, pressionando-a, grudando-se à minha carne e meus ossos, imobilizando-me numa posição que tinha séculos de existência e meus pensamentos se expandiam como uma torrente em todas as direções, esmagando lendas, preconceitos, ideais

escritos sobre pele de múmia, Ejo Takata me disse com grande doçura:

– Você constrói tudo que pensa sobre a palavra “Deus”. Se eu retirar ela de você, ficará sem nada. Responda: o que é Deus para você?

A primeira coisa que me veio à mente foi a definição que havia fascinado poetas e filósofos, desde Hermes Trismegisto até Borges, passando por Parmênides, Alain de Lille, Mestre Eckhart, Giordano Bruno, Copérnico, Rabelais, Pascal e tantos outros. Repliquei:

– Deus é uma esfera infinita cujo centro se encontra em todas as partes e a circunferência em nenhuma.

Antes que Ejo me mandasse embora com o seu habitual “Aprenda a morrer, intelectual!”, gritei “Kuatsu!” e me pus a grunhir:

– Não posso aceitar essa definição porque no mesmo momento em que ela se forma em minha mente se transforma em mais uma prisão. Se para pensadores seduzidos pela beleza geométrica uma esfera é a forma mais perfeita, para um amante da beleza orgânica uma folha de árvore ou um inseto podem encarnar a perfeição. Dizer que Deus é uma esfera infinita é tão absurdo como dizer que Deus é uma mosca infinita... De todas as maneiras, aquilo que é infinito, por não ter limites, carece de forma. Além disso, ao não existir circunferência e o centro estar em todas as partes, não pode haver partes. Se tudo é centro, é centro de quê? Para que haja centro deve haver algo mais. É absurdo falar de centro afirmando que a única coisa que existe é esse centro. É como dizer “Deus é um corpo humano infinito cujo umbigo se encontra em todas as partes e a pele em nenhuma”.

Ejo teve um ataque de riso, mas logo ficou sério.

– Você não respondeu à minha pergunta, apenas criticou a resposta dos outros. Consulte o seu *hara*²⁷ e responda.

– Ejo, minha razão, sempre à caça de diferenças e limites, não pode definir, explicar nem compreender uma realidade na qual

absolutamente tudo está unido e forma uma só Verdade. Mas aceitando que cada conceito não é a realidade mas sim um retrato limitado dela, posso aprender a usar as palavras não como definições do mundo mas sim como símbolos dele. Um símbolo permite uma incontável variedade de significados, tantos quanto os indivíduos que notam ele. Para mim, o “personagem” Deus, ator principal de toda a obra sagrada, não pode ter forma geométrica, tampouco um nome, nem um aspecto mineral, vegetal ou humano, nem raça, nem sexo, nem idade. Não pode ser propriedade exclusiva de nenhuma religião. Qualquer denominação ou qualidade que eu dê a ele será apenas uma supersticiosa aproximação. Impossível de definir com palavras ou imagens, inalcançável se persigo ele, sendo totalmente absurdo tentar dar algo a ele. Única possibilidade: receber ele. Mas como, se é inconcebível, impalpável? Só recebo ele por alterações e mutações que chegam à minha vida em forma de clareza mental, de felicidade amorosa, de capacidade criativa e, apesar de qualquer sofrimento, de um saudável prazer de viver. Se imagino ele eterno, infinito e todopoderoso, é só por contraste com o que creio ser: finito, efêmero e impotente ante essa transformação que chamam de morte. Se tudo é Deus e Deus não morre, nada morre. Se tudo é Deus e Deus é infinito, nada tem limites. Se tudo é Deus e Deus é eterno, nada começa nem nada termina. Se tudo é Deus e Deus é todopoderoso, nada é impossível... Sendo incapaz de dar um nome a ele, nem de crer Naquele, posso intuitivamente sentir ele na parte mais profunda do meu ser; posso aceitar a vontade dele, vontade que cria o universo e suas leis, e imaginar que seja um aliado, aconteça o que acontecer comigo. Isso é tudo, não preciso dizer mais, as palavras não são o caminho direto, elas indicam, mas não percorrem ele. Aceito pertencer a esse incomensurável mistério, entidade sem ser nem não ser, sem dimensão. Aceito entregar-me a seus desígnios, acreditar que minha existência não é um capricho, nem uma farsa nem uma ilusão nem um jogo cruel, e sim uma inexplicável necessidade da Obra dele. Saber que essa permanente impermanência faz parte do que minha mente concebe como projeto cósmico. Crer que, sendo uma ínfima engrenagem de uma

incomensurável máquina, participo da perfeição dela, que essa destruição do meu corpo é a porta que devo atravessar para mergulhar naquilo que o meu coração sente como sendo amor total, que meu centro sexual concebe como orgasmo infinito, que meu intelecto chama de iluminada vacuidade e que meu corpo considera seu misterioso lar. Se estamos unidos ao universo, ele é o nosso templo. Somos inquilinos de um Amo que nos alimenta e sustenta e mantém em vida pelo lapso de tempo que sua vontade decide. Dessa casa, refúgio certo, podemos fazer um éden ou uma cloaca, um lugar onde floresça nossa criatividade ou um obscuro recanto onde impere o mau gosto e a fedentina; entre esses muros impassíveis podemos procriar ou nos suicidar. A casa-Deus não se comporta, está ali, sua qualidade depende do uso que façamos dela.

Ejo Takata sorriu e, imitando minha maneira de falar, disse:

– A mente não se comporta, está ali, sua qualidade depende do uso que você fizer dela. Vou lembrar você de um koan do livro secreto: “O discípulo Hokoji, agitado, veio ver seu mestre Baso²⁸ para perguntar-lhe: ‘O que é que transcende a existência?’ Baso disse: ‘Responderei quando você tiver bebido de um só gole as águas do rio Oeste.’ Hokoji, acalmando-se de imediato, se inclinou reverente, pegou uma xícara de chá e bebeu de um só gole.”

– Sei que é impossível responder com sucesso a esse tipo de perguntas. Como definir com sucesso o que é por essência indefinível, descrever o impensável? Em vez de dar uma solução, Baso pede a seu discípulo algo impossível: beber um rio de um só gole. Hokoji percebe que não há “nada” além da existência e, bebendo um gole de chá, opta pelo natural frente ao metafísico... Eu sei, porém não sou um monge e sim um poeta. E o ideal do poeta, mesmo que se saiba condenado ao fracasso, é expressar com palavras o silêncio eterno...

– Não somos monges, Alejandro, não somos poetas, não temos definições. Quando pedi que você definisse Deus, esperei que em vez de desenvolver suas teorias “artísticas” me dissesse

“responderei quando você beber um rio inteiro, ou comer uma manada de elefantes com osso e tudo”. Nós teríamos ido tranquilamente beber um chá e comer uns tacos.

Senti como se um relâmpago me atravessasse a língua. Tive vontade de mordê-la até cortá-la fora. Claro que eu compreendia que a palavra “Deus” e a palavra “mente”, tanto quanto “círculo infinito” e “mosca infinita”, podiam intercambiar-se. Mas me deu raiva! Uma raiva imensa que se acumulara por todos esses anos! Com que direito esse japonês zombava de mim se estava preso na teia de aranha do budismo? Mastigando minhas palavras, comecei dizendo o que, apesar de minha ira, considerava tolices. Se as pronunciei foi com o orgulhoso desejo de vencer essa granítica segurança que ele tinha em si mesmo.

– Você não deixou de repetir “Se encontrar um Buda em seu caminho, corte a cabeça dele”. Contudo, você medita na mesma posição que o primeiro patriarca, toda a sua vida esteve vestido com este *kesa* que imita sua renúncia ao mundo, repete como um papagaio suas palavras convertidas em sutras fanáticos, ocupa seus dias com cerimônias inúteis que inculcaram em você desde menino, vive em um passado que nem sequer é o seu. Entre milhões de pobres, Sakyamuni era filho de um homem rico. Seu pai, o rei, deu tudo para ele: um palácio rodeado de maravilhosos jardins, comidas requintadas, roupas suntuosas, a mais bela das esposas, centenas de criados. Encerrado em seu cárcere de luxo, não conheceu a miséria de seus incontáveis vassalos. De repente, porque um passarinho caiu morto sobre sua cabeça, o futuro Buda sofreu uma crise... A realidade não era o que ele acreditava que fosse! Então, como qualquer jovem mimado, em vez de aprender a amar a realidade tal como era, detestou ela. “A vida é sofrimento! Que terrível é envelhecer, adoecer e morrer! E tudo isso devido a ter nascido! Para libertar-me tenho que negar a matéria, nunca mais reencarnar, nunca mais criar novos corpos coabitando com uma mulher, nunca mais gozar dos prazeres que dão os sentidos! Fugir! Fugir! Fugir!”. Foi capaz de abandonar o pai, a esposa, o filho, de trocar o palácio pela sombra de uma árvore, negar a si mesmo e,

por vergonha da riqueza que tinha antes, transformar-se no mais pobre dos pobres, vestido com os restos imundos de sudários que não haviam ardido em chamas nas piras funerárias. Preocupações de jovem mimado! Mas nós, que não fomos criados entre os altos muros de um paraíso artificial, que fomos paridos em meio aos conflitos do mundo, que cada vez que dormimos debaixo de um teto nos damos conta de que incontáveis homens não têm um abrigo decente, que cada vez que comemos há legiões de meninos que passeiam como fantasmas desnutridos, nós que nos criamos entre egoístas, enfermos, anciões, moribundos, temos sido porém capazes de celebrar cada novo dia como uma festa. Nos vestir com farrapos de cadáver em vez de amar a vida? Nunca! Este *kesa* não nos corresponde porque não desejamos fugir. Se a existência é concebida como uma contínua reencarnação, não queremos nos libertar desse sagrado ciclo. Voltaremos uma e outra vez. Iremos melhorando o mundo, mudaremos as cruéis leis do cosmos, porque somos o melhor aspecto do Criador, sua Consciência. Consciência que devemos desenvolver vida após vida, comunicando, multiplicando ela. Aqui estamos, Ejo, com uma incomensurável responsabilidade sobre nossos ombros: não cessaremos de existir até que consigamos que esse universo seja perfeito, até que ninguém devore ninguém, até que tudo comece e termine alegremente, até que o desfrute da luz esteja equilibrado pelo desfrute da sombra...

Não pude continuar falando porque comecei a chorar. Ejo me consolou até que me acalmei. Com delicadeza, me ajudou a despir o hábito. Estendeu o *kesa* no chão, prendeu-o cuidadosamente como lhe haviam ensinado no mosteiro, reduzindo-o a um retângulo. Depois, com placidez, me disse:

– Você, amigo, pode dizer que os textos tradicionais são mentiras, apenas palavras. Porém essas palavras nos propõem experiências que podem muito bem nos mergulhar na Grande Verdade. Os mitos fundadores são essenciais, sem eles não se pode construir uma sociedade. Tentar destruir eles é perigoso porque isso significa corroer os alicerces sobre os quais se baseiam

as relações humanas. Mas embora não se possa destruir esses mitos, pode-se reinterpretar eles de uma maneira que seja mais útil para o que nos propomos. Você identifica o *kesa* com um envoltório de cadáver. Farrapos que contêm podridão. Se você assim acha, assim viverá. Para mim o *kesa* é a pele corroída que, graças a mãos bondosas, adquire forma e se faz recipiente da Consciência. É uma lagarta dentro da qual a borboleta se prepara para estender suas asas. O *kesa* é, portanto, o lugar sagrado onde se produz a mutação... Seria tolice passar a viver na barca que tomamos para atravessar o rio, em vez de desembarcar e viver na outra margem. Por isso, apesar de venerar a memória de Sakyamuni, sem pensar no que foi ou não, mas sim no modo como sua figura, mítica ou real, chegou ao mundo, naquilo que você diz como poeta existe algo que me revelou o que eu, um monge sem imaginação, não fui capaz de ver: o patriarca recolheu farrapos, costurou eles com respeito e confeccionou seu hábito; ou seja, procedeu de forma criativa tal como faz um artista. Nós, seus seguidores, durante séculos o temos imitado. Esse *kesa* não surgiu da minha alma, é a obra de Sakyamuni e, por isso, corresponde a ele, não a mim. Os tempos mudaram, não estamos na Índia ou no Tibete, nem praticamos o Chan chinês. O zen se adapta a cada país e muda segundo a idiossincrasia de seus praticantes. Se não se modifica de um território a outro, é invasão imperialista. O México não necessita de um zen japonês, o zen japonês é que necessita do México. Os índios tarahumara tecem um pano de linho de um puro branco cru: é o luxo da miséria, o desejo de limpeza e de uma vida melhor. Com esse pano farei meu próprio *kesa*.

Ejo levantou, recolheu galhos secos, acendeu uma fogueira e depositou nela seu velho hábito. Ficou vendo a vestimenta arder com o mesmo carinho com que se despede de um amigo que se vai para sempre. Com os olhos banhados em lágrimas, deu-me as costas e se afastou por uma trilha do bosque rumo à cidade.

Cinco anos depois regressei ao México disfarçado de terapeuta para promover meu último livro. Os editores me organizaram uma conferência, como era lógico, no Teatro Julio Castillo. Já fazia

quinze dias que meu filho Teo estava morto. O terrível golpe dessa perda me havia destroçado. Quando ocorreu o acidente, eu estava assolado de compromissos: cursos, conferências, entrevistas, sessões terapêuticas e esta viagem ao México. Tudo havia perdido o significado, mas me obriguei a respeitar a agenda, sabendo que, se não cumprisse os compromissos, jamais voltaria a recomeçar. Com um peso secreto que parecia me afundar na terra, cheguei ao México e, como sempre, aproveitando minha experiência como ator (ali havia cometido o pecado de encenar, em 1962, *Hamlet* numa versão apocalíptica onde eu saía envolto numa capa de filés de carne crua), diante de uma multidão de estudantes e leitores fiéis, comuniquéi minha mensagem exaltando a alegria de viver. No meio da apresentação, uma corda vocal pareceu romper-se em minha garganta. Perdi a voz. Um pranto desolado queria aflorar. Apertei os dentes e ocultei o rosto, secando-o com um lenço. Eu me senti incapaz de continuar.

Nesse exato momento, Ejo Takata subiu ao palco, desdobrou uma versão mexicana do tatame e se sentou para meditar. Em vez de um *kesa*, vestia calças e camisa de linho branco, como os índios da serra. Ali estava meu mestre, tal como sempre, uma montanha impassível, ancorando seus joelhos no chão e empurrando o céu com a cabeça, no meio do espaço infinito e do tempo eterno! Sua presença me deu forças para continuar. Ao final, como sempre, aproveitou para escapular durante os aplausos. Corri à sua procura mas não o encontrei. Precisava de suas palavras de consolo, mas ignorava seu endereço. Onde encontrá-lo naquela imensa cidade? Fiquei deprimido... Jacqueline, uma bela anã, se aproximou e me disse, de uma forma bastante amável:

– Sou discípula de Ejo. Ele sabe que você precisa ver ele. Pediu que eu levasse você até onde ele mora, na periferia da cidade.

Depois de circular por duas horas em um táxi desconjuntado, chegamos à modesta vizinhança onde Takata vivia vestido de índio, ensinando meditação aos seus discípulos tarahumara. Jacqueline, por delicadeza, me esperou no velho táxi.

Como contei no começo deste livro, o mestre me consolou com uma única palavra: “Dói”. Eu me despedi de Ejo e nunca mais tornei a vê-lo. Dei dinheiro a Jacqueline para que comprasse flores para a mulher e a filha adotiva de Ejo. Ela me disse:

– Tanto a garota quanto sua mãe não puderam suportar a vida que Ejo leva, entre a cidade e a serra. Tomiko casou nos Estados Unidos. Vive no Texas com seu marido, seus três filhos e Michiko.

Dois anos depois, Jacqueline me telefonou em Paris para comunicar a morte de Ejo.

– Sim, Jacqueline, dói – eu disse. – Dói muito, mas a vida continua. Quando se corta um galho de uma árvore, nunca mais volta a crescer, a ferida fica no tronco para sempre. A árvore cobre ela com uma capa de células e produz novos brotos. A ferida, sob a cortiça, se transforma num buraco onde crescem cogumelos que, ao cair, alimentam a terra da qual se nutre essa árvore.

Chegou-me uma carta do discípulo tarahumara que agora dirigia o grupo criado por Ejo. Havia adotado um título japonês e um nome espanhol. Rochi Silencio me pedia mil dólares para erigir uma *stupa* [relicário budista] onde repousariam as cinzas do Mestre e mais tarde as de seus discípulos. Em vez de enviar o dinheiro, respondi-lhe com este poema:

Um quilo de cinzas,
mil quilos de cinzas,
que diferença faz?
As cinzas do Mestre
são minhas cinzas
Se meus restos o vento leva,
os restos do Mestre
se dissolvem comigo.
A *stupa* não alivia

o estupor da morte
que se vive sem Mestre.
Que sua tumba
não seja a tumba
dos que não ousam
atravessar sozinhos
a dissolução de sua consciência.

-
- 24 Bodhidharma (c. 470-453), em chinês denominado Putidamo e em japonês Bodaidaruma ou Daruma, certamente filho de um rei da Índia, é o 28º patriarca desde Sakyamuni o Buda na corrente indiana e o primeiro chinês da escola Chan. Conta-se que viajou num barco da Índia a Cantão em 520, e que após ser perguntado pelo próprio imperador acerca de seus méritos e outras questões sobre o Dharma, e não obter respostas que o soberano compreendesse, foi para Luoyang e ali, no mosteiro de Shaolin, foi onde praticou o zazen, imperturbável.
- 25 Eka (487-593), nome japonês para o chinês Huike, foi o segundo patriarca do Chan e deixou diversos discípulos; finalmente teve de fugir porque sua eloquência atraiu a inveja de muitos mestres rivais. Sosan (morto em 606), nome japonês para o chinês Sengcan, foi o terceiro patriarca do Chan e discípulo do anterior. Doshin (580-851), nome japonês para o chinês Daoxin, foi o quarto patriarca do Chan, além de um dos dedicados à prática meditativa e, desde muito jovem, discípulo de Sengcan.
- 26 Pano que é símbolo da transmissão que o mestre faz a um discípulo. Segundo conta Taisen Deshimaru em *Perguntas a um mestre zen*: “Para confeccionar o kesa é preciso utilizar os tecidos mais humildes. O primeiro kesa foi confeccionado com as mortalhas dos defuntos, com os panos utilizados nos partos e nas regras das mulheres, tudo que estivesse manchado, o que ninguém queria e ia para o lixo. Lavaram esses panos, desinfetaram com cinzas, costuraram e assim se converteram no hábito do monge, o traje mais elevado. A matéria mais suja se transformou no hábito mais puro.”
- 27 Centro de energia no baixo-ventre que, para o zen, supõe o centro do ser humano. Nele nascem, por exemplo, os gritos “Kuatsu!” ou “Kiai!” (no karatê).
- 28 Hokoji (740-c.810), em chinês Pangyun, que havia estudado os clássicos do confucionismo, percebeu que o conhecimento dos livros não era suficiente e decidiu, acompanhado de sua filha, viajar pela China buscando os maiores mestres zen para aprender com eles. Mesmo assim, foi o leigo mais sério do Chan e discípulo de Sekito Kisen e Baso Doitsu (709-788), em chinês conhecido como Mazu Daoyi, que contribuiu definitivamente na reforma do zen chinês graças ao seu caráter e métodos.

Anedotário



“Nunca me rendi porque enquanto luto tenho a possibilidade de vencer e de receber ajuda. Sempre nos últimos momentos, quando tudo parecia perdido, chegava alguém para ajudar a me superar!”

DISPARA, DISPARA, DISPARA!, SILVER
KANE

É possível que alguns leitores se perguntem para que servem os koans. Embora abordem profundos problemas metafísicos, têm algo a ver com a vida cotidiana? Responder qual é o som de uma só mão pode servir para conquistar um lugar na sociedade atual?

Asseguro que sim. Esses enigmas, aparentemente insolúveis, que durante incontáveis horas, sob a vigilância de Ejo Takata, tive que resolver através de árduos combates mentais, foram forjando meu caráter. Anos mais tarde pude aplicá-los em diversas ocasiões. Sobretudo quando tinha de fazer uma escolha crucial. A realidade me colocava diante de problemas, aparentemente sem resposta, que me obrigavam, guiado não pela inteligência e sim por um incompreensível não sei o quê, a procurar como um caçador faminto uma solução correta que abruptamente emergia das profundezas do meu ser... As ocasiões em que os apliquei são inumeráveis. Citarei a seguir alguns exemplos.

Em 1967 me encontrei em Paris com meu amigo Jorge Edwards, que estava acompanhado por Pablo Neruda, poeta genial, mas também exasperantemente ególatra. Este encontro é relatado por Jorge em seu livro *Adeus, poeta*:

“Certa ocasião estávamos no La Coupole de Montparnasse, passada a meia-noite, comendo algo e bebendo um pouco de vinho, quando notei nas proximidades Alejandro Jodorowsky, um dos personagens interessantes de minha geração chilena, que havia emigrado cedo e jamais retornara (...). Chamei-o para nossa mesa e fiz as apresentações de praxe.

– Ouvi falar muito de você – disse Neruda, com o melhor dos ânimos.

– Eu também ouvi falar muito de você – respondeu Alejandro.

O breve intercâmbio foi glacial e a conversa, como é possível supor, morreu ali...”.

Ejo Takata me havia citado uma vez esta frase: “Se encontrar um Buda em seu caminho, corte o pescoço dele”.

Quando terminei de filmar *El Topo* e iniciei sua montagem, reparei que uma cena essencial tinha um defeito: uma grossa risca amarela atravessava a imagem de cima a baixo. Federico Landeros, o editor, exclamou:

– É uma catástrofe! Esta tomada não pode ser utilizada!

Eu já não tinha dinheiro nem tempo para refilmar a cena. O que fazer? Eliminá-la?

Repliquei:

– Se o que narro aqui é importante, ninguém se importará com essa risca. Vamos fingir que não existe e incluir a tomada.

Assim fizemos. Já se passaram dois anos e nunca ninguém se importou com esse tremendo defeito.

Quando *El Topo* ia estrear na Inglaterra, fui citado pelo departamento de censura cinematográfica. Censura hipócrita porque ninguém sabia que existia. Funcionários muito corteses me disseram:

– Há muitos depravados nesse país. A cena em que você limpa as mãos ensanguentadas nos seios desnudos da atriz, essa não podemos deixar passar. Precisamos da sua autorização para cortar ela e sua promessa de manter segredo. Se você não se comprometer, *El Topo* não poderá ver visto na Inglaterra.

Deveria aceitar ou não essa mutilação que ia contra todos os meus princípios? Exclamei:

– A Vênus de Milo continua sendo uma obra de arte mesmo que a ela faltem os braços!

Para que o corte fosse bem feito e o público não o notasse, propus eu mesmo fazê-lo. Eles me cederam uma moviola.

Quando George Harrison se inteirou de que, por recomendação de John Lennon, sua empresa Apple iria produzir meu filme *A montanha sagrada*, pediu para ler o roteiro. Depois expressou seu desejo de interpretar o papel principal, o do Ladrão. Recebeu-me em sua elegante suíte no hotel Plaza, em Nova York, vestido com um terno branco. Convidou-me para beber um suco de limão com canela, depois me parabenizou pelo texto e disse que estava disposto a interpretá-lo desde que elucidássemos uma única tomada. Ele leu:

– À beira de um tanque octogonal, junto a um hipopótamo de verdade, o Alquimista, depois de banhar o Ladrão, põe ele em posição supina, com as nádegas voltadas para a câmera, e ensaboa seu ânus. – Sorrindo amavelmente, ele concluiu: – De modo algum estou disposto a mostrar meu ânus em público.

Senti o céu desabar sobre mim. Naquela ocasião, filmar para mim não era criar um produto industrial nem produzir uma obra puramente estética. Queria que o filme fosse o registro de uma experiência sagrada capaz de iluminar o público. Para isso não precisava de atores, mas sim de seres especiais dispostos a sacrificar seu ego. Se Harrison atuava era essencial que desse um exemplo de absoluta humildade, mostrando sua intimidade com a pureza de um menino. Essa tomada durava no máximo dez segundos, mas eram dez segundos vitais para a obra... Contudo, por outro lado, Harrison no elenco significava que o triunfo mundial, milhões de dólares, estava assegurado. Triunfo que enfraqueceria a obra, adaptando-a ao capricho do astro. Que tremendo koan!

Contrariando meu intelecto, contratei um modesto ator mexicano para interpretar o Ladrão. Compreendi que, mais que a glória e o dinheiro, me interessava ser honesto comigo mesmo.

No começo da filmagem de *A montanha sagrada*, fui procurado por um jovem americano, Robert Taicher, que me propôs, por sua admiração pelo meu filme anterior, trabalhar de graça como meu

assistente. Naquele momento eu precisava de alguém que, além de solucionar minhas pequenas necessidades cotidianas, como me trazer um sanduíche ou uma bebida, pudesse ajudar-me com o inglês, idioma que eu não dominava, mas que, por questões econômicas, estava obrigado a empregar.

Ele foi um assistente exemplar: modesto, inteligente, trabalhador, compreensivo, amigável. Seguia-me como uma sombra, facilitando-me a trabalhosa tarefa de filmar. Quando lhe sugeri um salário, recusou-se a receber, alegando que para ele, que no futuro queria ser cineasta, nossa filmagem era a melhor escola que podia encontrar.

Mas acontece que, de repente, meu produtor executivo, Roberto Viskin, fugiu com sua família para Israel, levando 300 mil dólares da produção. Este roubo nos deixou paralisados. Era impossível continuar a filmagem, e como os atores deviam esperar no hotel, os gastos começaram a se acumular.

– O que é que vai fazer agora? – perguntou-me Taicher.

– Nada. Os milagres existem. Bodhidharma, para encontrar seu sucessor na extensa China, ficou sentado olhando um muro e o tão esperado sucessor veio buscar ele. Farei o mesmo: ficarei trancado em minha casa esperando que alguém chegue e me traga 300 mil dólares embrulhados em papel de jornal.

Meu assistente ergueu as pálpebras, seus olhos parecendo duas rodas brilhantes.

– Pela sua expressão, Robert, suponho que está pensando que sou louco. Eu, porém, acho que a verdadeira loucura é não acreditar nos milagres.

E fiz tal como disse. Não movi um dedo para correr atrás de dinheiro. No pé em que estavam as coisas, nenhum banco me concederia um empréstimo. Passou-se uma semana, durante a qual Taicher desapareceu. Soube que havia tomado um avião para Miami. Ao cabo desse tempo, ele bateu na porta da minha casa. Contente ao vê-lo de volta, fui abrir. Trazia nas mãos um volume

embrulhado com papel de jornal, que me entregou. Quando o abri, encontrei 300 mil dólares em espécie!

O pai do meu assistente, riquíssimo, era o maior fabricante de sapatos dos Estados Unidos. Taicher lhe pediu um adiantamento da sua herança, e de simples assistente passou a ser meu produtor executivo.

No México, matriculei meu filho Brontis, de oito anos, na moderna escola La Ferrie. Depois de certo tempo, quando tudo parecia correr bem, Brontis chegou em casa mais cedo que de costume.

– Fui suspenso por três dias.

– Você fez alguma coisa grave?

– Bem, no banheiro que tinham pintado de branco tinha uma lata de tinta preta. Meti a palma da mão na tina e a estampeí na parede. O diretor me chamou, disse que eu era um menino mau e como castigo me suspendeu. Disse que você tem que pagar a nova pintura.

De imediato enviei esta carta ao diretor:

Um banheiro é menos importante que a mente de um menino. Se um banheiro sofre um dano, pode-se consertar. Já com a mente de um menino dificilmente pode haver conserto. Quando o senhor disse que Brontis era mau por ter estampado a palma da mão tingida de preto sobre uma parede branca, cometeu um erro. O que é um “menino mau”? Quando pomos rótulos é porque tememos enfrentar a realidade. Um menino não é *mau*. Poder ter problemas, carecer de vitaminas, não gostar das matérias do currículo ou até estar tentando romper os limites de uma educação caduca. Talvez Brontis quisesse se expressar artisticamente. Compreendo como deve ser tedioso defecar todos os dias num banheiro todo branco. (Se o senhor leu os trabalhos de Jung sobre o significado criativo da defecação infantil, concordará comigo que todas as latrinas infantis deveriam ser adornadas com todo tipo de desenhos e cores.) A palma da mão cheia de tinta estampada numa parede ou numa tela é a manifestação mais pura do instinto pictórico. O senhor pode encontrar uma impressão manual nas cavernas pré-históricas e também em Miró, Picasso e outros pintores célebres. Para lhe ser franco, me envaidece que o menino se exprima imprimindo sua mão com qualquer que seja a cor sobre uma parede de qualquer cor que seja. Que a “mancha” seja preta e o lugar “sujado” branco, é provável que isto o

tenha feito cair num jogo mental cheio de símbolos que agravam o caso: *branco* é igual a noiva-leite-hímen-asepsia-hospital; *preto* é igual a mancha-sujeira-pobreza-doença-morte. Para um taoísta, que aceita a morte como algo belo e não como algo terrível, um pouco de preto sobre uma extensão branca é uma manifestação normal da vida. Enfim, lhe proponho uma solução. Se o senhor a aceitar, não tirarei meu filho de sua digna escola: devemos continuar a obra artística de Brontis. Em vez de pagar uma nova pintura de branco, lhe enviarei vários potes de tinta de cores variadas. O senhor dará permissão aos alunos para que encham o banheiro de mãos estampadas de todas as cores.

Claro que tive de matricular meu filho em outro colégio.

Quanto eu amei meu desaparecido filho Teo! Talvez pressentindo sua morte prematura, fiz tudo que pude para lhe proporcionar uma infância feliz. Ao completar sete anos, me pediu para levá-lo a um restaurante chinês. E lá fomos nós. Ao ler o cardápio, ficou com água na boca ao ver doze sopas listadas. Todas lhe pareciam deliciosas e ficou angustiado por não saber qual escolher. Pediu-me que eu decidisse e percebi que ficaria frustrado fosse qual fosse a minha escolha. Recordei uma piada:

Uma família se senta no restaurante para jantar. A garçonete anota o pedido dos adultos e depois pergunta ao menino o que ele vai querer. O garotinho olha seus pais com timidez e diz:

– Um hambúrguer.

Antes que a garçonete tenha tempo de anotar, a mãe intervém:

– Nada de hambúrguer. Traga um filé com purê de batata e cenouras para ele!

A garçonete parece não ouvi-la.

– Como vai querer o hambúrguer? Com ketchup ou mostarda? – pergunta ao garoto.

– Ketchup.

– Já trago para você em um minuto – diz a garçonete, seguindo para a cozinha.

Quando esta desaparece, faz-se um instante de silêncio produzido pelo assombro. Por fim, o menino olha para todos os presentes e exclama:

– O que acham? A garçonete pensa que sou gente!

Esta piada me deu a solução do koan: tinha de satisfazer os desejos do meu filho, não os meus. Chamei o garçom e pedi que servisse as doze sopas ao mesmo tempo. Ao ver a mesa cheia de exóticas terrinas repletas de líquidos deliciosos, Teo ficou extasiado. Tomou umas poucas colheradas de cada uma. E ficou feliz.

Enquanto filmava *A montanha sagrada*, por ter filmado em frente à veneradíssima Basílica de Guadalupe, grupos de fanáticos católicos espalharam que eu havia realizado uma missa negra no interior do sagrado recinto. Uns mil crentes, incitados pela extrema direita, se manifestaram, pedindo minha expulsão do país, e me compararam com o assassino Manson. Era tão absurda a acusação que não me preocupei, na esperança de que em muito pouco tempo o rumor desaparecesse. Não foi assim. Os jornais repercutiram o tema e criaram um escândalo: eu encarnava o Anticristo.

Certa manhã bateram na porta da minha casa. Abri. Três detetives parrudos, com toda certeza assassinos profissionais, me disseram secamente:

– Venha conosco.

E sem me deixarem pegar um casaco, em mangas de camisa, me enfiaram num automóvel negro. Enquanto um dirigia, os outros dois me imprensaram entre eles no assento traseiro, mudos. Em nenhum momento me disseram para onde íamos:

Depois de eu ficar meia hora mordendo os lábios de angústia, o carro parou diante do Ministério do Interior. “Vão me expulsar do México”, pensei. “Tal como eu temia”.

Passei por incontáveis escritórios, com salas de espera coalhadas de postulantes, secretárias, burocratas, policiais, até que cheguei diante de uma imponente porta. Ela se abriu e fui recebido

pelo sorridente ministro do Interior, Mario Moya Palencia. Ele me ofereceu uma cadeira e, sem pedir nenhuma desculpa pela forma truculenta com que me fizeram chegar até ele, me disse:

– Jodorowsky, nosso presidente, excelentíssimo senhor Luis Echeverría, conhece muito bem sua obra artística e admira você. Por exemplo, este ano, em seu informe presidencial, citou uma de suas fábulas pânicas, a do arqueiro que decide caçar a lua disparando incontáveis flechas em meio à zombaria de seus concidadãos. Jamais consegue caçar a lua, mas se transforma no melhor arqueiro do mundo... Está vendo? O governo é seu amigo, muito útil, mas também pode ser um perigoso inimigo. (Nesse momento tremi ao pensar nos jovens estudantes assassinados pelo corpo paramilitar Los Halcones, em 10 de junho de 1971. O governo admitia 25 mortos. O povo elevava a cifra a 2.000). Tenha cuidado. Recebemos montões de queixas. Você não pode atacar nossas instituições, ou seja, nem a religião nem o exército. Se quiser que não aconteça nada desagradável a você nem à sua família, retire do seu filme toda imagem religiosa e todo uniforme, mesmo um de bombeiro. Pode ir embora.

Voltei a pé para casa, pois havia saído sem um centavo no bolso. Nessa mesma noite, ouvimos vozes zombeteiras que gritavam debaixo das nossas janelas: “Vamos matar vocês”. O koan era grave: se obedecesse e mutilasse meu filme, eu o arruinava. Se desobedecesse, corria o risco não só de perder minha vida como também a minha família. Passei a noite insone.

Na manhã seguinte, bem cedo, enfiei o total dos negativos, 36 horas de filmagem, numa caminhonete e despachei, via Tijuana, para os Estados Unidos. Em dois dias fechei minhas contas bancárias, os contratos de aluguel e de telefone, encaixotei uma tonelada de livros que mandei para o exterior pelo correio. No terceiro dia, meus filhos, minha mulher, nosso gato Mandrake e eu desembarcamos em Nova York onde, graças a meu produtor Allen Klein, que nessa ocasião se comportou como um grande amigo,

realizei a montagem e a sonorização do filme sem efetuar nenhum corte.

Quando estava preparando o elenco para meu filme *Duna*, baseado na novela de Frank Herbert (projeto que não pôde ser realizado), Salvador Dalí me submeteu a uma prova angustiante. Eu queria que o pintor interpretasse o demente Imperador da Galáxia. Ele gostou da ideia e, para “conhecer o talento desse jovenzinho que acredita poder dirigir Dalí”, me convidou para jantar num luxuoso restaurante de Paris. Eu me vi sentado em frente a ele no meio de um séquito de doze pessoas. Ele me perguntou à queima-roupa:

– Quando Picasso e eu éramos jovens e íamos à praia, sempre que pisávamos na areia achávamos um relógio. Você alguma vez já encontrou um relógio na praia?

Os bajuladores do artista me olharam com sorrisos cruéis. Eu tinha apenas alguns segundos para responder. Se dissesse que havia achado um relógio passaria por pretensioso. Se dissesse que nunca achara nenhum, passaria por medíocre. Mas não tive que pensar na minha resposta. Ela chegou por si só:

– Nunca achei um relógio, mas já perdi muitos!

Dalí tossiu, deixou de prestar atenção em mim e passou a falar com a corte que o acompanhava. Mas no final da ceia, me disse:

– Muito bem, assinarei o contrato. – E logo acrescentou: – Quero ser o ator mais bem pago do mundo: cem mil dólares a hora.

Modifiquei o roteiro: inventei que o Imperador tinha um robô idêntico a ele, com pele de cera e que o representava, e contratei Dalí por uma hora: só apareceria sentado em um laboratório manipulando botões para dirigir seu robô.

Para o papel de Barão Harkonnen, um gigantesco gordo malvado, pensei em Orson Welles. Sabia que estava na França, mas, amargurado por não encontrar produtores, o homem nem queria ouvir falar de cinema. Onde encontrá-lo? Ninguém sabia.

Eu ouvira dizer que o mestre era apaixonado por comer e beber. Pedi a um auxiliar que telefonasse para todos os restaurantes refinados de Paris perguntando-lhes se Welles era cliente deles. Depois de inúmeras chamadas, um pequeno restaurante, Chez le Loup, confirmou que uma vez por semana, sem dia certo, o cineasta jantava ali. Decidi comer nesse restaurante todos os dias.

Comecei na segunda-feira. O local era de uma elegância discreta, com um cardápio refinado e excelente carta de vinhos. O próprio dono atendia Welles. Todas as paredes, menos uma, eram decoradas com reproduções de quadros de Auguste Renoir. Na parede de exceção, dentro de uma vitrine, havia uma cadeira quebrada. Perguntei ao dono o motivo desta estranha decoração. Ele disse:

– São restos que nos encham de orgulho. Uma noite, Orson Welles comeu tanto que a cadeira que ocupava quebrou.

Voltei lá na terça, na quarta e quinta... Enorme, envolto numa grande capa negra, chegou o ator. Eu o observei com a mesma fascinação com que um menino contempla os grandes animais no zoológico. A fome e a sede dele eram fabulosas. Eu o vi devorar nove pratos diferentes e beber seis garrafas de vinho. Para a sobremesa, enviei-lhe uma garrafa de conhaque que o proprietário garantiu ser o preferido de seu volumoso cliente. Ao recebê-la, Orson Welles me convidou para sua mesa com grande amabilidade. Escutei-o monologar meia hora sobre si mesmo antes de me atrever a propor-lhe o papel. Ele replicou de imediato:

– Não me interessa atuar. Odeio o cinema atual. Não é uma arte, é uma indústria asquerosa, um imenso espelhismo filho da prostituição.

Engoli em seco, sua decepção era gigantesca. Como entusiasamá-lo para que trabalhasse comigo?

Fiquei tenso, pensei ter esquecido todas as palavras, mas de repente me ouvi dizendo-lhe:

– Senhor Welles, durante o mês que vai durar a filmagem do seu papel, prometo contratar o *chef* deste restaurante, que a cada noite irá preparar os pratos que pedir, acompanhados dos vinhos e outras bebidas da qualidade e quantidade de sua preferência.

Com um grande sorriso, ele aceitou assinar o contrato.

Para realizar as cenas de combate de *Duna* contratei o mestre de karatê Jean Pierre Vigneau, um titã de músculos duros como aço. Enquanto dava aulas de combate a Brontis, que ia interpretar o jovem Atreidas, o protagonista, Vigneau, diante de meu filho e de outros alunos, decidiu me pôr à prova:

– Você é um artista, o que acho admirável, mas me pergunto: esse intelecto que aprecia tanto garantirá sua sobrevivência se for atacado por um inimigo perigoso?

E a seguir se pôs a minha frente em posição de ataque. Aquele homem parecia imbatível. Eu já o havia visto demolir vários campeões de karatê. Decidi aceitar o duelo, mas já me considerando derrotado.

Rapidamente me atirei sobre ele e me agarrei ao seu peito como faz um bebê com sua mãe. Deixei-me ser sacudido sem opor resistência. Ele me depositou no chão e, com todo o seu peso, assumiu uma postura de estrangulamento. Sem saber por que, fiz um movimento delicado com minha mão e enfiei o dedo mindinho no canal auditivo dele. Imediatamente Jean Pierre golpeou o solo, se levantou, me fez uma reverência e se declarou vencido. Disse:

– Esta é a primeira vez que perco um combate. Sem saber, meu oponente encontrou minha falha: descuidei de um ponto mortal. Se introduzir um dedo no ouvido do inimigo, você lhe rompe o tímpano, e se continuar empurrando até o fundo, você pode matá-lo.

Depois de dois anos de trabalho intenso em Paris, quando tudo indicava que *Duna* seria realizado, bruscamente o produtor interrompeu o projeto. Nossa decepção foi enorme. Dan O'Bannon, o futuro diretor de efeitos especiais, teve que regressar a Los Angeles e ficou dois anos internado em uma clínica psiquiátrica. O

pintor Giger, contratado para criar os cenários, se queixou furioso deste “fracasso”.

Sem me deixar abater pelos embates da realidade, eu disse a Moebius, que havia trabalhado no desenho dos figurinos e esboçado as três mil imagens do roteiro:

– O fracasso é um momento mental, não existe. Nós o chamaremos de “mudança de caminho”.

E propus a ele que, se não podíamos expressar nossas visões de cinema, as realizássemos em forma de quadrinhos. E foi assim que nasceu *O Incal*.

Quando meu filho Cristóbal, que acabava de completar doze anos, me disse que não queria mais voltar à escola de Saint Mandé, perguntei-lhe:

– O estudo deixa você entediado? Não gosta dos professores?

– Não, não é isso... É que me humilharam.

Entre soluços, ele me contou o que havia acontecido. O maior e mais forte aluno do colégio, um tal de Albert, enciumado porque uma garota da qual gostava havia preferido ser amiga do meu filho, encheu as paredes do pátio e dos corredores da escola com fotocópias de um pôster com o retrato de Cristóbal contendo as palavras “anão, judeu, estuprador”. Todos os alunos zombaram dele. Eu lhe disse:

– É um koan. Não fuja da situação, resolva ela. Você tem de punir seu inimigo e recuperar a dignidade perante os alunos.

– Mas o que posso fazer? Ele é mais forte que eu. Se partir para a briga com ele, vai quebrar a minha cara. No fundo, é isso que ele quer.

– Cristóbal, nem todos os combates se dão em condições de igualdade. Existe a estratégia. Você tem que pegar ele onde e quando ele não possa se defender.

E elaboramos nosso plano.

No dia seguinte, Cristóbal voltou à escola. Esperou que Albert, que cursava uma turma mais avançada, entrasse na escola com seus companheiros. Quando calculou que já estavam todos sentados, abriu a porta sem permissão e, interrompendo o professor, foi direto até onde estava o grandalhão. Diante de todos começou a dar tapas na cara dele. A surpresa deixou Albert paralisado. Quando quis reagir, o escândalo já estava formado. Os dois foram imobilizados pelos outros alunos e pelo professor que, ao mesmo tempo furioso e intrigado, os levou ao gabinete do diretor. Cristóbal mostrou um dos pôsteres e se queixou de ter sido humilhado publicamente. Declarou ter agredido Albert para recuperar sua autoestima.

O diretor convocou os pais de Albert ameaçando expulsá-lo do colégio. Cristóbal, de acordo com o que havíamos combinado, disse que estava disposto a perdoar Albert desde que ele lhe pedisse desculpas em público. Os alunos foram reunidos no pátio e Albert apresentou suas desculpas.

No festival cinematográfico de Cannes, o produtor Claudio Argento organizou uma entrevista coletiva para apresentar o projeto do filme que ia lançar em seguida, *Santo sangue*. Já haviam se passado mais de dez anos desde *A montanha sagrada*. Os jornalistas me consideravam um diretor já retirado do mundo do cinema. Um deles, fazendo-se porta-voz de seus colegas, me disse com crueldade:

– Acha que vai poder filmar? Você está enferrujado.

Respondi:

– Uma faca enferrujada tem força dupla: ao mesmo tempo que corta, envenena.

Estava filmando *Santo sangue* em plena praça Garibaldi, na Cidade do México, e me ocorreu que no dia seguinte, na cena da igreja, um grupo de cegos cantaria uma música religiosa. Meu diretor de elenco me disse que era impossível encontrar tal coisa assim de repente. No fim do dia decidi voltar a pé para o hotel. Um cego, que vinha na direção contrária com uma guitarra, acertou a minha perna com sua

bengala branca. Pediu desculpas e seguiu seu caminho. Pensei: “Sempre disse que o acaso é um milagre disfarçado. Este cego me foi enviado por esse ente impensável que chamo Deus”.

Corri atrás do cego, parei-o e perguntei se conhecia alguma canção religiosa. Ele respondeu:

– Claro. Tenho uma que eu mesmo compus. Pertencço a uma associação musical de cegos, somos trinta e professamos a religião protestante. Estou indo para um ensaio exatamente agora.

Eu o acompanhei. Os trintas cegos, cada qual com sua guitarra, cantaram uma canção que começava assim: “O fim do mundo já se aproxima...”. No dia seguinte, para espanto do diretor de elenco, eles vieram para a filmagem.

Quando *Santo sangue* estreou em Roma, os jornalistas me perguntaram qual era o diretor de cinema que mais me havia marcado. De imediato respondi:

– Fellini! Muito jovem, ao ver seu filme *A estrada da vida*, compreendi que o cinema era uma arte e desejei ser diretor algum dia.

Meus elogios apareceram na imprensa. Fui chamado ao telefone por uma das secretárias do mestre, dizendo que Fellini queria me conhecer. Fui convidado a assistir naquela noite à filmagem de uma cena de *La voce della luna*. Um carro foi me buscar e me levou para um extenso terreno baldio nos arredores da cidade. Com grande timidez avancei até o grupo de técnicos que trabalhava na penumbra, se preparando para ligar os refletores. Uma sombra que me pareceu imensa veio em minha direção de braços abertos. Reconheci Fellini. Este, com um grande sorriso, exclamou:

– Jodorowsky!

À beira das lágrimas, repliquei:

– Papai!

A seguir nos abraçamos. Nesse exato momento começou a cair uma chuva torrencial. Em meio a uma grande desordem, todos

corremos em busca de abrigo.

Depois, perdi o gênio de vista. Nunca mais tornei a vê-lo. Mas esse encontro de duas palavras é um dos tesouros que guardo em minha memória.

O ator chileno de cinema e televisão Bastian Bodenhofler foi nomeado adido cultural da embaixada do Chile em Paris. Chegou com grande entusiasmo, decidido a mostrar aos franceses a cultura de seu país, mas topou com a barreira da falta de recursos econômicos. Era-lhe pedido que desenvolvesse uma grande atividade sem gastar um centavo. Tendo-se inteirado da existência de meu Cabaré Místico (conferências que dava às quartas-feiras em um incômodo *dojo* de karatê, com grande afluência de um público que não protestava apesar de ter que sentar-se no chão), ele me ofereceu o cômodo salão de recepções da embaixada. Com o bom desejo de colaborar com meu simpático compatriota, concordei em fazê-lo, de forma gratuita, a cada quinze dias. Nos encontramos na embaixada para que me mostrasse o lugar. No salão cabiam 500 pessoas sentadas confortavelmente, o que era mais ou menos o número habitual de minhas plateias. Ele me disse, compungido:

– A esposa do embaixador quer ver você. Você se importaria se fôssemos saudar ela?

– Claro que não. Vamos.

Ele me conduziu a um salão menor. Com paciência e resignação, assisti a um penoso espetáculo: a embaixatriz, com sua clássica atitude depreciativa de certas senhoras da “aristocracia” chilena, me submeteu a um exame semelhante ao que se faz a um pobre que vem implorar trabalho. “Qual é o seu nome? Que prêmios ganhou? Qual é o tema de suas conferências? Como deve saber, esta é uma embaixada que não pode se permitir certas liberdades...”

O adido cultural estava roxo de vergonha. Respirei fundo e me dei ao trabalho de recitar para ela um extenso currículo. Ela fez cara de distraída. Bastian levantou, disse que tínhamos outro compromisso urgente e me livrou das garras dela. Enquanto

caminhávamos para o café da esquina, Bastian me deu todo tipo de desculpas.

– Essa senhora está se metendo no que não diz respeito a ela. Sou eu o adido cultural. Nunca pensei que algo assim ia acontecer. Compreendo que você, depois do que aconteceu, não vai mais querer dar suas palestras...

– Tem razão, Bastian. Com essa senhora em cima, me seria impossível dar as palestras.

Meu amigo tomou seu café, trêmulo e furioso.

– Como posso realizar um trabalho decente nessas condições?

Notei que estava tão perturbado que propus ler o tarô para ele, que concordou de bom grado. Enquanto eu embaralhava as cartas, aproveitando que sua mente estava distraída, decidi falar ao seu inconsciente.

Com voz doce e pausada, perguntei:

– O que faz para respirar bem uma tartaruga que nada debaixo d'água?

De modo mecânico, sem pensar muito, ele respondeu:

– Não sei. O que faz ela?

Usando o mesmo tom de voz, mas falando muito lentamente, eu disse:

– Volta à terra.

Esqueceu num instante essa conversa sob hipnose. Depois de ler para ele um tarô superficial, me despedi dele. Uma semana depois, renunciou ao cargo e retornou ao Chile para recomeçar o que nunca deveria ter interrompido: sua carreira artística. A tartaruga havia resolvido o koan.

O diretor da seção de histórias em quadrinhos da Editora Casterman, por motivos misteriosos, entrou em conflito com meu amigo, o desenhista François Boucq. Nós dois estávamos

trabalhando em uma série, “Cara de Lua”, que fomos obrigados a interromper. François não perdoava o fato de que o diretor houvesse dito “Vou arrancar a pele de *Boucq*”, no sentido de sabotá-lo, tirá-lo a vida, arruiná-lo economicamente. Um processo nos ameaçava. Tomei isso como um koan.

Fui ver o diretor levando uma pele curtida de cabra (*Boucq* em francês tem o mesmo som de *bouc*, cabra). Quando me recebeu, estendi a pele sobre a mesa e disse:

– Queria uma pele de *Boucq*? Aqui está! Agora faça as pazes com ele!

Ele começou a rir e propus que mandasse uma garrafa de champanhe para o meu amigo. Assim o fez e Boucq sentiu que a ofensa havia sido reparada. O koan foi resolvido e continuamos a série.

Ano de 1997: acabo de completar 67 anos. Estou divorciado há quinze. Vivo em um grande apartamento com meu filho Adan. De vez em quando, uma amante por um período curto, não mais de uma semana, e a maior parte do tempo numa tranquila e solitária paz emocional. Estou dando um curso de tarô em minha biblioteca a um grupo de vinte alunos quando, com um ligeiro atraso, entra Marianne Costa.

Absorto em minhas explicações, nem olho para ela. Meu gato Moishe, um grande felino de pelo ruivo, pelo contrário, se fascinou a tal ponto por ela que, durante a hora e meia que durou minha lição, não parou de tentar enfiar-se dentro de sua bolsa. Talvez meu inconsciente tenha captado a sensualidade desta tentativa de violação.

Ao terminar a aula, como de costume, me despedi de alunas e alunos com um beijo na face. Ao chegar a vez de Marianne, sem nenhum desejo consciente, antes de beijá-la coloquei a mão em sua cintura, coisa que jamais me permito fazer. Um choque elétrico me percorreu dos pés à cabeça. Senti de repente a beleza de sua nudez e a intensidade de sua alma.

Marianne murmurou:

– Ser um gato em sua casa deve ser formidável.

Imediatamente lhe dei o beijo na face e, sem pensar na inabitual relação em que mergulhava (ela tinha 37 anos menos do que eu), respondi:

– Eu adoto você!

E assim começou nossa rara, difícil e maravilhosa parceria.

Se houvesse obedecido à minha razão e não à intuição, nunca teria dado tal passo, perdendo a mais bela experiência da minha vida. “Entre fazer ou não fazer, sempre se deve optar por fazer.”

O ego desmesurado das estrelas de cinema me faz sentir repugnância. Infelizmente, hoje em dia, se queremos conseguir um produtor que invista os milhões que esta arte industrial exige para ser realizada, é preciso apresentar-lhe um elenco que conte com duas ou três *stars*. Por causa deste desprazer, durante alguns anos perdi o desejo de filmar minhas histórias.

Uma noite, cansado de tanto ler, liguei a TV e, protegendo minha alma, dei um passeio pelos diferentes canais. De repente, no meio de tanta fedentina, surgiu um ego perfumado: deparei-me com a entrevista do cantor de *rock* Marilyn Manson. Seu rosto branco, lábios vermelhos, estilo gótico e declarações sinceras sem obedecer a nenhuma regra me conquistaram. Pareceu-me um personagem genial e pensei: “É com atores assim que eu gostaria de contar! Se um monstro desse concordasse em trabalhar comigo, eu voltaria a fazer cinema!”.

Averiguei no meio cinematográfico e musical como poderia entrar em contato com ele. Responderam-me que era impossível. Seus fãs lhe enviavam milhares de mensagens diariamente solicitando vê-lo em particular, mensagens às quais ele nunca respondia. Eu me conformei.

Passaram-se quinze dias. Às três da manhã despertei com o toque do telefone.

– Senhor Jodorowsky? Sou Marilyn Manson.

Não podia crer. Só podia ser um trote. Mas era ele. Eu não pude ir à montanha, mas a montanha estava vindo a mim!

Ele me explicou que meus filmes, sobretudo *A montanha sagrada*, o haviam inspirado a tal ponto que, em forma de homenagem, reproduziu em um videoclipe a cena onde o Ladrão desperta em meio a milhares de Cristos de papelão modelados à sua imagem. Meu filme, em inglês *Holy Mountain*, o inspirou para escrever seu roteiro *Holy Wood* e, portanto deseja que eu o dirija... Peço a ele que me envie o roteiro. Dois dias mais tarde me chega pelo correio urgente. Leio: é um roteiro monumental e feroz contra Hollywood. Calculo que só poderá ser filmado com um investimento de 25 milhões de dólares. É evidente que só pode ser obtido com os produtores de Hollywood. E também é evidente que estes não lhe darão o dinheiro, porque de modo algum aceitarão ser criticados de maneira tão demolidora...

Manson compreende que tenho razão, então me propõe trabalhar em um projeto meu. Ouviu dizer que desejo filmar *Os filhos de El Topo*. Respondo que para mim seria uma honra e um prazer tê-lo como ator principal, mas que um problema legal me impede de realizar o filme: *El Topo*, por recomendação entusiasta de John Lennon, foi comprado e distribuído nos Estados Unidos e no resto do mundo por Allen Klein, o presidente da companhia Apple, que comerciava os discos dos Beatles e dos Rolling Stones. Também por recomendação de John Lennon, Klein me deu um cheque de um milhão de dólares para que filmasse o que me desse vontade. Realizei *A montanha sagrada*. O êxito destas duas obras entusiasmou o produtor, exacerbando sua cobiça. Ele me propôs sua grande ideia: filmar *História de O*, um romance pornográfico sadomasoquista com belas mulheres humilhadas de diversas formas. Klein já havia entusiasmado investidores ingleses e contava obter um êxito comercial sem precedentes. A tentação era grande. Aceitei viajar com ele para Londres.

Em um hotel tubular, semelhante a uma torre, o esperavam os produtores ingleses para firmar o contrato. Antes de entrar na sala de reunião, Klein prometeu que de lá sairia com um contrato na mão e que, se eu o assinasse, receberia no ato um cheque de 200 mil dólares, correspondentes a um adiantamento desse milhão de dólares, que seria meu salário como realizador.

Sentei-me para esperá-lo no saguão do elegante hotel. Meu coração batia com intensidade. Na minha balança pesavam em um prato a notoriedade mundial mais a riqueza, e no outro minha reputação artística. Ao cabo de meia hora de dúvidas angustiantes, resolvi esse koan.

Saí fugindo do hotel, regressei a Nova York, telefonei para o multimilionário Michel Seydoux, que na França havia se oferecido para produzir um filme meu. Eu lhe propus *Duna* e ele aceitou. Em algumas horas, minha mulher e eu fizemos as malas e partimos com nossos filhos para Paris, sem deixar um endereço onde Allen Klein pudesse encontrar-me. Ele reagiu com uma raiva tremenda. Soube por um de seus empregados, um amigo meu, que ele havia dito: “Quem esse traidor pensa que é? A sua vaidade artística me fez perder milhões de dólares. Vou guardar os negativos dos filmes dele em um cofre blindado. De hoje até o dia da morte dele ninguém verá seus filmes.”

E fez isso mesmo: retirou todas as cópias dos meus filmes das mãos dos distribuidores do mundo inteiro. Sempre que algum festival de cinema encontrava com um colecionador uma cópia de *El Topo* ou *A montanha sagrada* e tentava exibí-las, Klein mandava seus advogados para impedir a projeção.

Eu também fui consumido pelo ódio: via Klein como um assassino cultural, um abutre asqueroso à espera da minha morte para encher os bolsos com exibições póstumas. Não passava de um maldito gângster.

Reagi a seu ataque porque conservava cópias dos meus filmes em vídeo. Em cada país que eu visitava, deixava gratuitamente cópias com vendedores piratas, que tiravam cópias de pior

qualidade e vendiam para a Itália, Chile, Japão, Suíça, Rússia etc. Fizeram isso durante uns vinte ou trinta anos.

Investigando na internet, Klein localizou um desses piratas e ameaçou processá-lo. Apavorado, o pobre homem me procurou. Decidi assumir a culpa e me defender judicialmente. O processo começou na França. Tive a sorte de ser aceito como cliente por um advogado genial, Maître Bitoun, especialista em problemas de direitos autorais. Eu me senti como um pequeno Davi enfrentando o maior dos Golias. Klein já havia litigado com os Beatles, os Rolling Stones e Phil Spector, ganhando os três processos. Ele agora me exigia como reparação vários milhões de dólares. Se eu perdesse ficaria arruinado por toda a vida.

Quando começou o litígio, observei que sentia medo e disse para mim: “É normal ter medo, porém isto não me obriga a ser covarde”.

As discussões entre os advogados de Klein, os mais caros da Inglaterra, e o meu, um homem acometido de doença muscular que o fazia andar curvado sobre si mesmo, quase como um aleijado, e que o impedia de falar com fluência, duravam dois anos...

Quando parecia que esta batalha legal nunca ia terminar, recebi um telefonema de Marilyn Manson e sua proposta de filmarmos *Os filhos de El Topo*. Klein detinha os direitos não só das novas versões que foram feitas, como também das de antes e depois de *El Topo*. Vi que nunca, se continuasse obcecado com a disputa, poderia levar a cabo este projeto. O que fazer? Mais um koan para resolver...

Desliguei o telefone e liguei para Jody Klein, o filho de 40 anos de Allen, em Nova York, e lhe disse:

– Nossa questão pode durar dez anos ou mais. Mesmo sendo ricos, vocês estão pagando advogados que custam uma fortuna: o interesse deles é prolongar o processo. Eu, em troca, tenho um acordo com Maître Bitoun: ele trabalha por porcentagem, eu não desembolso um euro sequer. Não parece melhor para você chegarmos a um acordo amigável?

Ele respondeu:

– Você tem toda razão. As novas gerações desejam ver seus filmes. Neste momento eu cuido da seção de DVDs da nossa sociedade. Seria bom oferecer a esse extenso público uma edição com cópias restauradas o mais breve possível.

– E por que então não nos reunimos em algum lugar para pôr fim a esse assunto? – propus.

– Estou de acordo. Aliás, na próxima semana meu pai e eu teremos que viajar para Londres. Poderíamos nos reunir lá.

E assim fizemos. As três horas de viagem no trem Eurostar me pareceram séculos. Não podia imaginar como ia ser o encontro com meu monstruoso inimigo.

Um táxi me levou a um hotel no centro. Jody desceu ao saguão para me receber. Vi um homem gentil, tranquilo, robusto, de olhar inteligente. Em silêncio ele me conduziu à suíte do pai dele. Batemos na porta. Ouvi uns passos se aproximando. Transpirei: “Nos insultaremos, trocaremos socos, sentirei tanto nojo ao vê-lo que vomitarei? São trinta anos de ódio mútuo!”

Quando Allen Klein abriu a porta, vi um cavalheiro da minha idade, de modo algum obeso, com um rosto sensível corado por uma nobre cabeleira branca. Poderiam achar que fosse um irmão meu. Ele me observou por um segundo e depois exclamou com grande surpresa:

– Incrível! Nunca imaginei que você fosse bonito!

Respondi:

– E eu nunca acreditei que você parecesse um mestre espiritual!

Nos abraçamos. O ódio deslizou para fora do meu corpo como se fosse um casaco velho. Sentamos sorridentes para tomar chá e para nos observarmos. Jody se afastou discretamente.

Klein me mostrou com grande carinho as fotos de seus netos, duas belas crianças, um casal. Descrevi-lhe minha família. Após uma hora de conversa como velhos amigos, chegamos ao problema

do litígio. Em cinco minutos entramos em acordo. Quando me despedi com outro abraço, lhe disse:

– Se nós dois podemos fazer a paz, creio que os israelenses e palestinos também podem.

No dia seguinte, em Paris, a contragosto os advogados chegaram a um acordo onde não havia um ganhador nem um perdedor, mas sim dois ganhadores.

Compreendi que livrar-se do ódio e transformar a inimizade em irmandade é uma das maiores alegrias que a vida pode nos dar... Também compreendi que parte do meu consciente havia fabricado, por uma necessidade neurótica, um odioso inimigo. Suponho que também Klein, tão filho como eu de martirizados imigrantes, me havia transformado num canalha. Ele para mim e eu para ele, fomos reflexo de um monstro que levávamos incrustado na alma depois de séculos de massacres e perseguições. Agora estávamos em paz. Ao ficarmos amigos, havíamos feito um bem a nossas famílias, ao público, ao mundo.



Alejandro Jodorowsky e Allen Klein,
dando-se as mãos, após trinta anos de desentendimentos

© Alejandro Jodorowsky, 2005

Revisão

Miguel Damian Ribeiro Pessoa e Vera Villar

Editoração eletrônica

Rejane Megale

Capa

Gabinete de Artes – www.gabinetedeartes.com.br

Foto de capa

Pascale Montandon

Título original em espanhol

El maestro y las magas, Ediciones Siruela. S.A., Madrid

Título original em francês

Mu: Le maître et les magiciennes, de Éditions Albin Michel

Rejane Megale

Produção do arquivo ePub

Adequado ao novo acordo ortográfico da língua portuguesa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J59j

Jodorowsky, Alejandro

A jornada espiritual de um mestre / Alejandro Jodorowsky ; tradução Gilson B. Soares. -
1. ed. - Rio de Janeiro : Gryphus, 2016.

185 p. : il. ; 21 cm.

Tradução de: El maestro y las magas

Ilustrações

ISBN 978-85-8311-052-1

1. Jodorowsky, Alejandro, 1929 - Narrativas pessoais. 2. Espiritualidade. 3. Misticismo. I.
Título.

16-29556 CDD: 248.22

CDU: 2-587

GRYPHUS EDITORA

Rua Major Rubens Vaz 456 — Gávea — 22470-070

Rio de Janeiro — RJ — Tel.: +55 21 2533-2508 / 2533-0952

www.gryphus.com.br — e-mail: gryphus@gryphus.com.br

DAVID LYNCH

EM ÁGUAS
PROFUNDAS
CRIATIVIDADE
E MEDITAÇÃO

Se você quer pegar um peixinho,
pode ficar em águas rasas.
Mas se quer pegar um peixe grande,
terá que entrar em águas profundas.



GRYPHUS

Em águas profundas - criatividade e meditação

Lynch, David

9788583110354

210 páginas

[Compre agora e leia](#)

De onde vêm as ideias? Neste livro *Em Águas Profundas*, David Lynch, o aclamado cineasta, abre uma rara e preciosa janela para conhecermos seus métodos como artista, seu estilo pessoal de trabalhar e o valioso estímulo criativo que lhe proporciona a prática da meditação. Lynch descreve a experiência de “mergulhar em si mesmo” e de “pescar ideias” como se pescam peixes e, depois, como aplicar essas ideias na televisão, no cinema, e nos outros meios criativos com que trabalha, como pintura, música e desenho. David Lynch aborda pela primeira vez o seu comprometimento de três décadas com a Meditação Transcendental e o consequente impacto que isso teve para a expansão de todo o seu processo criativo. Em capítulos curtos e objetivos, Lynch explica o processo de desenvolvimento de suas ideias: de onde vêm, como são capturadas e como as melhores surgem. E demonstra como põe suas ideias em prática e como se relaciona com as pessoas ao seu redor. Por fim, analisa o eu interior e o mundo exterior – e como o processo de “mergulhar em si mesmo” contribuiu para alcançar a extraordinária qualidade do seu trabalho. *Em Águas Profundas* constitui uma verdadeira revelação para a legião de admiradores que há tempos quer compreender melhor a visão pessoal de David Lynch. E, sem dúvida, esta obra é igualmente intrigante para os que desejam nutrir e fortalecer a sua própria capacidade criativa.

[Compre agora e leia](#)

A Trança Feiticeira

um romance de
HENRIQUE DE SENNA FERNANDES



A Trança Feiticeira

Fernandes, Henrique de Senna

9788560610747

231 páginas

[Compre agora e leia](#)

A TRANÇA FEITICEIRA é uma história de amor que se passa em Macau, China, entre um moço rico de origem portuguesa e uma moça pobre chinesa. Tradições e preconceitos agitam a trama no confronto entre duas culturas que se estranham desde o século XVI. Temperado pelas agruras do racismo, a paixão juvenil de dois amantes condenados e a intolerância que os faz sofrer, o romance nos envolve com uma narrativa primorosa, poética, delicada e irreverente, uma belíssima história de amor e de superação.

[Compre agora e leia](#)

1964

o último ato

Wilson Figueiredo

*"Não se tratava mais de vitória nem derrota:
era a História. Assim foi como pareceu
(a quem a viveu)."*



GRYPHUS

1964 - o último ato

Figueiredo, Wilson

9788583110392

184 páginas

[Compre agora e leia](#)

Com uma seleção de artigos inéditos em livro que descrevem a conjuntura anterior ao golpe de 1964 e também o período imediatamente posterior à intervenção militar, “1964 – O último ato” é um convite à reflexão da política brasileira. Lançamento da Gryphus Editora, o livro organizado pela pesquisadora Vanuza Braga apresenta 11 artigos assinados pelo jornalista Wilson Figueiredo, publicados entre 23 de fevereiro e 21 de junho de 1964. “A passagem do tempo transcorrido desde quando a Constituição de 1946 foi para o espaço em 1964, não guarda notícia ou memória de interessados em reavaliar, sem as emoções dos que viveram, na sequência e nas consequências do que se passou (...) as múltiplas e variadas interpretações que pesam sobre o dia 31 de março de 1964. Ficou faltando, principalmente, examinar o desempenho de vencedores e vencidos à luz dos fatos e do tempo (...). A nação estava politicamente dividida e socialmente atônita, e não se recuperaria logo”, pontua Wilson Figueiredo na introdução do livro. Em um contexto político de exaltação contra o comunismo e a Revolução Cubana, o anticomunismo foi a principal ferramenta utilizada por grande parte dos jornais da época, em maior ou menor intensidade, para amedrontar a classe média e, em paralelo com a crise econômica e política, ser um dos fatores que contribuíram de forma definitiva para o sucesso do golpe militar. A questão democrática, porém, não parecia estar na agenda da direita e nem da esquerda. Enquanto a primeira preocupava-se em defender seus privilégios, a segunda lutava pelas reformas e considerava necessário ir para o confronto com os grupos que a elas se opunham, mesmo que isso significasse o abandono da democracia.

Para entender o complicado cenário político da época, a seleção dos artigos reproduzidos em “1964 – O último ato” é sucinta e eficaz.

[Compre agora e leia](#)

De Lula a Lula

A arte de montar governos
com palavras cruzadas

Wilson Figueiredo



GRYPHUS

De Lula a Lula

Figueiredo, Wilson

9788583110736

132 páginas

[Compre agora e leia](#)

Com uma seleção de artigos escritos entre 2003 e 2010, “De Lula a Lula: a arte de montar governos com palavras cruzadas” convida o leitor a repensar analiticamente os governos do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Lançamento da Gryphus Editora, o livro apresenta 25 artigos assinados por Wilson Figueiredo, 23 deles publicados no Jornal do Brasil e dois em Opinião & Notícia. O olhar apurado do jornalista busca reativar o debate sobre os traços permanentes da tradição política brasileira e republicana, reconhecendo a importância da ascensão de Lula em 2003. De retirante nordestino a Presidente da República, pela via sindical, Lula chegou ao Planalto após amargar três derrotas, a primeira para Fernando Collor em 1989 e as duas seguintes, 1994 e 1998, para Fernando Henrique Cardoso. Temas ligados a sua biografia remetem à identidade do Brasil e dos brasileiros: pobreza, migração, mobilidade social, potencial de invenção pela narrativa, e a força do patrimonialismo. Dividido em três partes, “O início”, “O vício” e “O rito de passagem”, o livro apresenta textos que acompanham desde os primeiros anos do governo até a passagem da faixa presidencial à sucessora Dilma Rousseff em 2011, quando o ex-presidente possuía a extraordinária aprovação de mais de 80% dos eleitores. São textos nos quais o governo e o país são analisados a partir desta personagem, suas características, sua relação com as esquerdas, com a oposição, com a classe média, com a imprensa, com a realidade política e, sobretudo, com o eleitor. “De Lula a Lula: a arte de montar governos com palavras cruzadas” traz ainda artigos que relatam o conturbado momento político e a crise ética que abalou o governo Lula após as primeiras denúncias do

“mensalão”, em maio de 2005. Evento que impactou as eleições de 2006 e colocou em cheque as expectativas geradas pela estreia da esquerda no poder.

[Compre agora e leia](#)

ALCIO BRAZ

O GRANDE SILÊNCIO

Uma introdução à
meditação e ao Zen



Um manual de
treinamento leigo
em **oito semanas**
para o despertar
da potência da vida
em cada um de nós.



O Grande Silêncio

Braz, Alcio

9788583110767

126 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este guia dirige-se àqueles que sentem a necessidade de mudar seu caminho nesta vida, que percebem certo mal-estar em suas existências, mesmo que materialmente bem sucedidos. O Buda dizia que só trilhamos o caminho da prática espiritual quando estamos com a exaustão do samsara, que poderia ser traduzida por ““não aguento mais minha vida”. Enquanto isso não acontece, vamos repetindo as mesmas atitudes equivocadas, esperando resultados melhores a cada vez e colhendo as mesmas consequências de sempre. Frequentemente sentimos a necessidade de mudar, talvez sem perceber que nossas atitudes habituais são uma forte prisão, da qual não se pode escapar apenas pela boa intenção. Essa aspiração, se não for acompanhada por algum passo concreto, irá desaparecer quando o próximo estímulo desviar nossa atenção. Não tente mudar tudo de uma vez. Seja sincero e analise sua vida. Quantas vezes declarou essa intenção para abandoná-la logo após, sentindo-se desanimado e mais uma vez diminuindo sua confiança em sua capacidade de realização? Esse ciclo vicioso repete-se ano após ano, crise após crise. Use seu poder de decisão de forma realista, estabelecendo pequenos passos que o irão conduzir às mudanças pretendidas. A prática do silêncio é o primeiro passo proposto.

[Compre agora e leia](#)